

GRH

Romances Históricos

Tradução/Pesquisa: GRH

Revisão Inicial: Maristela

Revisão Final: Ana Cris

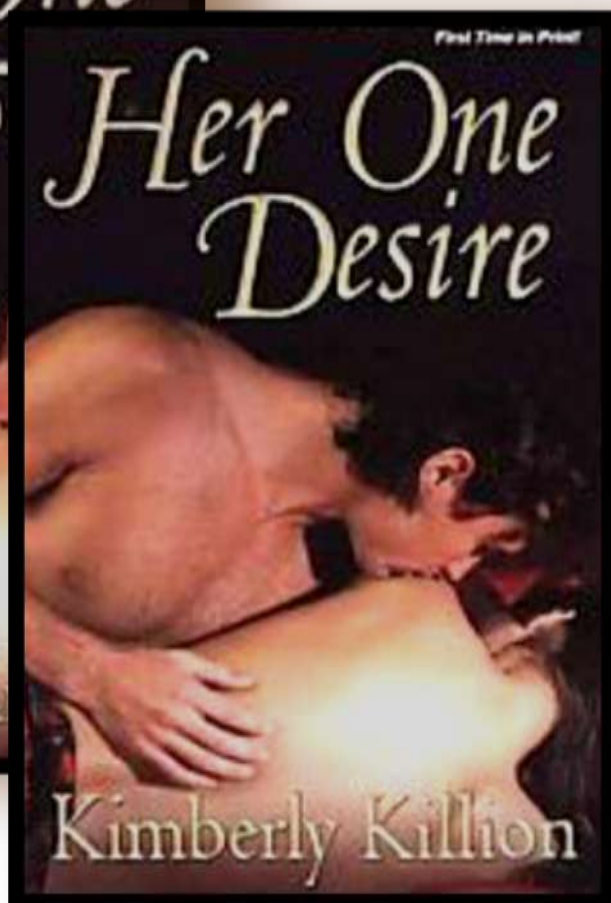
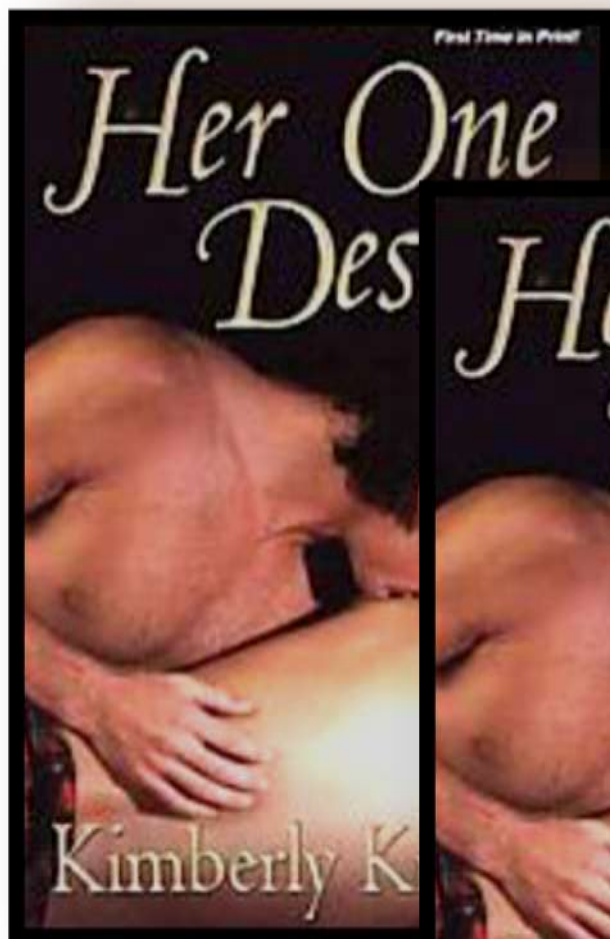
Leitura Final e Formatação: Ana Paula G.





Kimberly Killion

Seu Único Desejo





Resumo

Com astúcia e sigilo, Lizbeth Ives, filha do nobre e respeitado verdugo da Torre de Londres, frustra uma execução que devia levar a cabo seu pai e ajuda Broderick Maxwell, um espião escocês acusado injustamente de traição a escapar.

Consumidos pelo medo e guiados pela paixão, fogem para o norte num cavalo roubado... Só um corvo os acompanha em sua viagem. Seria um mau presságio?

Não podem deter-se. Se os capturarem, serão executados. E se conseguirem chegar à Escócia, ele a reclamará como sua... para sempre.





Capítulo 1

Londres, Páscoa de 1483

«Se meu pai não me proteger, estou morta.»

Lizbeth Ives baixou aos tropeções o último lance de escada e caiu no chão de joelhos. Ao longe, ouvia os passos dos guardas correndo. Ao olhar para trás, a luz das tochas que se aproximavam projetavam estranhas sombras nas paredes de pedra e o coração disparou.

Levantou-se engatinhando e puxou a gola da capa com força, ocultando o documento que guardava no sutiã do vestido. Enquanto corria a assaltavam imagens de sua cabeça sobre a tora do verdugo. A garganta ardia ao respirar. O corredor parecia mais longo, mais estreito e mais escuro que quando era menina. Ao dobrar a esquina, a cabeça começou a dar voltas. Fechou os olhos com força durante um instante para tentar controlar o medo. Ao engolir a saliva, o amargo aroma dos calabouços chegou ao nariz, um aroma ao qual nunca se acostumava, apesar dos anos que passara na Torre.

Dois homens, que conhecia desde que era pequena, ficaram em pé ao vê-la aproximar-se da porta em forma de arco que guardavam. Lizbeth obrigou-se a manter um caminhar tranquilo e regular.

—Bom dia, lady Ives —a saudou um dos guardas, inclinando a cabeça.

—Senhores —respondeu ela, com uma leve reverência — preciso falar com meu pai.

—Está ocupado —replicou o mais alto— Não gosta que o interrompam, milady.

—Então me arriscarei a sofrer sua fúria. Fiquem de lado e me deixem passar. —A autoridade de sua voz os surpreendeu, como a ela mesma, mas não tinha tempo a perder. Os valentões de lorde Hollister chegariam a qualquer momento.

—Como desejar. —Os homens se afastaram, permitindo a passagem.

Lizbeth entrou no hall e correu o ferrolho. Uma simples vela de sebo iluminava o curto corredor que se estendia diante dela.

Só dez passos mais.

Segurou com força o rosário de sua mãe, passando as contas de cristal para marcar os passos que a separavam da porta da câmara.

Chas.

O som do látego de seu pai rompeu o silêncio e revirou-lhe as vísceras. Pôs a mão sobre a garganta. Amaldiçoou-se por ser tão covarde e, pela enésima vez, desejou ser a



filha do ferreiro ou do moleiro. Enrolou o rosário no pulso, sacudiu as mãos e apertou os punhos para que deixassem de tremer.

Seu pai não sentiria compaixão por uma covarde.

Armou-se de coragem e abriu a pesada porta. Imediatamente, levou a mão ao rosto pelo aroma de carne queimada que assaltou seu nariz. Colocou a barra de ferro que bloqueava a porta nos suportes e se voltou para seu pai.

Este não se deu conta de sua chegada. Não se teria dado conta nem que uma árvore tivesse caído à suas costas.

Chas.

Segurava o látigo que acabava de deixar uma marca carmesim nas costas de um homem.

—Confesse e jure lealdade ao soberano da Inglaterra ou morre por sua teimosia — exigiu seu pai com voz malvada, fria e cruel.

Lizbeth odiava o personagem que se ocultava atrás daquela capa negra.

—Não confesso nada —respondeu o prisioneiro, segurando os anéis de ferro que o acorrentavam à parede com tanta força que tinha os nódulos brancos. Grossas veias azuis percorriam seus fortes antebraços, quase da mesma cor que um antigo símbolo tatuado que rodeava-lhe o braço, acima do cotovelo. Tinha o cabelo muito negro, preso à nuca pelo suor que provocava-lhe o sofrimento. Não gritava, nem suplicava clemência, embora pelas marcas que cruzavam a pele acobreada de suas costas, Lizbeth sabia que estava em companhia de seu pai o tempo suficiente para ter se rendido. Mas o idiota seguia sem falar.

Afastou o olhar da cena, só para encontrar-se com algo pior: outro homem banhado em sangue em outro canto. A marca ao redor do braço indicou-lhe que entre ambos os prisioneiros havia uma relação. Os métodos de seu pai obviamente tinham sido mais do que o pobre homem conseguiu suportar. Pela palidez que se via, fazia um bom momento que o sangue tinha deixado de fluir por seu corpo.

O som do metal arranhando a pedra fez com que se arrepiasse. Seu pai estava soltando os grilhões do prisioneiro. O suspiro de alívio deste ao desabar no chão não era sem razão. Lizbeth conhecia bem a rotina de seu progenitor, e as chicotadas precediam o ferro em brasa. Do delito do prisioneiro dependia o que viria depois.

—Lorde Ives —anunciou sua presença, endireitando os ombros. Sua voz soava débil, assustada, e se odiou por temer seu próprio pai. Pigarreou e esticou as mangas, cujo extremo tinha uma renda,agarrada firmemente entre as mãos— Lorde Ives — repetiu com mais força— tenho algo importante para dizer. É urgente.

Seu pai deu a volta e ela viu que seus olhos cor de âmbar brilhavam com a luz da loucura.



—Saia daqui! —gritou, levantando o látego em direção a sua filha, enquanto esta procurava em seu rosto algum rastro do homem amável que tinha conhecido.

Com o coração apertado, Lizbeth retirou o capuz da cabeça.

—Não, pai, sou eu, Lizzy! —exclamou, escondendo o rosto com o braço, preparando-se para o golpe.

Ele afrouxou a mão do látego ao mesmo tempo que um grito surdo enchia o lugar.

O prisioneiro levantou-se do chão, uma massa de músculos rígidos e doloridos, apertou os dedos em um único punho gigante e golpeou seu pai na têmpora com os grilhões que seguravam seus pulsos. O verdugo caiu sobre uma mesa, convertendo-a em lascas, que para Lizbeth recordaram flechas em miniatura. Os instrumentos de metal caíram no chão com grande barulho. Seu pai conseguiu levantar-se de novo.

—Não! —gritou ela, cruzando o lugar e segurando o braço do prisioneiro, enquanto este golpeava seu torturador no nariz. Osborn Ives não era pequeno, mas a força do golpe o lançou contra a parede.

Lizbeth sentiu o impacto em seu próprio corpo.

Seu pai cambaleou. Solto o látego negro, que caiu formando um anel a seus pés, como se fosse uma serpente morta, e foi deslizando para o chão, ao mesmo tempo em que o nó que Lizbeth sentia na garganta corria para seu estômago. Com seu pai inconsciente se desvaneciam suas esperanças de ajuda. O aborrecimento e o desespero tomavam conta dela.

—Afastese dele! —gritou, dando um empurrão no prisioneiro.

Este grunhiu, mas não se moveu nem um centímetro.

—Grite outra vez e não voltará a respirar —ele a advertiu, segurando-a pelos braços.

—Não o farei. Juro por minha vida —respondeu Lizbeth, tentando libertar-se, sem afastar os olhos da única família que restava-lhe no mundo— Por favor, é meu pai.

O bruto a soltou e se dirigiu para o outro prisioneiro. Ela deixou-se cair de joelhos junto ao seu pai e inclinou-se para comprovar se respirava. O pulsar em seu pescoço era débil e irregular. Parecia inconsciente. Temeu que lorde Hollister tivesse sua cabeça no cadafalso antes que recuperasse a consciência. Mas preferia morrer ao destino que o lorde lhe tinha reservado. Não seria a concubina de nenhum homem. Como carcereiro chefe, lorde Hollister contava com o favor dos conselheiros do rei, mas assim que Lizbeth pudesse revelar que estava conspirando com o homem que ia contra a coroa, seu pai e ela se livrariam por fim da vingança pessoal daquele horrível ser.

—Que Deus e o céu acolham você, irmão —sussurrou o prisioneiro em latim.

«E que ali, em comunhão com todos os fiéis, morra em paz», acabou Lizbeth em sua mente. Ao levantar o olhar, viu que ele estava na mesma posição. Suas grandes mãos



seguravam o rosto do defunto. Mesmo querendo, não podia evitar sentir compaixão pela dor de alguém que acabava de perder um ser querido.

Ouviu-se um forte ruído e segundos depois a porta começou a sacudir.

—Abram, por ordem de lorde Hollister! —gritou alguém, enquanto se ouviam passos movendo-se nervosamente.

Lizbeth conteve o fôlego.

—Pai, acorde, tem que me ajudar! —suplicou-lhe, sacudindo-o pelos ombros. Lágrimas que continha há anos deslizaram até seu queixo e caíram, salpicando a face do homem.

O prisioneiro ficou em pé e cambaleou. Apoiando-se na parede, segurou o ventre e inspirou fundo. Quando se voltou para ela, seus olhos azuis a olharam com tanta intensidade que Lizbeth ficou paralisada. Embora não tivessem trocado uma palavra, ambos se deram conta da situação em que se encontravam.

O próximo golpe na porta colocou-os em movimento.

Ela se levantou em um salto.

O prisioneiro recolheu duas adagas do chão e as guardou na cintura das calças de lã xadrez, uma vestimenta tipicamente escocesa.

—Onde estão as chaves? —perguntou, com um tom que deixava claro que não ia tolerar mentiras.

Lizbeth riu por dentro. Aquele homem era um idiota se pensava que ia tirar seus grilhões. Nesse momento já tinha problemas suficientes. Sabia muito e precisava de ajuda. Lorde Hollister era um adversário muito poderoso para lutar contra ele sozinha.

—As chaves —repetiu o prisioneiro, estendendo as mãos.

—É um prisioneiro da coroa. Não posso ajudá-lo.

Sua resposta chegou na forma de um olhar assassino e um bufar, mas ela decidiu ignorar ambas as coisas. Cruzou o aposento e começou a passar os dedos ao longo da parede. A porta secreta se abriu, estendendo diante deles um labirinto de passagens escuras que percorriam as vísceras da cidade. Uma baforada de ar rançoso a golpeou na face. O corredor em trevas era uma promessa de liberdade, mas por desgraça, Lizbeth sentia-se aterrorizada diante da idéia de ter que percorrê-lo sozinha. Odiou-se por continuar com medo da escuridão com seus vinte e três anos, mas isso não impediu que o corpo e a mente bloqueassem e que a respiração se tornasse irregular.

Estendeu a mão para a tocha da parede, ao mesmo tempo que uma arma começava a fazer em pedacinhos a porta.

—Corra —ordenou-lhe o prisioneiro, dando-lhe um empurrão que a colocou na passagem.



Lizbeth não teve tempo de alcançar a tocha. A grossa porta de pedra fechou-se atrás deles, selando a saída e embrenhando-os na escuridão mais absoluta. Abriu os olhos o máximo que pôde, procurando algum rastro de luz. Qualquer fresta. Mas as únicas luzes que viu provocou, atrás dos olhos, a explosão de terror que sentia.

Apoiou-se nas paredes, que pareciam estar fechando-se ao seu redor. O prisioneiro passou os braços por cima de sua cabeça e a prendeu contra seu peito. Ela conteve a respiração. Uma mão forte cobriu-lhe a boca, abafando o grito que estava se preparando em seu interior. Lizbeth ficou nas pontas dos pés e cravou-lhe as unhas no antebraço.

«OH, Deus, me proteja», rogou. Tinha que voltar para outro lado do muro. Tinha que retornar para a luz.

Não podia respirar. As pernas falharam. Um braço do prisioneiro a segurou pelo estômago. A corrente empurrava-se entre os seios de Lizbeth e pressionava o lugar onde guardava o documento que a tinha levado até lá, um documento que colocava em perigo a coroa e que, naquele momento, era sua única esperança de salvação.

—Pare de lutar —ordenou Broderick Maxwell à mulher que tremia como uma ovelha das Highlands recém tosquiada. Tinha-o atacado com determinação para defendê-lo do monstro que estava tentando matá-lo a chicotadas, mas agora parecia ter perdido toda sua coragem.

Depois de uma semana em um calabouço infestado de piolhos, tinha a liberdade ao alcance da mão. Não ia permitir que uma insignificante mulher o impedisse de alcançar a fronteira. Por desgraça, tinha fracassado em sua missão. Maldição! Seu irmão e ele tinham estado tão perto de descobrir quem era o líder da rebelião que ameaçava apoderar-se da coroa da Inglaterra... Podia dar uma dúzia de nomes de nobres envolvidos na conspiração, mas não tinha nenhuma prova para entregar ao seu rei.

A jovem cravou-lhe as unhas no braço. Deveria ter notado uma espetada, ao menos um pouco, mas tinha o corpo quase insensível, e só percebeu uma leve pressão. Inclinou-se para dizer-lhe no ouvido.

—Se gritar, quebro seu pescoço. Está claro?

Ela assentiu em silêncio.

—Os guardas conhecem este túnel?

A jovem negou com a cabeça e um aroma estranho assaltou o nariz dele: um aroma embriagador, exótico, inconfundivelmente feminino. Sem dúvida aquela moça era o anjo de que falavam os prisioneiros, a que chamavam «o anjo de fogo». Broc tinha pensado que estavam tendo alucinações por culpa da febre que provocavam as feridas. Não lhe deu importância até que viu as chamas dançarem em seus olhos dourados. Pensava que os prisioneiros não a admirariam tanto se soubessem que seu anjo era, na realidade, Lady Ives, a filha do torturador.



Voltou a cabeça para afastar-se do aroma que desprendia seu cabelo, mas fracassou. Mudou de posição com dificuldade no estreito espaço, para ouvir melhor o que estava passando na câmara de tortura. Vozes profundas retumbavam do outro lado do muro de pedra. Uma parte dele desejava voltar atrás para recuperar o cadáver de Aiden e dar-lhe um enterro digno — a parte que desejava a aprovação de sua mãe — mas o guerreiro que havia nele o impediu. Como filho mais velho do laird do clã Maxwell, sua principal responsabilidade era continuar com vida. A culpa que sentia por ter desejado certa vez o título de seu irmão pesava agora sobre sua consciência com tanta força como a morte de suas irmãs.

A descarada inglesa tentava golpeá-lo na cabeça sem muito êxito. Sacudiu-a para demonstrar-lhe quem estava no comando.

—Sabe sair daqui? —perguntou-lhe, levantando ligeiramente a mão da boca, mas preparado para voltar a cobrir-lhe ao menor sinal de que fosse gritar.

—Oito passos para frente, vinte e seis à direita, dezessete ao redor de...

—Aonde vai dar isso?

—A uma porta escondida atrás da ferraria, ao norte de Cheaspside —sussurrou ela contra sua mão, o que fez com que uma corrente de calor subisse pelo braço de Broc. Sentiu que seu corpo vibrava. O que estava acontecendo? Embora soubesse que Lady Ives não era nenhum anjo, não descartou a possibilidade de que se tratasse de uma feiticeira.

—Vá na frente —disse ele, dando-lhe um empurrãozinho para animá-la, mas a garota parecia ter os pés cravados no chão.

—Não posso. Tenho que voltar.

—Não posso permitir —disse Broc, empurrando-a com mais força.

Ela se voltou em seus braços e os cotovelos dele se chocaram com as paredes da passagem. A jovem apoiou as geladas palmas de suas mãos contra o peito, provocando-lhe uma estranha comichão que arrepiou a pele. Definitivamente, era uma bruxa.

—Temos que esperar que vão embora e recuperar a tocha —disse.

Sem fazer caso de suas palavras, Broc pôs-se em movimento. Ela ergueu-se em seus pés, segurando-se com força em suas doloridas costelas.

—Ah! Poderia apertar um pouco menos? —provocou. Nesse momento, ocorreu-lhe que o problema da moça não era ele. Tinha tido a mesma pressa que ele para fugir da câmara, mas agora parecia enfrentar algo pior.

—Não posso percorrer o túnel —insistiu, com uma voz alterada pelo pânico.

Apertava-se tanto contra seu peito que estava certo de que pretendia atravessá-lo e cruzar a parede para voltar para o outro lado do muro. Ao erguer os olhos, por cima de sua cabeça, Broc viu que o corredor estava mais negro que o coração do diabo.

—Tem medo da escuridão?



Ela assentiu sob seu queixo e seu sedutor aroma voltou a envolvê-lo. Pelos pregos de Cristo! Como se tivesse tempo para bancar o cavalheiro andante com um anjo covarde que cheirava como se fosse um vale de flores banhado em mel. Teve um momento de debilidade que o fez cambalear. Uma gota de suor escorregou pelo pescoço e sentiu um calafrio.

A jovem parou de lutar. Ficou muito quieta e separou-se uns centímetros. Broc sentiu que sua minúscula mão tocava-lhe o pescoço, a mandíbula, a face.

—Resta pouco tempo. Tem que partir antes que seu corpo o traia.

Preocupou-lhe essa súbita mudança de atitude. Embora preocupou-lhe mais a reação de seu corpo a sua simples carícia.

—Explique-se.

—O látego estava impregnado de um tônico calmante, para que suportasse melhor a tortura.

—Veneno?

—Não, não é veneno, é um paliativo. Por compaixão.

Broc soprou.

—O verdugo deu vinte chicotadas em meu irmão e depois queimou-lhe as mãos e os pés. Não o vi demonstrar a mínima compaixão. Quer que acredite que se importa com as pessoas às quais tortura?

—Não. Ele não pôs o tônico no látego. Fui eu —confessou a jovem; Broc notou sua cabeça sob o queixo—. Não sentirá a dor das chicotadas até que a lua esteja alta, mas daqui a uma hora, suas pernas vão ficar fracas.

Broc não passou os últimos seis meses tentando fingir de amigo dos malditos ingleses para acabar morto nas vísceras de Londres.

—Então, temos menos tempo do que pensava —disse ele, levantando as mãos atadas por cima da cabeça da moça. Deu-lhe a volta e a empurrou corredor adiante. Sua saia de veludo acariciou-lhe as pernas e sua fragrância voltou a provocar uma comichão no nariz. Ela deslizou pelo escasso espaço entre o flanco e o braço de Broc e segurou-se em suas costas.

E embora este não notasse seus dedos, nem a dor das chicotadas das costas, era muito consciente da jovem colada a seu corpo. Durante seus vinte e nove anos de vida, Broc só tinha desejado uma mulher, mas aquele anjo inglês esquentava-lhe o sangue só com seu aroma.

Tinha que ser a substância do látego.

Sacudiu a cabeça, tentando livrar-se da inoportuna luxúria que o assaltava e começou a contar os oito primeiros passos. Entretanto, ao quarto, chocou-se contra uma parede de pedra.



—Ai! Achei que havia dito oito passos à frente.

—Oito passos pequenos. Era uma menina quando os contei.

Ouviram-se um ruído de garras arranhando a pedra e Broc o seguiu. Seria mais seguro seguir os animais que as instruções de Lady Ives.

—Quatorze, e quinze, dezesseis —sussurrou ela—... oito, nove, dez —continuou de maneira caótica. Contava séries de três, mas não pareciam corresponder a seus passos. Broc se perguntou se a moça saberia contar.

Chegaram a uma bifurcação. O chão desaparecia sob seus pés.

—Para aonde?

—À direita e abaixo. Molharemo-nos um pouco. Estamos sob o fosso.

Broc começou a descer por uns degraus escorregadios e se deteve. Ela continuava ali; ouvia-a respirar, mas já não estava colada a suas costas.

—Lady Ives, ou me guia ou fique atrás. Escolha.

Ouviram-se seus suaves passos aproximando-se. Quando seus dedos alcançaram finalmente os braços dele, segurou-se com uma força surpreendente para uma mulher tão pequena. Ele a arrastou dentro da água, que lhe chegava até a panturrilha, e notou que tropeçava.

—Sempre reto —disse ela— Pelo menos, trinta passos. Depressa. Acho que vou vomitar.

Broc revirou os olhos na escuridão. Esse comentário tinha quebrado a magia das imagens do anjo nu que estiveram se formando em sua mente. Melhor assim. Muito melhor.

Com uma mão estendida diante dele e rodeando a cintura da jovem com o outro braço, foi descendo lentamente pelo corredor alagado até que notou que voltava a subir. Três degraus e saíram da água. Lady Ives ergueu-se um pouco, mas continuou sem soltá-lo. Distraído pela respiração da jovem, Broc perdeu a conta dos passos. Se continuasse respirando assim, desmaiaria antes de chegar à saída. Diria algo para animá-la se pensasse que isso resolveria. Um muro barrou-lhes o caminho e ouviu um longínquo som de tambores. Seu pulso ou o dela? Logo ao som uniram-se um alaúde e várias violas. O som de uma festa se impôs definitivamente ao silêncio.

—Por aqui —disse ela, pegando-o pelo braço.

Vários passos à frente, chegaram a um novo muro. Ouviu-a apalpar a parede, procurando o que esperava que fosse a saída. Em vez de contar passos, agora se queixava, gemia e respirava entrecortadamente. E o corpo de Broc respondia de um modo primário a todos esses sons. O chiado da pedra ao abrir-se precedeu a alguns raios de luz fracos. A luz do sol penetrava entre as trepadeiras que ocultavam a saída, mas foi suficiente para cegá-lo durante uns segundos.



A garota abriu caminho entre a folhagem. O ruído da festa aumentou de intensidade. Broc a deteve, agarrando-a pelo braço antes que saísse do outro lado.

—Espere. Está cheio de gente celebrando a Páscoa. Alguém nos verá. Deixe-me sua capa —disse, voltando-a.

Ela o olhou com seus olhos de feiticeira por baixo do capuz forrado de arminho.

—Põe minha vida em perigo ao me pedir que o ajude.

—Suspeito que sua vida já esteja em perigo, Lady Ives. E não estou pedindo ajuda, só uma muda de roupa.

Meio nu e com as costas cheias de marcas de chicotadas não conseguiria passar despercebido. Aiden e ele misturavam-se tanto com os aristocratas quanto com os bêbados. Alguém o reconheceria, com certeza.

A jovem inclinou a cabeça, franzindo as sobrancelhas, pensativa.

—Se for ajudá-lo, primeiro quero saber qual foi o seu delito.

Não podia dizer que era um espião que procurava informações para convencer o rei da Escócia que se aliasse com o rei da França. Ela aguardava, sem dúvida esperando ouvir que tinha cometido algum crime atroz. E na Inglaterra não havia crime pior que ser escocês.

—Sou Broderick Maxwell, filho e herdeiro de lorde Magnus Maxwell, guardião da região de West Parta, na fronteira oeste.

—É um filho da Escócia?

—Sim. —A informação não pareceu alarmá-la.

—Considera-me responsável, de algum modo, pela morte de seu irmão?

Quanta gente devia ter lhe jogado na cara a profissão de seu pai? Broc não podia culpá-la da inoportuna decisão de Aiden de dormir com uma inglesa. Deu um passo adiante. Em vez de retroceder, Lady Ives ergueu-se um pouco mais, desafiante. Para uma mulher, era bastante alta. Seus olhos dourados reclamavam honestidade.

—O verdugo obedece a ordens dos nobres. Sua mão não pertence a você.

A jovem tinha traços atraentes e uma pele perfeita. Broc sentiu sobre seu peito o ar que ela continha.

Ao soltar o nó que segurava-lhe a capa ao pescoço, o manto negro deixou a descoberto seu cabelo negro, que caía em suaves ondas até a cintura. A luz que se infiltrava arrancava brilhos acobreados. Usava um vestido cor de palha, cujo corte e malha falavam de riqueza, de nobreza; em uma palavra, de tentação. Broc apertou os punhos, e a corrente que lhe unia as mãos se esticou. Aquela moça era uma das mais preciosas criações do Senhor que ele tinha visto. Os monges de Dryburgh se sentiriam muito decepcionados pela direção que estavam tomando seus pensamentos. Apesar da educação que tinham dado a ele, era incapaz de afastar os olhos daquele anjo de fogo.



—Se ajudá-lo a escapar da cidade —começou a dizer ela, o que fez com que Broc afastasse a atenção de seu sutiã e erguesse o olhar para sua face— e curar suas feridas, escoltará-me?

—Escoltar? — perguntou Broc, incapaz de dissimular o tom de brincadeira de sua voz— Quer ficar sob meu amparo? — Deveria estar pior do que pensava para estar considerando a sério sua proposta. Amaldiçoou ao demônio, que a tinha colocado em seu caminho. Era óbvio que estava desesperada. Perguntou-se de quem estaria fugindo. O que podia fazer? Deixá-la sozinha? Fosse quem fosse que a estivesse perseguindo, sem dúvida a entregaria às autoridades.

Ela baixou os olhos, libertando-o da prisão de seu olhar.

—Procuro acolhida da Igreja.

—De quem precisa proteger-se, Lady Ives? Que crime cometeu?

Ao voltar a erguer o olhar para ele, Broc viu que seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas.

—Tenho a desgraça de ser a filha do maior torturador do reino.

Mesmo que tivesse confessado que acabava de matar ao rei em pessoa, ele não poderia negar-se a ajudá-la.

—Escoltarei-a.

Seus lábios esboçaram um leve sorriso e Broc sentiu uma comichão no estômago.

Por que, de repente, pareceu-lhe que estava traindo à bela Lady Juliana?



Capítulo 2

Através dos raios de luz que penetravam entre as trepadeiras, Lizzy viu como lorde Maxwell jogava sua capa nas costas e lutava com as cintas para amarrar ao pescoço. O tônico estava afetando suas mãos.

—Eu o farei — ofereceu ela, inclinando-se para facilitar a tarefa. O pêlo de seu peito roçou-lhe o dorso da mão. Ergueu o olhar até os dele para ver se a tinha visto estremecer.

Ele fechou os olhos, moveu a cabeça de um lado para outro e, respirando fundo, afastou-a e voltou-se, sem uma palavra de gratidão. Comportava-se como... bom, como um escocês. Devia ter perdido a razão para pedir ajuda a alguém como ele.

—Mantenha a cabeça baixa. Iremos para o norte pela rua Watling, para a zona do matadouro. Com um pouco de sorte, o povo já estará na catedral —disse Broc, atravessando as trepadeiras.

Lizbeth duvidou. Talvez não devesse segui-lo. Seu pai possivelmente ainda poderia salvá-la. Olhou para trás. A escuridão do túnel fez com que estremecesse.

—Lady Ives?

Ao voltar-se, encontrou-se com as mãos estendidas de Lorde Maxwell, ainda unidas pelos grilhões, esperando-a.

—Temos que ser rápidos.

Assentindo, deu-lhe as mãos. Ele segurou-as com força entre as dele, fortes, calejadas, cálidas. Graças a sua ajuda, saiu facilmente da espessa vegetação. Seguindo suas instruções, Lizzy aproximou-se dele o mais que pôde para seguir seu passo. Recordava de Kandem, alto e maciço, a viva imagem do amparo. Era tão agradável sentir-se de novo a salvo, embora fosse uma sensação falsa.

Desviou os olhos de seus pés para os do homem. Virgem Santa! Não usava botas. Para passar despercebidos. Olhou para trás para ver se alguém os estava procurando. Não viu nenhum guarda. Começou a contar passos outra vez para tranquilizar-se, enquanto se esforçava para manter o ritmo do escocês sobre a pavimentação da rua Watling. Grudando-se o máximo possível às paredes cheias de bancas fechadas, Lizbeth erguia os olhos de vez em quando para ver os cortesãos bem vestidos que se dirigiam à igreja de Saint Paul para ouvir a missa.

Uma mulher voltou a cabeça para olhá-la. Ia tão depressa, que o tecido branco que caía de sua manga flutuava no vento. As crianças que a acompanhavam também ficaram olhando. Já estava acostumada a esses olhares.



Lorde Maxwell a guiou até um garanhão negro enfeitado com vestes vermelhas. Depois de soltar as rédeas, acariciou o pescoço do animal e montou com uma careta de dor. Apoiando o pé no estribo, estendeu-lhe as mãos.

—É seu? —perguntou Lizbeth, percebendo a tolice que acabava de perguntar assim que as palavras saíram de sua boca.

—Sim, o deixei aqui enquanto descansava no calabouço —replicou ele, e, como se seu tom não fosse bastante zombador, ergueu uma sobrancelha.

—Não quero participar do roubo de um cavalo. E muito menos de um da guarda real —disse ela, apontando o escudo dourado bordado na manta.

—Acha que seu pai lhe cortará a mão antes ou depois de cortar-lhe o pescoço?

Lizbeth não se incomodou em responder. Em vez disso, examinou a rua para ver se via o dono do cavalo. Já se arrependeria de seu pecado quando chegasse à abadia de Fountains, em Yorkshire. Aceitou as mãos de lorde Maxwell e montou diante dele. Quando a rodeou com suas mãos acorrentadas, o calor a envolveu como se tivessem aberto a porta de um forno. O homem estava ardendo de febre.

—Alto, em nome do guarda do rei! —bramou uma voz enfurecida da entrada do priorado.

Lizzy voltou-se e viu um guarda que afastava a capa para desencapar sua espada.

—Segure-se forte —disse Broc, esporeando o cavalo.

Os gritos do guarda perderam-se na distância, enquanto o animal aproximava-os da liberdade.

Um único corvo os perseguiu e Lizbeth lembrou-se dos pássaros de madeira que colecionava seu pai. As altas casas de telhados inclinados obscureciam as ruas. Os sinos chamavam às pessoas para ir às numerosas Igrejas. Lizzy benzeu-se. «Adeus, pai.» Faria o que pudesse para retornar e libertá-lo das garras de lorde Hollister. Agora que Kandem e os outros partiram, Londres só prometia um futuro de pesadelos.

Atravessaram as muralhas da cidade e chegaram ao ponto em que a estrada se bifurcava em duas. Para a direita, rumaria à granja de Edlynn. O caminho estava enlameado pelas últimas chuvas. Se precisassem esconder-se, não teria que ser no meio dos matagais.

Lizbeth puxou as rédeas.

—Tenho que fazer uma parada, antes de sair de Londres.

—Não, não há tempo —replicou ele, tentando tomar as rédeas e comandar o cavalo para a esquerda, para o caminho que rodeava Londres, em direção a Támesis.

O ruído de cascos de cavalos aumentou a suas costas. Voltaram-se para olhar. Lizbeth não sabia se era da guarda real ou dos homens de Hollister, mas não gostaria que os apanhasse nenhum dos dois.

—Suporão que nos dirigimos ao rio. Vão nos alcançar, em seguida.



—Será um pouco mais difícil se soltar as rédeas —respondeu ele, agarrando-as por cima de suas mãos menores. Sua luta por tomar o controle fazia o cavalo ir de um lado para o outro, inquieto.

Até em seu estado de debilidade, a força dele superava a sua. Lizzy voltou-se para enfrentar o «Escocês idiota.»

«Escocês idiota.»

Já estava farta de homens dizendo o que tinha que fazer. A última coisa que precisava era um lorde escocês tentando dominar sua vida. Seu cenho franzido não a impressionou. Não tinha tempo para discutir.

—Iremos onde eu digo ou o levarei de volta a Londres, quando não puder mais se mover —disse, com uma voz que não parecia a sua. Nunca antes tinha exigido nada. Cruzou os braços e soltou o ar.

Lorde Maxwell apertou os lábios, enquanto suas narinas tremiam.

—E onde desejam ir?

—Por ali. Se tiver que curar suas feridas, necessitarei ervas e outras coisas.

Ele moveu a cabeça de um lado para outro, e o pescoço estalou. Lizzy sentiu seu quente fôlego sobre a face quando disse:

—Desfrute desta vitória, porque será a última. —Guiou o cavalo para o nordeste e acrescentou— Ah, e se arrependerá de me ameaçar, anjo.

Ela apertou os dentes e inclinou-se sobre o pescoço do animal. Zombava do único nome do qual Lizbeth havia sentido orgulho em sua vida.

—Não volte a chamar-me assim.

Os escoceses eram um povo miserável: brutos, sujos, pagãos. Todo mundo sabia. Então, por que não sentia repulsa? Estava alterada. O escocês era arrogante, dominador, prepotente..., mas quando tinha rodeado sua cintura com os braços, o que havia sentido não tinha tido nada a ver com repulsão.

Ao entrar no bosque, obrigou-se a concentrar-se nos sons dos guardas que se afastavam, para controlar o calor que tinha despertado em seu ventre. Estava acostumada a que a desprezassem e zombassem dela, e era boa para ocultar suas emoções e seus desejos. Lutaria contra aquela atração inoportuna.

Broc apoiou-se pesadamente sobre as costas do anjo e guiou o garanhão. O aroma e a suavidade de seu cabelo contra sua bochecha bastariam para que um homem ficasse louco. Sua mão foi deslizando da cintura até a coxa da jovem. Bem torneada ou, pelo menos, assim imaginou sob toda aquela roupa. A imagem de duas coxas suaves e fortes rodeando-lhe a cintura não abandonava seus pensamentos. Era uma fantasia que o acompanhava freqüentemente, mas sempre tinha sido as coxas de Lady Juliana.

Apertou as mãos.



A garota estremeceu e tentou endireitar as costas.

Sabia que não deveria estar fazendo aquilo, mas era incapaz de retirar a mão. A verdade era que se sentia... aturdido. Tinha o corpo fervendo, e a cabeça mais quente ainda. Como se tivesse passado a noite anterior bebendo uísque de tio Ogilvy com seus irmãos. Tinha a boca pastosa, como se tivesse mascado fumo. Quando o efeito daquela substância passasse, ia dar uma boa lição em Lady Ives por ter feito com que se desviasse do caminho.

Sua imaginação enlouquecida entreteve-se imaginando a cena. A filha do torturador deitada sobre seus joelhos, com seu traseiro preparado para o castigo. É obvio, estava nua. Sentiu uma comichão nas palmas das mãos. Só podia ser pela graça de Deus que conseguiu agüentar dois anos no monastério. Por sorte, as mulheres inglesas eram generosas com seus favores, senão, seria uma ereção ambulante. Deitou-se com duas delas para aliviar suas necessidades, mas não voltaria a acontecer. Recuperaria o estado espiritual que tinha lhe incultado o irmão Mel no monastério e seria fiel a Lady Juliana.

Então, por que o celibato era a última coisa que tinha na cabeça?

Por sorte, uma granja apareceu diante deles, afastando esses pensamentos luxuriosos de sua mente. Um cão de apenas três patas dava voltas sem cessar ao redor de uma ovelha que pastava no terreno baldio. Uma fumaça cinzenta saía flutuando através de um teto de palha, que necessitava urgente de reparos. Lady Ives falava e vestia-se como a nobreza mais elevada. Aquela não podia ser sua residência.

Com um esforço sobre-humano, puxou as rédeas. Seu cavalo roubado deteve-se diante da porta da casa, aproximando-o ainda mais da incrível suavidade do corpo da jovem. Ergueu-lhe as mãos acorrentadas por cima da cabeça e passou por baixo para poder saltar do cavalo. Broc tremeu pela repentina falta de calor e quase caiu atrás dela, mas conseguiu recuperar-se a tempo. Odiava a debilidade, mas nesse momento se sentia tão fraco quanto um gatinho recém-nascido.

Lady Ives inundou uma taça de lata em um barril de água e a deu-lhe de beber. Ele agarrou a taça com ambas as mãos e a bebeu com um só gole. Não era suficiente. Precisava mais.

Ela deteve-se, indecisa diante da casa, e acariciou o focinho do animal. Seus olhos, grandes e cheios de desconfiança, olharam-no fixamente.

—Vai me esperar?

—Sim —respondeu ele imediatamente. Se restasse um pouco de inteligência, teria dado meia volta e se dirigido à fronteira com a maior rapidez. Uma nova vida o aguardava na Escócia. Honraria a memória de seu irmão aceitando suas responsabilidades. Agora, a liderança do clã Maxwell era dele. Como a prometida de seu irmão, Lady Juliana.



—Será somente um momento —disse a jovem, interrompendo seus pensamentos, antes de inclinar-se para dar um beijo no nariz de uma ovelha negra.

Broc olhou ao seu redor em busca do resto do rebanho, mas só viu uma grade rota coberta de vegetação.

—É sua casa?

—Algo assim —replicou ela, entrando na granja e deixando a porta aberta atrás de si.

Um convite? Talvez. De qualquer forma, uma que sua curiosidade não podia ignorar. Desmontou. O contato com o chão refrescou-lhe os pés, mas de repente sentiu que o peso de dez pedras caía sobre seus ombros. Encheu a taça três vezes e bebeu até que seu estômago roncou. Lutando contra as náuseas, cuspiu para livrar-se do gosto de metal que tinha ficado na boca, antes de entrar na casa.

—Lizzy, é você?

—Sim, Edlynn —respondeu Lady Ives à anciã que estava sentada diante de uma mesa, amassando ervas, com seus dedos disformes.

O olhar de Broc percorreu o lugar e fixou-se nos gordos pássaros esculpidos em madeira que enfeitavam o suporte da lareira, onde cozinhava um caldeirão de guisado. O aroma da carne fez com que o estômago voltasse a roncar. Quanto tempo fazia que não comia?

—O que me trouxe? Cheiro sangue —disse a anciã, voltando-se para ele, que só então percebeu que seus olhos cinzentos não viam— O que é? Outro coelho? —perguntou, erguendo-se, mas sem soltar-se da mesa— É para comer ou para curar?

Lady Ives ergueu a cabeça do saco que estava enchendo com ervas e ele viu, divertido, como ruborizava. Então, o anjo também salvava animais da morte certa. Certamente, a filha do verdugo não fazia justiça ao ofício familiar.

—Não é precisamente um coelho —replicou, respondendo com um olhar assassino ao seu sorriso— mas parece um porco. E a este vou curar eu mesma.

—Acha que é muito boa, não é, menina? Onde está? Diga-me o lugar exato.

—Dois ao redor da mesa. Cinco para a porta.

A anciã a que lady Ives chamava Edlynn foi seguindo suas instruções até que seus dedos chocaram-se com o peito dele. Broc pensou aqueles dedos eram tão ossudos quanto os de sua avó.

—Bom dia, anciã —disse ele, em uma voz que soou muito forte até para seus próprios ouvidos.

A mulher deu um pulo.

—Moisés misericordioso! Trouxe-me um homem. Deus a benza, Lizzy —exclamou a mulher, levantando o queixo e sorrindo. Surpreendentemente, ainda conservava todos os



dentes. O cabelo branco chegava até os ombros e as rugas que rodeavam os olhos revelavam que era uma pessoa que ria freqüentemente.

Suas mãos começaram a tocá-lo por toda parte: os ombros, os braços, o torso...

—Um autêntico garanhão. Onde o encontrou?

—Sob o látego de meu pai. É escocês —acrescentou, como quem comenta o tempo, enquanto examinava o conteúdo de uma terrina de madeira.

—Não pode ser. Um escocês em Londres?

—Da região de West Parta, na fronteira oeste —explicou Broc, um tanto incômodo com a inspeção.

Os dedos da anciã seguiram descendo. Ao chegar à altura das virilhas, seus olhos inexpressivos arregalaram-se.

—Pelos pregos de Cristo, mulher! —exclamou Broc, ruborizando, quando seu corpo respondeu ao contato.

—Menos mal que seu pai deixou-o conservar todas suas partes. Está dotado como o melhor dos ingleses.

Horrorizado, Broc afastou-lhe as mãos e olhou Lady Ives com o cenho franzido. Ela tirou a mão da terrina com um sorriso de orelha a orelha e aproximou-se dele.

—Edlynn, faça o favor de soltar Lorde Maxwell. Está sendo muito grosseira —brincou Lady Ives, enquanto abria a fechadura dos grilhões com uma chave que devia ter encontrado enquanto a anciã o manuseava.

—Obrigado —disse Broc, esfregando os pulsos doloridos e pensando que já não ia precisar de um ferreiro para livrar-se dos malditos grilhões.

A jovem sorriu, baixando os olhos, e dois leques de longos cílios desdobraram-se sobre suas bochechas. Ao voltar-se, deixou um rastro de perfume exótico em seu caminho.

—Do que ri? —interpelou ele.

—Não é a única chave que encontrei —respondeu ela. Não pareceu-lhe prudente comentar que acabava de livrar-se do cinto de castidade.

—O que vamos fazer com ele? —perguntou a anciã, que continuava pendurada em seu braço.

—Vai escoltar-nos ao norte. Não temos muito tempo. Explicarei no caminho.

—Como? —responderam Broc e Edlynn ao mesmo tempo.

—Ah, não! —acrescentou ele— Só temos um cavalo. Já é pouco para duas pessoas. Impossível para três, e pior se este terceiro for uma velha cega.

—Há outro cavalo na parte de trás da casa e Edlynn vem conosco. Não posso deixá-la aqui —replicou a jovem, enquanto revisava as roupas de um armário, como se a discussão estivesse acabada.



—Lizzy, que tolices está dizendo? —perguntou a mulher, fazendo eco aos pensamentos de Broc— Esse pangaré está coxo; alguém deveria tê-lo matado há muito tempo. O que houve, menina?

—Edlynn, por favor, não temos tempo para explicações. Recolha suas coisas —insistiu ela, sem ceder.

Ficando frente a Broc, Lizbeth desamarrou-lhe a capa que tinha no pescoço e a substituiu por uma áspera camisa, que em outro momento seria muito incômoda, mas que refrescou-lhe a pele ardente. Também recordou que ainda não estavam a salvo. Segurou os pulsos da jovem com as poucas forças que restavam.

—Vão nos capturar. Concordei em escoltar você. Ninguém mais.

—Ela vem conosco —replicou Lady Ives, libertando-se com facilidade e dirigindo-se a um armário.

Começou a peneirar uma porção de farinha, e foram surgindo moedas de ouro, que pareciam tão estranhas naquela suja granja como a nobre Lady Ives.

Broc não podia acreditar no que estava acontecendo. Que fazia discutindo com aquela inglesa teimosa? Era óbvio que estava louca se pensava que ia escapar da guarda real com uma anciã cega montada em um cavalo manco. Ele tinha um garanhão esperando-o na porta. A única coisa que tinha que fazer era montar e sair dali a galope. Poderia estar em Bedford ao cair da noite. Talvez tivesse que amarrar-se ao cavalo para chegar, mas ao menos estaria longe de Londres.

—Pegue tudo, Lizzy —disse a anciã, sentando-se em um tamborete ao lado do fogo— Pedirei mais ao seu pai.

—Não, não posso deixá-la aqui. Corre tanto perigo quanto eu.

Broc já tinha chegado à porta, mas deteve-se ao ouvi-la. Fechou os olhos e desejou que a poção o impedisse de sentir os olhos dela cravados em suas costas. Malditos ingleses!

—E que perigo exatamente correm vocês? —perguntou.

—Tenho razões para acreditar que a má saúde do rei não é culpa de uma enfermidade. Estão envenenando-o.

Broc voltou-se para ela bruscamente, perdendo o equilíbrio durante um momento. Será que Lady Ives tinha a informação que seu irmão e ele tinham sido incapazes de obter?

—Têm provas?

—As ervas que Edlynn preparou para sua majestade foram manipuladas. Alguém acrescentou acônito. Encontrei os frascos vazios nos aposentos de lorde Hollister. É um veneno. Edlynn será acusada de alta traição e executada.

—Que me acusem —disse a anciã tranquilamente, enquanto tirava o guisado do fogo— Eu mesma afiarei a espada de seu pai antes de pôr a cabeça no cadafalso, com um sorriso.



—Edlynn! —exclamou Lady Ives, retorcendo as mangas entre as mãos.

Dirigiu o olhar a Broc e este voltou-se, para olhar para outro lado. Se não, sentiria-se tentado a permitir que a anciã fosse com eles. A jovem devia estar francamente desesperada para confiar nele, um espião escocês.

—Não há ninguém mais que possa ajudá-la?

A garota negou com a cabeça, e várias mechas de cor vermelha escura moveram-se. Para Broc vieram à cabeça imagens de suas irmãs, Lilian e Mattie, obstinadas, inocentes, muito jovens para morrer, e ainda de um modo tão atroz. Não tinha sido capaz de protegê-las. Talvez Deus estivesse oferecendo uma oportunidade de redimir-se.

—Há uma estalagem a três horas daqui, nos subúrbios de Hertfordshire. Conheço o hospedeiro. Farei com que dê abrigo a Edlynn e a leve a um lugar seguro —propôs Broc.

—Jure por sua alma.

—Juro. Enviarei alguém.

Lady Ives assentiu, e uma corrente de lágrimas começou a cair por sua face.

—Farei-o responsável se acontecer algo com ela.

—Tem que ir, menina. Não se preocupe por mim. Cuidem-se, milord. Não teve ninguém que a protegesse desde que morreu Kandem.

«Kandem?» Broc franziu o cenho. Seu marido? Seu amante? Por sua idade, poderia ter tido as duas coisas. O que importava quem fosse Kandem? Por que sentia os ciúmes corroendo suas vísceras?

—Não é meu protetor, Edlynn. Só vai escoltar-me até o norte —explicou Lady Ives, ajoelhando-se aos pés da anciã.

Esta beijou-lhe a cabeça e sussurrou algo.

—Lady Ives, temos que ir agora.

—Que Deus os proteja! —gritou Edlynn enquanto saíam da casa.

Na Terceira tentativa, Broc conseguiu subir no cavalo. Sentiu como se cem cardos estivessem cravando-se em seu peito. Custava-lhe um grande esforço manter-se no lombo do animal, que estava inquieto. Lady Ives deu-lhe a capa, amarrou alguns sacos à sela e desapareceu atrás da granja.

Quando voltou a aparecer com uma galinha, metida em uma gaiola, Broc negou com a cabeça e olhou aos céus pedindo calma.

—Lady Ives, está colocando a prova a minha paciência.

Ela se limitou a amarrar a gaiola no cavalo, antes de montar diante dele.

—Nem atreva-se a dizer que não pode vir conosco.

—Faz dias que não como nada. A galinha é muito bem-vinda.

A jovem afogou um grito, tal como Broc tinha imaginado.

—Não é comida, chama-se Beatrice. E se tocar em uma só pluma, prometo que...



—Sim, Lady Ives? O que promete? —perguntou ele, inclinando-se para lhe falar no ouvido— Torturar-me? Bater? Envenenar-me? Há algo que você ou seu pai ainda não tenham feito comigo?

—Refreie seu temperamento, escocês —disse ela. Ao estalar a língua, o cavalo colocou-se em marcha.

Surpreso pelo súbito movimento, Broc soltou as rédeas e a segurou pela estreita cintura. Quase não tinha espaço onde agarrar-se, por isso tentou recuperar as rédeas. A resposta da jovem foi um tapa. Seu respeito pelos anjos estava diminuindo muito.

—Deveria segurar-se melhor, Lorde Maxwell. Se cair do cavalo, não poderei erguê-lo novamente.

—Se não tivesse me envenenado, não haveria risco de que caísse.

Ela endireitou-se e deteve o cavalo.

—Use a capa para amarrar-se a mim.

Embora não gostasse de seu tom, a sugestão tinha sido uma idéia muito atraente. Rodeou-se com a capa e amarrou as pontas ao redor da cintura da jovem, enquanto ela tirava o cabelo das costas e o recolhia em uma trança. Ele não via o que fazia, e tampouco tinha sensibilidade nos dedos.

Lady Ives afogou um grito e ergueu-se ainda mais, golpeando-o no queixo com o ombro.

—Lorde Maxwell! Cuidado com essas liberdades!

Broc soltou a capa, desejando saber exatamente onde a havia tocado. Amaldiçoou a beberagem que tinha roubado suas memórias.

—Perdão, mas não sinto as mãos.

Ela amarrou os extremos da capa e esporeou o cavalo, que saiu disparado. Durante um momento, nenhum dos dois falou.

Broc olhou por cima do ombro e tranqüilizou-se um pouco. Os homens da guarda do rei deviam ter tomado o caminho do rio. De outro modo, já os teriam alcançado. Admitiu, em silêncio, que Lady Ives tinha tomado a decisão certa. Era um anjo inteligente, teimoso como poucos, mas não faltava-lhe cérebro debaixo daquele duro crânio. Perguntou-se que outros segredos guardaria em sua bonita cabeça. Seria possível que soubesse quem estava envenenando o rei? E se assim fosse, seria capaz de convencê-la para que dissesse o nome? Com sorte, seria o homem que Aiden e ele tinham ido a Londres destruir. O irmão do rei Eduardo, o duque de Gloucester, sem dúvida, tinha motivos para desejar a morte do monarca.

Fechou os olhos. Muitas esperanças descansavam só em acusações, em incertezas. Precisava de provas. Assim que chegassem a Hertfordshire, dedicaria-se a convencer Lady Ives de que podia confiar nele. Era uma tarefa muito atraente.



Quando o intumescimento apoderou-se de seu corpo, inclinou-se para frente e se apoiou nas costas dela. Por desgraça, o sentido do olfato não o tinha abandonado e sua fragrância o atormentou durante toda a tarde. E ainda pior. Ao colocar o cabelo por cima do ombro, uma parte da pele de alabastro da jovem ficou a descoberto. O desejo de provar este pedacinho era enlouquecedor.

Como era possível que todo seu corpo estivesse insensível menos uma parte?

«Pelos pregos de Cristo, preciso de uma mulher.»



Capítulo 3

O crepúsculo desceu sobre eles com uma luz mortiça. Os bosques eram cada vez mais frondosos de ambos os lados do caminho e uma sufocante névoa cinzenta os envolvia. Olhos amarelos a olhavam de todos os lados, brilhantes, zombando dos números que foram acumulando-se na cabeça de Lizzy até que esta sentiu que ia desmaiar.

Soltou as rédeas. O garanhão relinchou e deu alguns passos para trás.

—Lorde Maxwell, temos que parar. Está anoitecendo.

—Não. Siga um pouco mais. Temos que cruzar o bosque —respondeu o escocês sem mover-se. Sua respiração regular acariciava-lhe o pescoço.

Lizbeth sentia o coração na garganta. Engoliu em seco e escutou os ramos mais próximos. Estava certa de que iam atacá-los a qualquer momento. Tentou puxar as rédeas com as palmas das mãos suadas.

—Vamos, anjo, não permita que a escuridão roube sua coragem —sussurrou-lhe lorde Maxwell muito perto de seu ouvido. O rico timbre de sua voz fez com que seus calafrios se intensificassem.

—A escuridão roubou minha coragem há muitos anos.

—Mas hoje escapou de seus inimigos na escuridão.

Lizbeth sabia o que estava tentando fazer. Depois da morte de sua mãe, Edlynn tinha passado noites inteiras tentando convencê-la de que era valente, de que não havia monstros na noite. Mas ela sabia que isso não era verdade.

Sentiu uma grande angustia ao recordar os escuros e maléficos olhos de lorde Hollister.

—Temo que seu ânimo não está adiantando para nada. Não posso continuar.

Ouviram-se um ruído de folhas movendo-se à direita. Lizbeth voltou a cabeça para ver e, ao fazê-lo, roçou a face de Lorde Maxwell, áspera pela barba de vários dias. Queria gritar, chorar, ocultar o rosto em seu pescoço e esconder-se.

—E se disser que a estalagem está logo na saída deste bosque?

Estava mentindo. Estava certa disso. Mas e se dissesse a verdade? Ali poderia esconder-se da noite.

—Jure por sua alma.

Ele pôs-se a rir. Não as gargalhadas, mas ouviu ressoar sua risada em suas costas.

—Juro. Coloco Deus como testemunha de que não acontecerá nada neste bosque.

Ela acariciou o pescoço do cavalo e apertou ligeiramente os joelhos para que seguisse adiante. Era absurdo procurar consolo nas palavras do escocês. Em seu estado atual, Beatrice seria mais capaz de protegê-la do que ele.



—Quando chegarmos à estalagem, chame-me de Julian. O nome do hospedeiro é John. Ele é quem...

—Que irá procurar Edlynn? —Lizbeth acabou a frase em seu lugar, enquanto examinava o bosque de um lado a outro.

—Sim.

—Continue —ordenou ela, concentrando-se em suas instruções para não pensar no mundo de escuridão que se estendia depois das árvores. Um animal uivou e um bando de pássaros saiu voando.

—Meu estado despertará suspeitas, e o cavalo também. Quando vier um escudeiro ocupar-se dele, procure John.

—E como explico o seu estado?

—Diga que me embebedei celebrando nossas bodas.

—Nossas bodas? Quer que me faça passar por sua esposa? —«Sua esposa?» O escocês estava louco. Lizbeth puxou as rédeas sem dar-se conta e o garanhão protestou, cabeceando.

Os lábios de Lorde Maxwell roçaram-lhe o ouvido.

—Sim, é uma noiva linda, Lizbeth.

Ela sentiu uma comichão.

Acabava de beijar-lhe o pescoço?

«Virgem Santa!» Acabava de beijar-lhe o pescoço! O medo que rondava dentro dela subiu-lhe pelas costas e derramou-se por toda sua pele, como cera derretida. Apertou as pernas sem dar-se conta e o cavalo saiu disparado.

Segurou as rédeas com força. «Vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove...»

Por que a teria beijado? Ninguém tinha tentado fazê-lo antes. A profissão de seu pai fazia que manter intacta sua virtude fosse muito simples. É obvio, o cinto de castidade também ajudava.

—Freie, anjo, ou vai entrar na cozinha de John.

Lizbeth abriu os olhos. Quanto tempo fazia que os tinha fechado? O caminho se alargou dando passagem a um vale coberto de grama. A luz do crepúsculo fazia brilhar o primeiro toque da noite. Viu a estalagem ao pé de uma colina, junto a um riacho. Deixou escapar o ar, tranquilizando-se, mas embora o pulso fosse se normalizando, a comichão no pescoço não passava. Levou os dedos ao lugar exato.

—Por que me beijou?

—Foi um beijo pequeninho.

—Mas um beijo, de qualquer forma. Por que?

—Para anima-la a cruzar o bosque. E funcionou. Agora tudo ficará bem.



Ela voltou-se para olhá-lo. Os olhos azuis do escocês brilhavam, maliciosos, à luz da lua. Achava-se muito esperto, não? Mas em vez de discutir com ele, deixou-lhe ganhar dessa vez e guiou o cavalo até a estalagem.

Um ramo estava pendurada na porta de entrada e a brisa transportava o aroma de cerveja. Os barris vazios que se amontoavam à entrada disseram que, mais que uma estalagem, aquilo era um botequim. Sem dúvida cheio até as bordas de bêbados. Por que não estranhava que o escocês fosse um habitual freguês daquele lugar?

—Julian! —exclamou uma mulher robusta da entrada. Seus seios saltaram sobre o apertado espartilho, enquanto descia os degraus para recebê-los. Um menino magro, de não mais de oito anos, seguiu-a de perto e segurou as rédeas do cavalo.

—Celeste, está tão bem como sempre. Quero apresentar-lhe a minha esposa —disse Lorde Maxwell, arrastando as palavras ao falar. Era a viva imagem de um bêbado.

—Sua esposa? —repetiu a mulher, arregalando os olhos.

Lizzy sorriu com doçura enquanto engolia suas opiniões e as guardava para outro momento. Além de surpresa, a tal Celeste parecia um pouco aborrecida. Lizbeth não se considerava tão singela. Custava tanto aquela mulher acreditar que pudesse ser sua esposa?

—E desde quando você tem uma esposa? —perguntou finalmente com os braços abertos e elevando uma fina sobrancelha.

Lizzy pensou que as sobrancelhas eram a única parte fina de seu corpo, enquanto a taberneira, por sua vez, inspecionava-a abertamente.

—Julian e eu nos casamos esta tarde —mentiu, surpresa de como soou verdadeiro— e depois se pôs a beber e não parou. —Ansiosa para livrar o cavalo do peso dela e do escocês, desfez os nós da capa que os tinha mantido unidos durante as últimas horas e passou uma perna sobre os arreios. Ao tocar o chão com os pés, uma dor aguda subiu-lhe pelas coxas até as costas. Tinha o vestido colado ao corpo, empapado no suor de Lorde Maxwell. A febre devia ter começado a baixar.

Voltou-se a tempo de ver como ele deslizava por um lado do cavalo e, ao não poder manter-se em pé, caiu sentado no chão.

—Lorde... Louvado seja o Senhor! —retificou Lizzy.

—Pelos pregos de Cristo! Rápido, vá procurar John e Smitt.

O menino saiu disparado enquanto a mulher se deixava cair de joelhos, de um modo exagerado, ao lado de Lorde Maxwell. Lizzy ficou quieta a seus pés, retorcendo as mangas. Fixou-se nas profundas olheiras debaixo dos cansados olhos azuis. Tinha os lábios muito secos e a pele avermelhada e coberta de suor. Deveria ter cuidado dele um pouco melhor.

Dois homens saíram correndo do botequim, um moreno e bonito; o outro, alto, magro e calvo.



—Por todos os demônios! O que houve, Celeste? —perguntou o alto.

—Ao que parece, Julian caiu em um barril de cerveja —explicou a mulher, aborrecida.

—Olá, John —saudou Lorde Maxwell, sorrindo com esforço— Tem um quarto para nós? É nossa noite de bodas.

O outro inclinou a cabeça e o olhou por cima de seu largo nariz.

—Casou? —perguntou, olhando para Lizzy com curiosidade.

Ela assentiu com a cabeça, decidindo que devia ser um pecado menos grave que mentir com todas as letras.

—Ocupe-se do cavalo, menino —disse John— Celeste, vá procurar um pouco de caldo para o senhor Julian e sua nova esposa. Agarre-o pelos ombros, Smitt.

O homem parecia acostumado a dar ordens, e todos o obedeceram sem pestanejar. Ele e o que chamavam Smitt o levantaram do chão. Lizzy os seguiu ao interior do botequim, mas não pôde evitar olhar por cima do ombro o cavalo que se afastava, levando consigo tudo o que restava no mundo: o ouro, as ervas, Beatrice, o documento que tinha roubado de lorde Hollister...

—Julian, e nossas coisas?

—John, que o menino traga as coisas ao nosso quarto.

—Sim, senhor. Menino, ouviu, não?

—E Beatrice?

—Traga a galinha também! —gritou Lorde Maxwell, enquanto entravam.

—A galinha tem nome? —perguntou John.

—É uma espécie de animal de estimação.

—Sua flamejante esposa tem uma galinha como animal de estimação? Onde a encontrou?

—Leve-me até uma cama e contarei tudo.

Lizzy não separou-se deles enquanto cruzavam a sala repleta de gente e de bom humor. As risadas das mulheres destacavam-se sobre as vozes mais graves dos homens. Uma moça, com o espartilho frouxo sob os seios, dedicou um sorriso coquete a um grupo de paroquianos reunidos ao redor de uma mesa. O largo decote escorregava constantemente pelo ombro, deixando ao descoberto muita mais carne que Lizzy estava acostumada a ver em público. A moça atraía os olhares de todos os homens exceto de um, um cavalheiro com o cabelo castanho recolhido em uma tira, que percorreu Lizbeth com o olhar, de cima abaixo.

Sua expressão mudou bruscamente.

Ela aproximou-se de John tanto quanto podia e tentou recordar se conhecia o homem. Tinham passado tantos pelos calabouços. A teria reconhecido? Teria cuidado dele, alguma vez?



Nunca se afastaria o suficiente de Londres. Seu passado a perseguiria por toda a vida, mas não teria que voltar a falar disso. O rosto de Kandem apareceu-lhe na mente, cheio de vida e de risadas. Sentiu uma opressão no peito.

—Moça, se aproximar-se mais, vai me atravessar —disse John por cima do ombro.

Lizzy afastou-se um pouco.

—Perdão —desculpou-se, tentando esconder o rosto com a trança, enquanto seguia os homens escada acima.

Entraram em um quarto escuro, mobiliado com simplicidade, mas sem dúvida muito mais acolhedor que seu quarto na Torre de Londres. Ao lado da cama havia uma mesinha com uma jarra e dois copos de estanho. As chamas de uma lareira quase apagada refletiam-se em um banco de madeira que tinha conhecido melhores dias. A fumaça não conseguia ocultar o aroma de perfume e Lizbeth perguntou-se se os quartos estariam vazios em algum momento.

Abriu a janela e respirou fundo, desfrutando do fresco ar da noite e de uma vista não obscurecida por barrotes de ferro. Viu o menino, carregado com suas sacolas. Pediu a Deus que lhe desse forças para curar Lorde Maxwell antes de cair exausta.

Ao dar a volta, viu que já o tinham deixado na cama, de barriga para cima.

—Por favor, poderiam pô-lo de barriga para baixo antes de saírem?

—Funcionará melhor se antes deitar-se na cama —replicou o bonito Smitt, com um sorriso e uma piscadela.

Lizbeth ruborizou-se tanto que sentiu o rosto em chamas. Abriu a boca para dizer algo, mas pensou melhor e apertou a mandíbula.

—Quer que Celeste fale com ela? —ofereceu John a Lorde Maxwell em tom sincero.

—Não é minha esposa —respondeu este.

Surpresa, Lizbeth perguntou-se a quem quis enganar então, se não ao hospedeiro.

—Não é? —estrANHou Smitt, interessado—. É a esposa de alguém? —perguntou a seguir, caminhando para ela com fanfarronice, e deixando de dissimular seu acento escocês.

Mas não, devia ter imaginado. Aquele homem era muito bonito para ser escocês. Era quase muito bonito para ser um homem. E não tinha nenhuma dúvida de que a estava olhando como se ela fosse um prato de carne recém cozinhada e ele um morto de fome. Obrigou-se a recuperar a voz:

—Não, não tenho marido.

Smitt levantou-lhe o queixo, segurando-o entre os dedos.

—Está procurando um? —inquiriu, olhando-a com olhos de um castanho tão intenso e quente como o mel. Seus cílios, em compensação, eram negros como o carvão, e seu sorriso podia fazer com que uma moça esquecesse até de seu nome. Sem fazer caso das



advertências de sua mente, seu coração saltou vários batimentos. Além dos prisioneiros, os homens não estavam acostumados a fixar-se nela, e menos ainda tão bonitos.

—Afasto-se dela, Smitt. Não está procurando marido —respondeu Lorde Maxwell da cama.

Lizbeth inclinou-se um pouco para olhá-lo por trás dos largos ombros de Smitt. Franzia o cenho de um modo pouco amistoso: com as sobrancelhas juntas e os lábios muito apertados. Como sabia que não estava procurando marido? Sem dúvida, aquele Smitt era bastante grande para protegê-la. Talvez devesse expor-se a outras possibilidades, antes de ir à abadia de Fountains.

—Então, por que disse que era sua esposa?

—A estas horas, a guarda do rei provavelmente esteja nos procurando. O cavalo no qual chegamos pertence à coroa.

John esperou pacientemente que lhe desse mais informações, arranhando a barba ruiva.

—Pareceu melhor fingir que éramos casados. Preciso que ela passe a noite aqui sem que sua esposa coloque o nariz no assunto —acrescentou, fazendo uma careta e umedecendo os lábios.

—Minha esposa não coloca o nariz onde não é chamada.

—Celeste é uma boa mulher —admitiu Lorde Maxwell, revirando os olhos— mas quando mete na cabeça fazer fofoca, não há quem a afaste de seu objetivo. Jogo as terras de meu pai que agora mesmo está tagarelando com todas as empregadas do botequim.

John juntou os dedos atrás da cabeça e jogou os cotovelos para frente.

—Smitt, pode ir ver se Celeste precisa de ajuda na cozinha? Tenho que falar com Lorde Maxwell.

—Trago-lhe alguma coisa, senhora? —perguntou Smitt antes de ir, pondo o cabelo de Lizbeth atrás da orelha.

Ela pareceu sair de um transe. Por homens como Smitt era que os pais protegiam suas filhas com cintos de castidade. Voltou a esconder o rosto com o cabelo e se concentrou na tarefa que tinha pela frente.

—Lençóis limpos, um recipiente para esquentar água, caldo e assegure-se que o menino suba todas as minhas coisas em seguida, incluindo a galinha.

—Como desejar —respondeu Smitt. Embora não parecia contente com seus pedidos, inclinou-se sobre sua mão e beijou-lhe os nódulos antes de retirar-se.

Lizzy encheu um copo de água e o aproximou da cama. Levantando a cabeça de lorde Maxwell, ajudou-o a beber. Este não se fez de rogado. Bebia com tanta ânsia, que a água derramou-se pelo queixo até chegar ao peito.

—Mais —foi a única coisa que disse ao terminar.



—Espere o caldo. Assim que vier, darei-lhe o jantar.

—O que há? Vi muitos bêbados em minha vida, mas nenhum que seja incapaz de aproximar a taça da boca.

—Não está bêbado. Seu corpo está reagindo a uma poção. Pela manhã estará como novo —explicou ela. Não precisou aproximar a mão de sua pele para notar o calor que desprendia. Provavelmente estava há horas sentindo os efeitos do acônito, mas não se queixou nenhuma vez. A planta atacaria o estômago de uma maneira muito desagradável quando começasse a passar o efeito.

—Envenenaram-no? —perguntou John.

Lizbeth sentiu-se acusada pela pergunta do hospedeiro. Além disso, o sorriso que Lorde Maxwell não se incomodou em ocultar não acalmou o aborrecimento que sentia.

—Não é veneno —defendeu-se, mas mudou de assunto em seguida— Talvez fosse um bom momento para falar com John sobre o que me prometeu —disse, esperando que cumprisse sua palavra e enviasse alguém para procurar Edlynn.

Lorde Maxwell assentiu levemente com a cabeça e para Lizbeth bastou. Aproximou-se da lareira para avivar o fogo e poder esquentar água, sem deixar de escutar o que falavam os dois homens. Pela confiança com que o faziam, deviam conhecer-se há tempo.

—Onde está seu irmão? —perguntou John.

Lizbeth voltou a cabeça por cima do ombro. Lorde Maxwell devolve-lhe o olhar. Rezou para que não dissesse ao hospedeiro quem era ela. Tinha carregado muitos segredos na vida e, na medida do possível, não tinha intenção de dizer a ninguém que era a filha do verdugo.

—Aiden não sobreviveu à Torre —respondeu o escocês, em voz baixa.

Suas palavras entristeceram a Lizzy profundamente.

—Sinto muito —disse John— era um bom homem. —Depois de um longo silêncio, o homem soltou uma maldição. Baixou o candelabro do teto e acendeu todas as velas antes de voltar a subí-lo— Suponho que está indo para a fronteira.

—Sim.

—E a moça? —acrescentou, estudando-a com interesse.

—Vem ao norte comigo.

—O que fará lá?

—Isso eu não sei —respondeu Lorde Maxwell, olhando-a também.

Era óbvio que ambos esperavam uma explicação de sua parte. Uma explicação que não sentia-se preparada para oferecer. Já tinha lhe falado da conspiração para matar o rei Eduardo, mas sabia muitas coisas. Podia confiar neles? Estariam os príncipes em perigo se os escoceses soubessem que eram bastardos? Só podia confiar em um homem: o protetor da Inglaterra.



—Vou para Yorkshire —disse, voltando-se para a cama.

Nenhum dos dois homens disse nada.

—Preciso falar com o irmão do rei —continuou.

—Maldição —exclamou Broc, em voz quase inaudível.

—O duque de Gloucester? Está louca? —gritou John.

Lizbeth entendia sua preocupação. Tinha ouvido os rumores que acusavam Ricardo de Gloucester de querer a coroa, mas o conhecia pessoalmente e sabia que era um homem compassivo. Assim que entregasse as provas da conspiração contra o rei, Gloucester proporcionaria a ela um lugar seguro para esconder-se e ajudaria seu pai.

—Os nobres de Londres falam de sua maldade, mas são falatórios. O rei Eduardo confiou a ele o cuidado de seus filhos e o nomeou protetor do reino —explicou.

O olhar alarmado de John dirigiu-se para Lorde Maxwell.

—E vai escoltá-la até lá?

Ela aguardou a resposta com tensão.

O escocês fechou os olhos lentamente. Inspirou fundo e soltou o ar, antes de responder:

—Sim.

Lizbeth não percebeu o quanto tinha desejado ouvir essa palavra até que ele a pronunciou. O coração acelerou. Não tinha planejado fazer essa viagem sozinha, mas tampouco tinha contado que seu pai estivesse inconsciente no momento mais inoportuno. Sorriu a Lorde Maxwell e soltou o ar que tinha estado contendo.

—Irei com vocês —disse John— Quando buscar à anciã cega, voltamos para casa.

—Casa? —perguntou Lizbeth, confusa— É de Yorkshire?

—Não, da Escócia —respondeu, inchando o peito.

—Você também é escocês?

—Sim, e está na hora de minha mulher saber disso.

—Do que tenho que saber? —perguntou Celeste, entrando no quarto com o menino. Vinha carregada com uma bandeja repleta de pão, queijo, bebida e duas terrinas de caldo fumegante, que deixou sobre a mesa. O menino colocou as coisas de Lizzy sobre o banco, incluindo Beatrice em sua gaiola, e saiu rapidamente, sem dúvida para evitar que pedissem algo mais. Smitt agachou-se ao passar sob o gonzo da porta com um cubo de água em cada mão. Depois de deixá-los de qualquer maneira ao lado do fogo, foi agarrar um pedaço de queijo da bandeja.

—Largue isso! —ordenou-lhe Celeste, fazendo com que soltasse o queijo com um tapa.



Smitt fez um muchocho que teria abrandado Lizzy, mas a mulher limitou-se a tamborilar com os dedos sobre seus braços cruzados, enquanto esperava que o jovem partisse.

Lizzy conteve a risada até que Celeste piscou-lhe um olho. Cobrindo a boca com a mão para dissimular seu inadequado comportamento, verteu água na panela que estava suspensa sobre o fogo.

—Venha comigo, Celeste. Temos que falar. Deixemos Lorde Julian e a sua nova esposa com um pouco de intimidade —propôs John, agarrando-a pelo braço.

—Mas ainda não falei com ela. Não sei nem como se chama!

—Meu nome é Lizbeth —disse Lizzy, rodeando a cama e tomando a mão da mulher entre as suas— mas pode me chamar Lizzy, se quiser.

—Muito bem, Lizzy —replicou Celeste com um sorriso tão amplo que os olhos quase ficaram ocultos atrás das bochechas— Nos veremos amanhã ma hora do café da manhã.

—Obrigado por sua generosidade —acrescentou Lizbeth, enquanto saíam do quarto.

—Poderá cuidar dele sozinha? —perguntou John do corredor.

—Sim —respondeu ela, sem saber de onde tinha tirado tanta confiança. Voltou-se para Lorde Maxwell. Era um homem enorme e nunca tinha cuidado de ninguém daquele tamanho. Embora isso a intimidasse, para animar-se, disse a si mesma que no fundo era igual a qualquer outro homem. A diferença era que os outros não provocavam uma comichão no estômago.

Olhou-o de cima abaixo. Era alto, esbelto e estava convexo na cama como um amante impaciente. A comichão subiu-lhe até os mamilos, que endureceram. Abriu os olhos, surpresa, e cruzou os braços sobre os seios, para ocultá-los.

«Virgem Santíssima, controle-se! —advertiu-se— Só é um homem como qualquer outro.»

Foi repetindo essa mentira mentalmente enquanto se aproximava da cama, com o coração batendo loucamente.

Capítulo 4



Lizzy pôs um segundo almofadão atrás da cabeça de Lorde Maxwell para que pudesse comer algo.

—Têm fome?

—Sim —respondeu ele, abrindo os olhos de repente.

Lizbeth nunca tinha visto um tom de azul tão bonito em toda sua vida. Não era tão intenso como o azul do céu, um pouco mais pálido, com bolinhas cinzentas. Recordava-lhe à cor das contas do rosário de sua mãe.

Retirou a água quente do fogo e a deixou em uma mesinha, perto da cama. Empapou um pano na água e o escorreu. Começando pelo pescoço, começou a lavar-lhe a sujeira que tinha acumulado no calabouço. Cada parte de seu corpo que ficava a descoberto era atraente. Estava cansado e tinha olheiras pela falta de sono, mas nada que um bom descanso e uma boa comida não pudessem arrumar.

Afastou-lhe uma mecha de cabelo negro para lavar os restos de sangue seco que restavam no rosto. A pele branca dela contrastava com a mais escura dele, como se estivessem ressaltando suas diferenças. Tinha traços bem definidos: o nariz reto, as maçãs do rosto marcadas, a mandíbula quadrada. Eram os traços de um guerreiro da antiguidade. Parecia injusto que Deus tivesse outorgado tanta beleza a um homem.

Edlynn havia dito uma vez que na Escócia só havia trolls com cabelo vermelho que saiam pelas orelhas. Que eram os seres mais feios sobre a face da Terra. Certamente, Lorde Maxwell não coincidia com essa descrição.

Passou-lhe o pano pelas têmporas e depois pelas orelhas. Até mesmo estas eram bonitas.

—Lady Ives, estou gostando muito de suas caretas, mas pergunto-me se poderia me dar um pouco mais de caldo.

—Claro, perdoe-me —respondeu ela, baixando a cabeça para esconder as bochechas, que ardiam da vergonha. No que estava pensando para ficar assim, observando-o como se fosse um pedaço de carne? Aproximou-se da mesa, secando o suor da fronte com a manga. Levou a bandeja de comida até o tamborete ao lado da cama e voltou a sentar-se. Enquanto aproximava a colher de madeira de seus lábios, os olhos dele não se separaram dos seu em nenhum momento. Tinha que dizer algo.

—Tome o caldo; assim terá algo para jogar para fora. —«Brilhante, Lizzy. De todos os assuntos dos quais poderia falar, escolhe o vômito.» Certamente, a conversa não era o seu forte.

—Espero o momento com impaciência —replicou ele com um sorriso. As pequenas rugas que lhe apareceram nos olhos fizeram com que ela esquecesse do nervosismo.



Deu-lhe outra colherada, e outra. No silêncio, os números passavam em sua cabeça rapidamente, mas o olhar daquele homem fazia com que fosse incapaz de contar na ordem certa.

—Por que me olha assim?

—Nunca antes tinha tido a oportunidade de contemplar um anjo. Quero olhá-la até me cansar.

Lizbeth riu com vontade. As galanterias do escocês só conseguiam pô-la em guarda.

—Guarde seus elogios. Esse nome não me faz justiça. Não sou nenhum anjo.

—Alguém pensou que merecia este nome.

—Chamava-se Bartholomew. —Fazia anos que não pensava nele— Pelas noites chorava e pedia que os anjos fossem buscá-lo. A lepra o estava comendo vivo, enquanto aguardava a execução. Preparei uma poção que acalmasse a dor, mas a morte me seguiu até o calabouço. Encontrei-o atirado sobre a palha, iluminado pelo sol que entrava pela minúscula janela da cela. Pensei que tinha morrido e entrei para fazer o sinal da cruz, com água bendita.

—Um anjo e uma Santa. Deus benzeu-me com sua presença.

Lizzy colocou a colher na boca, olhando-o severa, para fazê-lo calar-se.

—Está zombando de mim.

Ele engasgou-se.

—Perdoe-me —disse, e fechou os olhos— Por favor, continue.

—Mas Bartholomew não estava morto. Agarrou-me e me suplicou que acabasse com sua vida. Quando me neguei, tirou-me a tocha e tocou fogo na palha. Seis prisioneiros morreram nessa noite, todos eles gritando ao anjo de Bartholomew que os salvasse. —Lizzy interrompeu-se, deixou a terrina vazia de lado e serviu-lhe um copo de água. Recordar o castigo que lhe impuseram fez com que suas mãos tremessem.

—Quantos anos tinha?

—Quatorze.

—Como escapou?

—Pelos túneis —respondeu ela, segurando-lhe a cabeça para que pudesse beber— Quando os homens de lorde Hollister controlaram o fogo, interrogaram os sobreviventes para saber quem tinha sido o culpado. Todos responderam o mesmo.

—Um anjo de fogo —adivinhou lorde Maxwell.

Ela assentiu e desejou que ele entendesse e deixasse de ridicularizá-la.

—Cuidou de muitos? —perguntou ele. Parecia realmente interessado.

—Sim. Quando minha mãe morreu, meu pai e eu nos mudamos da granja para a Torre. O carcereiro mais antigo e sua esposa me acolheram. Se fosse pelo homem, teria passado o tempo encerrada em meu quarto, mas sua esposa era muito amável. Era muito



jovem, era apenas cinco anos mais velha que eu. Teve piedade de mim e deixou que me ocupasse da despensa. Tinha acesso à comida e a outras muitas provisões, além das chaves que abriam todas as portas. Antes de fazer treze anos, já levava comida às escondidas para os prisioneiros.

—Se a tivessem descoberto, poderiam acusá-la de roubo —assinalou ele com o cenho franzido. Sua preocupação, embora desnecessária, comoveu-a.

Lizzy dedicou-lhe um sorriso e colocou um pedaço de queijo na boca.

—Edlynn cuidava da despensa antes de perder a visão. Ela me ensinou a mesclar ervas e eu ensinei-a a preparar fragrâncias com flores —recordou. Sua mãe nunca se afastava muito de seus pensamentos, como suas flores, e evocou o quanto sofreu no dia que o Senhor a levou.

—Por isso cheira tão bem. Como uma terrina de flores banhadas com mel.

Lizzy baixou o olhar, mas não pôde evitar sorrir de novo.

—Acho que sim.

Mas quando agarrou a segunda terrina de caldo, lorde Maxwell deixou de fazer perguntas e fechou a boca com força. Tocou-lhe o lábio inferior com a colher, mas negou-se a comer. Como poderia dizer uma coisa tão bonita e, um segundo depois, comportar-se como uma mula?

—Lorde Maxwell, é impossível que não tenha mais fome —Deixou a colher na terrina quando ele não disse nem fez nada mais— Posso saber o que o deixou tão teimoso logo agora? Tem que comer.

—Como você.

—Já comi —respondeu, e não era totalmente mentira.

—Quando?

—Meu pai trouxe carne seca Na sexta-feira Santa.

—Faz dois dias? —perguntou ele, revirando os olhos— Por isso têm menos carne nos ossos que essa sua galinha.

Tinham passado dois dias? Olhou a terrina de caldo tentando recordar a última vez que tinha comido. Seu estômago fez um ruído, recordando-lhe que fazia muito tempo.

—Se quiser que a proteja, tem que comer —disse lorde Maxwell, em um tom que pareceu pomposo.

—Não vou estar sob seu amparo.

—Coma.

Lizbeth tomou o pão da bandeja e mordeu um pedaço com os dentes. Teve que reprimir um gemido de prazer. O pão ainda estava quente. Era surpreendentemente doce. Deu outra dentada e logo outra. Com a boca cheia, deixou o pão na bandeja, ignorando o



olhar satisfeito de Lorde Maxwell. Enquanto mastigava, voltou a encher a colher de caldo e a levou aos lábios do escocês.

Este negou com a cabeça, uma vez mais.

—É pior que uma criança —exclamou ela, exasperada— Abra a boca. — Esperou, com a colher na mão, com vontades de apagar a arrogância de seu rosto com uma bofetada— São todos os escoceses igualmente teimosos?

Ele não respondeu, sabendo que ela teria aproveitado o momento para colocar-lhe a colher na boca e ganhar assim sua absurda disputa. Lizzy supôs que não seria dos que aceitam uma derrota com elegância.

—Este jogo não tem sentido. Tenho todas as chances de ganhar. E se me provocar, verá as medidas que posso tomar para obrigá-lo a comer e não vai gostar nada. Venha, abra a boca ou terei que fazê-lo eu —acrescentou sorrindo, satisfeita com sua ameaça.

Ele ergueu as sobrancelhas e expulsou o ar com força pelo nariz, para deixar claro que não iria obedecer.

Então Lizbeth inclinou-se, tapou-lhe o nariz com dois dedos e esperou. Ele conteve a respiração durante um período de tempo impressionantemente longo, antes de abrir a boca. Colocou a colher na boca ao mesmo tempo que respirava.

Engasgou-se e começou a convulsionar com um forte ataque de tosse. Lizbeth deixou o caldo de lado e o ergueu, com cuidado de não tocar-lhe as costas. Por que tinha que ser tão difícil? E a ela, que bicho a tinha mordido para querer impor sua autoridade de qualquer forma? Virgem Santíssima, aquele homem tinha sido torturado por seu pai. O que precisava era de cuidados, não mais torturas.

Manteve-se abraçada a ele, a uma distância curta, muito curta. A culpa somou-se à avalanche de sensações que tinham surgido desde que conheceu lorde Maxwell. Sentia-se em dívida com ele porque seu pai tinha matado seu irmão. E o desespero a tinha feito acreditar que podia confiar nele e pedir-lhe amparo.

Quando voltou a respirar normalmente, deixou-o cair de novo sobre os travesseiros. Seu peso fez com que ela se inclinasse com ele e que as mãos ficassem presas sob seus ombros. Estava bastante perto para beijá-lo. Porque estava medindo a distância que os separava em beijos, não tinha a menor idéia. Só sabia que seus olhos e seus lábios faziam com que sua garganta secasse e que o coração acelerasse.

O escocês passou a língua pelos lábios.

—Por cada colherada que tomar, vocês tomará outra. Não quero morrer afogado no caldo.

—De acordo —cedeu Lizzy. Não tinha vontade de discutir.

la dando-lhe pequenos pedaços de queijo entre as colheradas. E embora não dissesse nada mais, sabia que ele sentia-se satisfeito de sua pequena vitória por seu leve sorriso.



Deu-lhe água, afastou a bandeja e rebuscou entre as coisas que o menino tinha deixado sobre o banco. Colocou sobre a mesa o morteiro, oito saquinhos de ervas diversas, uma agulha e fio de seda.

—Vai preparar mais veneno? —ouviu perguntar lorde Maxwell da cama.

Aquele homem não sabia ficar calado. Teve a tentação de acrescentar alguma erva para amortecer-lhe a língua. Foi medindo as porções de seu remédio, enquanto pensava em suas palavras. Quando estava amassando as ervas no morteiro, ocorreu-lhe uma boa resposta.

—Pode ser que desta vez tenha sucesso. Um escocês a menos que meu rei terá que matar.

—Não fala sério.

—Tem certeza? —Caso insistisse em continuar chamando de veneno a seus remédios, não se incomodaria em discutir.

Acrescentou água às ervas moídas para formar com elas um unguento, que aplicaria sobre suas feridas mais tarde. Depois tirou uma faca de sua capa de peles e dirigiu-se a ele com um sorriso maldoso. A maioria dos habitantes de Londres pensava que estava louca, então tinha aperfeiçoado o papel e o tinha usado em seu próprio benefício em mais de uma ocasião.

— Talvez não me faça falta. Talvez não consiga um bom equilíbrio de seu corpo e sangue até morrer. Mas aí já terei a poção preparada para o próximo escocês obstinado e arrogante que insultar minha generosidade e meu talento para curar.

Os olhos dele arregalaram-se.

—Lady Ives, por favor, me perdoe. Não era minha intenção insultá-la.

Lizzy conduziu o jogo alguns segundos mais, mas logo dedicou-lhe um sorriso travesso.

—Tranqüilize-se, estava brincando. Não tenho nenhuma intenção de envenená-lo, nem de abrí-lo ao meio —acrescentou, fazendo um pequeno corte na camisa com a faca— Suponho que John poderá conseguir outras roupas.

—Sim —respondeu ele, com um suspiro de alívio.

Ela continuou cortando até que o peito dele ficou a descoberto e teve que morder o lábio diante do espetáculo de seus músculos. Mesmo no estado atual, coberto de hematomas, era um espécime masculino de primeira qualidade. Sentiu a necessidade de enredar os dedos nos pêlos que nasciam no peito e, seguindo uma linha, desciam por seu musculoso estômago até desaparecer por debaixo do umbigo, dentro das calças. Seus mamilos endureceram. «Maldição.» Era uma curandeira patética.

Cortou-lhe as mangas e deixou a faca ao lado da água quente, torcendo para que ele não houvesse percebido o ligeiro tremor de suas mãos. Escorreu o pano e seguiu lavando-o.



Começou pelo ombro e desceu por um braço musculoso. Estudou as linhas da antiga tatuagem que lhe rodeava o braço. Ao fixar-se, viu que eram três letras que se repetiam: «g», «r» a». Ia perguntar o que significavam, mas a visão de seu corpo a deixava sem fala.

Mudou o pano de mão e começou a explorar-lhe o torso, procurando costelas quebradas, mas também adorando o toque em sua pele. Nunca tinha curado um homem tão atraente. Uma onda de calor percorreu-lhe o corpo até chegar entre suas coxas. Sentiu que o pulsar acelerava-se na parte mais íntima de seu corpo e assustou-se. Nunca tinha experimentado algo assim. Assaltou-a o pânico e apertou os dedos, cravando-lhe nas costelas.

—Ach! —exclamou o escocês.

—Machuquei você? —perguntou Lizzy, retirando a mão de repente.

—Não —respondeu ele, rindo— É que não posso suportar este silêncio, nem esta imobilidade.

Lizbeth deu-lhe um golpe no braço, agradecida por sua interrupção que permitiu-lhe recuperar, em parte, sua dignidade.

—Tem as costelas um pouco machucadas, mas não estão quebradas. Preciso que Smitt ajude-me a enfaixá-las quando acabar de curar suas costas.

—Eu também precisarei da ajuda de Smitt, a não ser que queira ocupar-se você mesma de minhas necessidades privadas —replicou ele com uma piscadela.

—Oh, por favor —protestou Lizzy, perguntando-se como era possível ruborizar ainda mais. Passou a mão pela fronte para enxugar o suor. Mas a essa altura já escorregava entre os seios e pelas costas. Tinha que tirar a roupa antes de derreter. Se abanou. Fazia tanto calor ali dentro como nas cozinhas do inferno.

Ao pé da cama, tirou as falsas mangas do vestido, e aproveitou para tirar também uma das muitas sobre-saias que usava, assim como as botas. Enquanto arregaçava as mangas da túnica, retornou ao seu lado.

—Vou virá-la.

—Boa sorte —foi a resposta dele, que arrancou um sorriso dos lábios da sufocada Lizzy.

Dizia coisas muito curiosas.

Colocou-lhe os braços em ambos os lados do corpo e o empurrou pelo ombro e o quadril. Mover a ponte de Londres teria sido mais fácil. Depois de duas tentativas e vários grunhidos, conseguiu virá-lo.

Tinha a camisa colada ao corpo em cada uma das marcas das chicotadas. Lizbeth amaldiçoou o trabalho de seu pai.

—Sinto muito o que meu pai fez a você.



—Não é sua culpa. Não se preocupe, não sinto nada. Mas depressa, acabe antes que passe o efeito dessa sua poção.

—Sim, mas não fale. Procure descansar. Amanhã precisará de todas as suas forças — disse ela, cortando o que restava da camisa e inspecionando as feridas causadas pelo látigo. Algumas eram somente linhas rosadas superficiais, mas pelo menos três eram profundas, como talhos de espada.

Curar essas feridas deveria ter sido uma tarefa aborrecida e monótona, mas nada que tivesse a ver com lorde Maxwell era tedioso. Uma das chicotadas tinha feito uma ferida abaixo da cintura. Baixou-lhe um pouco a calça para curá-lo, deixando a metade do traseiro a descoberto. Não pôde resistir à tentação de tocá-lo, consciente de que ele não se daria conta. O fino pêlo que o cobria fez cócegas em seus dedos. Não havia dúvida, tinha o traseiro tão bonito como o resto do corpo.

Sacudiu a cabeça para afastar esses pensamentos absurdos e se concentrou na tarefa que tinha pela frente. Agarrou a agulha e, levantando as saias até os joelhos, sentou-se sobre as coxas dele. Não ia arriscar-se a não fazer um bom trabalho só porque não seria indicado esta posição para uma dama.

Ele deixou escapar um gemido.

—Peso muito? —perguntou ela, erguendo-se sobre os joelhos e desejando que dormisse e a deixasse trabalhar tranquilamente.

—Não. Um mosquito pesaria mais que você. Mas tem sorte que não possa voltar-me.

Outra corrente de calor a assaltou. Amaldiçoando a reação de seu corpo a suas palavras, tentou não esfregar-se contra ele.

—Considerarei-me afortunada então —disse, tentando não soar irônica.

Voltou a sentar-se sobre as pernas dele e começou a costurar as feridas, contando os pontos que dava para relaxar. O vento que soprava lá fora contrastava com a paz do quarto, só quebrada pelo movimento de Beatrice em sua gaiola.

—Tem família em Londres, além de seu pai? —perguntou lorde Maxwell, interrompendo sua concentração. Não podia ficar calado por um momento que fosse?— Irmãs? Irmãos? Filhos, talvez? —insistiu, ao ver que ela não dizia nada.

Suas perguntas recordaram como era sozinha no mundo. Não ia responder, mas o homem parecia não gostar do silêncio. Falava mais que Edlynn. Responderia ao que perguntasse e, em troca, exigiria-lhe que descansasse.

—Não tenho ninguém além de meu pai e Edlynn.

—É viúva? Parece um pouco..crescida para não ter se casado ainda. A anciã mencionou um homem que a protegia...

—Lorde Maxwell —interrompeu ela com os dentes apertados— tem que descansar, e eu trabalho melhor com um pouco de silêncio. Aonde quer chegar?



—Quem é Kandem?

Lizzy sentiu que as lágrimas nublavam-lhe os olhos. Fechou-os e viu Kandem e seus filhos, brincando na porta da cabana de Edlynn. Sua risada era tão contagiante que, mesmo então, sorriu ao recordar. Engoliu em seco e esfregou os olhos com as palmas das mãos.

—Tenho vinte e três anos e há muito tempo aceitei que nunca me casarei nem terei filhos. Meu pai é verdugo como seu pai e seu avô antes dele. O sobrenome Ives foi maldito pelo sangue dos executados, durante gerações. É um ofício que rouba a prudência e condena a alma de um homem ao mesmo tempo. Não posso trazer um filho a este mundo, sabendo o destino que o esperaria.

—Kandem era meu irmão, o encarregado de continuar com a maldição familiar. E agora, se tiver satisfeito sua curiosidade, faça o favor de descansar... em silêncio.

—Como morreu?

Lizzy apertou os dentes e segurou com força a agulha, reprimindo o impulso de cravar-lhe nas costas.

—Lorde Maxwell, de verdade, eu...

—Será minha última pergunta, moça, juro.

O coração bateu com força no peito. A dor continuava intensa como há seis meses atrás, quando seu irmão a tinha deixado virtualmente sozinha no mundo.

—Foi executado.

Embora estava certa de que queria continuar investigando, lorde Maxwell cumpriu sua palavra e não disse nada mais. A morte sempre despertava a curiosidade das pessoas. A maioria não conseguiria resistir a tentação de fazer perguntas mórbidas sobre esse ofício que, em determinadas ocasiões, obrigava um pai a acabar com a vida do próprio filho. Ainda sentia a mão de lorde Hollister segurando-a pelo queixo para obrigá-la a contemplar a atrocidade. Ainda sentia o cheiro das verduras podres que tinham ficado grudadas em seu cabelo. O aroma tornava-se mais intenso cada vez que fechava os olhos.

—Sinto muitíssimo por sua perda —disse finalmente lorde Maxwell, com uma voz carregada com sua própria dor.

Sua compaixão tinha muito valor. Aquele homem acabava de presenciar a morte de seu irmão, e, entretanto, era capaz de sentir a dor de uma perda que tinha acontecido meses atrás. Lizzy cobriu a boca com a mão, para não deixar escapar o sofrimento. A garganta pela vontade de chorar, mas conseguiu conter-se e devolver a dor ao seu lugar, no mais fundo de sua alma.

—E agora, vai descansar de uma vez? —perguntou quando recuperou a compostura.

—Sim —respondeu ele, fechando os olhos.

Fez-se o silêncio.



Lizbeth voltou a costurar as feridas, perdendo-se na simplicidade dos números. Depois de dez pontos, a respiração pausada de lorde Maxwell transformou-se em sonoros roncos. Realmente, aquele homem não gostava do silêncio.

Depois de amarrar o ponto número cinquenta e sete, Lizzy desceu da cama com câimbras nas pernas. Sentia uma comichão nos dedos e doía-lhe as costas das horas que tinha passado inclinada sobre ele. Depois de lavar-se, buscou entre suas coisas o pote de barro onde guardava as sanguessugas, mas não as encontrou.

Foi até a janela e olhou para os estábulos. O menino devia ter esquecido ali alguma das sacolas.

A lua tingia o chão de azul, transformando-o em um mar luminoso. As altas silhuetas das árvores formavam um muro protetor ao redor do botequim. Lizzy forçou os olhos procurando algum cavaleiro, embora soubesse que era impossível que John estivesse de volta com Edlynn. Benzeu-se e ergueu uma silenciosa oração pela segurança de sua amiga.

A guarda real não tinha encontrado seu rastro, senão, os teriam detido a esta altura. «Agora tudo ficará bem», pensou, usando as palavras de Lorde Maxwell. Colocou a capa e cobriu o rosto com o capuz antes de sair do quarto. O azedo aroma da cerveja e dos corpos sujos a guiou até a sala, onde só restavam alguns paroquianos dormindo sobre as mesas. Pegou uma das lamparinas da parede e dirigiu-se aos estábulos, acompanhada pelo canto dos grilos. Encontrou o garanhão e sussurrou-lhe com doçura, enquanto acariciava seu pescoço. A sacola estava caída no chão, com as sanguessugas dentro.

Ouviu risadas a suas costas, seguidas de um gemido e um grunhido. A última coisa que precisava era acharem que estava espiando. Agarrou suas coisas e saiu correndo para a luz da lua.

A ponta de uma adaga apontando para seu rosto fez com que se detivesse

—É sua filha, não é?



Capítulo 5

Na entrada dos estábulos, a lamparina que Lizbeth levava na mão iluminou o rosto do homem que fixou-se nela, destacando as duras linhas de seu perfil e seu nariz torto. Inspirou profundamente e o rançoso aroma do álcool a assaltou. Ele a obrigou virar o rosto com a ponta da adaga, inspecionando-a, atormentando-a com seus maldosos olhos cinzentos.

—Não sei a quem se refere —mentiu ela com voz trêmula, dando um passo para trás.

Veloz como uma chicotada, o homem puxou-a e colocou a ponta da adaga no seu pescoço. Lizbeth deixou cair a sacola e a lamparina e cravou-lhe as unhas no braço. A chama apagou-se, deixando-os iluminados somente pela luz da lua.

—Reconheço seu rosto, Lady Ives —disse ele, inclinando-se sobre seu ouvido e passando a ponta da adaga, da têmpora até o lóbulo da orelha— Vi você no cadafalso, segurando a cesta das doações para pedir clemência. Mas ninguém teve clemência comigo —concluiu, levantando a manga para que visse o coto da mão que faltava.

«A mão de meu pai não é a minha», pensou, recordando sua conversa com Lorde Maxwell e tentando convencer-se disso. Não sabia o que pretendia aquele homem, mas não merecia seu ódio. Apertou os dedos com força e cravou o cotovelo em suas costelas.

Ele uivou e a lâmina da adaga escorregou, fazendo um corte em Lizbeth debaixo da orelha. Esta se voltou rapidamente, disposta a dar-lhe um pontapé em suas partes sensíveis, quando Smitt saiu dos estábulos com as calças ainda desabotoadas. A luz da lua fazia brilhar seu peito suado e deixava ver a palha enredada em seu cabelo. Agarrou o homem pelo pescoço e deu-lhe um murro no estômago.

—Está incomodando milady? —Deu-lhe outro murro no rosto, antes que pudesse responder. O outro caiu de joelhos no chão, cusbindo sangue. Smitt montou sobre suas costas e segurou-lhe a cabeça com ambas as mãos— Quer que o mate?

—Não —respondeu ela rapidamente. Por mais que desejasse manter sua identidade em segredo, não ia permitir que matassem um homem por consegui-lo— Solte-o.

Smitt o deixou ir e o homem fez menção de partir, arrastando-se. Levantou-se com dificuldade e, montando em um cavalo já selado, desapareceu sem olhar para trás.

—Machucou-a, moça? —perguntou Smitt, levantando-lhe o queixo com uma mão e secando uma gota de sangue do pescoço com a outra.

Uma das moças do botequim apareceu a suas costas, brigando com sua roupa e tirando palha do cabelo. Seus lábios inchados fizeram com que Lizzy ruborizasse ainda mais.



—Por favor, desculpem a interrupção —disse, livrando-se da mão de Smitt e agachando-se para recolher a sacola do chão.

—Não interrompeu nada, já tínhamos acabado —replicou ele, levantando suas sobancelhas escuras e sorrindo.

—Fale por você —protestou a jovem, cruzando os braços sobre seus seios generosos.

Smitt dedicou-lhe um olhar que era uma despedida, mas a garota ficou firme. A opinião de Lizzy sobre ela mudou imediatamente.

—Obrigado por sua ajuda. Tenho que entrar antes que... Julian note minha ausência —disse, enquanto o casal trocava olhares assassinos. Recolhendo as saias para ir mais depressa, voltou para o botequim e subiu as escadas de dois em dois degraus. Não percebeu que estava contendo a respiração até que a sólida porta do quarto fechou-se atrás dela. Deixou cair a cabeça para trás, apoiando-a na madeira, e fechou os olhos com força. Encontraria algum dia um lugar onde pudesse viver sem medo de ser reconhecida, que não zombassem dela ou a odiassem? Era uma idiota por acreditar que na abadia de Fountains encontraria não somente amparo contra lorde Hollister, mas também também paz e uma vida tranquila?

Uma profunda voz de barítono ressoou em seus ouvidos. Abriu os olhos e viu um autêntico gigante dormindo. Um braço moreno e musculoso pendurava-se da beirada da cama. Seu cabelo, escuro como a noite, caía em ondas sobre o travesseiro, que parecia ainda mais branco em comparação. Lorde Maxwell estava cantarolando, o que a fez sorrir.

Aproximou-se da cama e afastou-lhe o cabelo da frente.

Ele fechou os lábios, que em seguida ergueram-se esboçando um sorriso.

—Oh, sim —disse, em sonhos, e pôs-se a rir.

E embora não tivesse nem idéia de por que sorria, Lizzy se deixou contagiar por sua risada. Com o que sonharia um homem como aquele? Com sua família? Uma batalha? Mulheres? Talvez com uma mulher em especial. Sua esposa? Uma amante? Lizzy imaginou a si mesma dançando dentro da cabeça do escocês, dando voltas e voltas em um campo de flores. Tinha a face voltada para o céu, a alma em paz. Em seu sonho, Lorde Maxwell rodeava-lhe a cintura com os braços e a beijava no pescoço. Não era a filha do verdugo, nem a prisioneira de lorde Hollister. Somente uma mulher que ria, amava e desejava.

Secou uma lágrima que escorregava pela bochecha, engoliu em seco e afastou a estupidez. Seus sonhos de infância esfumaçaram-se. Nunca seria a esposa de ninguém, nem a mãe de ninguém. Depois do encontro com Gloucester, refugiaria-se nos braços da Igreja.

Tirou o pote da sacola e colocou cinco sanguessugas a trabalhar nas costas de Lorde Maxwell. Depois, removeu um pouco da poção que tinha preparado horas antes. Tirou o rosário de sua mãe das dobras de sua saia, ajoelhou-se frente à janela para que Ele pudesse vê-la com mais facilidade e levou a primeira conta aos lábios. Rezou por sua mãe e por



Edlynn; por Kandem e seus sobrinhos, Eli e Martin; depois, pediu a Deus que salvasse a alma de seu pai. A última parte do rosário estava acostumada a reservar para ela, mas essa noite, ao iniciar a primeira das dez últimas preces, rezou por Lorde Maxwell e por seu irmão. Beijou o crucifixo, benzeu-se e se levantou para recolher as sanguessugas cheias de sangue e recolocá-las no pote.

Depois de untar as feridas com a mistura de ervas para acelerar a recuperação e aliviar a dor, apagou todas as velas menos uma e deitou-se sobre o banco com um pequeno almofadão. Estava exausta e sentia um grande peso no coração. Rodeou os ombros com os braços e olhou a chama da vela que tinha deixado acesa. Seus olhos rogavam que a deixasse descansar. Piscou uma vez e depois outra, mas seu medo a obrigava a mantê-los abertos. Entretanto, não demorou muito para sucumbir ao cansaço. E quando suas pálpebras se fecharam, os monstros do passado saíram de seu esconderijo nos rincões mais escondidos de sua mente.

Broc queria ajudar seu anjo. Como uma mulher com um aspecto tão inocente poderia causar aquele efeito em um homem? Nem sequer a garrafa mais antiga de uísque de tio Ogilvy tinha provocado semelhantes estragos.

Enxaguou a boca pela quarta vez e cuspiu no urinol que usava há quase uma hora. Embora agradecesse por ter recuperado o controle de seus membros, agora sentia cada um de seus cortes e feridas, da cabeça até a planta dos pés. Doíam-lhe os músculos e as costas espetavam, como se mil insetos o estivessem picando.

Levantou-se da cama, mas teve que ficar quieto até que o chão deixou de dar voltas, antes de ir até a janela aberta. Apoiando-se no batente, respirou fundo. A alvorada havia trazido consigo uma névoa tão espessa que sentiu a umidade molhar seu rosto. Aiden gostaria de um dia assim. A promessa de chuva no ar teria sido motivo suficiente para que ficasse na cama com alguma mulher bela, sem preocupar-se com nada, nem ninguém.

Tentou sentir dor, mas a única sensação que veio foi a velha e familiar inveja. Aiden tinha tudo: o título e as bajulações constantes de seu pai, o carinho e a aprovação de sua mãe, e a mão de lady Juliana. A mulher mais desejada de ambos os lados da fronteira, e Aiden nem sequer estava interessado nela.

A imagem de lady Juliana tomou seus pensamentos, embora fosse uma imagem de três anos atrás. O cabelo loiro, enfeitado com jóias de ouro e pedras preciosas. Tristes olhos verdes destacavam-se em seu rosto de alabastro. Estava de pé ao lado de seu pai, com a mão no braço deste, sob o atento olhar de todos os homens que abarrotavam o grande salão do castelo de Skonóir. Até seu irmão mais novo estava cativo de sua beleza. Sorriu ao recordar como Ian tentou satisfazer todos os caprichos da formosa Juliana durante os quinze dias que tinham durado as celebrações. Como aproximava constantemente a



bandeja de doces, ou como tropeçava em suas longas pernas quando corria para encher a taça de vinho da dama. Mas ela não tinha olhos para nenhum deles.

Broc deixou cair a cabeça e cravou os dedos na madeira podre da janela, ao recordar os contratos assinados aquele dia, que ligavam lady Juliana ao futuro laird do clã Maxwell.

A inveja era um pecado. Um que ele conhecia bem. passou a vida invejando seu irmão, sua posição, sua prometida. E agora, a filha de laird Scott pertencia a ele. Casaria-se com ela em seu retorno, e com isso ganharia a aprovação de seu pai. Sua união fortaleceria os clãs da fronteira e Broc não teria que presenciar a morte de nenhum outro membro de sua família. Queria ver se os ingleses atreveriam-se a cruzar a Escócia quando o clã Maxwell contasse com os reforços do clã Scott.

Pensar nisso daria-lhe forças para suportar ser testemunha da dor de sua mãe quando contasse sobre a morte de Aiden. Resolvido a confrontar-se com este fato o quanto antes, decidiu lavar-se e barbear-se.

Estava acabando quando ouviu um gemido do outro lado do quarto. Voltou-se para lady Ives, que dormia encolhida e tinha o aspecto de um querubim. Arrastou as pernas até o banco onde tinha passado a noite e cravou um joelho no chão. Dessa vez, seu perfume exótico não o pegou desprevenido. Teria que esforçar-se para conseguir que sua fragrância não o afetasse.

Outro gemido saiu de sua garganta. Viu que apertava o rosário que segurava entre os dedos. Um cacho avermelhado cobriu-lhe os olhos. Ele o retirou e não pôde resistir a tentação de acariciar-lhe o lóbulo da orelha. Ao fazê-lo, viu que tinha uma fina cicatriz quase escondida pelo cabelo. Uma lágrima escorregou pelo nariz da jovem. Broc a recolheu e a levou aos lábios.

Que demônios a perseguiam?

Desejou entrar em sua cabeça e lutar com eles, protegê-la como não tinha conseguido proteger suas irmãs, nem Aiden. A angústia que se refletia em seu rosto chegou à alma.

—Tudo vai dar certo, anjo —disse para tranquilizá-la e, sem poder resistir, beijou-lhe as pálpebras. O sal de suas lágrimas aderiu a seus lábios, como um aviso de que sua presença complicava todos seus planos. Lady Ives procurava o amparo do homem cujo objetivo na vida era derrotar Broc e os seus. O duque de Gloucester não a ajudaria. Estava certo, mas a ignorância dela em relação às artes da guerra impedia-a de ver o chamado protetor da Inglaterra como o que era na realidade.

Quando finalmente abriu seus olhos dourados, Broc viu neles o eco de sua dor. Ficou quieta, como se não tivesse forças para lutar a batalha que acontecia em seu interior. Lizbeth levou um dedo a sua mandíbula recém barbeada e separou os lábios.

—Está bem?



—Não. Sinto-me como se a morte tivesse entrado em meu corpo e estivesse esperando que me rendesse —admitiu ele, apoiando-se em sua mão, procurando seu afeto.

Ela sorriu e piscou languidamente. Outra lágrima escapou bochecha abaixo.

—Por que chora em sonhos?

Lizbeth fechou os olhos com força, tentando ocultar seus segredos.

—Pela mesma razão pela qual você ri nos seus, suponho. A diferença são as visitas que temos em nossos sonhos.

—Eu não rio em sonhos —replicou ele, ofendido.

—Faz, sim. Juraria que sonhava com alguém que o faz feliz. Que o faz rir. Sua esposa, talvez?

Broc não podia afastar os olhos de seus lábios rosados, enquanto pronunciava essas palavras. Fazia o mesmo que ele na noite anterior. Evitar responder uma pergunta com outra.

—A única esposa que tenho é você —brincou provocando-a, porque queria ouvir sua risada.

Ela piscou um pouco mais. Estava consciente de que a moleza do sono transformava cada um de seus movimentos em pura sedução? O cabelo caía em suaves ondas escuras sobre uma pequena almofada amarela, e seus lábios esboçavam um sorriso, que fazia com que o sangue de Broc circulasse mais depressa por suas veias.

Lizbeth umedeceu os lábios.

—Foi um engano. Não sou a esposa de ninguém.

—Talvez tenha sido a minha esposa em meu sonho —a provocou ele, sem saber por que.

Estavam tão perto, que Broc viu como acelerava-lhe o pulso. A mão de Lizbeth desceu de sua mandíbula até seu pescoço.

—Só os tolos sonham —disse.

Broc respirou profundamente. Foi um engano, porque seu aroma o embriagou. Tinha seus lábios muito perto e não pôde resistir. Inclinou-se e a beijou brandamente na face.

—Então sou um tolo, porque os sonhos são a única coisa que tenho.

Foi a vez de Lizbeth inspirar profundamente. Seus dedos se abriram um pouco mais sobre seu pescoço.

Por que era incapaz de afastar-se dela? Amaldiçoando-se por render-se a seus desejos, acariciou-lhe a bochecha e passou o polegar por seus lábios entreabertos.

Lizbeth levou ao peito a mão com a qual segurava o rosário.

Pelos pregos de Cristo! Era um sinal. Tudo estava gritando que não o fizesse. Entretanto, inclinou-se um pouco mais até que seu nariz roçou o dela. Seus fôlegos se misturaram.



Um último olhar a seu rosto ruborizado disse-lhe que não resistiria se a beijasse.

Viu-a conter a respiração e fechar os olhos.

Antes que soassem três rápidos golpes na porta.

—Maxwell? Tenho que falar com você.

—Suma —respondeu ele, reconhecendo a voz de John.

Este entrou, mas não ergueu o olhar do chão. Passou uma mão pela cabeça calva até chegar ao pescoço e a deixou ali. Olhou para Lizbeth, mas não disse nada.

Ela ficou de pé com um salto.

—Onde está Edlynn? —perguntou, com a voz estrangulada pelo pânico.

—Podemos falar em particular, Maxwell?

—Não! —exclamou ela— Onde está?

—Sinto muito, milady.

Lizbeth foi até a janela aberta, negando com a cabeça diante da notícia que ainda não tinha escutado.

—O que houve? —perguntou Broc.

—Queimaram a granja e o celeiro. Não restou nada.

Ela gritou e segurou-se com força ao batente da janela.

Broc apertou os punhos. Tinha sido um egoísta ao deixar à anciã sozinha, ignorando as súplicas da jovem. Não sabia que tipo de inimigo estava atrás dela, mas se quisesse protegê-la tinha que descobrir.

—Prepare os cavalos. Vamos —disse a John, despedindo-o com um movimento de cabeça, antes de aproximar-se de Lizbeth.

Levantou a mão, mas não se atreveu a tocá-la.

—Sinto muito. Devi...

—Não — interrompeu ela, voltando-se e tentando sair do quarto.

Ele segurou-a pelo braço e a estreitou contra seu peito, disposto a escutar tudo o que queria gritar.

—Perdoe-me.

Ela ergueu os olhos e olhou-o. Estavam carregados de lágrimas de raiva.

—Jurou. Por sua alma. Prometeu que estaria a salvo. Mentiu — acusou-o, sem saber o quanto doíam suas palavras em Broc.

—Sinto muito.

Fechando os punhos, Lizbeth fez uma patética tentativa de golpeá-lo no peito, mas as forças a abandonaram. Desabou em seus braços e chorou desconsoladamente contra seu peito.

—Maldito seja! Tomara que apodreça no inferno! —gritou— Era uma pobre velha, cega e indefesa.



Broc não podia fazer nada além de segurá-la até que derramasse a última de suas lágrimas. Acariciava-lhe o cabelo e beijava sua cabeça, murmurando palavras de consolo. As mesmas palavras vazias que tinha usado para confortar sua mãe depois da morte de Lilian e Mattie. Já tinha passado por isso antes. O dia que retornou de Dumfriesshire.

Lizbeth respirou fundo. Trêmula, secou o rosto e separou-se dele. A transformação foi tão rápida que Broc mal percebeu. Deixou de tremer e seu rosto recuperou sua habitual expressão fria. Não podia nem imaginar quanto dor escondia essa máscara de indiferença. Era a mesma dor que escapava, em forma de lágrimas, quando dormia.

Recolheu suas coisas rapidamente.

—Obrigado por sua ajuda, Lorde Maxwell, mas acredito que é melhor que siga sozinha, a partir de hoje. Não quero trazer desgraça, nem a você, nem a seus amigos.

—Não. Prometi que a protegeria. Acompanharei você até York, com seu consentimento ou sem ele.

Lizbeth voltou-se. Seus olhos lançavam douradas chamas de fúria.

—Você me tirou de Londres sã e salva. Eu curei suas feridas. Nossa troca acaba aqui.

—Não —replicou ele, rechaçando sua oferta.

Compreendia seu generoso sacrifício, mas o enfurecia que quisesse afastar-se dele. Deu um passo para ela, que retrocedeu, colocando as sacolas entre eles. Tinha as costas muito eretas, mas o lábio inferior tremia quando disse:

—Não quero pôr sua vida em perigo.

—Mas está disposta a fazê-lo com a sua. Pela coroa? —Sua lealdade ao rei, embora admirável, era absurda— O que fez a coroa por você, Lizbeth? Por que correr um risco tão grande?

—Não entende. É complicado.

—Conte-me e a protegerei —disse ele, amaldiçoando em silêncio sua obstinação— Não tem ninguém mais.

—Tenho meu pai —replicou ela, erguendo o queixo, orgulhosa.

—E onde está? —perguntou-lhe, olhando irônico ao redor— Onde estava quando Edlynn precisou dele?

Lizbeth apertou os olhos e inspirou fundo. A fé que depositava naquele homem o tirava fora do sério.

—Meu pai é um servo do rei e deve obedecer as ordens do carcereiro. Seu dever é castigar quem ameaça à coroa.

Broc a empurrou contra a parede.

—E Edlynn era uma ameaça à coroa? O incêndio foi um castigo por envenenar o rei? —Embora conhecesse a resposta, queria ouvi-la de seus lábios.

—Não!



Broc apoiou as mãos de cada lado de sua cabeça. As pontas de suas botas se tocavam.

—Então, quem, Lizbeth? Quem é a autêntica ameaça? —Os olhos dourados da moça mostraram seu medo, mas não era momento de tratá-la com delicadeza— A protegerei, mas preciso saber de quem.

Ela o olhou, avaliando-o.

«Confie em mim», pediu-lhe Broc com o olhar.

A respiração de Lizbeth acelerou, mas não disse nada.

Que Deus o ajudasse, era tão teimosa quanto ele.

—Quem ameaça à coroa? Diga! Agora! —gritou com tanta força que os pássaros próximos saíram voando.

Ela deu um pulo e apertou os olhos.

—Henry Stafford.

Broc afastou-se da parede, surpreso que tivesse dado um nome à ameaça.

—O duque de Buckingham? —perguntou, soltando o ar que estava contendo. Buckingham não estava em sua lista e se surpreendeu. Não só era o dono da metade das terras da Inglaterra, mas também contava com o favor do rei Eduardo. Broc o tinha conhecido em Gales e pôde comprovar como o duque conquistava todos com seu carisma.

Sua mente encheu-se de perguntas que sabia que Lizbeth não podia responder.

—Não é um nome para ir mencionando assim, ao lado de palavras como traição, a não ser que tenha provas.

—Tenho —disse ela, cruzando o quarto e revolvendo em uma das sacolas, até tirar um documento. Embora estivesse um pouco enrugado, ainda conservava rastros de cera vermelha. Segurava-o com tanta força, que Broc temeu que fosse rasgá-lo.

— Tem o selo e a assinatura de Buckingham —acrescentou, sacudindo o documento diante do rosto dele— Tenho que entregar ao irmão do rei Eduardo imediatamente, antes que seja muito tarde.

Broc observou a assinatura, antes de voltar a olhar para Lizbeth.

—Muito tarde? Quer salvar o rei?

—Temo que ele terá passado desta para melhor antes que eu possa avisá-lo, mas me preocupam seus filhos. Buckingham planeja declará-los bastardos.

Em quase seis meses, Broc não tinha conseguido reunir nem a metade de toda essa informação contra os ingleses. E agora, aquela jovem lhe estava mostrando as provas que necessitava para convencer a seu rei de que se aliasse com a França. Conseguiu ocultar suas emoções.

—Como?

Lizbeth deu um passo à frente.



—O rei Eduardo casou-se em segredo com uma mulher que ainda estava viva quando contraiu matrimônio com a rainha —respondeu com os dentes apertados— O rei é bígamo! —gritou, frustrada diante de sua falta de reação; — Isso invalida seu matrimônio e transforma seus filhos em bastardos.

Pelos pregos de Cristo! Broc esfregou os olhos tentando aliviar sua incipiente dor de cabeça. Buckingham só podia ter uma razão para querer declarar bastardos aos príncipes: era o líder da rebelião.

—Buckingham quer a coroa —sussurrou.

Ela exalou um suspiro, e Broc chegou a sentir seu aroma de hortelã.

—Alguém pôs veneno nos frascos que encontrei —explicou, deixando cair os braços— mas não fui eu. E nem Edlynn.

Olhou-o, suplicando que acreditasse. Seria consciente do risco que corria? Broc pôs-lhe uma mecha de cabelo atrás da orelha e acariciou sua face. O desejo de protegê-la era muito familiar e doloroso.

—Só por saber o que sabe, sua vida corre perigo. Por que se arrisca tanto?

Ela deu outro passo para ele. Suas saias acariciavam-lhe as pernas. Colocou a mão em cima da sua, como se quisesse uní-lo a ela.

—Em troca da informação, vou pedir ao irmão do rei que liberte meu pai de seu cargo.

Broc acariciou-lhe a cicatriz. Embora não soubesse quem a tinha feito, em sua mente culpava a seu pai.

—Merece correr este risco por um homem como ele?

—Acredito que todo mundo merece ser salvo.

—E quem salvará você?

—Talvez eu não mereça —respondeu ela, com lágrimas nos olhos.

Capítulo 6

Lizzy cobriu-se com a capa o máximo pôde antes de seguir lorde Maxwell até os estábulos, sob uma cortina de chuva. Com os nervos destroçados pela falta de sono e pela



ansiedade, sabia que não pensava com muita sensatez. A dor era familiar, até mesmo o ódio. Lorde Hollister a tinha afastado de Edlynn, como tinha feito antes com o resto de seus entes queridos. Nunca esteve tão decidida a destruí-lo e libertar seu pai do jugo de seu cargo.

A capa que John entregou a lorde Maxwell estava tão molhada que parecia coberta de azeite e a fez recordar da capa do verdugo. Afrouxou o passo quando lembrou-se da imagem de seu pai com a espada ensangüentada, pendente em sua mão enluvada.

Sentiu uma angústia tão grande que obrigou-se a parar.

No meio do dilúvio, logo perdeu de vista Maxwell.

Este percebeu e em largas passadas, voltou para seu lado. Lizzy olhou as mãos dele. Não usava luvas, nem segurava nenhuma arma assassina. Em um braço carregava suas sacolas e no outro levava a gaiola de Beatrice, coberta com um pano de lã. Gotas de chuva desciam pelo grosso e musculoso pescoço. O homem que tinha diante dela não se parecia em nada com seu pai.

A determinação de Maxwell de protegê-la a confundia e consolava, da mesma forma.

—Vamos, Lizbeth —animou-a.

Ela o seguiu aos estábulos. Entre todos os homens que Deus podia ter enviado para protegê-la, tinha escolhido um escocês. Lorde Maxwell podia ter acabado com sua vida com uma só mão, ter tirado o documento que ela tinha roubado dos aposentos de lorde Hollister e usá-lo em seu próprio benefício. Em vez disso, depois que Lizbeth contou o que sabia, tinha permanecido em silêncio enquanto curava suas feridas e refazia as bandagens ao redor das costelas. Igualmente em silêncio, tinha recolhido todas suas coisas e a tinha escoltado fora do botequim, como um perfeito cavalheiro.

Sem dar uma olhada ao conteúdo do documento.

Lizzy fechou mais o capuz para proteger-se da chuva e avançou sobre o barro, atrás dos passos dele. Dentro dos estábulos havia um grupo de pessoas montadas a cavalo. Celeste, no lombo de uma égua, ao lado de John, que montava um garanhão de cor castanha. Uma égua amarelada com uma espessa crina negra, carregada de sacolas. Era provavelmente a montaria mais feia que Lizzy tinha visto em sua vida e não era nem metade do enorme cavalo branco sobre o qual ia montado Smitt.

Eram um exército em miniatura, uma mistura de ingleses e escoceses, e somente o fato de viajarem juntos colocava suas vidas em perigo.

Lizbeth afastou o capuz do rosto.

—O que significa isso?

—A estrada que leva a Yorkshire é a mesma que vai à fronteira —respondeu John— Não há razão para que não viajemos juntos. É mais seguro.

—É verdade —admitiu Maxwell.



—Não zombe da minha inteligência, sir John. Há mais de uma estrada que vai ao norte. —Lizbeth não pôde acabar a frase, porque Maxwell rodeou-lhe a cintura com as mãos e a subiu no garanhão da guarda real.

—Não se preocupa com a segurança de seus amigos? —perguntou ela, fulminando-o com o olhar.

—John é meu primo, como Smitt. São membros de meu clã. Eu protejo os meus e respeito seus desejos de retornar a uma terra menos carregada de hipocrisia e conflitos. — Depois de amarrar seus pertences ao cavalo, acariciou o pescoço do animal— Para não falar que, esta manhã, John vendeu o botequim a um inglês bêbado, o que fez aumentar meu respeito por ele.

Quando ia montar atrás dela, Lizzy o deteve com um gesto da mão.

—Espere. Se formos juntos, seremos mais lentos. Não pode montar seu próprio cavalo? —perguntou, para não ter que admitir que não podia suportar a idéia de viajar todo o dia rodeada por seus fortes braços, envolta em seu aroma masculino, desejando refugiar-se em seu abraço e deixar que a protegesse.

—Este é meu cavalo. Roubei-o com minhas próprias mãos —replicou ele com um sorriso radiante, e fez uma segunda tentativa de montar, que ela voltou a interromper.

—Tenho dinheiro para comprar uma montaria. Pode me vender uma? —perguntou a John.

—Sim...

—Não —interrompeu Maxwell— vamos viajar juntos. Assim poderei protegê-la melhor, no caso de uma emboscada.

—E quem protegerá a ela? —inquiriu Lizbeth referindo-se a Celeste.

Maxwell revirou os olhos, um costume que estava começando a deixá-la nervosa.

—Ela não tem homens armados perseguindo-a, com a intenção de matá-la. Além disso, Celeste está um pouco zangada com John neste momento, por ter mentido sobre suas origens.

—Zangada? —repetiu a mulher com sarcasmo— Estaria zangada se o tivesse encontrado na cama com outra mulher —disse, golpeando seu cavalo com os joelhos para que se pusesse em movimento— Estou é sedenta de sangue. Um homem não oculta segredos deste tipo de sua esposa durante dois anos e espera que ela... —Suas palavras deixaram de ouvir-se quando saiu do estábulo.

—Um homem que mente a sua esposa não é um homem sábio —reconheceu Maxwell sorrindo tanto quanto Smitt. Ao que parecia, ambos achavam divertida a situação— Ao menos, eu disse a você que era escocês.

Por que estava falando como se ela fosse sua mulher?

—Você também mentiu a Celeste.



—Celeste não é minha mulher.

—Eu tampouco, milord —replicou Lizzy, descendo do cavalo com um salto e enchendo o ar com um aroma delicioso— E penso contar isso a Celeste na primeira oportunidade que tiver. Não tenho intenção de arcar com seu aborrecimento. Faça-o você! —exclamou e dirigiu-se com toda a dignidade que permitia a palha que cobria o chão para a égua amarela— Está a venda, sir John?

—Pode ficar com ela. É o bicho mais mal-humorado que já vi.

Lizzy esfregou-lhe o focinho com o nariz e arranhou o queixo, procurando um nome para sua nova amiga.

—Se insistir em cavalgar sozinha, ao menos não afaste-se de meu lado —disse Maxwell, montando e olhando por cima do ombro para ver se ela o seguia. Depois de estalar a língua, os quatro saíram do estábulo— Vai ser um dia muito longo, com este tempo.

—Eu gosto da chuva —replicou Lizzy, retirando o capuz para sentir a chuva no rosto. A chuva recordava-lhe as lágrimas; era como se o mundo chorasse com ela.

—Pegará uma pneumonia e morrerá.

—Tenho medo de muitas coisas, milord, mas a morte não é uma delas.

—Não importa. Não posso permitir que fique doente antes de chegar aos York —disse ele, resolvendo a discussão. Voltou a cobri-la com o capuz e tocou-lhe o nariz com o dedo.

A familiaridade do gesto a fez sorrir por dentro. Estava começando a gostar dos estranhos costumes do escocês.

Broc deteve seu cavalo pela terceira vez naquela tarde, assinalando com o braço para que outros o seguissem até o alto da colina. O sol esteve escondido a maior parte do dia, saindo só o tempo suficiente para que secassem as roupas. antes de se molharem de novo.

Levantando os cotovelos, girou peito de um lado pra outro. Embora o ungüento de Lizbeth tivesse aliviado a dor, os pontos picavam como se tivesse dormido em uma cama cheia de pulgas. Dizer que se sentia frustrado era pouco. Deu outra olhada a seu anjo, que dormia sobre o pescoço da égua. Seu cabelo escuro com reflexos acobreados misturava-se com a crina negra do animal e ocultava-lhe o rosto. Como podia dormir naquela posição?

A égua amarela baixou a cabeça para morder o pasto, ao pé de uma árvore, e Lizbeth inclinou-se um pouco mais para frente, mas seguiu colada à égua como um carrapato a uma mula. Smitt tinha contado a Broc sobre incidente com o homem nos estábulos, na noite anterior, assim ele sabia que tinha dormido muito pouco. Tinha resistido ao impulso de brigar com ela por ter saído de casa sozinha. A dor pela perda de Edlynn era muito recente, e a última coisa que precisava era ser repreendida pela pessoa



que considerava responsável pelo triste fim de sua amiga. Melhor deixar passar o tempo. Não precisava de mais culpa sobre seus ombros.

A planície que deixavam para trás estava coberta de vegetação que já mostrava os primeiros sinais da primavera. Broc sabia que os ingleses escondiam-se em algum lugar daqueles extensos bosques e perguntou-se quantos membros da guarda real estariam perseguindo-os nesse momento. E quantos entre eles seriam partidários de Buckingham. Voltou a repassar mentalmente suas: duas facas negras nas botas, duas adagas na cintura e uma espada amarrada nas costas. Suficiente para enfrentar, ao menos, uma dúzia. Smitt poderia, provavelmente, fazê-lo com duas dúzias e John tinha mostrado destreza no campo de batalha durante as guerras da fronteira. Apesar de tudo, preferia cruzar a Inglaterra sem recorrer às armas se fosse possível.

Se não conseguisse retornar para casa, Ian seria o único filho que restaria para suceder seu pai, uma vez que ele faltasse. Nem ele nem seu irmão mais novo tinham sido educados para ser lairds. Aiden tinha sido o escolhido. Agora que tinha perdido seu primogênito, talvez seu pai percebesse a importância de preparar mais de um filho para essa responsabilidade.

Deixando de lado esses pensamentos, afrouxou a mandíbula e moveu o pescoço de um lado para outro. Aproximou-se de Lizbeth, tirou-lhe as rédeas das mãos e as amarrou em sua montaria. Depois disso, segurou-a pela parte de trás de sua capa molhada e, passando-lhe um braço pela cintura, levantou-a e a pôs em seu colo.

Ela afogou um grito e atirou-se para trás, acertando com a cabeça o queixo de Broc.

—Mulher, fique quieta ou assustará os cavalos.

—O que está fazendo?

—Tentando cruzar a Inglaterra sem morrer.

Ela olhou de um lado para outro.

—Onde estão os outros?

—Nos adiantamos um pouco —respondeu Broc, dando um leve tapa no cavalo para acalmá-lo, impressionado pelo fato de ser tão bem treinado— Em poucas horas sairemos do condado de Lincoln.

—Horas? —repetiu ela com um gemido, recostando-se contra seu corpo— Não sei se posso continuar montando por mais algumas horas. Minhas pernas estão dormentes.

—Ah, sim, é uma sensação muito desagradável —não pôde resistir a comentar ele, ironicamente.

Lizbeth emitiu um som de desaprovação e endireitou as costas, o que colocou-a em contato direto com seu membro. O sangue amontoou-se ali imediatamente. Apertou os joelhos para que o garanhão acelerasse o ritmo. O corpo de Lizbeth movia-se contra o seu com uma elegância natural, a cada passo do poderoso animal.



Tinha ouvido muitas histórias —basicamente de Smitt e Aiden— sobre lugares curiosos onde fazer amor com as mulheres: o rio, sobre um barril de hidromel..., mas nunca tinha ouvido ninguém que o tivesse feito no lombos de um cavalo. A imagem que veio à sua cabeça foi deliciosamente perversa.

Pelos pregos de Cristo! Por que tinha que cheirar tão bem? E por que demônios estava nua, cada vez que imaginava? Separou os dedos com os que segurava-a pela cintura e a aproximou mais dele. O desejo de possuí-la estava se transformando em uma obsessão e fazia com que, em comparação, seu amor por lady Juliana parecesse um capricho de adolescente.

Capítulo 7



O sol ocultou-se em um horizonte coberto de nuvens, fazendo sumir nas sombras a pequena estalagem, situada entre duas colinas.

Com um gesto, Broc chamou John, que foi para seu lado. Assinalou-lhe então meia dúzia de homens com roupas de veludo azul e carmim.

—A guarda real —sussurrou, para não despertar o anjo que dormia em seus braços.

—Continuamos? —perguntou seu primo, em um tom que indicava que era mais uma sugestão do que uma pergunta.

—Celeste parece estar a ponto de cair do cavalo, e esta moça —acrescentou, olhando para Lizbeth— está adormecida há uma hora. —Esticou as costas tentando não mover-se muito— Os cavalos estão exaustos e tenho a sensação de estar sentado em cima de adagas.

—Sim, eu também estou um pouco cansado —admitiu John.

—Um pouco cansado, é? —repetiu Broc, com um sorriso irônico. Sem dúvida era o mais cansado de todos, já que tinha passado cavalgando toda a noite anterior. Broc olhou por cima do ombro para Smitt. Estava impecável: olhos brilhantes, costas erguidas... E como demônios tinha conseguido barbear-se? Parecia um jovem escudeiro disposto a tirar o posto do primeiro que se descuidasse.

—Como consegue ter sempre esse bom aspecto?

—Ora, os jovens agüentam mais. Estará rodeado de moças antes que anoiteça. Se Deus tivesse me feito mulher, eu mesmo deitaria com ele.

Uma pontada de ciúmes fez com que Broc segurasse Lizbeth com mais força.

—Então, o que faremos? —perguntou John.

Broc estava estudando a situação. Qualquer pessoa que se aproximasse da Torre de Londres durante alguma execução, reconheceria à filha do verdugo.

—Suspeito que o homem do estábulo a reconheceu. Se encontrou um de nossos perseguidores, terá dado nossa descrição por menos de um ducado.

—Então, o melhor será acampar no bosque —sugeriu seu primo.

Broc fez um gesto a Smitt para que se aproximasse.

—Querem que os mate? —perguntou este com um sorriso demoníaco que fez com que se alegrasse pelo fato do jovem lutar ao seu lado.

—Se for necessário, sim. Quantas armas tem?

—Oito —respondeu Smitt, contando com os dedos.

—Dê uma olhada. Se achar que é seguro, peça quartos e um estábulo para os cavalos. E averigue onde fica a porta de trás, para que possamos entrar com Lizbeth sem que ninguém a veja.

—Depressa —acrescentou John, dando-lhe uma das sacolas— E se gastar uma só moeda em mulheres, direi a todos que é dos que preferem um bom...nabo.



—De acordo, de acordo —respondeu o jovem, antes de desaparecer sobre a colina, em direção à estalagem.

Broc mudou de posição para olhar à beleza que estava em seus braços. Ela gemeu, franzindo o cenho e apertando os punhos. Acariciou-lhe o braço até que relaxou as mãos. Estaria sonhando com Edlynn? Estaria tentando proteger sua velha amiga? Tentou imaginar que horrores estaria revivendo. O que a atormentava? Seria o mesmo homem pelo qual estava arriscando sua vida?

—Quem é? —perguntou John.

—Somente uma mulher que salvou-me quando estava na Torre —respondeu ele, passando um dedo sobre a fronte, tentando apagar sua angústia.

—Olha para ela como se fosse algo mais que somente uma mulher. Sente-se em dívida com ela?

Broc não estava certo do que sentia por Lizbeth Ives. Gratidão? Luxúria? Algo mais profundo? De qualquer forma, era algo que nunca havia sentido por lady Juliana.

—Se não fosse por ela, Ian teria recebido o título de meu pai algum dia.

—Uma razão a mais para não deixá-la nas mãos desse bastardo que quase acaba com nosso clã.

—Para ela, Gloucester é um herói, um protetor.

—Então é uma idiota. Uma idiota muito bonita, claro.

Broc cobriu-lhe o rosto com o capuz e fulminou John com o olhar.

—Não deveria ficar com sua mulher?

O outro negou com a cabeça, com tristeza.

—Para que? Não fala comigo. Não me dirigiu a palavra em todo o trajeto. Não parece minha Celeste. Não sei se chegará a me perdoar algum dia.

Broc olhou para a mulher. Ao ver que a observavam, voltou o rosto com desdém.

—Vai se acalmar. Quando vir a Escócia, mudará de opinião. É um lugar muito melhor para viver que este país podre.

—E o que me diz de você? A Escócia está esperando você também. Como o título de seu pai. Era algo que desejava.

—E ainda desejo. Proteger minha família e meu clã é e será sempre minha prioridade.

—Então, cumprirá o trato de seu pai com o clã Scott?

—Sim —respondeu, embora a idéia de casar-se com lady Juliana já não era tão atraente. Mas seu dever era proteger seu clã, e casar-se com a filha do clã Scott era parte de seu dever. Lembrou-se do documento de Lizbeth. Poderia ser de grande ajuda para sua causa..., se conseguisse convencê-la de que o entregasse— Talvez tenha encontrado a maneira de proteger, não só ao clã, mas também a Escócia inteira.

—E ela tem algo a ver com isso?



—Sim —admitiu, mas negou-se a dizer mais, embora John continuasse perguntando.

—Suspeito que tem algo ou sabe de algo que você quer. Por isso está ajudando a moça?

Broc encolheu os ombros.

—Ainda não casou-se com a filha de laird Scott. Talvez deitar-se com a moça ajudasse a conseguir o que quer.

—Eu não vou deitando por aí com moças. Assim era Aiden. —«E olhe o que conseguiu com isso», acrescentou mentalmente, não querendo sujar a memória de seu irmão.

John baixou o olhar para Lizbeth.

—O caminho até York é longo.

—São dois dias. Contive-me durante dois anos na abadia de Dryburgh. Não acredita que serei capaz de agüentar dois dias, sem tirar as calças?

Foi a vez de John encolher os ombros.

—Vai se encontrar com o rei Jacobo quando chegar?

—Pensei em enviar meu pai enquanto eu me reúno com Scott.

Com isso, John pareceu dar-se por satisfeito. Ambos os homens esperaram em silêncio que Smitt retornasse.

—Vamos. Os guardas estão ocupados. E uma donzela nos espera na porta de trás.

—Quem está distraindo o guarda? —perguntou Broc, sem confiar que fosse tão fácil.

—Umas quantas juvenzinhas às quais prometi agradar mais tarde.

Lizbeth despertou em um corredor escuro e em seguida foi tomada pelo pânico. Começou a sacudir-se, mas os braços que a prendiam estreitaram-na com mais força.

—Calma, Lizbeth, está a salvo —sussurrou a voz profunda e tranquilizadora de Maxwell. O medo sumiu tão rapidamente que Lizzy sentiu que não pesava nada. Então percebeu que ele a carregava em seus braços.

Consciente de que as pernas não a sustentariam caso pedisse a ele que a soltasse, rodeou-lhe o pescoço com os braços em uma absurda tentativa de ajudá-lo. À luz de uma solitária vela, seus traços pareciam envoltos em sombras, escuros e misteriosos, mas curiosamente não lhe davam medo. Justamente o contrário, admitiu. Não havia se sentido tão segura desde que Kandem morreu.

Alguém caminhava diante deles, arrastando os pés. Era uma mulher, que mancava fortemente, que os guiou pelo corredor e abriu uma porta.

—Aqui não encontrarão luxo, mas a cama está limpa, e enchi o colchão com plumas novas esta manhã —disse, ficando nas pontas dos pés para acender a única lamparina da parede do quarto, que não tinha janelas.



Instintivamente, Lizzy calculou quanto duraria a vela acesa, antes de voltar sua atenção para o quarto — muito pequeno — do tamanho do que lorde Hollister a tinha encerrado depois do incêndio. As paredes estavam manchadas de umidade e os móveis eram bastante deprimentes: uma cama e um tamborete sobre o qual tinham deixado uma jarra e uma terrina. Maxwell teria que agachar-se para passar pela porta.

— Há uma cisterna ao final do corredor, se por acaso quiserem lavar-se — destacou a mulher, antes de afastar-se corredor abaixo.

— Obrigado pela hospitalidade — disse Maxwell, antes de inclinar-se para entrar no quarto e logo fechar a porta com um pontapé.

Lizzy olhou para a cama e depois para ele, cuja expressão de surpresa era sem dúvida um reflexo da dela.

— Diga-me que não vamos compartilhar este quarto.

— Se disser isso, estaria mentindo, e eu não minto. Era isto, ou o estábulo com John e Celeste.

— E Smitt? — perguntou, mais por cortesia do que por interesse.

— Não se preocupe com ele — respondeu franzindo o cenho — Tenho certeza que não terá nenhum problema para encontrar uma cama.

Depositou-a sobre o colchão. Era tão fofo que deveria ser pecado dormir nele. Logo, inclinou-se e começou a desamarrar os cadarços das botas. Lizbeth tentou levantar-se, agarrando-se na colcha.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Ontem à noite perdi muitas horas de sono curando minhas feridas. Só estou devolvendo o favor.

— Tirando minha roupa? — perguntou Lizbeth, sentindo uma comichão estranha na perna que ele segurava. «Descarado», esteve a ponto de dizer.

Depois de tirar-lhe a bota e a meia, prosseguiu com a outra perna.

— Eu não chamaria de despir o fato de tirar suas botas, mas se precisar que alguém a ajude a tirar esse vestido molhado, ficarei encantado em bancar sua donzela — disse, erguendo o olhar o tempo exato para piscar um olho.

Que brincadeira era aquela que fazia o escocês? Se queria forçá-la, não precisava tirar-lhe as botas para isso.

— Nunca tive uma donzela. Nem senti falta disso — replicou, aborrecida.

Estava pensando em como tirá-lo do quarto, quando ele começou a massagear-lhe um pé com suas mãos cálidas. No momento em que os tocou, soube que tinha perdido a batalha. Seu corpo ordenou que ficasse totalmente quieta e desfrutasse daquele momento de prazer celestial. Mordeu o lábio para impedir que escapassem algum gemido que ele pudesse interpretar mal. Seus dedos seguiram massageando-lhe os dedos um a um, e



quando os deixou por fim, foi somente para dedicar-se ao outro pé, com a mesma atenção. Lizbeth deixou cair a cabeça para trás e fechou os olhos.

«Santa Mãe de Deus.» Aquele homem era um presente caído do céu.

Então, segurou-lhe a pantorrilha com a palma de uma mão, enquanto deslizava a outra do joelho até o tornozelo. Sem poder controlar-se, Lizbeth aproximou-se mais da beira da cama.

«Mais para cima.» De onde tinha saído esse pensamento? Sem dúvida o diabo tinha sussurrado em seu ouvido. Uma labareda subiu-lhe dos dedos dos pés até acender um fogo entre suas coxas. Inspirou fundo, acreditando que isso a ajudaria a controlar aquela sensação desconhecida.

A verdade a golpeou no rosto como um látego. Tinha que manter-se a distância dele e de suas mãos mágicas ou não conseguiria chegar intacta à abadia.

—Já é suficiente, obrigado, milord —disse, afastando as pernas de seu alcance.

—Um dia inteiro a cavalo pode fazer-nos sentir dor em todo o corpo. Há alguma outra parte do seu que precise de atenção, antes que vá lavar-me? —perguntou-lhe, elevando uma sobrancelha com malícia.

Suas costas agradeceriam muito, mas conteve-se bem a tempo, e respondeu:

—Não, obrigado, estou bem.

Só então Maxwell levantou-se e pendurou a capa em um dos quatro ganchos que havia na parede. Tirou uma faca de cada bota, duas adagas e uma enorme espada do colete. Metodicamente, apoiou todas as armas contra a parede, exceto uma das facas, de punho negro, que deixou sob o travesseiro. A outra ficou na mão. O homem era a viva imagem de um guerreiro.

Lizzy levantou-se e se apoiou contra a parede. Tremiam-lhe as pernas. Odiava as armas e tudo o que representavam.

—Por que carrega tantas?

—Pelo amor de Deus, Lizbeth. Perseguem-nos. De fato, há cinco homens da guarda do rei dormindo esta noite na estalagem. Tenho uma arma reservada para cada um deles se, por acaso, descobrirem quem é. Do que outro modo vou protegê-la?

—Desculpe minha ignorância —replicou ela, ruborizando-se.

—É que me parece um insulto que tenha medo de mim. Se quisesse livrar-me de você, teria deixado-a dormindo em cima desse pangaré teimoso para que os ingleses a encontrassem —exclamou, indignado.

A menina tímida que havia em seu interior queria pedir-lhe perdão, mas a mulher preferiu zombar.

—E por que não o fez?



Ele apertou os punhos de ambos os lados do corpo enquanto fechava os lábios com força, até formarem uma fina linha. Lizbeth procurou a resposta em seus olhos azuis.

—Por que está me ajudando? —insistiu.

—Porque prometi —respondeu finalmente. Escondendo a faca na manga, dirigiu-se para a porta.

Evidentemente, não ia dizer mais nada e não seria ela quem iria sugerir que poderia haver algum motivo oculto, embora a única justificativa, no seu modo de ver, seria o documento.

—Não sei com que tipo de homens misturou-se que a fizeram acreditar que sua vida não tem nenhum valor, mas eu não penso o mesmo.

Suas palavras a golpearam com tanta força que sentiu-se fraquejar. Abriu a boca, mas não pôde dizer nada.

—Vou lavar-me. Sairemos antes da alvorada, deveríamos tentar dormir o quanto antes.

—Nesta cama? Juntos? —perguntou Lizbeth. Seu corpo inteiro estremeceu ao pensar em compartilhar o leito com aquele homem que acabava de chegar até seu coração com apenas uma frase.

—Dormirei no chão —respondeu ele. Olhou para ambos os lados do corredor e saiu.

No momento em que a porta se fechou atrás dele, ela se apressou a tirar o vestido molhado. Primeiro, as falsas mangas; depois, as duas saias. O sutiã já foi mais difícil. retorceu-se, tentando alcançar as cintas das costas sem afastar os olhos da porta. Se Maxwell entrasse nesse preciso momento, iria se sentir muito incômoda.

Quando por fim pendurou o pesado vestido de damasco no gancho da parede, estava suando, sufocada. Coberta só pela túnica, quase transparente de tão gasta, retirou a colcha e deslizou entre os lençóis, surpreendentemente suaves. Escapou-lhe um suspiro, seguido de uma risadinha. O leito compensava a falta de comodidades do resto do quarto. Esticou as costas e esfregou as pernas contra os suaves lençóis. Edlynn teria desfrutado muitíssimo de uma cama assim. E estava segura de que não teria tido nenhuma dúvida em compartilhar esse esplendor com o escocês.

Se fosse honesta consigo mesma, reconheceria que tampouco ela se importava em fazê-lo. Seu corpo reagiu diante dessa idéia como se a tivesse assaltado uma febre. Encolheram-lhe os dedos dos pés, os mamilos endureceram até doer e seu ventre começou a pulsar. Apoiou ambas as mãos no estômago. Embora nenhum homem a tivesse beijado, nem tinha acariciado seus seios, Edlynn havia lhe explicado que as mulheres tinham os mesmos desejos e necessidades deles. Que era normal desejar que um homem a abraçasse e acariciasse. Lizbeth estava certa que era desejo que estava sentindo.



Ouviu passos do outro lado da porta, ficou de lado, tão perto da beira da cama quanto pôde, e tapou-se até o pescoço.

Um fresco aroma de hortelã anunciou sua chegada. Ouviu-o gemer enquanto tirava a roupa e lembrou-se de suas feridas. Seu corpo necessitava do descanso muito mais que o dela! Era ela quem deveria dormir no chão. Deu uma olhada às tábuas de madeira cobertas de pó e juncos e amaldiçoou-se por ser tão egoísta. Se ficasse na cama, o remorso não a deixaria dormir durante toda a noite e pela manhã nenhum dos dois teria descansado. Talvez pudesse negociar com ele. Tinha demonstrado ser um homem de palavra.

Com o estômago encolhido e o olhar fixo na chama da lamparina, disse:

—Se dormir em cima da colcha, não vejo motivo para que não possamos compartilhar a cama. Assim, nós dois estaremos mais descansados pela manhã.

Durante uns instantes que se fizeram eternos, só se ouviu a respiração dele. Quase podia ouvir seus pensamentos.

—Todo mundo sabe que os escoceses são bestas luxuriosas. Não é muito prudente me fazer essa oferta sem negociar os termos —respondeu por fim.

Deveria ter fingido estar adormecida e deixá-lo descansar no chão, mas se insistia em que pusesse condições, poria-as.

—Se prometer que não me roubará a virtude, pode compartilhar a cama comigo.

—Então pensa que teria que roubá-la.

Lizbeth não precisava ver-lhe o rosto para saber que estava sorrindo.

—Então a arrogância o seguiu da masmorra?

Ele soltou uma gargalhada.

—Vejo que vou ter que dar minha palavra.

—Sim.

—Prometo não roubar sua virtude sem seu consentimento —disse finalmente, depois de respirar fundo.

Ela franziu a testa. Não era de origem nobre, nem tinha uma dote importante, mas tinha intenções de ser virgem quando ingressasse na abadia de Fountains.

O colchão afundou-se sob o peso do escocês.

—Que suave —comentou.

Os escassos centímetros que os separavam carregaram-se de uma estranha tensão. Quando ele esticou braços e pernas, o coração de Lizbeth pulsou com força e ameaçou sair do peito. Com um pequeno gemido, Maxwell ficou de lado. Não tinha respirado nem cinco vezes quando se voltou para o outro lado, golpeando-a no ombro com o braço. Lizbeth teve que segurar-se para não cair da cama.

—Sinto muito, moça. A cama é muito pequena. Não é nem a metade do tamanho da minha cama na Escócia — desculpou-se, voltando-se de novo.



Lizbeth tentou controlar sua impaciência e procurou uma solução. Sabia que não gostava do silêncio. Talvez se falasse com ele acalmaria-se um pouco e ficaria quieto. Voltou-se para o seu lado, com as mãos sob a orelha. Estava de barriga para cima, com os braços cruzados sobre o torso nu. A chama da vela projetava sombras sobre seus músculos parecidas com o símbolo desenhado em seu braço.

—Seu irmão tinha uma marca igual. Significa algo?

—É uma das três palavras importantes do meu clã —respondeu, voltando-se para ela — *Neart, Grá e Onóir*. São palavras em gaélico, um idioma muito antigo. Minha avó nasceu nas Highlands escocesas e nos ensinou o valor destas palavras. Em Aiden tatuaram *Neart*, que significa «força». Meu irmão mais novo leva a palavra *Onóir*, que quer dizer «honra».

Com um dedo, Lizbeth sentiu as letras que ele tinha no braço.

—E o que significa *Grá*?

—Amor —respondeu, olhando-a fixamente.

Sua garganta fechou-se. Não sabia por que, mas a intensidade com que disse a palavra enquanto a olhava nos olhos fez que com que custasse respirar.

— Vivemos segundo essas palavras. Protegemos nosso país e nosso lar.

—Me conte mais coisas dele.

Maxwell voltou a deitar-se sobre as costas e fechou os olhos como se estivesse recordando.

—Imagine o céu e verá a Escócia. Não queria viver nem morrer em outro lugar — disse, como se estivesse falando de uma amante— Faz seis meses que não piso em minha terra, mas sei que a primavera está mudando a paisagem nestes dias. As flores silvestres estão nascendo perto de cada rio, de cada lago.

—Que tipo de flores? — perguntou Lizzy, desejando criar uma fragrância que capturasse a essência da Escócia. E logo um sabão, um novo azeite...

—Lilases brancas, algumas cor de rosa —respondeu ele, encolhendo os ombros— A tia Radella e a tia Jean as secam e as misturam com os juncos que jogam pelo chão.

Ela sorriu diante da simplicidade de sua descrição.

—Tem uma família grande?

—Sim. Na Escócia tudo é grande. As camas, as famílias, os quartos... os homens. Só no castelo de Skonóir vivem uma centena de pessoas. Cada sábado nos reunimos todos. Os homens discutem e brigam; as mulheres cozinham e gritam com as crianças. E as galinhas... as malditas galinhas estão por toda parte. O pátio está infestado delas. Estão por todos os lados.

— Beatrice gostaria.

—Não é um lugar tranquilo, na verdade, mas nunca se sente sozinho.

—Por isso você não gosta do silêncio.



—Não estou acostumado.

Lizbeth pensou em como tinha sido sua existência calada e tranqüila, até então, e uma parte dela desejou uma vida como a que estava descrevendo.

—Há algum curandeiro no castelo?

—Sim, uma velha bruxa má. É tão mesquinha e sarnenta que esconde seus remédios e poções —respondeu, fingindo estremecer.

—Vamos, não pode ser tão má. Quem é?

—Minha avó —respondeu rindo— As crianças saem correndo quando a vêem. Como eu.

Lizzy tentou imagina-lo fugindo de sua avó.

—Por que?

—Cada vez que vou vê-la, aponta-me o seu dedo ossudo e me diz para vê-la quando começar a criar.

—A criar?

—Exato. Sou filho de um homem que teve doze filhos. Espera-se que eu esteja à altura.

«Doze?», pensou Lizzy quase babando de inveja. Teria dado um braço por ter uma irmã.

—Posso dizer seus nomes de carreirinha.

Lizzy tossiu para livrar-se da comichão que sentia na garganta e parecia que estava rindo.

—Não acredita nisso? —perguntou ele, voltando a cabeça de repente. Inspirou fundo, aguardou uns instantes para acrescentar dramaticidade e começou a recitar— Magnus, como meu pai, morreu menino; Aiden, como meu avô; Broderick, como o irmão de meu pai, esse sou eu; Muira, como minha mãe; logo vêm Radella, Jean e Lindsey, que levam os nomes de minhas tias por parte de mãe; Beth, Deirdre, Lilian e Mattie, como minhas tias paternas, e por último, Ian. —Respirou fundo e sorriu.

Lizzy deixou-se contagiar por seu bom humor e pôs-se a rir.

—Deve estar orgulhoso de seu talento para recordar seus nomes.

—Sim, claro.

—Ian não tem o nome de nenhum parente ou ficou sem ar?

Ele também pôs-se a rir, o que fez aparecer covinhas nas suas bochechas.

—Papai estava tão contente de ter outro varão depois de oito meninas, que disse a minha mãe que colocasse o nome que quisesse.

—Sua mãe parece encantadora. Não admira que queira protegê-la.

—Por desgraça, falhei com ela —sussurrou, fechando os olhos.

Devia estar pensando em seu irmão morto.



—Sinto muito, por culpa de meu pai seu irmão está morto.

Ele se voltou para ela.

—Deve saber que Aiden tinha recebido uma brutal surra antes que nos levassem a Torre.

—Isso não muda o fato de que estava vivo antes que meu pai o torturasse.

Fez-se o silêncio.

—Temos que dormir um pouco —sugeri Lizbeth finalmente.

—Suponho.

A jovem voltou-se dando-lhe as costas e apoiou a bochecha em ambas as mãos. Esperava ouvir seus roncos em seguida, mas não se ouvia mais que sua respiração e seus movimentos agitados. Lizzy cravou os olhos na chama da vela, que estava a ponto de apagar-se.

E realmente, instantes depois o fez, sumindo e ficando na mais absoluta escuridão. Inspirou profundamente, com os olhos arregalados. Desejou não ter deixado o rosário de sua mãe no bolso do vestido.

«Nove, e dez, onze», contou as vezes que respirava, cada vez mais forte e mais rápido, como se lhe faltasse o ar. Esperou, sem saber quem iria aparecer em seus pensamentos. Tentou pensar em algo que não fosse as pessoas que amava, nem as que odiava: flores, galinhas, suas botas, um tamborete...

Emma.

A esposa de lorde Hollister apareceu nitidamente em sua cabeça: o cabelo negro, a pele cor de oliva, a boca aberta de terror enquanto a amarravam ao tamborete de castigo à beira do rio.

Emma dando angustiadas golfadas, tentando tomar ar quando a tiraram do rio.

Lizzy também ofegou.

Maxwell voltou-se para ela e a rodeou com seus braços. Apertou-a contra seu corpo. Podia sentir seu fôlego na nuca.

—Durma, anjo. Tudo ficará bem. Eu estarei aqui para protegê-la se os demônios entrarem em seu sonho —acrescentou, dando-lhe um suave beijo no cabelo antes de deixar cair a cabeça de novo sobre o travesseiro.

Seria consciente da coragem que estava oferecendo-lhe?

—Obrigada —murmurou ela, deslizando a mão dentro da do escocês, em busca de um pouco mais de amparo. Apertou-lhe os dedos e acariciou-lhe os nódulos com o polegar.

Lizbeth pensou em lilases brancas, algumas de cor rosa. Sorriu enquanto mentalmente entrava em um vale cheio de cor. Um grande castelo se erguia orgulhoso na distância, símbolo de força e de amparo. Em seu sonho, lorde Maxwell a agarrava pela mão e a guiava até o paraíso. Seu paraíso. Seu lar. Escócia.



Capítulo 8

Quando Broc despertou, tinha um plano.



Depois de separar-se da calidez de seu anjo adormecido, vestir-se custou muito menos que no dia anterior. Escondeu as armas em sua roupa e saiu ao corredor. Os roncoss se ouviram ao passar por dois quartos. O som de gemidos femininos e o ruído de uma cama golpeando ritmicamente contra a parede indicou que a terceira porta era a que procurava. Os gemidos foram aumentando de intensidade e de ritmo, e o som de carne se chocando contra carne punha o contraponto a sensual melodia.

Ouviu-se uma última investida.

E fez-se o silêncio.

Um longo e rouco uivo de prazer soou atrás da porta.

«Pelos pregos de Cristo!», amaldiçoou Broc para si mesmo, desejando que esses sons não o tivessem deixado naquele estado de excitação e perguntando-se por que demônios acabava de deixar a uma cálida mulher em sua suave cama.

Moveu devagar a cabeça de um lado para outro para libertar a tensão e bateu na porta. Uma luz amarela penetrou por debaixo da mesma, antes que se abrisse. O forte aroma de sexo o assaltou ao mesmo tempo que aparecia diante de seus olhos uma jovem nua.

—O que quer? —perguntou ela, sem incomodar-se em cobrir sua nudez.

Depois de um momento, Broc conseguiu afastar os olhos de seus encantos.

—Estou procurando Smitt.

—Está ocupado —respondeu a moça, dirigindo a luz da vela para o interior do quarto para sublinhar suas palavras.

—O que aconteceu? —perguntou Smitt, retirando-se de em cima de outra mulher e dirigindo-se para a porta com um andar de galo orgulhoso. Uma vez ali, apoiou o antebraço no marco e sorriu.

—Não dorme nunca? —Broc sabia que seu primo era um mulherengo, mas desse jeito iria contrair alguma enfermidade grave.

—Dormirei quando morrer. Vamos?

—Logo. Queria pedir ajuda a suas amigas antes de partir.

—Sua ferazinha de fogo virou gelo?

Em um instante, Broc tinha desencapado a adaga e a tinha apoiado no queixo de Smitt.

—Não é minha ferazinha, nem de fogo, nem de gelo, nem de nada. Guarde sua língua para agradar às damas ou a encontrará penduranda na ponta de minha faca.

—Tranquilo, primo, era uma brincadeira —acalmou-o o outro, dando um passo atrás e passando as mãos pelo cabelo escuro.

Por que se sentia tão protetor com Lizbeth? Embainhou a adaga e tentou afogar o aborrecimento ao mesmo tempo.



—Vista-se e averigue onde estão dormindo os guardas. Suas amigas podem ficar se quiserem.

Broc saiu pela porta de trás e chegou contra a parede de um galinheiro. Se as galinhas não detectassem sua presença, tampouco o faria o guarda que estava aliviando-se contra o tronco de um velho carvalho. O coração pulsava-lhe com força. Sentiu que o suor começava a escorregar pelas costas, o que fez com que ardessem ainda mais suas feridas.

Esticou a cabeça pelo canto do galinheiro. Entre a luz da lua, que já se escondia, e o primeiro rubor da alvorada, viu o guarda cambaleando de volta. Estava bêbado. Uma presa fácil. Respirou fundo duas vezes, aspirando a névoa fresca da manhã, guardou a adaga e saiu de seu esconderijo.

Golpeou-o na cabeça antes que o homem sequer o visse. Com sorte, atribuiria a dor de cabeça que sentiria ao despertar às taças a mais. Segurando-o por baixo dos braços, arrastou-o pelo barro até os estábulos.

Os cavalos chutaram e moveram a cauda, agitados. Com cuidado, Broc deixou o guarda sobre um montão de palha, para que continuasse dormindo comodamente. Logo subiu por uma escada até o mezanino, onde encontrou John roncando sob uma manta, ao lado de Celeste. Despertou-o dando-lhe um golpe no ombro.

—É hora.

John ergueu-se, o que deixou as costas nua de Celeste a descoberto. Viu-o arranhar o peito sem abrir os olhos.

—Estou preparado.

Broc não confiou em sua resposta.

—John, abra os olhos. Preciso de você, meu amigo.

—O que quer que faça? —respondeu, agora sim abrindo os olhos.

—Prepare os cavalos do guarda com suas roupas e carregue-os com nossos pertences. Depois junte nossos cavalos, e Celeste e você levem-nos ao alto da colina.

—Dez cavalos? Está louco? —perguntou seu primo, totalmente acordado agora.

Celeste ergueu-se, cobrindo-se com a manta.

—Não seja brando, escocês. O que quer que eu faça?

Broc retirou uma palha do cabelo castanho e recompensou seu entusiasmo com um sorriso.

—Há um homem inconsciente lá em baixo. Dispa-o e guarde sua roupa com nossas coisas —disse Broc, a ponto de descer pela escada— Ah, e não se esqueça da galinha de Lizbeth.

Celeste assentiu com a cabeça e ele sentiu-se orgulhoso de poder considerá-la parte da família. Não era o melhor momento para uma desculpa, mas teria que aproveitar que a mulher parecia estar com um humor razoável.



—Menti, Celeste. Não me chamo Julian Ascott. Meu nome é Broc Maxwell e sou o filho de lorde Magnus Maxwell. Vivo em West Parta, na fronteira oeste da Escócia. Eu gostaria de pedir-lhe desculpas e dar-lhe as boas-vindas a meu clã.

Ela baixou a cabeça com acanhamento e bateu seus longos cílios.

—Obrigado, milord, está perdoado.

—E eu? —perguntou John.

—Não, você não —respondeu bruscamente.

Uma vez embaixo, Broc localizou as sacolas de Lizbeth. Mais tranqüilo agora que sabia que seu plano estava em marcha, retornou ao quarto que tinha compartilhado com ela.

Para evitar que fosse tomada pelo pânico ao despertar na escuridão, levou uma vela de sebo acesa do corredor e a trocou pela gasta. A luz criava um halo sobre seu anjo, mais sedutora que nunca enquanto dormia. Seu cabelo vermelho formava muitas ondas sobre o travesseiro e tinha a expressão de uma mulher satisfeita. Uma perna escapou de sua prisão de mantas e a túnica tinha levantado quase até o quadril.

Broc admirou cada linha e cada curva, do tornozelo, subindo pela pantorrilha até chegar à coxa. Ao inclinar-se para ver se conseguia dar uma olhada a seu arredondado traseiro, seu já rígido membro deu um salto. Moveu a cabeça para livrar-se de seu feitiço e, rodeando a cama, sacudiu-lhe o ombro.

—Lizbeth, acorde.

A jovem levantou os braços e os esticou por cima da cabeça. Arqueou-se com graça felina e gemeu. As cintas da túnica haviam afrouxado enquanto dormia, deixando a descoberto um pequeno pedaço de um mamilo.

Por todos os demônios! Broc queria prová-la. Queria deslizar a língua sobre sua textura de veludo até que o mamilo endurecesse sob seus dentes. O coração começou a pulsar com tanta força que as costelas doeram.

Teve que engolir em seco. Passou a língua pelos lábios enquanto se ordenava, física e mentalmente, para não cair na tentação. Por que todo mundo tinha que estar nu? Sem atrever-se a tocá-la outra vez, inclinou-se sobre ela e soprou-lhe o rosto.

—Lizbeth, acorde, preciso de você.

—OH, Broc, eu também preciso de você —sussurrou ela, rodeando-lhe o pescoço com os braços e atraindo-o para sua boca. Mordiscou-lhe o lábio inferior e gemeu.

Ele apoiou um punho de cada lado de sua cintura, lutando para conter-se. Embora a mente gritasse que se afastasse, sua boca não lhe fez nenhum caso. Devolveu-lhe a dentada com delicadeza, provando o doce néctar que oferecia sem dar-se conta. Nesse instante, soube que nunca teria suficiente.



Lizbeth o tinha chamado por seu apelido. O fato de que tivesse estado sonhando com ele fez com que custasse ainda mais afastar-se dela. Mas a consciência ganhou a partida. Não era o tipo de homem que se conformasse com beijos roubados. Afastou-lhe os braços de seu pescoço e cobriu suas pernas com a túnica, agarrando o objeto só com o indicador e o polegar. Logo, esperou uns segundos para que ela fosse despertando.

Quando abriu os olhos, parecia confusa e de mau humor, mas não assustada.

—Acaba de me beijar?

—Não, você me beijou .

Com um dedo, Lizbeth tocou os lábios ainda úmidos enquanto percorria a boca dele com o olhar.

—Por que?

—Suspeito que estava tendo um interessante sonho com seu amante —brincou Broc, para que não se sentisse incômoda.

—Não tenho amante.

—Pois deveria ter. É uma pena esbanjar toda essa paixão em um monastério. Eu vivi em um durante dois anos e quase fiquei louco.

Lizbeth inclinou a cabeça, surpresa por suas palavras.

—Despertou-me para falar sobre a vida monacal?

—Não. Trago suas coisas e preciso de sua ajuda.

—Quer que olhe seus pontos?

—Quero que prepare uma poção —respondeu ele, dando-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se da cama. Mas uma vez em pé, as pernas falharam e cambaleou. Contendo a respiração, Broc rodeou-lhe a cintura com um braço até que manteve o equilíbrio. Foram só uns segundos, mas se fizeram eternos.

«Dois dias», recordou-se, e perguntou se ia ter que conter a respiração até Yorkshire.

—Temo que não posso andar.

—Quando se mover um pouco passará. Temos trabalho a fazer, anjo —animou-a.

Soltou-a para recolher sua roupa do gancho onde ela a tinha deixado na noite anterior. Deixou o sutiã sobre a cama e começou pelas saias. Abrindo-as pela cintura, dobrou um joelho e esperou.

Lizbeth não se moveu.

—Venha, entre —disse ele, olhando para cima.

—O que está fazendo?

—Ajudando-a se vestir.

—Posso fazer isso sozinha.



—Não temos tempo para voltar a ter esta discussão. Entre. Iremos mais rápido se ajudá-la.

Apoiando-se em seu ombro, Lizbeth colocou um pé pela abertura e logo o outro. Subiu-lhe as saias até a cintura e as amarrou com rapidez. Amaldiçoou a si mesmo, quando percebeu que tremiam-lhe as mãos. Sem deter-se, alegrou-se quando ela colocou os punhos nas mangas sem discutir.

—Há algum problema, milord? —perguntou, enquanto amarrava as cintas às suas costas.

Broc não respondeu em seguida. Quanto antes tivesse as cintas amarradas, antes perderia de vista aquelas tentadoras curvas que apareciam sob a fina túnica.

—Ainda não. Tem aqui o necessário para preparar o que pôs no látego de seu pai? Isso que deixa os homens sem força nas pernas?

Lizbeth voltou os olhos para as sacolas que descansavam sobre a cama.

—Sim, tudo está aí, mas o preparado pode ser letal se errar a dose. Quero saber com quem pensa usá-lo antes de fazê-lo.

—Com os guardas que estão na estalagem —respondeu Broc, esfregando as mãos, cada vez mais animado com seu plano.

Lizbeth assentiu com a cabeça e começou a tarefa. Broc a observou enquanto misturava as ervas e sentiu um profundo respeito por sua inteligência e sua habilidade. Sua avó passou a maior parte de sua vida tentando conseguir remédios, mas quase nunca funcionavam. Em troca, ele tinha provado em suas própria carne a eficácia das poções da jovem. Era uma lástima que seu talento fosse esbanjado na Torre.

Trabalhou a mistura com o morteiro até conseguir um fino pó.

—Se ficar me olhando, vai me deixar nervosa. Dê-me a jarra de água?

Broc conteve a respiração enquanto ela jogava a mistura na jarra, para não correr o risco de aspirar o pó que levantava-se.

—Preparado. Suficiente para cinco homens.

—Recolha tudo e acabe de se arrumar. Não saia do quarto até que eu volte.

—Sim, milord.

Broc refez o caminho até o quarto de Smitt. Desta vez, quando a beleza nua abriu a porta, já estava preparado e dirigiu-lhe um sorriso insinuante.

—Quer ganhar umas moedas, moça?

Os olhos dela iluminaram-se, mas o sorriso de dentes negros que dedicou-lhe fez com que Broc desse um passo para trás.

—A quem terá que matar? —perguntou Smitt, vestido e a ponto de sair.



—A ninguém —respondeu ele, entrando no quarto, muito pequeno para quatro pessoas, e deixando a jarra no tamborete. Tirou sete moedas do colete e lançou-as sobre a cama. Olhando à outra jovem, que por sorte usava alguma roupa, assinalou as moedas.

—Darei-lhes um ducado por cada guarda que consigam que beba uma taça cheia disso. Um deles está no estábulo, com certeza. E duas moedas mais se me trouxerem a roupa de dois guardas. Interessa?

—Será um prazer —disse a segunda.

Broc e Smitt as seguiram corredor abaixo e esperaram fora dos quartos dos soldados. A porta onde estava Smitt abriu-se primeiro e uma mão apareceu, tirando um uniforme. Pouco depois, a ação repetiu-se na outra porta.

Uma das jovens saiu pouco depois.

—O que há na água? É veneno?

Suas palavras despertaram lembranças em Broc.

—Não, não é veneno, é uma beberagem. Divida-a em cinco partes iguais. Sabe contar?

—Sim, senhor —respondeu com outro feio sorriso— Cinco moedas, cinco taças, cinco guardas. Eu cuidarei do homem do estábulo e Ulna dos outros quatro. Obrigado, senhor. Suas moedas são muito bem-vindas.

Broc ordenou a Smitt dirigir-se à colina enquanto ele buscava Lizbeth. Ao abrir a porta, encontrou-a sentada na cama com as sacolas nas mãos. Ergueu os olhos para ele, e pôde ver neles uma confiança que não conseguia compreender. Mas que não pensava defraudar.

Dessa vez não.

Estendeu-lhe uma mão.

—Vamos, Lizbeth.

Ela levantou-se e pôs sua mão na dele como se conhecessem por toda uma vida. Quando saíram da estalagem, ele a guiou para a colina, em vez de ir para os estábulos, hesitou um instante, mas não soltou-lhe a mão. De fato, a segurou com mais força.

—Aonde vamos? —perguntou.

Broc apontou o alto da pequena elevação, onde as silhuetas de dez cavalos recortavam-se contra a luz rosada da alvorada.

—O que está tramando, milord?

Ele se deteve frente a ela e levou sua mão aos lábios.

—Acredito que merece ser salva, Lizbeth Ives. Vou escoltá-la até o castelo de Middleham, no condado de York, como sir Julian Ascott, guarda e nobre servidor do rei da Inglaterra. Não compartilho a fé que tem na benevolência do duque de Gloucester e não penso em deixá-la em seus domínios.



Capítulo 9



Lizzy teve que abrir muito as pernas para montar sobre o cavalo. Não entendia por que Maxwell tinha escolhido para ela o maior dos animais roubados, mas sabia que estava cavalcando há apenas algumas horas e as coxas ardiam-lhe. Observou o escocês enquanto vendia os seus cavalos ao arrendatário de uma granja em troca de moedas e provisões, e também quando dividiu tudo entre John, Smitt e Celeste.

A seguir, dirigiu-se a ela com elegância, embora o ar de nobreza que emanava dele não tinha nada a ver com as luxuosas roupas roubadas que usava. Um colete de cetim carmim com bordados dourados ajustava-se a seus largos ombros, enquanto os apertados calções negros destacavam cada linha de suas musculosas pernas. Por razões que Lizzy não podia entender, bastava aquele homem respirar em sua direção, e seus mamilos endureciam.

—Comeremos sem desmontar —disse ele, dando-lhe um pedaço de pão, carne de cordeiro seca e um copo de hidromel.

—De acordo —respondeu ela, sabendo que não aceitaria uma negativa.

Depois de uma rápida inspeção dos cascos do animal, Maxwell acariciou-lhe o focinho, erguendo o olhar para ela. Embora parecesse um olhar inocente, Lizzy sentiu que uma onda de calor percorria-lhe as costas.

—É um animal muito potente. Acredita que poderá montá-lo durante todo o dia?

«Não.» Mas em vez de negar-se diretamente, optou por responder com outra pergunta:

—Por que tenho que montar o cavalo maior?

—Porque é o mais rápido. E se nos atacam, quero que possa fugir —respondeu ele, montando um animal quatro palmos menor que o seu.

«Preferia montar com você», disse em silêncio, mas forçou um sorriso valente e mordiscou o pão.

—Se cavalgarmos todo o dia, chegaremos aos subúrbios de York ao cair da noite — acrescentou ele, esporeando o cavalo— Levarei-a diante de seu duque pela manhã.

Lizzy desanimou um pouco. Sua promessa de protegê-la seria cumprida uma vez que estivesse diante do irmão do rei. E então, já não haveria razão para que ficasse com ela. Passar o resto de seus dias na abadia de Fountains tinha parecido uma perspectiva agradável em outros tempos, mas agora parecia uma vida tão solitária como a que tinha levado na Torre.

John e Smitt, vestidos com o mesmo uniforme que Maxwell, seguiram-no montados em dois cavalos negros cobertos com mantas decoradas e douradas. Escoltavam-na como



se fossem nobres cavalheiros, e Celeste completava a comitiva, fazendo-se passar por sua donzela. Um pequeno séquito disfarçado para entrar no castelo de Middleham.

Um bando de merlos negros cruzou o céu para o oeste. Um corvo pôs-se a voar com eles, e seguiu o grupo durante horas sob um sol muito forte para abril. Sem brisa que aliviasse o calor, o pesado vestido de Lizbeth transformou-se em outra carga.

Decidida a demonstrar que não era uma mulher frágil, negou-se a mostrar sinais de fadiga durante todo o dia. Evitando a estrada sempre que era possível, cavalgaram seguindo o curso do rio ou entrando no bosque. Cada vez que se aproximavam de um povoado, Maxwell perguntava-lhe como estava, observando-a com um olhar de predador, de líder da manada.

Já era tarde quando parou ao seu lado.

—Quer que paremos, Lizbeth?

—Não precisa. Posso seguir —mentiu, embora tampouco tivesse muita importância. Se ele decidisse deter-se, não ia poder desmontar. Fazia horas que havia deixado de sentir dor nas coxas e na parte baixa das costas. De fato, fazia horas que deixou de sentir qualquer coisa. Era seu castigo pela tintura que pôs no látego.

—Está certa? Mesmo Smitt parece cansado. Podemos continuar até o seguinte povoado, mas não acredito que Celeste tenha resistência.

—Não pretende parar aqui? A descoberto? —perguntou, procurando a lua, alarmada. Não estava clara, por isso não podia contar com ela para que desse um pouco de luz— Temos barracas?

—Não, sua majestade, não temos barracas —respondeu ele com um sorriso zombador.

Maxwell conhecia perfeitamente seus medos e, entretanto, estava rindo dela. Levantou o queixo, orgulhosa.

—Tinha pensado em algum lugar?

—Há um lago ao pé da seguinte colina —respondeu, inclinando-se para ver o seu rosto.

—Como quiser, milord —replicou Lizbeth, esporeando o cavalo, sem dar-lhe tempo para ver as repentinas lágrimas que seu comentário zombador provocou.

Logo chegaram a um vale escondido entre a vegetação. Um riacho ia morrer em um pequeno lago rodeado de flores silvestres: rosas, lírios, violetas e outras que Lizzy não reconheceu. A visão deu-lhe forças para continuar. Estalou a língua e deu um tapinha na garupa do cavalo, que desceu a colina a toda velocidade.

Podia recolher uma de cada, ou talvez mais, e levar à abadia. Inalou seu potente perfume e decidiu que prepararia uma fragrância única para a abadessa.



O garanhão deteve-se bruscamente ao chegar a margem do lago, arrancando-a de seus pensamentos. O cavalo empinou e logo voltou a baixar as patas, salpicando-a. A escuridão da água fez com que o coração acelerasse. Tentou obrigar o animal a dar a volta, sem olhar o lago. Agitada, o animal movia a cauda, açoitando-a como minúsculos látegos.

Ansiosa para desmontar, Lizzy ergueu-se nos estribos, mas os músculos não lhe responderam e uma pontada de dor percorreu-lhe as costas. Voltou a desabar sobre o lombo do cavalo e moveu primeiro os dedos dos pés e logo os tornozelos para recuperar a mobilidade. Balançando-se de um lado para outro da sela, tentou recuperar o controle dos quadris. Obviamente alheio a tudo isso, o garanhão inclinou-se para beber água, quase fazendo-a perder o equilíbrio. Quando estava a ponto de tirar um pé do estribo, ouviu o estrondo de cascos dos outros cavalos.

—Pelos pregos de Cristo, mulher! Perdeu o juízo? Quase se atira de cabeça no lago. Estes animais estão acostumados a seguir instruções. São cavalos de guerra. O vestido poderia tê-la feito afundar nas águas. No que estava pensando? Responda de uma vez! Por que não diz nada?

Embora surpresa por seu tom, a preocupação que escondiam suas duras palavras a comoveu.

—Para começar, porque se não calar-se, não posso dizer nada. Perdoe-me por tirar de você anos de vida com o susto. Só queria recolher algumas flores antes que anoitecesse —respondeu, soando a seus próprios ouvidos como uma patética criança.

Maxwell esfregou os olhos e as têmporas com as mãos.

—E se tinha tanta pressa, por que ainda não desceu do cavalo?

—Estou desfrutando da vista. É belíssima —mentiu.

—Não pode descer, não?

Ela assentiu com a cabeça, envergonhada por sua debilidade. Segurando as rédeas, fixou o olhar no musgo que rodeava o lago. Uma rã pulou e logo desapareceu na água.

Maxwell moveu o pescoço para ambos os lados, devagar. Logo, desmontou com um grunhido e puxou as rédeas sobre as orelhas do animal, que imediatamente agachou a cabeça para beber. Lizzy percebeu que o escocês caminhava, ligeiramente manco. Depois de afastar o garanhão dela da margem, agarrou-a pela cintura e a desceu.

—Por favor, Maxwell, não me solte ainda —pediu Lizbeth, segurando-se com força em seus antebraços e com os olhos cravados em seu peito.

—Deu-me um susto enorme —admitiu ele.

Através da camisa desabotoada, Lizzy podia ver como seu peito subia e descia com rapidez.

—Não era minha intenção —desculpou-se.

—Acha que poderá caminhar? —perguntou-lhe, afrouxando as mãos.



—Suponho que sim...qualquer dia desses. —As pernas dobraram-se.

Com um só gesto, levantou-a do chão e a agarrou em seus braços. O movimento provocou em Lizzy uma comichão no estômago.

—Onde estão os outros?

Maxwell entreabriu os olhos.

—Parece que ajudando Celeste a desmontar.

Lizzy fixou-se na cena e sentiu-se melhor.

—Por que pararam tão longe?

—O lago é menos profundo nesse lado —respondeu, deixando-a sobre um leito de grama, sob um salgueiro branco— Vou ajudá-la a mover as pernas. Logo poderá recolher suas flores, está bem?

—Obrigado. —Lizzy reclinou-se na grama, sem preocupar-se de que seus joelhos não estivessem juntos. Duvidava que pudesse voltar a fechar as pernas algum dia. Não protestou quando tirou-lhe as botas e as meias, nem quando começou a praticar a mesma magia que na noite anterior, pressionando-lhe os músculos até que as dores desapareceram e o formigamento cessou. Deixou que continuasse, só para desfrutar de um momento tão delicioso. Cobriu os olhos com o braço, esperando que o escocês não se desse conta do poderoso efeito que tinha sobre ela; de como seu coração acelerava cada vez que a olhava; como sua pele arrepiava-se cada vez que pensava nele.

Era uma pena que não soubesse, e nem sentisse, o que ocorria quando um homem tocava uma mulher intimamente. Tinha tantas coisas em seu interior que desejava compartilhar... Mas antes que a auto-compaixão pudesse abrir caminho em seu interior, uma vizinha sugeriu-lhe que deixasse que lorde Maxwell a tocasse. Sorriu, sabendo que era Edlynn quem falava.

—Por que está sorrindo? —perguntou o escocês deitando-se ao seu lado e apoiando-se em um cotovelo.

—Edlynn estava falando comigo —respondeu, cravando o olhar nos ramos do salgueiro e desfrutando da beleza do lugar e do calor do corpo recostado ao seu lado.

—E o que dizia? —perguntou ele, arrancando um ramo e passando-lhe pela clavícula.

Ela a afastou, mas desejando que voltasse a fazê-lo.

—É uma velha luxuriosa. Suas orelhas incendiariam se ouvisse as coisas que me diz.

—Tem toda minha atenção. Estou ouvindo — animou-a, roçando-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

Lizzy desejava que a tocasse. Desejava-o tanto que doía. Atreveria-se a falar-lhe de seus pensamentos, de seus desejos? E se a rechaçasse?

—Disse-me que me arriscasse, que brincasse mais.

—Que brincasse? Talvez sua velha amiga tenha alguma sugestão?



Ela franziu a fronte, como se estivesse concentranda em escutar o que alguém lhe dizia. Logo abriu muito os olhos e a boca.

—OH, Edlynn, é uma mulher muito travessa. Não deveria dizer essas coisas.

Ele pôs-se a rir as gargalhadas.

—Está louca!

—Claro que estou —replicou ela, fazendo uma careta, desfrutando mais de sua companhia que de sua sedução — Você também estaria se tivesse uma anciã em sua cabeça dizendo-lhe que...

—Dizendo que..., Lizbeth? —perguntou ele, inclinando-se para ela e roçando-lhe a face com os dedos.

A comichão que sentia cada vez que o tinha perto percorreu-lhe as costas como uma chicotada. Levantou um braço para tocar-lhe a mão, mas ele foi mais rápido. Agarrou-a e a segurou no chão, por cima do ombro, cobrindo-a ao mesmo tempo com seu corpo, enquanto com um dos joelhos separava-lhe as pernas.

Lizzy afogou um grito e apertou-lhe a mão com força, esperando, desejando algo que o escocês queria dar.

Ele se inclinou sobre sua orelha.

—Está dizendo que Edlynn queria que sentissemos, que se atrevesse a desejar? Ou é sua própria voz que fala? A mesma voz que gritou meu nome em sonhos esta manhã — sussurrou-lhe no ouvido enquanto roçava-lhe os lábios com os seus— A mesma voz que quer me pedir que a beije, mas não se atreve porque tem medo, tem medo de tudo.

Lizzy sentiu-se muito ofendida. Abriu os olhos de repente e o fulminou com o olhar.

—Não me dá medo.

—Quer que apostemos, anjo? Se realmente não tiver medo, me diga o que a voz de sua cabeça quer eu que faça.

Estava provocando-a, mas não se importava. De qualquer forma, sairia ganhando.

—Quero que me beije, e que me toque, e que me diga que me deseja.

Ele não se fez de rogado e, com um rápido movimento, sua língua se uniu a dela, exigindo que brincassem juntas.

Lizzy assim o fez.

Imitava seus movimentos, perseguindo sua língua e girando com ela em uma dança erótica no interior de sua boca. Quando sugou-lhe o lábio superior, ela fez o mesmo com o inferior, mordiscando, provando seu sabor. Tinha medo de mover-se, de respirar, de algo que pudesse fazer com que se afastasse e a deixasse. Dentro dela, vivia prisioneiro um potente desejo que exigia ser libertado. Que exigia mais.

Lizzy rodeou-lhe o pescoço com a mão para aproximá-lo mais. Mas então, tão subitamente como tinha começado, tudo acabou.



—Ach! —exclamou Maxwell, separando-se dela como se queimasse, embora quem sentia-se em chamas era Lizbeth.

Estava no inferno, um inferno ardente e carnal.

—Acredito que será melhor que mantenhamos Edlynn afastada de sua cabeça. Não joga limpo.

«Não joga limpo?» Talvez a coisa tivesse começado como um jogo, admitia, mas acabou chegando muito longe.

—Como pode brincar sobre o que acaba de acontecer?

—Beijei-a. Beijou-me. Isso é tudo —disse ele, levantando-se e secando o suor do pescoço— Não me olhe como se acabasse de roubar a sua virtude.

Lizzy fechou a boca, perguntando-se quanto tempo havia ficado com ela aberta, e ficou de pé com dificuldade, ignorando a dor nas costas. Afastou-se do escocês e de seu repúdio. Estava acostumada que a humilhassem, mas nunca tinha doído tanto como dessa vez.

Colocou as meias nas botas e, com estas nas mãos, atravessou a grama alta até chegar a seu cavalo.

—Pensei que queria colher flores —gritou ele atrás dela.

—Mudei de idéia.

—Você ou Edlynn?

—Escocês arrogante e babão —grunhiu entre dentes, usando um dos insultos favoritos da anciã.

Aquela mulher não era um anjo.

Se seus beijos não fossem provas suficientes, o fogo que ardia em seu olhar quando zangava-se certamente o era. A fúria devia ser uma das muitas emoções que Lizbeth mantinha bem guardada em seu interior. Outro, o desejo; quebrou as barreiras e escapou, e ele foi um perfeito idiota ao zombar dela por libertá-lo.

Sacudiu o pó que grudou nos antebraços, enquanto a olhava caminhar entre a grama, que chegava aos joelhos, em direção a seu cavalo. Pegou as rédeas e conduziu o garanhão pela margem do lago, sem perceber que o cavalo dele a seguia. Seus movimentos eram bruscos e decididos. Movia a mão livre e sacudia a cabeça, enquanto falava com o animal. Não deixou de resmungar até que Broc deixou de ouvi-la.

Pobre besta. Mais tarde daria-lhe uma recompensa por ter agüentado um sermão que era dirigido a ele. Esfregou a nuca, sentindo ainda o contato de seus dedos e sentiu uma comichão.

Era um desajeitado que, diferente de Smitt, não tinha nem idéia de como conquistar às moças. O encanto não fazia parte das disciplinas que havia estudado com o irmão Mel. A



disciplina, sim. Passou dois anos aprendendo a controlar seus desejos, a não desejar o título de seu pai, nem à prometida de Aiden.

Nesse momento deveria estar entre seu povo, contando mentiras aos seus irmãos; bebendo uísque do tio Ogilvy à saúde de seu irmão e celebrando sua morte, não como o final de um ciclo, mas sim como o início de outro. Assim acontecia em seu clã. Morriam muitos para passar a vida de luto. Esperava que seu pai confiasse nele para guiar e cuidar dos seus em lugar de Aiden.

Entretanto, proteger Lizbeth transformou-se também em um dever. Os planos dela eram absurdos, mas Broc suspeitava que era a única coisa que restava em sua vida. A garota considerava-se responsável pelos pecados de seu pai e de sua pátria. No dia seguinte, deixaria-a a salvo entre os muros de uma abadia, onde praticaria o celibato e aprenderia obediência, submissão e a morder a língua. O fogo que ardia em seu interior se extinguiria, junto com sua paixão e seu desejo.

Um desejo que havia sentido e que logo, como um imbecil, tinha rechaçado.

Coçou o pescoço. Formigava-lhe tudo. Aquela mulher deixava-o inquieto, com uma comichão que não era normal.

Coçou as mãos e olhou o dorso das mesmas.

Manchas. Tinha as mãos e os braços cheios de manchas vermelhas. Fixou-se no chão e confirmou que, realmente, deitou-se sobre aquelas malditas plantas que o enchiam de rodela.

Maldita fosse!

Ficou em pé com um salto e tirou a roupa, deixando vários objetos e armas até chegar à margem. Sem pensar um instante na temperatura da água, atirou-se de cabeça no lago.

—Parece um pouquinho preocupada, moça.

Lizzy afastou o olhar de seus pés nus e contemplou John com um olhar furioso que o homem não merecia.



—É meu jeito, mas obrigada pelo interesse.

—Minha esposa tem o mesmo jeito —respondeu ele, agarrando as rédeas do cavalo de Lizzy e acariciando o pescoço do animal.

—Temo que sua esposa está mais que «um pouquinho preocupada» —replicou Lizbeth, imitando seu acento, o que provocou a risada de John. Não era habitual nela fazer um homem pagar pelos pecados de outro. O aborrecimento e a dor que lhe oprimiam o peito eram culpados de sua atitude.

—Poderia falar com Celeste? Abrandá-la um pouquinho, por favor —suplicou.

Lizzy sabia como evitar que alguém sangrasse, mas não tinha experiência em abrandar esposas, e muito menos se estavam tão zangadas como aquela. Apesar disso, agradeceu a oportunidade de distrair-se. Qualquer coisa era preferível a pensar no escocês.

—Se for somente um pouquinho, tentarei. Onde está?

John assinalou com a cabeça para uma clareira do bosque, enquanto desamarrava a gaiola de Beatrice e a dava para Lizzy.

—Agradeceria-lhe muito.

Aquele homem ia acompanhá-la até o castelo de Middleham seguindo as ordens de lorde Maxwell. Estava colocando sua vida em perigo por obedecer essas ordens. O mínimo que ela podia fazer era falar com sua mulher.

—Farei.

—Tome cuidado, moça. Celeste é muito mulher.

Lizbeth ergueu as saias e tentou não pisar nas flores que encontrou em seu caminho, tomando nota mentalmente do lugar para voltar e recolhê-las mais tarde. Celeste já pendurava as meias e a túnica suja em uns ramos baixos e estava estendendo umas mantas no chão. A brisa do entardecer alvoroçava-lhe o cabelo e a luz amarelada refletia em seu rosto como pó de fadas. Os artistas teriam brigado para pintar suas curvas. Recebeu-a com um sorriso que a fez sentir bem-vinda.

—Já era hora de que pudéssemos falar, milady —disse, agarrando as botas.

—Chame-me de Lizzy, por favor.

—Como quiser —aceitou Celeste, pendurando as meias perto das suas para que arejassem— Como vão as coisas com seu novo marido?

Ela não soube que expressão usar. Estavam há dois dias cavalgando e ninguém incomodou-se em esclarecer que o matrimônio era uma farsa? Se queria ser amiga daquela mulher, teria que dizer a verdade o quanto antes.

—Não é meu marido. Lorde Maxwell acreditou que seria mais seguro que todo mundo acreditasse que era.

—Malditos escoceses mentirosos.

—Sim —assentiu ela, antes de perceber o que estava dizendo.



—Minha mãe advertiu-me que não me deitasse com nenhum, se pudesse evitar, e um dia descubro que estou há dois anos fazendo precisamente isso. Dois anos, Lizzy! Percebe? E agora vou ter que passar o resto de minha vida com um monte deles — desafogou-se Celeste enquanto estendia duas mantas mais.

—Estou certa que nem todos são uns malditos mentirosos —consolou-a, tirando Beatrice da gaiola, acariciou-lhe a plumagem e pegando o ovo que rolava no fundo. Deixou-o de lado e sentou-se em uma das mantas, ao lado de Celeste.

—Conheço três escoceses: John, Smitt e Jul... lorde Maxwell —enumerou a mulher, contando nos dedos— Meu John é um mentiroso, seu Maxwell é um mentiroso, e sei de fontes seguras, que o mulherengo do Smitt é um mentiroso. Propõe casamento a todas as mulheres que entram no botequim.

Lizbeth refletiu sobre o que estava ouvindo. Desde que conheceu Maxwell, este não havia mentido nenhuma vez. Entretanto, tinha mentido a Celeste.

—Quanto tempo faz que conhece lorde Maxwell?

—Seu irmão e ele chegaram à estalagem com John e Smitt há dois verões, mas passavam longas temporadas fora. John dizia que estavam na corte, outra mentira, sem dúvida —concluiu Celeste, dando-lhe um copo para que bebesse— Espiando para o rei da Escócia, certamente.

«O documento», percebeu Lizzy. As palavras maliciosas de Buckingham redigidas com tanta eloquência. Uma prova assim devia ter um grande valor para alguém cujo objetivo na vida era encontrar um modo de destruir seu inimigo. Lutou contra a idéia que surgia em sua mente: Estaria o escocês protegendo-a ou ao documento? Não queria pensar na possibilidade de que o beijo fosse parte de uma estratégia para ganhar sua confiança.

—Um bando de bárbaros, do primeiro ao último —seguiu dizendo Celeste.

—Piores que uma bacia de baba de sapo e de tripas de pescado —acrescentou Lizzy, dando um gole.

A mulher pôs-se a rir com tanta força que no final soluçou. Aquilo não podia estar ajudando a John.

Os olhos de Celeste brilhavam enquanto procurava um insulto que estivesse à altura do dela.

—Tão repugnantes quanto vermes em um bolo de carne —disse finalmente.

Lizzy cobriu a boca e enrugou o nariz, enquanto o hidromel revolvía em seu estômago. Quando ocorreu-lhe outro insulto, levantou um dedo.

—Tão asquerosos quanto a graxa de seu gado. —Esse era um dos insultos favoritos de Edlynn. Sabia que a anciã estaria orgulhosa de que alguém o resgatasse do esquecimento.

Celeste retorcia-se, às gargalhadas, segurando o estômago.



—É um milagre que encontrem mulheres que lhes dêem filhos, com as pintas que têm.

As duas riam com tanta força que as lágrimas rolavam pelas bochechas. Lizzy não recordava ter rido tanto em toda sua vida. Até Beatrice parecia compartilhar de seu estado de ânimo, batendo as asas e saltando de um lado para outro.

—Saudações, senhoras —disse Smitt, informalmente, ao passar ao seu lado.

Lizbeth, que estava bebendo outro gole de hidromel, engasgou-se. Santa Mãe de Deus! O homem estava completamente nu. Sem contar Maxwell, tinha o traseiro mais perfeito que tinha visto. As nádegas flexionavam-se a cada passo que dava em direção à água. Ficou embevecida olhando-o. Que mulher não o faria?

Smitt subiu numa rocha, voltou-se um momento para comprovar que o estavam olhando e mergulhou com elegância no lago.

—Talvez um ou dois desses escoceses não sejam tão horríveis —admitiu Lizzy, voltando-se para Celeste.

Esta, finalmente, conseguiu afastar os olhos da água.

—Para uma mulher não deveria faltar ânimo para um festim com esse homem —reconheceu, passando a língua pelos lábios.

Ela assentiu com a cabeça, pensando em outros lábios que lembravam pecado e especiarias.

Ouviram um uivo as suas costas e, antes de poder ver o que estava acontecendo, John já subia no alto da rocha —nu— e se atirava no lago, com os braços ao redor dos joelhos. A água que salpicou molhou as meias que estavam penduradas em um ramo abaixo.

Os três homens jogavam-se na água como meninos pequenos, salpicando-se, lutando e pavoneando-se diante delas. John não deixava de olhar para sua esposa com adoração.

O sorriso de Celeste, embora triste, continuava sendo um sorriso.

—Não vou negar que amo meu John. Me faz rir e, quando me olha, sinto-me a mulher mais bela da Inglaterra. Seguiria-o até o inferno, mesmo se esse inferno se chama Escócia.

Lizzy não sabia se tinha ajudado ao homem, mas certamente sua esposa parecia ter se abrandado um pouco.

—Deus me proteja de meu rei por dizer isto, mas tenho a sensação de que esse país pode parecer mais com o paraíso do que imaginamos. Talvez devesse perdoar seu marido.

—Talvez o faça —respondeu Celeste, e com um sorriso travesso, tirou a roupa.

Foi saltitando até a rocha, vestida unicamente com a fina túnica, tapou o nariz com dois dedos e saltou na água. John imediatamente nadou até ela, e começou a dar voltas ao seu redor, enquanto Celeste o provocava com olhares de soslaio.



Lizzy os observava tentando não sentir inveja, e perguntando-se como seria ter um escocês que lhe dirigisse esses olhares cheios de fogo.

Maxwell tirou a cabeça da água a pouca distância deles, tão nu quantos os outros.

Ela sentou-se um pouco mais a direita e procurou sua roupa pelo chão.

—Maldito seja! —renegou com uma careta. Como podia ter perdido o momento em que tinha entrado na água?

A luz do crepúsculo refletia-se em seu peito musculoso. A água descia desde seu cabelo negro, percorrendo os traços de seu rosto. Viu-o flutuar uns momentos sobre as costas antes de voltar a afundar-se no lago.

Incapaz de fazer mais nada além de contemplá-lo, Lizzy apoiou o queixo nos joelhos. Havia algo nele que fazia com que esquecesse de quem era, e que tinha ido tão longe. Era força, poder e inteligência em um só homem.

Olhou-a.

Ela voltou em seguida a cabeça, para que não a pegasse observando-o.

—Venha, Lizbeth, estávamos sentados sobre a planta que comicha — convidou-a, levantando ondas ao mover as mãos para frente e para trás.

—A planta que comicha? E com essa desculpa pensa que vou entrar na água gelada? Boa tentativa.

—Não acredita? Olhe as rodela —disse, começando a sair do lago.

Ela ficou em pé com um salto e estendeu os braços.

—Não é necessário. Acredito em você. Tenho um pouco de verônica na sacola. Prepararei uma poção que acalmará a coceira. Darei quando curarem os pontos.

Ele voltou a afundar-se, agradecido.

—Não sente a comichão?

—Não. Com algumas pessoas acontece de saírem rodela, mas com outras não. Não acontece comigo, em troca, o meu pai fica tomado.

—Quem é seu pai? —perguntou Celeste.

Lizzy deu um passo atrás, sem afastar os olhos de Maxwell. Desejava que a ajudasse, embora não soubesse como. Não queria mentir de novo à mulher.

—Está a serviço do rei Eduardo, na Torre —respondeu ele. Sua resposta oferecia uma nova perspectiva sobre o trabalho do verdugo.

Uma vez satisfeita sua curiosidade, Celeste voltou a provocar seu marido e Lizzy apressou-se a mudar o tema da conversa.

—Logo escurecerá. Quer que vá procurar lenha?

—Não, quero que nade —respondeu Maxwell, erguendo uma sobrancelha.

—Sinto muito, mas não sei nadar —replicou ela, ainda magoada por seu repúdio. Embora molhado fosse ainda mais atraente, não entraria na água.



—Todo mundo sabe nadar —exclamou Smitt— Que tipo de mulher não sabe fazê-lo?

—O tipo de mulher que tem medo da água —respondeu Maxwell, expondo outro de seus segredos.

Todo mundo tinha medo de algo, seja da morte, das aranhas ou das tormentas, mas não tinha vontade de discutir com ele. Colocou Beatrice na gaiola e deixou-a sobre um trecho de grama, começou a recolher ramos e partes de casca.

—Melhor que colha flores, moça. Não vamos acender o fogo esta noite.

Não iriam acender fogo? Estava brincando? Lizzy voltou-se e contou até dez, tentando manter a calma. A lua era nada mais que uma fina linha e o crepúsculo havia trazido consigo uma névoa baixa que começava a rodeá-los.

—Uma fogueira delataria nossa posição. Estamos muito perto de seu objetivo para deixar que nos descubram agora —explicou-lhe, ao ver sua inquietação.

—Deveríamos ter seguido até uma estalagem. Deveria ter-me dito que não acenderíamos uma fogueira — repreendeu-o, esmagando os ramos entre os dedos.

—Acabo de fazê-lo —tentou brincar Maxwell, sem êxito.

Ela soltou a lenha e dirigiu-se às mantas com grandes passadas. Tinha que dormir em seguida. Lavou-se rapidamente, bebeu um pouco de hidromel e deitou. Seu pai estava acostumado a beber muito a noite. De outro modo, os pensamentos o atormentavam e era incapaz de dormir.

Contou duas vezes até cem com os olhos fechados, mas os gritos dos escoceses recordavam aos dos torturados. Zangada, sentou-se para pedir-lhes que deixassem de jogar. Viu que Celeste e John saíam da água, mas Smitt nadava em círculos, disposto a lançar-se sobre Maxwell assim que aparecesse sua cabeça. Que jogo tão absurdo!

Smitt ampliou um pouco a zona de busca, com a cabeça inclinada. Voltou-se e logo mergulhou.

—John, volte aqui —disse, quando retornou à superfície, tossindo.

Se o tom preocupado de sua voz não tivesse alertado Lizzy, a rapidez com que John o obedeceu teria feito. Depois de trocarem umas palavras em voz baixa, ambos desapareceram sob as escuras águas.

Um sentimento de terror acelerou o pulso de Lizbeth, que ficou em pé com um salto e aproximou-se da margem, esticando as mangas com as mãos.

—Maldito idiota! —exclamou John, que surgiu primeiro na superfície— Broderick! — gritou, e ficou quieto, esperando ouvir uma resposta entre a névoa.

Com os olhos arregalados, Lizzy negava-se a acreditar no que estavam vendo seus olhos.

—Já sairá —disse John, voltando-se para ela.



—Como sairá? Está há vários minutos sob a água! Vá buscá-lo! —gritou, aproximando-se do lago até que molhou seus dedos dos pés. Conteve o fôlego, enquanto examinava a superfície, procurando o mínimo rastro de movimento. Viu em sua mente o rosto de Emma, pendurada sobre o rio de barriga para baixo, tentando desesperadamente respirar. «Voltam a afundá-la.»

—Broderick! —gritou John outra vez.

Lizzy abraçou-se e caminhou pela margem, impotente.

«Voltam a tirá-la da água, atormentando-a.» Desesperada, Lizbeth. pressionou os olhos com as mãos, tentando apagar as imagens do passado. O estômago retorceu-se e sentiu a bίlis na garganta.

la vomitar.

John e Smitt estavam imóveis, mas ela podia ler o desconcerto em seus olhos, em seu modo de sacudir a cabeça.

As lágrimas apoderaram-se de seu coração e o apertaram com força. «Encontrem-no!», gritava em sua mente, mas a única coisa que ressoou no bosque foram seus gritos de desespero.

Capítulo 10



Broc tirou a cabeça da água no outro lado do lago. Só tinha tido que sair para respirar cinco vezes. Teria ganhado até de Aiden. Procurou entre a névoa o lugar onde deixou sua roupa, e o salgueiro o guiou até lá. Secou a lama dos pés com os ramos da borda e, quando estava colocando as calças, ouviu uma voz de barítono que o chamava, seguida de um dilacerador grito de mulher.

«Lizbeth!»

—Encontraram-nos —sussurrou, alarmado. Agarrou a espada e saiu veloz, com um único pensamento: protegê-la.

Correu ao longo da margem, virtualmente às cegas. Embora estivesse descalço, cada vez corria mais depressa. Não falharia.

«Não com ela.»

Como um bom guerreiro, deixou as emoções de lado e preparou-se para a batalha. Os pulmões ardiam, mas segurava a espada com força nas mãos.

Voltou a ouvir seus gritos, que cravaram-se em seu cérebro. Por que a tinha deixado sozinha?

Então a viu ao lado da água, rodeada de névoa e escuridão. Estava a salvo, e mataria para que continuasse assim.

Viu-a apertar as orelhas com as mãos, como se não pudesse suportar o som de seus próprios gritos. Broc procurou os guardas, mas ali não havia ninguém, além de Celeste, que observava John e Smitt, ainda metidos na água até a cintura.

Confuso, baixou a espada.

—O que aconteceu? —gritou atrás deles. Todos voltaram-se para ele.

—Raios e trovões! —John foi o primeiro a falar.

Lizbeth cambaleou um pouco. O alívio que apareceu em seu rosto durou apenas uns segundos e foi rapidamente substituído pelo aborrecimento. Franziu o cenho e o olhou com os olhos entreabertos. Broc quase podia ouvir como rangiam seus dentes, pelo muito que os apertava. Aquela mulher não estava bem da cabeça.

Como se o tivesse ouvido, aproximou-se dele com toda a fúria do inferno concentrada no corpo de um anjo e deu-lhe um empurrão no peito.

Ele deu um passo para trás, tentando entender o que estava acontecendo.

—É um maldito idiota! —exclamou, secando as lágrimas antes de dar-lhe outro empurrão. Bufando pelo nariz, afastou-se.

Pela extremidade do olho, Broc viu que Smitt saía da água, como uma fera raivosa.

—Vou matá-lo —disse, erguendo o punho para lhe dar um murro.

Ele esquivou-se do golpe, mas ouviu o ar assobiando muito perto.

—Quando quiser lutar, avisarei, primo. Agora, pare com isso e ponha as calças — respondeu, usando seu status superior, coisa que só fazia quando era necessário.



John saiu da água e aceitou a túnica estendida por Celeste.

—Tem que parar com estas brincadeiras.

—Não estava brincando. Fui recolher minha roupa e quando cheguei ali a ouvi gritar —explicou, assinalando Lizbeth, que estava afastando-se do acampamento.

—Cruzou o lago a nado? —zombou Smitt, incrédulo— É muito largo, primo. Parece-me que quer nos enganar.

—Está me chamando de mentiroso? —perguntou ele, que depois do exercício sentia-se capaz de enfrentar quem quer que fosse.

—Basta de tolices —interrompeu-os John, interpondo-se entre os dois— Sua mulher precisa de você. Achou que havia se afogado e quase ficou louca de terror.

«Sua mulher.»

Broc não perdeu tempo corrigindo-o. A verdade era que gostava de como soava. Voltou-se e foi atrás dela, detendo-se só o tempo necessário para acender a vela de uma lamparina.

Dirigiu-se para uma sombra que obscurecia um prado de flores azuis, com um aroma muito intenso. Avançou entre os ramos, que chegavam aos joelhos, seguindo a cantilena de números que o guiou até Lizbeth, deitada de lado e coberta com as saias, cheia de pó do caminho. Segurava seu rosário entre as mãos e era a viva imagem da inocência, a juventude e a solidão.

Broc esmagou umas quantas plantas com os pés antes de deitar-se ao seu lado. Deixou a lamparina entre os dois, formando um pequeno oásis de luz só para eles. Olharam-se, sem pronunciar nenhuma palavra. À luz da chama, os olhos de Lizbeth pareciam de ouro, mas o tesouro que escondiam era muito mais valioso que qualquer metal.

—Neste momento eu não gosto muito de você —disse ela, baixando os olhos.

Broc sorriu fracamente, arrancou uma flor e a ofereceu.

—Perdoe-me. Tinha voltado para o salgueiro nadando. Não pretendia assustá-la.

Ela olhou a flor e voltou a erguer o olhar, enfrentando-o.

—Reconheço que me assusto com facilidade, mas poderia ter avisado que iria desaparecer em um lago do tamanho da Inglaterra.

Os sentimentos que escondiam-se atrás dessas palavras provocaram um incêndio dentro de Broc. A moça realmente havia ficado preocupada com ele. Um homem de sua estatura e de sua força não estava acostumado a experimentar a agradável sensação de alguém que sofresse por seu bem-estar. Soava estúpido, mas gostava de ter um anjo da guarda.

—Sou bom contendo a respiração. Deveria sabê-lo —disse, tentando brincar.

Ela inspirou com força.

—E não poderia ter ido andando?



—Estava nu. nadei até ali para pegar minha roupa.

Lizbeth olhou o peito e tocou-lhe um pé com o seu.

—Pois parece que deixou-a quase toda.

Fez cócegas com os dedos dos pés até que sua expressão suavizou-se; logo entregou-lhe a flor.

—Minha tia Radella diz que as flores azuis afastam os pesadelos.

—Pois minha mãe dizia que as mesmas trazem má sorte. Conta a lenda que se caminhar entre elas, soam e alertam às fadas, que vêm e lançam feitiços. Contava-me muitas coisas quando era menina. Meus pais acreditavam de verdade que os espíritos os perseguiam. — Sem deixar de olhá-lo, guardou o rosário na saia. Agarrou a flor em uma mão e a pôs sob a bochecha— Quer saber por que eu gosto tanto das flores?

—Sim —assentiu ele, disposto a dar-lhe todo o tempo que precisasse para tranquilizar-se.

—Porque a minha mãe gostava. Secava-as e espalhava pó de flores por toda parte, para nos proteger dos maus espíritos. Uma vez, fomos juntas a uma feira e vendemos sabões e frasquinhos de óleo perfumado. Até nos compraram pássaros, que eram esculpidos por meu pai. Foi a única vez que saí de Londres. Ela ficou doente quando eu tinha onze anos. —Uma lágrima escorregou pelo seu nariz— O dia que Deus a levou, deu-me seu rosário na mão e me disse que levasse lírios a sua tumba.

—Lizbeth, não tem por que...

—Quer saber, não? Quer saber por que sempre tenho medo.

Tinha suspeitado que a causa era ser a filha de seu pai, mas se haviam mais razões, escutaria. Talvez a ajudasse falar delas.

—Só se você quiser me contar.

Lizbeth inspirou profundamente e fixou o olhar na chama.

—Depois da morte de minha mãe, meu pai me enviou para a nova esposa do chefe da guarda, para que cuidasse de mim. Chamava-se Emma. Tinha dezesseis anos e seu marido a aterrorizava. Meu irmão estava há um ano como aprendiz, às ordens de lorde Hollister quando eu entrei na Torre.

—Vivia ali?

—Sim, em um quarto menor do que as celas dos que estavam encerrados.

—Sem janelas? —perguntou Broc, imaginando uma pequena Lizzy assustada, em um lugar escuro.

—Não havia janelas, mas não era como está imaginando. Podia sair quando queria. Ia às cozinhas para ajudar, ia à horta... Ensinei Emma a preparar fragrâncias e transformou-se em uma paixão para nós duas. Ajudava-nos a esquecer da realidade. A Torre não era um



lugar tão horrível para viver como as pessoas pensavam. Tinha alguns amigos e Kandem, antes que partisse.

—E seu pai?

—Fazia seu trabalho —disse, como se estivesse falando do padeiro ou do taberneiro.

Não ia discutir com ela sobre isso enquanto estivesse tão alterada. Mordeu a língua, embora morresse de vontade de perguntar mil coisas.

—Emma deu a luz a um filho um ano depois de minha chegada. E a outro filho três anos mais tarde. Passaram-se anos antes que percebesse que tinha muitos hematomas, já que muitas vezes ficavam escondidos sob a roupa. Sempre tinha os olhos apagados, sem vida, e mal saía da fortaleza. Lorde Hollister a golpeava e a maltratava na cama. Eu era muito jovem para entender o que estava acontecendo, e tampouco poderia evitar.

—Ninguém mais podia ajudá-la?

Os olhos de Lizbeth imediatamente encheram-se de lágrimas. Broc desejou abraçá-la e protegê-la dos demônios que tinha em seu interior.

—Kandem o teria feito se soubesse, mas partiu no dia em que fez vinte e quatro anos, para fugir de lorde Hollister e da profissão familiar. Lutou durante quatro anos pela Inglaterra.

—Contra nós?

Ela assentiu.

—Retornou à Torre no outono passado e quase ficou louco quando viu Emma. Era toda pele e ossos, e suspeito que descobriu não só os hematomas, mas também cicatrizes sob suas roupas.

—Estava apaixonado por ela? —perguntou Broc, desejando ter conhecido esse homem tão importante para Lizbeth.

—Sim, desde o dia em que Emma chegou à Torre. Lorde Hollister encontrou-os na cama, porque Kandem quis que descobrisse. Pretendia matar esse canalha, mas lorde Hollister prendeu-o, sob a acusação de traição. Como carcereiro chefe, ninguém se opôs a sua ordem. O próprio rei assinou a sentença de morte de meu irmão. Foi decapitado no dia seguinte.

—Por seu pai?

As lágrimas caíam e Lizbeth começou a tremer. Broc ficou muito quieto, embora o que mais desejasse era tocá-la, afastar-lhe o cabelo do rosto, dizer que ele seria seu protetor, que ninguém voltaria a machucá-la. Limitou-se a observá-la enquanto ficava sem lágrimas.

—Lorde Hollister obrigou Emma e a mim a presenciar a execução. Meu pai aguardou em seu posto, enquanto seus ajudantes conduziam seu único filho ao cadafalso. Kandem mostrou-se orgulhoso até o fim e pôs a cabeça no cadafalso, sem que ninguém o obrigasse.



Broc já tinha ouvido o bastante.

—Lizbeth, não continue.

—Por favor —rogou ela, secando os olhos com o dorso da mão— quero que entenda. Ele assentiu com brutalidade.

—Depois da execução, Emma disse a lorde Hollister que seus filhos eram de Kandem. Estava louca de dor e queria vingar-se de seu marido de algum modo. Não pensou nas conseqüências. Ele a declarou publicamente adúltera. Amarraram-na ao tamborete de castigo e a afundaram oito vezes no rio, até que morreu.

—E os meninos? Kandem sabia que eram dele?

—Sim, provavelmente eles também sentiram sua partida. Embora lorde Hollister não se importasse muito com eles, tinham uma educação de acordo com a sua posição social. Emma os levava a missa e às celebrações, e passavam muito tempo com Edlynn. Meu irmão guardava o segredo, sabendo que seriam melhor educados como filhos do carcereiro chefe...

—... do que como netos do verdugo. —Broc acabou a frase por ela.

—Eram felizes e estavam a salvo da maldição do trabalho de meu pai. Se Emma tivesse guardado o segredo, tudo teria sido diferente.

Ele esperou, sabendo que havia mais. As lágrimas tinham secado e quando ela olhou-o fixamente nos olhos, toda sua dor e desespero entraram em sua alma.

—Lorde Hollister matou meus sobrinhos —disse Lizbeth finalmente— e prometeu que eu pagaria pelos pecados de meu irmão durante o resto de minha vida.

O coração de Broc apertou-se. Era isso que sentia? Pena? Ou era outra coisa? Acaso ele via algo que outros não viam, por ser ela quem era?

— Servi-o durante seis meses. Levava a comida, cuidava dele... tudo menos me deitar com ele, embora advertiu-me que isso também aconteceria. Seu plano era casar-se e me transformar em sua amante para castigar minha família. Então roubei o documento, consciente de que sua relação com Buckingham o mandaria direto ao cadafalso.

Broc desejava desesperadamente entregar esse documento a seu próprio rei, mas não o tiraria da moça. Mas o que tampouco faria seria deixá-la nas mãos de Gloucester. Ao menos, enquanto estivesse perseguindo um novo inimigo do trono, o bastardo deixaria em paz a Escócia por uma temporada.

—É muito valente por ter sobrevivido.

—Não contei tudo isso procurando sua compaixão! —exclamou Lizbeth, indignada.

—Então, por que o fez?

Ela ergueu-se. Broc fez o mesmo, preparado para agarrá-la caso fugisse.



—Porque queria que soubesse que, apesar de serem muitos os medos, tenho razões para tê-los. Não sou só a filha do verdugo. Sou Lizbeth Ives —declarou, agarrando-lhe a mão e pondo-a sobre seu coração— Sou uma mulher que sofre, respira, sente ódio e...

—E desejo? —perguntou ele, desejando estar certo. O coração da jovem pulsava com força contra sua mão, mas o seu batia descompassadamente também, recordando-lhe que ele também era um homem que sofria, respirava, sentia ódio ...

—E desejo —confirmou ela, completando seu pensamento e respondendo a sua pergunta ao mesmo tempo.

Nesse momento, nem sequer o grande Aquiles teria tido a força necessária para evitar que a tocasse. Acariciou-lhe o pescoço. O seio de Lizbeth ergueu-se, ao respirar e roçou-lhe os dedos. O pouco controle que restava evaporou-se quando agarrou-lhe a mão e a pôs sobre um seio.

O sangue concentrou-se em seu membro, enchendo-o de uma necessidade urgente e poderosa. Sentou-a sobre ele e, enroscando os dedos em seu cabelo, jogou-lhe a cabeça para trás. Lizbeth olhava-o com uma intensidade que ameaçava incendiar-lhe. Seus olhos, belos, dourados, confiantes, perseguiriam-no até o fim de seus dias.

—Lizzy —sussurrou, mas ela pôs um dedo em seus lábios, para que não falasse nada.

E esse simples gesto acabou com suas frágeis resistências. Broc baixou a cabeça e pressionou os lábios contra os seus. Nesse momento, soube que não seria capaz de deixá-la.

Ela o beijou com entusiasmo, disposta a esconder sua falta de experiência. Abriu a boca sob a sua e o provocou com imaginativos movimentos de língua. Ao contar seus segredos, tinha aberto um espaço livre no coração, um espaço que pretendia encher com lembranças novas. E embora suas intenções fossem egoístas, Broc parecia bem disposto a dar-lhe o que queria.

Lizbeth segurou-lhe os braços com tanta força que arranhou a pele, enquanto tirava as cintas do sutiã. Estava tão excitada que os mamilos tinham se contraído, tornando-se pequenos, mas incrivelmente sensíveis. Um gemido de frustração ressoou em sua garganta. O pesado bordado do vestido a afastava como se fosse uma armadura. Tinha conhecido muitas celas. Sabia o que era sentir o vazio e a solidão atrás de seus muros de pedra, mas nunca antes havia se sentido tão prisioneira como agora. Retorceu-se para ajudá-lo.

Sem poder resistir a provocação de seus movimentos, levantou-lhe as saias até as coxas.

Contendo a respiração, Lizbeth deixou cair a cabeça para trás e contemplou as estrelas, que brilhavam no céu. Memorizou as estrelas, o aroma das flores azuis, a sensação da boca dele em seu pescoço. Maxwell estava lhe um presente que não iria esquecer nunca; estava dando de presente um sonho para fazer frente a seus pesadelos.



Mordiscou-lhe a orelha. Uma brisa fresca soprou entre seus joelhos ao mesmo tempo que a mão de Broc subia por sua pantorrilha, até chegar a suas coxas.

Lizbeth sentiu um calafrio, enquanto a cobria uma contraditória camada de suor. Uma estranha comichão entre suas pernas fez com que os joelhos se separassem um pouco mais.

«Toque-me.»

Estava ficando louca de desejo.

—Broc, dê-me uma lembrança —sussurrou.

Ele ficou completamente quieto e depois separou-se dela. Lizzy olhou-o com olhos lânguidos. Os olhos azuis do homem cravaram-se em sua alma.

—Não está certo. Não posso desejá-la —disse, frustrado.

Maldito escocês enganador. Lizzy estava em chamas. Queimava-lhe a pele, doíam-lhe os seios, e o pulsar entre as pernas tornou-se tão intenso que era doloroso.

—Não há nada mau em um homem e uma mulher ficarem juntos.

—O que me oferece pertence ao seu marido. Não posso tomá-lo —insistiu, voltando a cobrir as pernas com as saias, com mãos trêmulas.

—Não tenho marido, nem penso em ter. O que ofereço é meu e dou a quem quiser —replicou ela, amaldiçoando seu sentido de honra, mas começando a compreender o peso da responsabilidade que carregava. Por que tinha que ser tão cavalheiro?

—Casará e terá filhos, vai ver —disse, beijando-a na fronte. Levantou-a e a deixou no chão, com as pernas trêmulas.

—Não posso ter filhos enquanto continuar na Inglaterra.

Broc levantou-se, coçou os braços e soprou a vela para apagar a lamparina.

—Então, é uma sorte levá-la para a Escócia.

—O que? —perguntou Lizbeth na defensiva— Mentiu. Tenho que ir a York. É importante, não só por meu pai, mas também pela Inglaterra.

—Seu pai não merece sua lealdade, mas vou levá-la a York, assim deixe de me olhar assim —tranqüilizou-a, dando-lhe a mão— Entregará o documento e fará sua petição ao protetor do reino. Se Gloucester for o homem que você acha que é, libertará seu pai de sua obrigação. O que lorde Ives fizer com sua vida depois disso, será problema dele. Entretanto, sem o documento, sua própria vida já não terá nenhum valor. Por isso a levarei comigo para o outro lado da fronteira.

Lizzy ficou tão surpresa que não soube como reagir. Por um lado, indignava-a que fosse tão arrogante para tomar esse tipo de decisão por ela. Não tinha nenhum direito. Mas, por outro lado, desde que tinha falado da Escócia, não deixou de imaginar como seria viver ali. Em sua mente era um lugar mágico.



Não teve tempo de refletir sobre o futuro. Os planos para libertar seu pai e fazer lorde Hollister pagar por seus crimes, era a única que ocupava todos seus pensamentos, mas depois da reunião com Gloucester seria livre para seguir adiante. Não era tão ingênua para pensar que Maxwell a pediria em casamento, mas esperava que houvesse um lugar entre seu povo para ela. Poderia conhecer o amor e a amizade de outras pessoas. E o escocês sabia que, para isso, era importante que se mantivesse pura.

Um pé afundou no barro. Tinham chegado quase à margem e não percebeu. A lua era ainda muito fina, mas dava suficiente luz para cobrir a paisagem com um suave manto prateado. Os bosques estavam cheios de vida e de sons.

Levantou os olhos para ele e viu que sorria.

—Por que sorri?

—Porque não está teimando comigo.

—Estou preparando as respostas na cabeça —respondeu, embora na realidade estava pensando no povo que conheceria: a mãe e o irmão dele, suas tias e irmãs, e sua avó. Estava convencida de que gostaria de sua avó. Não acreditava que fosse a velha bruxa que Maxwell havia pintado. Apertou-lhe a mão, entusiasmada.

—Economize os protestos, estou decidido —disse ele. Soltou-lhe a mão para voltar a coçar-se— Poderia preparar agora esse remédio para a comichão?

—Sim, milord —respondeu Lizbeth com um sorriso, sem saber como agradecer — Acha que serei feliz lá?

—Tão feliz como alguém pode ser em um monastério. Dryburgh não é muito diferente da abadia de Fountains. Conheço e confio nos monges que vivem lá. Talvez passado algum tempo a leve até a corte de Edimburgo, para procurar um marido. Até então, estará a salvo com o irmão Mel. Você gostará dele. Sempre está brincando. E há um jardim e uma horta... —continuou dizendo, mas ela já não estava escutando.

Com a cabeça baixa, olhou os pés, envergonhada. Sob as estrelas, talvez pudessem confundí-la com uma mulher como outra qualquer, mas para a sociedade sempre seria a filha do verdugo. Por mais que fugisse para a Escócia, a maldição que a impedia de ser aceita não iria desaparecer. E por mais honrada que fosse a decisão de Maxwell de levá-la para a Escócia com ele, sua intenção de encerrá-la em um monastério demonstrava que não era diferente dos outros.

Capítulo 11



Broc notou que uma ponta afiada estava cravando em seu pescoço, justamente debaixo da garganta. Abriu os olhos. Três ingleses uniformizados inclinavam-se sobre ele na pálida luz da alvorada, vestidos com coletes de cor carmim e calças negras. Estendeu uma mão procurando Lizbeth, mas sua manta estava vazia. Apertou o punho.

—Não devem machucar a jovem.

«Ou morrerão lentamente, um atrás do outro.»

O que carregava a espada inclinou a cabeça para ver melhor a tatuagem do braço de Broc.

—E você quem é, para ameaçar os guardas de Yorkshire? —perguntou.

Pelos pregos de Cristo! Eram os homens de Gloucester.

—Sirvo ao irmão de Gloucester. Talvez tenha ouvido falar dele. O conhecem como sua majestade. E agora, tire essa espada daí ou conhecerá a falta de misericórdia com que reina.

Suas palavras despertaram o medo que pretendia. O soldado retirou a arma no mesmo momento.

—Minhas desculpas. Não vimos seu uniforme, e a marca que leva no braço não é muito comum.

Broc ficou em pé com um salto, tendo o cuidado de ocultar as costas, e agradeceu pela estupidez daqueles homens. Enquanto pensava no próximo passo a dar, examinava ao seu redor.

Viu que Lizzy aproximava-se pelo prado, com um monte de flores que tinha recolhido em seu avental.

—O uniforme está na margem, e a marca é um símbolo de minha fé cristã —explicou, decidindo enganar os ingleses, embora estivesse preparado para matá-los caso questionassem suas mentiras— Chamo-me Julian Ascott, e sou membro da guarda real e nobre cavaleiro do grande rei e soberano de nosso país. Com dois companheiros, escolto a uma dama e a sua donzela ao castelo de Middleham, por ordem de nosso rei moribundo —continuou, pronunciando cada palavra com eloqüência.

—Moribundo? O rei está doente? —perguntou o que obviamente era o líder dos três, arranhando a cabeça. Sem mostrar o menor respeito por sua arma, o inglês cravou a espada no barro e apoiou-se nela. Tinha a inteligência de um mosquito.

—Sim, há rumores que pegou as febres, quando foi pescar —respondeu Broc, preparado para atacá-los com a adaga que acabava de esconder na mão.

Descartou a idéia. Se Lizbeth levantasse a cabeça e o visse, certamente o desaprovava. Voltou-se para olhá-la e a encontrou petrificada pelo pânico. Fez-lhe um gesto com a mão para que se aproximasse.



Os três homens voltaram-se de uma vez para ela, como perfeitos idiotas. Em vez de matá-los por ser tão confiantes, Broc aproveitou a ocasião para localizar outros. Celeste e John já não estavam em suas mantas, mas Smitt dormia de barriga para baixo, com os braços e as pernas estendidos. Quando seu primo dormia, o fazia profundamente.

—A mulher está sob seu amparo? —perguntou o líder, tocando suas partes.

Broc reprimiu-se para não matar o porco ali mesmo, mas apertou a adaga com mais força.

—A dama é lady Lizbeth Ives, e é portadora de uma missiva selada pelo duque de Buckingham. Minha missão é escoltá-la até Middleham para que entregue a carta ao irmão do rei.

—É de sangue real?

—Você gostou, não? —perguntou Broc, entrando em seu jogo.

O canalha sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes amarelos, e deu uma cotovelada ao guarda de sua direita.

—Não a expulsaria de minha cama.

—Não? Pois seu pai o faria com você. É a filha do verdugo do rei —esclareceu, desfrutando da expressão de repugnância que apareceu nos rostos dos soldados. Os vultos que tinham aparecido em suas calças desincharam com uma velocidade assombrosa— Além disso, devo adverti-los que está um pouco ruim da cabeça —acrescentou, tocando a têmpora.

—Lady Ives está louca?

Ao observar um pouco mais, Broc viu que o punho de sua espada aparecia por trás do ombro de Lizbeth, e que colocou um par de adagas na cintura. Também tinha recolhido a roupa que ele deixou na margem. Rindo por dentro, aproveitou seu aspecto para aprofundar-se em sua mentira.

—Sim. Não é fácil escoltar uma mulher que não se separa de seu arsenal. Sempre tenho que tirar suas armas.

Os três homens deram um passo para trás quando Lizbeth aproximou-se. A jovem era uma deliciosa contradição em muitos aspectos. Por um lado, era a viva imagem da feminilidade, com os pés descalços, os lábios franzidos e seu perfume exótico, mas ao mesmo tempo, guardava segredos e desejos muito intensos atrás de muros de ferro.

Broc colocou a mão em seu cabelo e, ao retirá-la, mostrou a adaga negra que tinha escondido na mão todo o tempo. Os soldados ficaram olhando boquiabertos enquanto ele a guardava em suas calças. Logo tirou de Lizzy as armas que carregava.

—Lady Ives, falamos muitas vezes que não é necessário que ande armada.



—Sim —respondeu ela, franzindo o cenho, enquanto analisava suas palavras e a companhia. Uma vez mais, demonstrou ser muito esperta, já que não discutiu enquanto ele continuava com sua atuação, agarrando o uniforme que levava nos ombros.

—Lady Ives, estes cavaleiros são guardas de Yorkshire —explicou enquanto se vestia— Desculpe, como disse que se chamavam?

Enquanto eles se apresentavam, gaguejando, Broc deu a volta ao redor de Lizbeth e tirou-lhe a espada das costas.

—Vamos, milady. Procure Beatrice, temos que partir.

—Sim, milord —replicou ela, pondo-se a correr para uma clareira do bosque.

—Beatrice é sua donzela? —perguntou, com interesse, o soldado que se apresentou como Oliver.

—Não, Beatrice é sua galinha favorita —respondeu ele, ignorando os olhares de esguelha que os três trocaram e pensando em como conseguir que os ajudassem a cruzar as muralhas do castelo de Middelham— O que acha de nos acompanhar até o castelo?

—Suponho que poderia nos convencer —respondeu Oliver, embainhando sua espada e cruzando os braços sobre o peito.

—Por exemplo, com quinze ducados de sua majestade?

Os outros dois homens assentiram.

—Encantados de sermos úteis, milord. Preparamos os cavalos?

—Sim —respondeu Broc, para que estivessem ocupados enquanto informava os outros de seu plano.

Lizbeth o aguardava com as flores a seus pés. Caminhava de um lado para outro, angustiada. Voltou-se para ele com os olhos entrecerrados.

—Fala com eles como se servissem o mesmo rei. São ingleses.

—Como você. Que curioso que tenha mais medo deles que de mim.

—Esta manhã não tenho paciência para seus jogos de palavras —replicou ela com os braços abertos.

Broc mordeu a língua para não rir.

Talvez sim, estivesse um pouco louca. Ou, pelo menos, tinha um caráter dos demônios. Devia ter atirado no chão os «sim, milord» e «não, milord» junto com as flores. A submissão nela não era mais que um disfarce; em seu interior ardiam as paixões, e nesse momento, o aborrecimento subia a superfície.

—Ainda não confia em mim? —perguntou ele.

—Não. Prometeu me ajudar a sair de Londres e cumpriu. Que ganha me acompanhando a York?

Broc agarrou-a pelas cintas do sutiã e atraiu-a para si.

—Talvez o que quero seja ganhar você.



—Está mentindo —respondeu ela, livrando-se de suas mãos— Pôde me ter, à força ou por vontade própria, e me rechaçou.

Era evidente que havia rechaçado. Falava como uma mulher despeitada.

—Rechacei porque sou um homem de honra.

—Aos demônios com a honra! Se restasse algo, já teria voltado para sua casa.

Broc deu um passo para trás e moveu o pescoço de um lado para outro, enquanto apertava os punhos. Escoltava-a por meia Inglaterra, cumpria seu voto de protegê-la, oferecia-se para levá-la a sua pátria e o que obtinha em troca? Um insulto a sua honra. Suas palavras doeram mais que uma ferida de guerra. O irmão Mel tinha lhe ensinado a respeitar os sacramentos, e a tinha rechaçado porque não queria tirar sua inocência sem desposá-la. E um casamento com ela não ajudaria a proteger seu clã, nem a sua pátria.

Lizbeth olhou aos três guardas. Broc voltou-se também. Os homens a estavam olhando como se acabasse de sair nela asas e uma cauda.

—Por que me olham assim?

—Porque acreditam que está louca.

—E por que acham isso?

—Porque eu disse. Pense um pouco, moça. Estamos a ponto de entrar nas terras do protetor da Inglaterra e vão levar-nos diante de sua presença.

Diante da presença de um homem no qual ela confiava... e a quem ele odiava.

Lizzy seguiu lorde Maxwell, ou melhor dizendo a sir Julian Ascott, pela abarrotada estrada que conduzia a York. Pensava que a dor de cavalgar outro dia inteiro ia ser insuportável, mas a verdade era que seu corpo começava a acostumar-se. Os sons da cidade recordaram Londres: o tangido dos sinos, a alegria dos cortesãos vestidos com finas sedas e ricos brocados de todas as cores, a voz alta dos vendedores ambulantes apregoando suas mercadorias, fossem tapetes e tapeçarias, ou taças de ouro e prata.

Embora não pudesse evitar sentir-se emocionada por tudo o que a rodeava, à medida que os muros do castelo se aproximavam, ia crescendo sua inquietação. Em Londres, o duque de Gloucester sempre tinha sido amável com ela. Foi ele quem limpou as frutas podres jogadas em seu rosto, no dia da execução de Kandem. Mas ali era um autêntico monarca para seu povo, com sua própria guarda e as mesmas honras que o rei Eduardo.

E por razões que não conhecia, Maxwell o odiava. Bom, na verdade, seu protetor escocês não gostava de nenhum inglês. Ele, em troca, ganhou a confiança de três ingleses, que nesse momento, estavam facilitando sua entrada no castelo.

Enquanto cruzavam a ponte levadiça da muralha norte, viu-o entreabrir os olhos e dissimular um sorriso. Quando lhe piscou um olho, Lizzy sentiu um calafrio percorrer suas costas. Estava colocando um escocês em uma cidade cujo líder vangloriava-se de ter destruído seus vizinhos do norte. Maxwell podia tê-la deixado nas mãos dos guardas de



Gloucester e se dirigido à fronteira. Mas em vez disso, parecia decidido a estar ao seu lado até o final, como se não quisesse perder a expressão do duque quando soubesse da traição de Buckingham.

Os guardas falaram com as pessoas adequadas e logo chegaram às dependências que foram atribuídas a eles. Tinham audiência para ver lorde Gloucester na manhã seguinte. Que estúpida foi ao acreditar que poderia entrar quando quisesse e exigir favores em troca da informação que levava.

Maxwell, John e Smitt aceitaram o convite de compartilhar o jantar com a nobreza local, enquanto ela e Celeste preferiram ficar descansando. Embora os serventes do castelo as tratassem com respeito, Lizzy sentia-se intranquã longe de seu protetor.

Uma donzela acompanhou-as até o piso de cima por uma escada de caracol. Percorreram um corredor coberto por tapetes e iluminado por candelabros até chegar a seu quarto.

—Se precisar de alguma coisa, envie sua donzela à cozinha. Ordenarei que subam um banho agora mesmo —disse a desajeitada mulher fazendo uma reverência. Logo começou a retroceder, mas parou,subitamente.

Lizzy ficou olhando, até que compreendeu que estava esperando que desse permissão para retirar-se.

—Isso é tudo, obrigada.

A donzela partiu, sem levantar o olhar. Embora fossem muito corteses, os serventes recordavam animais maltratados e assustados.

—Pelos pregos de Cristo, milady, que quarto enorme! —exclamou Celeste, girando sobre o tapete com estampado de frutas.

Lizzy escondeu o único saco que tinha trazido, debaixo de uma cama tão grande que nela poderiam dormir comodamente três ou quatro pessoas. E era só um dos móveis que decoravam os aposentos dos convidados. As cortinas de cor escarlata estavam presas as janelas por cordões dourados. Em uma mesinha tinham deixado uma bandeja de madeira com uvas verdes e negras. O aposento era bem iluminado graças a várias velas e candelabros de parede, e cheirava a ar fresco, hortelã e trevo. Era certamente um quarto esplêndido, mais adequado a uma princesa que a alguém de sua posição social.

—Vamos milady, prepararei o banho —disse Celeste, arrastando-a para a cama.

—Celeste, não preciso que me atenda. Só estamos fingindo que é minha donzela — replicou Lizzy, agarrando-se a uma das colunas da cama de mogno enquanto a mulher lhe desamarrava as cintas do vestido.

—Não é incômodo, milady.

—E, certamente, não tem que me chamar assim. —Lizbeth odiava o título.



Não acreditava que merecesse que se dirigissem a ela como se fosse a esposa de um conde ou um marquês.

—Este lugar é um pouco assustador —disse Celeste.

—Para mim também —admitiu ela, tirando os braços, sem incomodar-se em separar primeiro as falsas mangas. Enquanto isso, sua companheira desamarrou as cintas das suas saias o suficiente para poder tirar e livrar-se da pesada carga que estava há dias arrastando. Lizbeth sentiu-se tão leve que sentiu-se flutuar.

Deixou o rosário de sua mãe em uma mesinha, enquanto Celeste procurava algo para que se cobrisse em um armário.

—Olhe! —exclamou esta, mostrando admirada uma bata transparente— É tão suave como seda.

Lizzy voltou-se enquanto tirava a túnica e Celeste afogou uma exclamação. «Maldita seja», pensou ela ao perceber que não lembrou-se de esconder as cicatrizes. Pegou o fino objeto e amarrou com força o cinturão. A mulher manteve a boca fechada, embora Lizbeth estivesse segura que estava desejando fazer muitas perguntas.

Nesse momento bateram na porta. Eram três criadas que carregavam duas bacias de água cada uma. Logo a banheira de madeira estava quase cheia de água quente. Lizzy sentia-se virtualmente nua, coberta só pelo fino objeto e enquanto as jovens preparavam o banho, manteve o olhar fixo na paisagem que se via da janela. Um agradável vapor com aroma de prímulas encheu o aposento. Esperou para ouvir a porta se fechar, antes de voltar-se.

—Seu banho a aguarda, milady —brincou Celeste, antes de agarrar um punhado de uvas e subir na cama com um salto — É perfeita —comentou, movendo as sobancelhas insinuante e deixando-se cair de costas.

Ela ignorou seu malicioso comentário e meteu-se na banheira. A água quente ajudou os músculos cansados da viagem a relaxarem. Deixou cair a cabeça para trás e suspirou. Aquilo era o paraíso. Não havia outra palavra para descrevê-lo.

—Quantos anos tem?

Lizzy revirou os olhos. Por que todo mundo queria conversar sobre ela ultimamente? Por desgraça, seria muito mal educada se a ignorasse.

—Vinte e três.

—Pergunto-me por que uma mulher da sua idade e sua beleza não é escoltada por seu marido.

Estava presa em um quarto, com uma mulher que não ia parar até obter as respostas que procurava.

—Quanto menos souber sobre mim, mais possibilidades temos de continuar sendo amigas.



—As amigas não têm segredos.

Lizzy soltou o ar. Seus segredos acabariam com qualquer amizade. Viu que ao lado da banheira tinham deixado um pedaço de sabão e creme para o cabelo. Ergueu-se e começou a lavar-se, esperando que assim Celeste deixasse de fazer perguntas.

—Não costumo julgar às mulheres por seus atos —insistiu esta.

Lizzy deixou escapar uma risadinha ao perceber que sua companheira estava imaginando que era uma cortesã. Como se algum homem fosse querê-la em sua cama.

—Acha que sou amante de algum nobre londrino?

—Só digo que seus segredos não farão com que tenha uma pior opinião de você. Todas os temos.

—Por que não me conta algum dos seus? —contra-atacou Lizzy.

—Minha mãe foi infiel a meu pai quinze dias depois das bodas. E adivinha com quem se deitou?

—Com um escocês? —adivinhou ela.

A outra assentiu e meteu outra uva na boca.

—Não é irônico?

—Seu pai era escocês?

—É possível —respondeu Celeste, encolhendo os ombros— Não sei quem era e suspeito que minha mãe tampouco sabia. Era uma prostituta. Morreu de uma enfermidade quando eu era muito jovem. O mesmo acontecerá com Smitt, se não guardar a ferramenta nas calças.

—É verdade —admitiu Lizzy, passando o pedaço de sabão perfumado pelos pés.

Celeste mudou de posição e aproximou-se mais da beirada da cama.

—Tenho outro segredo —disse, brincando com a prega do modesto vestido— Este é grande. Nem sequer John sabe.

—Venha, conte-me - animou-a, embora suspeitasse que o teria contado de qualquer forma.

—Estou esperando —confessou radiante.

—Um bebê?

Celeste assentiu com a cabeça com tanta força que a cama se moveu.

—John e eu temíamos que fosse estéril. Estamos casados há dois anos e esta é a primeira vez que me faltam as regras.

—É maravilhoso! —exclamou Lizzy, embora em seguida franziu o cenho, preocupada. Celeste teria que estar cuidando-se mais. Somente a viagem poderia prejudicá-la— Mas tem que dizer a John.

—la fazê-lo, mas então chegaram. Ainda estou zangada com ele. Prefiro esperar que venham tempos melhores.



Tempos melhores. Lizbeth estava esperando-os por toda a vida.

—Não importa o momento que escolher, ficará louco de alegria. Será um bom pai, e você uma boa mãe.

—Obrigada —disse ela, ruborizando-se.

Lizzy sentiu uma pontada de inveja, mas a superou em seguida. Não ia permitir-se sofrer por algo que estava fora de seu alcance.

Celeste cruzou as pernas na altura dos tornozelos e afastou o cabelo do rosto. Tentou esperar que ela se decidisse a falar, mas a paciência não era seu ponto forte.

—Eu contei dois segredos. Agora, é sua vez. Está fugindo de seu marido?

—Não —respondeu, desviando o olhar.

—E sua mãe? É uma cortesã? Ou seu pai escocês? —perguntou entre risadas, tentando fazê-la se soltar— Pior que isso? Talvez seu pai seja o próprio demônio? —brincou, sem saber como estava perto da verdade.

Lizzy deixou o sabão e inundou-se mais profundamente na banheira. Apesar de tudo, depois de sua conversa com Gloucester, não só sua companheira, mas também toda York iria saber quem era na realidade. Não tinha sentido afeiçoar-se muito a ela. Fechou os olhos e preparou-se para receber seu asco.

—Esteve alguma vez em Londres, Celeste?

—Estava acostumada a ir com minha mãe ao mercado de Cheapside.

—Assistiu alguma execução?

—Céus, não!

Lizzy não via seu rosto, mas não foi difícil imaginar sua expressão.

—O carcereiro chefe ordena que se construa um cadafalso, que nada mais é do que o cenário para uma peça de teatro trágica. Logo, os condenados, normalmente homens, embora algumas vezes são mulheres, são trazidos da prisão de Newgate para pagar por seus delitos —explicou, recriando a cena em sua mente— Seu crime e sua posição social determinam o castigo que receberão. Segundo o caso, constrói-se uma forca ou se coloca o cadafalso em um bom ângulo para que o público possa ver melhor a decapitação.

—Por que está me contando isso? —perguntou a outra, alarmada.

—Quer saber quem sou, não?

—Sim.

—Um homem sobe ao cadafalso. Sua simples presença provoca o medo e o maior dos silêncios. É um homem do capuz negro, que ergue a espada ou prepara a corda.

—O verdugo?

—É meu pai.



Silêncio era a resposta que esperava e foi a resposta que recebeu. Não ouviu roupas movendo-se, nem passos afastando-se. Somente silencio. Não precisava abrir os olhos para ver a repugnância no rosto de Celeste.

—Ora —disse esta, quando finalmente recuperou-se do impacto— pois menos mal que lorde Maxwell a tirou de Londres.

—Que ele me tirou de Londres? —Lizzy abriu os olhos, de repente— Bem o contrário, e agora esse arrogante escocês acredita que estou sob seu amparo. O grande idiota me disse ontem que pensava levar-me a Escócia com ele.

Celeste saltou da cama e ajoelhou-se ao lado da banheira.

—Vai casar com você?

—Não, vai deixar-me em um monastério para que passe o resto de meus dias em solidão.

Surpreendeu-a ouvir o tom de sua própria voz. Seus objetivos na vida tinham mudado tanto em tão pouco tempo que não se deu conta. Em Londres tinha desejado castigar lorde Hollister, libertar seu pai de sua obrigação e, o mais patético de tudo, encontrar um farmacêutico discreto que a permitisse misturar seus produtos. Lorde Maxwell tinha complicado tudo quando a abraçou naquele corredor escuro. Agora ela queria mais, muito mais.

—O canalha rouba sua virtude e depois pretende abandoná-la em um convento? Deve casar-se com você!

Lizzy bufou. Se todos os homens tivessem o auto-controle de Maxwell, as donzelas poderiam atirar no rio seus cintos de castidade.

—Fique tranquila, Celeste, minha virtude está intacta.

—Ora, pois talvez esse seja o problema —respondeu a mulher, com um brilho travesso em seus olhos escuros.

Estava tramando algo. Lizzy quase podia ver como as idéias se formavam em sua cabeça, enquanto movia um dedo na água, originando pequenas ondas que lhe enviavam espuma de sabão para os ombros

—No que está pensando? Sugere que faça algo? — perguntou, sentindo uma comichão— Não vou seduzí-lo para forçar um casamento que não desejo. Não posso me casar, Celeste. E não quero falar disso.

—Como quiser —replicou a outra. Levantou-se e, muito animada, recolheu a roupa de Lizzy e dirigiu-se à porta— Vou levar sua roupa à lavanderia e ver se consigo lençóis limpos. Precisa de algo mais, milady? —acrescentou com uma reverência, voltando para a personagem.

Lizbeth não confiava nela. Seus movimentos eram muito teatrais. Esperava que não falasse muito com os serventes e os colocasse em confusões.



—Tome cuidado com quem fala. Recorda quem é seu marido e o risco que corre só por estar aqui. Não confie em ninguém.

—Mantereí a boca fechada. Relaxe e desfrute de seu banho. Voltarei em seguida e falaremos de como pode seduzir lorde Maxwell.

A porta fechou-se atrás dela e Lizzy pôde desfrutar de seus primeiros momentos de intimidade em dias.

Não havia nada do que falar. O auto-controle do escocês era mais forte que as muralhas da Torre e ela não tinha nenhuma vontade de voltar a experimentar seu repúdio.

Depois de tirar a poeira de três dias de viagem, seguiu o conselho de Celeste e relaxou.

Um engano.

Maxwell aproveitou o momento de debilidade para penetrar em seus pensamentos. Ouviu sua voz, sentiu seu aroma masculino, seus lábios contra sua pele.

—Deixe-me em paz —disse, embora estivesse sozinha.

Mas ele insistiu. Voltou a aparecer, desta vez gloriosamente nu. Maldito teimoso!

Tentou refugiar-se nos números, mas acabou contando os beijos que lhe dava na cabeça. Tentou pensar em objetos inanimados, mas tampouco funcionou. Se pensava em uma porta, ele aparecia por ela. Se pensava em uma cadeira, sua roupa estava em cima. Se pensava em uma cama... ele fazia amor com ela, uma e outra vez, até que o fogo que ardia em seu interior se acalmava.

Finalmente rendeu-se, aceitando que sua cabeça não funcionava como devia. A espuma do sabão roçou-lhe os seios, que se excitaram um pouco. Passou os dedos por um mamilo dolorido. Apertou-o e sentiu uma corrente de calor que chegou até o mais profundo do ventre.

Imaginou que seus dedos eram, na realidade, os dele. Que sua boca ocupava o lugar onde tinham estado seus dedos; que estes acariciavam a pele nua fazendo com que sentisse um prazer desconhecido até então. A parte mais feminina de seu corpo ardia apesar de estar sob a água. As bochechas ardiam ao perceber que se excitou pensando naquele homem.

—Santo Deus! —exclamou. Nunca a haviam tocado antes, não tinha sentido falta; mas enquanto sua mão descia pela coxa, o desejo insatisfeito ameaçou ganhar a batalha.

Estandartes com as cores reais, dourado e carmim, penduravam-se da balaustrada do segundo andar, o lugar onde se alinhavam músicos com seus alaúdes, malabaristas e bufões. Uma mulher vestida com véus transparentes dançava diante de Broc, ondulando



os braços sobre a cabeça e movendo o ventre e os quadris. Recordava Lizbeth, exceto pelo cabelo escuro... ou os olhos castanhos... ou os lábios finos...

A quem queria enganar? Não se parecia com seu anjo, absolutamente. Não tinha seus lábios carnudos, nem seu cabelo vermelho escuro, nem aquela expressão decidida no queixo. Fixou-se nos olhos da bailarina e pareceram apagados, sem o fogo que avivava os de Lizbeth.

E, entretanto, continuava vendo-a em cada uma das mulheres que atuavam diante do grupo de cavaleiros. Nenhuma delas o atraía nem um pouco, por mais que a cigana de olhos escuros se esforçasse para chamar sua atenção.

John, Smitt e ele tinham sido convidados a compartilhar o jantar no grande salão, onde as mulheres dançavam, os criados serviam manjares e os nobres desfrutavam de ambos os prazeres.

—Morri e estou no céu —comentou Smitt, a sua direita, beliscando o traseiro de duas prostitutas vestidas com tecidos transparentes e carregadas de braceletes e anéis, que trabalhavam em excesso sobre ele.

Talvez quisesse uma terceira, pensou Broc, que já não sabia como livrar-se dos avanços da que o assediava.

—Possivelmente se der uma moeda, o deixe em paz —sugeriu John a sua esquerda, em voz baixa para não ofendê-la.

—Ou pode se esforçar ainda mais. —Broc levantou a taça e a esvaziou de um gole. Tudo no grande salão o desgostava. Não era melhor que qualquer botequim.

—Milord, desculpem a interrupção —disse Celeste, retorcendo as mãos.

Broc olhou atrás dela, procurando Lizbeth, mas a mulher estava sozinha. A expressão preocupada de seu rosto fez com que procurasse a arma antes de perguntar:

—O que aconteceu?

—É Lizzy. Dois homens entraram no quarto e...

—Onde está? —Aqueles bastardos iriam morrer se houvessem colocado um dedo em cima dela.

—No segundo piso da torre sudoeste. É a sexta porta à direita —respondeu ela, empurrando John para que voltasse a sentar-se, quando seu marido tentou seguir Broc.

Este saiu disparado do salão, sem preocupar-se que suas ações pudessem deixar em evidência seu disfarce. Subiu a escada de dois em dois degraus, pensando que ir até lá tinha sido um engano. Seu desejo de afastar Gloucester da fronteira tinha posto a todos em perigo. Deveriam ter retornado diretamente a Escócia.

Aproximou-se da porta com a adaga na mão, esperando ouvir os gritos da jovem a qualquer momento. Abriu-a com um pontapé; e a madeira chocou-se violentamente contra a parede. Uma baforada de ar úmido com aroma de flores encheu-lhe os pulmões.



Um grito afogado precedeu o som de água. Lizzy voltou a cabeça, molhando o chão do quarto com seu longo cabelo molhado. Uma rápida olhada ao redor confirmou a Broc que ali não havia ninguém mais.

Havia caído em uma armadilha! Lizbeth não estava em perigo em nenhum momento. Tinha sido uma armadilha de Celeste. Guardou a adaga na cintura, enquanto decidia se brigava com ela ou se agradecia da próxima vez que a visse.

—Está louco? Onde está Celeste? —perguntou Lizbeth. Um de seus ombros aparecia na água, tentando-o de um modo que já não se via capaz de resistir.

—Temo que sua donzela perdeu-se e foi parar no piso de baixo. —Procurou uma toalha para dar-lhe, mas não encontrou nenhuma. Tampouco havia nenhuma peça de roupa à vista, exceto uma fina bata. Celeste não tinha deixado fios soltos— Diria que a abandonou.

—Vá procura-la então —replicou ela, afundando-se mais na banheira.

—Não. —Broc nem sequer tentou. Não queria partir. Estava farto de ignorar o desejo que sentia por aquela mulher. Ela tinha deixado claro que queria que lhe desse lembranças. Pois talvez tivesse chegado o momento de fazê-lo e mandar ao diabo as consequências.

Fechou a porta e aproximou-se. Lizbeth cobriu os seios com as mãos. Tinha o rosto vermelho, a pele brilhava pela umidade e o lábio inferior pareceu ainda mais carnudo que de costume. Tinha o aspecto de uma mulher insatisfeita e frustrada, embora Broc não tivesse deixado muitas mulheres insatisfeitas em sua vida.

Dobrando um joelho, apoiou-se na beirada da banheira.

—Como não? —perguntou ela, enquanto os olhos foram obscurecendo-se e a respiração agitada fazia com que a água subisse e descesse pelos seios.

Broc cravou o olhar na água e mais embaixo. Lizzy seguiu o caminho que percorriam seus olhos e rapidamente cobriu-se com uma mão e apertou os joelhos. Tinha o aspecto de uma mulher excitada.

—Porque não. Se quiser a sua donzela, vai ter que ir procurá-la —respondeu com um sorriso.

Lizbeth bufou, furiosa, arrebatando várias borbulhas de sabão da superfície da água. Broc desviou os olhos para um seio perfeito, com uma deliciosa curvatura e rematado por um mamilo que recordava um casulo de flor.

Seu testículo se contraía do mesmo modo que os mamilos dela, sob uma ereção impossível de controlar. Nem uma carreta de dois bois teria conseguido tirá-lo do quarto nesse momento.

—Passe-me uma toalha e deixe de me olhar como um idiota.

—Não posso.

—Por que não?



—Porque está nua —respondeu, colocando um dedo na água— A água está quente —acrescentou, estudando seu mamilo coberto de água. Deveria estar macio, suave, rosado e, entretanto, estava tão duro como seu membro— Isso só pode significar que está excitada.

—Como? —exclamou Lizbeth, envergonhada por seu comentário.

—Está nua em uma banheira, só com seus pensamentos e, entretanto, está excitada. Negue se não for verdade.

Sua resposta foi um grunhido.

—Diga-me, Lizbeth, está falando com Edlynn outra vez? —perguntou, percorrendo-lhe o pescoço com um dedo. Ao chegar à água, não se deteve e prosseguiu seu caminho. Quando chegou ao vale entre seus seios, voltou a repetir a ação.

—Não penso seguir seu jogo —replicou ela, mordendo o lábio inferior.

—Não é nenhum jogo. Diga-me no que pensava antes que eu entrasse. —Embora tivesse pensado que não seria possível, viu-a ruborizar-se ainda mais. A água tremeu ao redor de seus joelhos e a respiração agitou-se tanto que seus seios ficaram quase a descoberto, uma tentação ao alcance da mão.

Beliscou-lhe um mamilo.

Ela gritou e segurou-lhe a mão, mas não a afastou, enquanto Broc o retorcia entre o polegar e o indicador. Lizbeth fechou os olhos de prazer e deixou cair a cabeça para trás.

—OH, Deus!

—Diga —insistiu, vendo que separava ligeiramente os joelhos— Entrei em seus pensamentos ou há outro homem que a faça arder por dentro?

Ela abriu os olhos e o fulminou com um olhar abrasador.

—Não há nenhum outro homem e sabe disso. Agora pare de me tocar e afaste-se de mim.

Ele fez o que lhe pedia, mas não afastou os olhos de seu corpo. Sentia-se embriagado e a sensação não tinha absolutamente nada a ver com o que tinha bebido.

—Dê-me a bata.

Broc a estendeu diante de si e sacudiu. Calculou que Lizbeth teria que dar ao menos três passos para agarrá-la. Para sua surpresa, levantou-se da banheira sem drama e ficou quieta, deixando que a água escorregasse ombro abaixo, juntando-se entre seus seios e chegando diretamente ao triângulo escuro entre suas pernas. Provavelmente o estivesse olhando indignada, mas ele não sabia nem se importava. Seus olhos seguiram cravados em suas pernas deliciosas e em sua pele suave e branca como a neve. Era o tipo de pele com a qual um homem podia dar um festim procurando todos os lugares que a fizessem gemer. Passou a língua pelos lábios antes de engolir em seco.



Lizbeth arrancou-lhe a bata das mãos e cubriu-se, mas pelo pouco que tapava, era como se continuasse nua. A bata logo ficou encharcada, e Broc podia distinguir perfeitamente as curvas de seus quadris e suas coxas, e os círculos que desenhavam seus mamilos. Amarrou o cinturão de seda com força e baixou a cabeça, ocultando-se de novo.

—Obrigada por sua ajuda, milord. Pode partir — disse, tapando a cicatriz com o cabelo, antes de voltar para o lugar mais escuro do quarto.

«Não!» Broc queria agarrá-la pelos ombros e sacudí-la. A mulher desejável tinha desaparecido e em seu lugar havia retornado a tímida lady Ives. Aproximou-se dela por trás, afastou-lhe o cabelo do pescoço e beijou-lhe a nuca. Notou os tremores que a percorriam de cima abaixo.

—Onde se escondeu? — sussurrou-lhe no ouvido.

—Quem?

—A mulher que lança fogo pelos olhos e que vive dentro de você. Quero-a de volta.

—Mordiscou-lhe a orelha.

—Reçou-a.

—Foi um engano. Diga que volte. Não voltarei a fazê-lo.

Lizbeth deixou cair a cabeça para trás e a apoiou em seu peito.

—Se o fizer, vai matá-la.

Broc deixou-lhe um ombro a descoberto e viu que tinha uma pinta, redonda e marrom, perfeita. Beijou-a e a mordiscou. Não havia como voltar atrás. Ela o desejava e ele não ia continuar resistindo. Enfrentaria às conseqüências quando chegasse a Escócia.

—Não a rechaçarei.

—Jure por sua alma.

—Juro — rendeu-se. Fez com que se voltasse em seus braços e ergueu-lhe o queixo — Todo ficará bem. Diga-lhe que volte — sussurrou, e apanhou o lábio inferior com seus lábios.

Ela imitou o gesto e beijou-lhe o lábio superior, mas não com toda a paixão da qual era capaz. Broc abriu-lhe a boca com o polegar para inspirar seu fôlego.

—Quero o meu anjo — disse, e aguardou. Queria seu beijo, desejava-o, necessitava-o. Finalmente, Lizbeth aceitou, umedecendo os lábios com os seus. Acariciou-lhe a boca com infinita ternura, para depois colocar a língua nela com uma paixão descontrolada. Fechou os lábios sobre os dele e tornou-se mais exigente.

Suas línguas uniram-se guiadas pelo instinto, perseguindo-se. Quando Broc abriu mais a boca para aprofundar o beijo, Lizbeth deixou escapar um gemido que recordou-lhe o repicar dos sinos.

Levantou-a do chão e a depositou sobre a cama. Tinha os olhos úmidos e os lábios mais vermelhos do que o habitual, graças aos seus beijos. Os extremos da bata abriram-se,



revelando suas longas pernas. A ponta do membro dele apareceu pela cintura de suas calças. Se não a tomasse logo, iria explodir. Depois de deixar as armas no chão, tirou primeiro as botas e depois arrancou de uma vez a túnica. Uma vozinha quase inaudível tentou adverti-lo de que seus atos teriam conseqüências, mas a força do desejo a afogou.

Plantou um joelho entre suas coxas e a intensidade de seu olhar acelerou-lhe tanto o coração que o sentia pulsar contra as costelas. Lizbeth separou os lábios. Broc a beijou para sossegar suas palavras e deslizou uma mão sob a bata. Segurando-a pelo traseiro, aproximou-a mais dele. Lizbeth acariciou-lhe o peito e, dali, suas mãos continuaram explorando. Desceram por seus braços e seu estômago, fazendo cócegas sob o umbigo. Broc tinha que controlar-se; não podia dar rédeas soltas à besta que desejava devorá-la inteira.

Ela voltou a gemer e esfregou-se contra seu joelho.

—Lizbeth, tenho que avisá-la. Na primeira vez doerá um pouco, mas...

Ela o interrompeu, desamarrando o cinturão.

—Não tenho medo de você, nem do que vai acontecer. Embora seja inexperiente, conheço...

—Edlynn? —perguntou ele, para economizar uma explicação incômoda.

—Sim.

Broc riscou uma linha de seu queixo até os cachos escuros, enquanto Lizbeth continha o fôlego.

—Não voltarei a negar o que deseja, nunca mais. Nem voltarei a me negar. — inclinou-se e lambeu-lhe o mamilo, provocando-a com pequenas dentadas, antes de tomar, por fim, seu seio inteiro na boca enquanto segurava o outro com a mão.

Lizbeth agarrou com força o cabelo dele, aproximando-o mais dela.

—Broc —sussurrou, separando os joelhos. Ele sabia o que queria e não ia forçá-la a dizê-lo em voz alta.

Colocou-se em cima de Lizzy, apoiado nos braços, e voltou a beijá-la. Muito lentamente, introduziu um dedo no estreito canal de carne sedosa que se abria entre suas pernas. Ela gritou, mas ele não teve piedade. Acariciou-lhe o botão que tinha na entrada de seu sexo, até sentir que inchava. Então acrescentou um segundo dedo e seguiu torturando-a docemente até que Lizbeth agarrou-se aos lençóis, encolheu os dedos dos pés e estremeceu de cima abaixo. Seus gemidos transformaram-se em gritos que lembravam os miados de um gato.

Foi uma reação rápida e selvagem.

—Mãe de Deus! —exclamou, arqueando as costas.



Uma onda de calor líquido derramou-se sobre a mão de Broc, surpreendendo-o. Nunca tinha visto uma mulher reagir tão depressa. Da próxima vez que alcançasse o êxtase, ele estaria dentro dela.

Brigou com as calças até livrar-se delas e ajoelhou-se entre seus joelhos. O aroma de seu clímax estava deixando-o louco de desejo. O suor corria por suas costas enquanto colocava o membro na entrada de seu sexo.

—Pronuncie seus votos e jure que será minha esposa.

Lizbeth abriu os olhos, confusa e satisfeita, ao mesmo tempo.

—O que? —perguntou, ainda sem fôlego.

A ponta de seu membro começou a entrar em seu corpo. Um grunhido quis sair da garganta de Broc. Sabia que não resistiria mais que uma investida, mas não importava. Faria amor uma e outra vez.

—Não vou tirar sua virgindade até que sejamos marido e mulher. Pronuncie seus votos e jure que será minha esposa —repetiu.

—Não, não quero ser a esposa de ninguém.

Suas palavras foram como um golpe. Durante os últimos quatro dias, Broc tinha obtido tudo o que tinha desejado na vida: poder sobre o futuro dos Maxwell, lady Juliana, a oportunidade de proteger seu clã e seu país. E quando estava disposto a renunciar a tudo isso por uma mulher, ela o rechaçava.

Separou-se dela com um salto e passou as mãos pelo cabelo. Pela primeira vez na vida, ficou sem palavras. Subiu as calças e recolheu a roupa do chão.

—Não posso me casar com você, está louco? —exclamou Lizbeth, sentando-se na cama e voltando a cobrir-se com a bata.

Broc conhecia seus medos; sabia o que a fazia rechaçar sua oferta e sabia também que era absurdo que não confiasse em sua capacidade de protegê-la, a ela e a seus filhos. Encaminhou-se para a porta.

—Broc, espere —disse ela, aproximando-se.

—Mantive minha promessa de protegê-la. Em meu clã sou tão poderoso como seu querido Gloucester. Guardo as fronteiras de um país inteiro. Acha que permitiria que nossos filhos sofressem a maldição do ofício de seu pai? —perguntou, antes de sair do quarto, batendo a porta. Já no corredor, amaldiçoou o pai de Lizbeth por ter infundido nela um medo tão profundo.

Capítulo 12



Mulheres! Um dia acabariam com a Escócia. Embora não fosse tão ruim que aquela mulher em questão o tivesse rechaçado. Não podia casar-se com Lizbeth Ives. Seria uma desonra para seu clã. Estava comprometido com lady Juliana. Seu pai o deserdaria se voltava para casa com outra esposa.

Deteve-se no corredor para colocar as armas e percebeu que as mãos tremiam de raiva. Onde tinha ido parar seu auto-controle? Em que momento ficou obcecado por ela desse modo? Aiden nunca teria prometido casamento a outra mulher. Pelo menos, seu irmão tinha o bom senso de deitar-se com elas sem fazer promessas. Demônios! Sim, certamente nem Ian faria algo assim, e isso tendo vinte anos.

Assim que Lizbeth entregasse a informação que levava, Broc retornaria a Escócia. Enquanto isso, mataria a vontade como qualquer outro escocês: com uísque e mulheres.

O forte aroma de vinho e luxúria guiou-o escada abaixo, até a festa. John, Celeste e Smitt havia se retirado, mas a sedutora de cabelos escuros continuava dançando em meio de um coro de bêbados. Inclina-se em todas as posições para permitir que a despissem com a imaginação.

Broc agarrou duas jarras de hidromel de uma bandeja que levava uma donzela. O líquido ambarino não chegou a tocar-lhe a língua. Bebeu de um gole, secou a boca com o dorso da mão, enquanto olhava o espetáculo. Mas o rosto de Lizbeth aparecia diante de seus olhos.

Bebeu a segunda jarra. Deveria estar pensando em lady Juliana, não naquela jovem inglesa; e, certamente, não deveria estar comendo com os olhos à prostituta que dançava como se estivesse consumida pela paixão. Nesse momento, ela o viu e sorriu, por cima do ombro, com os olhos entreabertos. Tirou a língua e a passou pelo lábio superior enquanto espremia os seios.

Broc apertou os dentes até que acreditou que fossem romper-se e todo o sangue do corpo parecia haver se concentrado no mesmo lugar, naquela parte que pedia a gritos que deixasse que a mulher brincasse com ele.

«Ao diabo com a honra!»

Com um só movimento de seu dedo indicador, a bailarina aproximou-se dele saltando sobre os pés descalços. Era o que Broc precisava para aliviar-se nesse momento. Ela se esfregou contra seu corpo e acariciou-lhe o estômago com uma mão, que seguiu baixando, sem deter-se, até chegar em sua ereção.

—Mon Dieu! —exclamou, e os olhos iluminaram-se— Tudo isso é para mim?

—Quanto?

—Três ducados.



Ele agarrou-a pela mão e levou-a quase arrastada pelo grande salão. A música se perdeu ao longe, mas a enervante voz da prostituta encheu o silêncio do corredor.

—Como quer que o chame?

—Julian —respondeu, sem pensar.

Ela continuou falando, misturando o inglês e o francês, mas Broc não a escutava. Só ouvia o martelar do seu coração. Para cada passo que dava, a mulher tinha que dar três, mas ele não se deteve. Precisava sair daquela fortaleza quase tanto quanto tinha desejado sair da Torre.

Um corredor aborizado os conduziu ao jardim. Várias tochas ardiam ao redor de uma fonte, adornada com estátuas de pessoas nuas. Os aromas das árvores frutíferas misturavam-se com os das ervas aromáticas. Percebeu que estavam rodeados de flores e a imagem de Lizbeth, deitada em um leito de flores azuis, golpeou-o com força.

«Maldição!» Não, nesse momento não queria pensar nela. Agarrou a mulher pela mão e a arrastou escada abaixo, até chegar à entrada de um labirinto. Viraram à direita e avançaram seguindo os corredores, até que a escuridão os rodeou. Deteve-se e, soltando-lhe a mão, tentou recuperar o fôlego. A bailarina estava curvada e respirava com dificuldade. Há pouco tinha deixado de falar.

Broc separou as pernas e jogou a cabeça para trás. O céu dava voltas, ou seria sua cabeça? Que demônios estava fazendo? Ele não era dos que pagavam para obter prazer. Em sua juventude, não tinha se importado em deitar-se com as jovens do povoado, mas depois de passar pelo monastério, tornou-se muito mais seletivo.

—Quer que me dispa? —perguntou ela, levando a mão ao broche dourado que segurava o pequeno objeto que mal cobria os seios.

—Não. —Não era isso que queria. Queria Lizbeth.

A jovem encolheu os ombros e ajoelhou-se diante dele. Olhou-o com seus grandes olhos de gazela enquanto o massageava com uma mão e com a outra tentava desabotoar-lhe as calças.

—Não —insistiu, levantando-a — Perdoe-me, mas mudei de idéia.

—Você não gosta? —perguntou, franzindo o cenho.

—Não é isso —tranqüilizou-a, tirando cinco ducados do colete e colocando-os na mão, ansioso para livrar-se dela— Vá embora.

A jovem saiu correndo do labirinto, deixando-o a sós com seus pensamentos.

Broc fechou os olhos, moveu a cabeça de um lado para outro e respirou fundo. Juntou as mãos diante dele e rezou, pedindo para livrar-se da luxúria que o dominava, tal como lhe tinha ensinado o irmão Mel. Dois anos de meditação e solidão quase o haviam enlouquecido, mas graças ao guia religioso aprendeu a controlar seu corpo. Tinha-lhe



ensinado a refrear suas emoções e a aceitar suas responsabilidades. Mais calmo, pôs-se a andar.

O clã Maxwell precisava de um líder, um guerreiro, um defensor. Um homem disposto a dar a vida por eles, não alguém disposto a renunciar a tudo para defender uma mulher. A coroa da Inglaterra estava a ponto de passar às mãos de um menino de doze anos. A transição não ia ser fácil para ninguém. A Escócia devia aproveitar a ocasião para reforçar as defesas das Terras Baixas, para consolidar as alianças entre os clãs e procurar novos aliados como, por exemplo, a França. Com sorte, Gloucester deixaria o norte tranqüilo, enquanto assistia à coroação de seu sobrinho. O menino precisaria de conselhos e os nobres brigariam para conseguir um posto junto ao ouvido real. Se pudesse encontrar uma maneira de levar o documento de Lizbeth ao seu rei como prova do que estava a ponto de acontecer... Sem isso, só contava com sua palavra, e não acreditava que fosse suficiente para o rei Jacobo.

Seu pai e o conselho saberiam o que fazer.

Fez uma lista mental de todos os nobres aos quais seu pai e ele teriam que ir visitar em sua volta. Teria que idealizar uma estratégia conjunta para convencer seu rei. Embora talvez devesse estar expondo maneiras de manter a paz com a Inglaterra, em vez de alianças para lutar contra esta. Deteve-se e olhou adiante e atrás. Estava perdido entre dois corredores. Refez o caminho, contando os passos e dobrando um ramo em cada curva pela qual passava, mas cada canto parecia igual ao anterior.

Merecia isso, por ter deixado uma mulher para ir em busca de outra. A lua crescente, que subia pelo céu, indicou-lhe que tinha passado muito tempo. Deteve-se e estudou o mapa mental que tinha feito do labirinto.

O som de um ramo quebrando-se ressoou como uma árvore caída em seus ouvidos. Ao prestar atenção, ouviu sussurros.

—Confia nessa fonte de informação?

—Sim, é meu próprio irmão. Foi adotado por um membro da corte, e me disse que o bispo deu-lhe os últimos sacramentos na tarde da quarta-feira, e que o rei morreu nessa mesma noite.

Broc esforçou-se pra não perder nenhuma palavra. Eram duas vozes. Deviam estar a três corredores de distância, dentro do labirinto.

—Localizou à moça?

—Está na fortaleza, fornicando com esse escocês asqueroso que libertou da Torre. Quer que acabe com ela, milord?

Só havia uma mulher no castelo que coincidia com essa descrição: Lizbeth. Broc apertou a mandíbula e sentiu que esticavam-se todos os músculos do corpo. Agarrou uma das adagas e apertou o punho, com força.



—Vá procurá-la, mas a quero viva. Traga-a aqui com o documento, antes que faça pública minha associação com o líder dos rebeldes. Informe-a de que seu guardião está aqui para ocupar-se dela e levá-la de volta à Torre. Quando se negar, porque a pequena vadia vai se negar, diga-lhe que, se não aceitar, eu pessoalmente adestrarei seu sobrinho mais velho para que empunhe a espada do verdugo.

Estava mentindo. Lizbeth contou que seus sobrinhos tinham morrido.

Um dos homens cuspiu.

—E o escocês e seus amigos?

—Entregue-os a Gloucester. Não me servem para nada.

«Pelos pregos de Cristo!» Broc manteve-se imóvel até que os passos afastaram-se na distância. Tinha que avisar Lizbeth e os outros para saírem dali naquela mesma noite.

Seu pai tinha os olhos da cor do âmbar. Como os seus, mas mais escuros. Estava acostumado a esculpir objetos de madeira, sobretudo esses pássaros absurdos. Tinha as mãos grandes. Lizzy golpeava o travesseiro para amaciá-lo, enquanto tentava recordar coisas boas dele, razões que justificassem o que está fazendo para salvá-lo. E depois do que pareceram horas, a única coisa que lhe ocorreu foi que esculpia animais com suas grandes mãos. Com as mesmas mãos com as quais afiava a espada, com as quais dirigia o látigo; com as quais segurava a taça com que se embebedava a cada noite.

Broc queria casar-se com ela, e ela o rechaçou, como rechaçou a oportunidade de transformar-se em esposa, mãe e amante... Pelas mãos de seu pai?

Grunhiu e deu voltas, até ficar completamente enroscada entre os lençóis. O peso das mantas a esmagava. Tirou tudo de cima a pontapés, incluindo o robe, que tinha enroscado entre as pernas. O ar fresco sobre a pele suada causou um calafrio que recordou-lhe as sensações que Broc tinha provocado há alguns momentos. Embora Edlynn tivesse explicado muitas coisas —com toda a riqueza de detalhes— sua amiga esqueceu de mencionar a intensidade do desejo que sentiria até o momento de felicidade absoluta, cegadora, quase insuportável.

Estava suando outra vez. Dormir ia ser impossível. Olhou a coberta da gigantesca cama de mogno à luz das muitas velas que tinha deixado acesas, e rezou. Tinha que tomar decisões muito importantes, não só para ela mas também para seus entes queridos, os vivos e os que já não estavam nesta terra.

Desde que tinham chegado a Middleham, parecia que a coragem a tinha abandonado. Tinha os nervos a flor da pele pela audiência que Gloucester havia-lhe concedido para o dia seguinte. As pessoas de York o consideravam um homem bom e justo. Estava segura de que apreciaria seus esforços e a recompensaria. Então, lorde Hollister



percorreria o caminho que tinha feito tantas pessoas tomarem: o do cadafalso. Devia estar mais perto da loucura do que pensava, porque a imagem da cabeça de lorde Hollister sobre o cadafalso a fez sentir uma estranha felicidade.

Ouviu o trinco.

Sentou-se na cama com um salto e cobriu-se com a colcha até o pescoço.

—Celeste?

A porta abriu-se. Ao ver aparecer a ponta de uma adaga, seu coração acelerou, mas acalmou-se ao ver o braço que a segurava. O único homem capaz de acalmar todos seus medos com um só olhar. Sorriu aliviada.

Mas então viu sua expressão.

Tinha o cenho franzido com tanta determinação que havia modificado sua expressão.

—Levante-se. Vamos —disse ele, olhando ao seu redor com olhos de guerreiro.

—Como vamos? E por que tem que entrar sempre armado?

—Porque sempre há gente que quer nos matar —respondeu, embainhando a adaga. Sem olhá-la nos olhos, foi até a cama. Tinha o cabelo revolto e o suor cobria seu rosto e o pescoço— Temos que ir — repetiu, agarrando-a pelo braço, com um brilho assustador no olhar.

O escocês estava louco. Lizbeth soltou-se e fechou a bata, com ambas as mãos.

—Não. Não posso ir a nenhum lugar. Não tenho roupa. O que há com você?

—Não há tempo para explicações —respondeu ele, olhando-a de cima abaixo— Temos que encontrar os outros e partir em seguida. Você vem comigo. —Voltou a agarrá-la pelo braço.

—Mas o que aconteceu? —insistiu Lizbeth, voltando a soltar-se. Pensou em escapar. Foi até a janela; dali à lareira, e retornou. Com ele lá, o quarto não parecia tão grande.

—Pare de fugir de mim, mulher! —exclamou o escocês, perdendo a paciência.

Lizzy protegeu-se do outro lado da cama. Se Maxwell movia-se pela direita, ela fazia o mesmo. Deram uma volta completa no leito antes de deter-se.

—Para que veio se era para partir antes de entregar o documento a Gloucester?

—Já não me importa o documento, nem Gloucester. Só quero tirá-la daqui com vida.

—Já não importa? —Então, antes importava. Enfim, ele admitia— Então, por que veio? E nem pense em mentir.

Broc apertou as têmporas.

—Temos o mesmo objetivo, anjo. Proteger nossa pátria e nossa gente. Admito que o documento que tem em seu poder tentou-me a princípio.

—Tentou-o? —repetiu, tentando esconder a decepção que sentia. Que idiota tinha sido ao acreditar que seu interesse por ela tinha sido sincero. Teria interessado o suficiente



para propor-lhe casamento? — Percebo. Não fui mais que um instrumento para proteger seu país.

—Não! É muito mais que isso, e sabe.

Esse era o problema. Não sabia. Não sabia mais em quem confiar.

—Que benefício lhe traria este documento?

Broc lançou um olhar à porta e à janela, antes de responder:

—É a prova que preciso para convencer o rei da Escócia de que é boa idéia aliar-se com a França.

—E por que não me tirou o documento?

—Porque é seu.

Lizzy sacudiu a cabeça, não querendo acreditar no que estava ouvindo.

—E Gloucester? Trouxe-me aqui para que entregasse o documento. No que o beneficia?

—O duque de Gloucester enviou um exército a Dumfriesshire há dois anos. Queimaram o povoado, violaram às mulheres e só deixaram cinzas em sua passagem. Muitos de meus parentes morreram nesse dia, incluindo minhas irmãs, Lilian e Mattie, que acabavam de casar-se. Pensei que, ao ver o documento, iria a corte e deixaria o norte em paz.

Lizzy aplacou-se. Por mais zangada que estivesse com ele, compartilhava sua dor.

—Sinto muito.

—É uma velha ferida. Não vale a pena reabri-la para causar outras. Temos que sair daqui. Sabem que sou escocês e isso põe em perigo meus amigos. Não posso enfrentar sozinho toda a York.

—Mas não posso ir agora, com tudo o que passei para chegar aqui! Rondei por escadas, escondi-me em celas, comportei-me como uma perfeita serva diante de todas as demandas de lorde Hollister. Ele roubou tudo o que amava e é hora de pagar —disse, percebendo que seu desejo de vingança era tanto ou mais forte que a vontade de salvar seu pai.

—Lorde Hollister está aqui, em Middleham.

Lizzy sentiu que fraquejavam-lhe as pernas, e agarrou-se a um dos postes da cama, temendo desmaiar.

—Provavelmente já estava aqui quando nós chegamos.

—Como sabe?

—Encontrei-me com ele há um momento.

Ela recuperou as forças.

—Lorde Hollister o conhece. Como é que não o detiveram ainda? —perguntou, olhando-o com desconfiança.



Broc revirou os olhos.

—Sou um espião, Lizbeth. Sou capaz de observar sem ser descoberto. Hollister planeja tirar-lhe o documento antes que se reúna com Gloucester e levá-la de volta à Torre.

Ela sentiu que revolia-lhe o estômago. Segurou-se de novo, com força, na cama.

—Não, não posso voltar —disse, como se falasse sozinha.

—Por favor, Lizbeth —exortou Broc, estendendo a mão para ela— Venha comigo. Comigo estará a salvo.

Sentiu-se fraca por desejar com tanta intensidade aceitar sua proposta. Tinha falhado com todos: Kandem e Emma; Edlynn e seus sobrinhos; seu rei e sua pátria; seu pai... Ergueu os olhos. Queria chorar, gritar; algo para libertar a tensão que tinha acumulada no peito.

—Mas então ele vai vencer. Gloucester nunca saberá que conspirou com Buckingham para assassinar o rei.

—Seu rei está morto —disse ele, aproximando-se da janela para inspecionar o pátio.

A notícia não a surpreendeu. Sabia que não restava muito tempo.

—Não posso esperar mais. Confie em Gloucester, ou confie em mim, mas deve escolher agora —apressou-a Maxwell.

De repente, viu tudo muito claro. Gloucester tinha sido amável com ela em uma ocasião, mas Broc tinha-lhe dado muito mais. Tinha-lhe dado razões para querer salvar-se. E agora estava em suas mãos salvá-lo. Não ia permitir que lorde Hollister a separasse dele. O escocês era um poderoso guerreiro, mas lorde Hollister o superava em número. Aproximou-se e pôs a mão em seu braço.

—Confio em você.

Broc a rodeou com seus braços e beijou-lhe a cabeça.

—Venha comigo, Lizbeth. Para a Escócia.

—Como sua esposa? —perguntou, esperançosa.

—Como minha amiga —respondeu ele, resignado. Aquela conversa ia ter que esperar.

Lizzy assentiu.

—Vamos procurar os outros.

Broc a guiou para a porta.

—Celeste deve estar com John nos aposentos dos cavalheiros. Smitt... vai ser mais difícil localizá-lo.

—Lorde Hollister os matará se suspeitar que me importo. É sua maneira de conseguir as coisas. Maltrata a seus entes queridos diante de você, até que aceita fazer o que ele quer —disse Lizzy, com uma pontada de culpa por não resgatar seu pai.



—Sim, esse homem não conhece a compaixão —corroborou ele. Tirou a adaga da cintura enquanto abria a porta e comprovava que não havia ninguém no corredor— Pensa usar seu sobrinho para conseguir o documento.

Lizzy deteve-se na soleira e soltou-lhe a mão.

—Meus sobrinhos estão mortos. Encerrou-os na Torre quando Emma disse que eram filhos de Kandem. E logo os matou. —apertou as mãos, sentindo um grande frio em seu interior. Sua mente corria a toda velocidade— Vi suas túnicas manchadas de sangue. Lorde Hollister me disse que estavam mortos —acrescentou, dando um passo atrás.

—Diria qualquer coisa para conseguir o documento.

—Se houver uma possibilidade de que Eli e Martin estejam vivos, por pequena que seja, tenho que voltar. O ódio que lorde Hollister sente por eles é muito superior ao que sente por mim. São uma lembrança constante do que Kandem roubou. Não tenho escolha —acrescentou, baixando os olhos— Tenho que retornar com ele. Você deve proteger a sua família, mas eu devo proteger à minha.

Broc amaldiçoou em voz baixa e baixou a adaga. Parecia ter perdido toda sua vitalidade.

—Não vou deixá-la aqui. Voltarei para procurar seus sobrinhos assim que deixá-la a salvo em Escócia.

Lizzy tragou as lágrimas. Não ia permitir que nem ele, nem ninguém corressem perigo por sua causa. O escocês estava procurando uma maneira de ajudá-la. Via em seus olhos azuis que estava planejando algo. Mas não havia outra solução. Tinha que falar com Gloucester antes que Hollister a encontrasse. Convencer Broc de que esse era o melhor plano ia ser tão difícil como convencê-lo de que jurasse lealdade ao rei da Inglaterra. Teria que mentir.

Dando um passo adiante, voltou para seus braços. Segurou-lhe o rosto com as mãos e o beijou com toda a paixão que tinha descoberto em seu interior. Sugou-lhe o lábio inferior, como se quisesse sorver parte de sua energia para levar a cabo sua missão.

Depois, assentiu sem palavras e notou como ele relaxava. E agora ? Lembrou-se de que não tinha roupa.

—Assim não posso ir a nenhum lugar. Chamaria a atenção e nos deteriam. A donzela havia dito a Celeste que a lavanderia está na parte de baixo. Irei procurar algo para vestir enquanto você avisa os outros.

—Não, iremos juntos.

Não ia deixá-la. Estava segura. E lorde Hollister o torturaria diante dela para conseguir o documento. Não poderia suportar. Odiava enganá-lo, mas não via outra saída.

—Tem que fazê-lo. Celeste está grávida.

—Grávida?



—Sim —respondeu, olhando-o como se fosse uma pergunta tola— Tem que tirá-los daqui o quanto antes. Encontraremos-nos lá fora. Me diga onde.

—Não vou partir sem você —suspirou ele, com o coração dividido— Vá à lavanderia e agarre o primeiro que encontrar, mas não retorne aqui — disse, segurando-a pela nuca— Reuná-se comigo no pátio. No centro do labirinto. Tem que contar duas voltas à direita, quatro à esquerda, um à direita e cinco à esquerda.

—Dois, e quatro; um, cinco —repetiu, recordando as cifras sem dificuldade.

Broc beijou-a com tanta paixão que ela desejou que não se detivesse, mas de repente o fez e desapareceu no corredor abaixo.

Durante uns momentos, Lizzy pensou que o pânico iria ganhar a partida, mas respirou fundo, voltou-se e recolheu o saco que tinha escondido sob a cama. Quase desejou nunca ter encontrado o maldito documento. Ocultou-o o melhor que pôde sob a bata e saiu do quarto. Dirigiu-se para a luz de uma tocha que iluminava a cisterna de água situada ao final do corredor. Dali, desceu a escada de caracol até a planta baixa. Ao chegar ao piso inferior, percebeu que não tinha contado os passos. Nenhum. Não era o medo o que a movia essa noite. Se Eli e Martin estavam vivos, queria que crescessem na Escócia, um lugar tocado pela mão de Deus e protegido por guerreiros. Queria que fossem livres, como ela.

Depois de cruzar duas portas, chegou às dependências dos criados. O aroma caústico queimou-lhe o nariz e o vapor de água cobriu seu rosto de suor antes de ter entrado na lavanderia. Embora fosse muito tarde e a maioria dos residentes estivessem dormindo, a atividade ali era frenética. Donzelas de todas as idades trabalhavam em excesso lavando lençóis e toalhas, e tingindo roupas de distintas cores.

Uma mulher robusta, com o cabelo coberto por uma touca branca, fiscalizava o trabalho de uma jovem que inundava um objeto em um recipiente de madeira, cheio de tintura de cor púrpura. Ao ouvir Lizzy entrar, voltou-se para ela e a fulminou com o olhar.

—Você deve ser a prima de Adele. Chegou tarde.

Devia ser a mulher que supervisionava o trabalho. De qualquer forma, era evidente que estava acostumada a que a obedecessem. Aproximou, contemplando seu traje com um olhar de desaprovação.

—O que faz em seu tempo livre é problema seu. Já sei que se pode ganhar um bom dinheiro extra em Middleham, em dias como hoje, mas se voltar a chegar tarde por culpa desses cavalheiros, não precisa voltar.

Lizzy aceitou a reprimenda, mas só porque a lavadeira era menos perigosa que lorde Hollister.

—Descontarão dois peniques pelo seu atraso. Venha, cubra-se. E ponha um avental —acrescentou, assinalando uma parede cheia de varais.



—Sim, senhora —disse, sem pigarrear. Precisava de roupas, tudo era melhor que o que usava. Pegou um blusão branco, deixando a bata debaixo como única roupa. Amarrou o blusão com um cinto e completou o traje com um avental cinza. Depois de cobrir o cabelo com uma touca branca, sentiu-se mais tranqüila.

—Tem nome, moça? —perguntou a lavadeira, esfregando o nariz vermelho.

—Emma —respondeu, dizendo o primeiro que lhe veio à mente, além do dela. Embora também pudesse ter usado este. Ali não a conheciam.

—Ajude Penny a preparar as toalhas de sua senhoria —ordenou a mulher, assinalando à chamada Penny com o olhar— Não se entretenha. Sua senhoria levanta-se cedo e gosta de encontrar a roupa seca.

—Sim, senhora.

A lavadeira seguiu com sua ronda, sem saber que acabava de proporcionar-lhe a maneira de chegar até Gloucester. Lizzy ficou ao lado de Penny e fez o mesmo que ela. Em seguida comprovou que o ambiente de Middleham não tinha nada a ver com o da Torre. Assim que a chefe de lavanderia partiu, as jovens começaram a conversar animadamente enquanto batiam a roupa.

—Sybil, tem cara de estar com os bolsos cheios. Foi proveitosa a noite? —perguntou Penny.

Lizzy levantou o olhar, curiosa. A jovem a que se dirigia sua companheira destacava-se entre as quatro lavadeiras: tinha um sedoso cabelo negro, olhos escuros e lábios em forma de coração, que deixavam a descoberto uns dentes muito brancos. O avental não conseguia ocultar as invejáveis curva de seus quadris, nem um generoso decote.

—Deu-me cinco ducados! —falou, com um ligeiro acento estrangeiro— E isso que só tinha pedido três. —meteu a mão sob o avental e mostrou as moedas— E é muito bonito. Tem o cabelo tão negro como o meu. Eu teria feito por muito menos, mas ficou encantado em pagar. — Os olhos brilhavam, enquanto olhava às demais, uma a uma.

—Era... grande? —perguntou outra garota, com uma risada travessa.

—Oui! —respondeu Sybil, abrindo muito os olhos— Duas cabeças mais alto que eu, grandes mãos, um amplo peito e —tirou a mão da bacia e, com a água gotejando pelo cotovelo, juntou o índice e o polegar formando um círculo—... um pau tão grosso como minha mão. Magnifique!

Embora surpresa por sua vulgaridade, Lizzy fez uma idéia do homem ao qual estava descrevendo, enquanto as demais lavadeiras gritavam, entusiasmadas. Smitt gostaria de saber que as jovens falavam dele com esse entusiasmo.

—Sybil, feche essa boca ou lavarei eu mesma com sabão —ouviu-se a voz da lavadeira chefe, da outra sala— Todas trabalhando ou não receberão.



Elas baixaram a cabeça, mas seguiram lançando olhares de esguelha a Sybil, esperando que continuasse com a história.

—O homem me arrastou pelos corredores e me meteu no labirinto. Suponho que sua amante negou-se a recebê-lo, porque estava meio louco de desejo.

Essa descrição não condizia com Smitt. Absolutamente.

—Deu algum nome para que pudesse gritar?

—Oui, Julian.

Com o coração acelerado, Lizzy agarrou os lençóis com força sob a água. Embora não fosse a amante de Broc, o certo era que tinha lhe negado satisfação. Ele tinha saído do quarto frustrado e havia retornado depois de algumas horas com um mapa detalhado do labirinto na cabeça. Não ocorreu-lhe perguntar como o conhecia tão bem.

Penny olhou por cima do ombro para ver se a supervisora da lavadeira estava perto, antes de perguntar:

—E esse Julian deu prazer a você ou se limitou a ganhar as moedas?

Lizzy notou que o lençol rompia sob a água.

—Sempre ganho o pagamento —replicou a outra, levantando uma sobrancelha— mas reconheço que esse homem me deixou aos seus pés.

Embora nunca houvesse sentido antes, Lizzy não teve nenhuma dúvida de que aquela sensação que encolhia o estômago eram ciúmes. Como a necessidade de golpear alguém. Retorceu o lençol com força, desejando que fosse o pescoço de Broc. Não tinha nenhum direito de sentir isso. O escocês não era seu marido, nem sequer seu amante, mas isso não impedia que doesse. Havia acreditado nele; tinha aberto seu coração. Havia tocado Lizzy em lugares onde nunca haviam tocado e depois foi fornicar com aquela fresca.

—Beijou-a? —perguntou incapaz de conter-se.

A jovem ficou rígida e dirigiu-lhe um olhar desafiante.

—Não me pagou para isso.

Lizzy baixou o olhar para a entrada, e alegrou-se ao ouvir a respiração da supervisora das lavadeiras a suas costas.

—Vocês quatro, agarrem as bacias e levem água quente aos aposentos de suas senhorias.

Agradecida por poder deixar o tema, Lizzy imitou-se ao que faziam as demais. Tirou da cabeça as imagens de Broc e Sybil juntos e concentrou-se em sua missão.

Com uma bacia de água em cada mão, subiu com as demais pela escada. Dois cavalheiros guardavam o acesso aos aposentos de Gloucester e sua família. A duquesa de York estava tranqüilamente sentada em uma poltrona de veludo, com as pernas cruzadas à altura dos tornozelos e as mãos no colo. Lizzy ficou olhando uns instantes. Era jovem e muito formosa. Sua pele de alabastro quase brilhava à luz da alvorada que insinuava-se



pela janela. Uma donzela segurava uma terrina com produtos de beleza a suas costas, olhando o vazio.

Uma vez esvaziadas as bacias em uma banheira de madeira situada no meio do quarto, as quatro se inclinaram diante da duquesa e retiraram-se assim que receberam permissão. Deixando as bacias no chão, Lizzy ficou no quarto. O coração batia no peito.

—Por favor, milady, posso falar com você? —perguntou, com a cabeça baixa e as mãos cruzadas no colo.

A duquesa assentiu, sem mudar de expressão.

—Não sou uma donzela. viajei de Londres para falar com sua senhoria de um assunto da máxima impor... —antes de acabar a frase, os dois cavalheiros da guarda a tinham prendido um por cada braço, cruzando suas espadas diante dela.

A duquesa nem se alterou. A donzela tampouco.

—Por favor, minhas intenções são honradas. Preciso desesperadamente de uma audiência com seu marido —suplicou Lizzy, pendurada entre os dois guardas— Tenho provas de uma conspiração contra a coroa.

A duquesa ergueu uma mão.

—Soltem-na.

Os pés de Lizzy voltaram a tocar o chão.

—Por favor, desculpem-me por interromper suas abluções matutinas, mas minha vida corre perigo.

Ouviram-se passos apressados à direita, e o duque de Gloucester em pessoa apareceu na soleira. Sem motivo aparente, sentiu-se aliviada por sua presença. Era um homem atraente, tal como recordava, mas o que mais havia chamado a atenção nele tinha sido seu olhar ausente.

—O que aconteceu? Soltem a moça. Acaso ela parece uma ameaça?

Lizzy sentiu uma comichão nos braços quando os homens a soltaram e o sangue voltou a chegar aos dedos. Apertou os lábios com força, mas sua expressão decidida desapareceu, já que não levantou o olhar do chão.

—Como se chama? —perguntou Gloucester, aproximando-se dela calçado com sandálias sob a túnica de cor púrpura.

—Sou lady Lizbeth Ives.

Levantou-lhe o rosto, colocando um dedo sob o queixo enquanto com a outra mão tirava-lhe a touca.

—Conheço você.

—Sim —respondeu, enrugando o avental entre suas mãos e rezando para deixar de tremer— Nos conhecemos em Londres no ano passado, antes de Natal. Sou a filha do verdugo —acrescentou, e os guardas afastaram-se um pouco mais dela. Estava acostumada



a que as pessoas reagissem assim, como se ser a filha de Osborn Ives significasse que tinha alguma enfermidade contagiosa. Isso a recordou de sua missão.

—Tenho provas de uma conspiração — explicou, sem esperar que perguntassem. Os cavalheiros voltaram a erguer-se sobre ela.

Gloucester os deteve com um gesto de mão. Sem mudar de expressão, disse:

—Lady Ives, pode nos acompanhar a missa e depois nos ocuparemos deste assunto enquanto tomamos o café da manhã.

Como podia conservar a calma depois do que havia dito?

—Mas é da máxima importância que...

O duque riu levemente.

—Meus dias estão repletos de assuntos da máxima importância. Se me ocupasse deles todas as horas, minha alma sofreria e, certamente, morreria de fome.

Lizzy assentiu, sentindo-se ridícula.

—É obvio, sua senhoria.

—Joan —disse a duquesa, levantando-se— acompanhe lady Ives a um quarto. Que Sastra traga roupas adequada a sua posição. E depois a acompanhe à capela.

Os dois guardas as escoltaram a uma cabine próxima. Logo chegaram água e roupas de baixo, e Lizzy conseguiu uns instantes de intimidade. Tirou os objetos de lavadeira e colocou um vestido de damasco, de um azul tão escuro que parecia negro. A cauda era tão longa que arrastava pelo chão. A donzela fez duas tranças, recolheu-as com tiras e as ocultou sob o fino véu.

Uma vez que a donzela deixou-a com bom aspecto, Lizzy seguiu um guarda até a capela. O rígido espartilho cravava-lhe nas costelas, impedindo-a de respirar fundo. O aroma da mirra a tranqüilizou um pouco, mas voltou a inquietar-se quando o guarda indicou um lugar na última fila da capela. Por mais que fosse vestida com a roupa de uma dama, esse detalhe a devolveu à realidade de sua situação.

Gloucester entrou, vestido com um colete de veludo azul com bordados dourados e longas mangas. Depois dele entrou uma procissão de nobres, prelados e cortesãos, ricamente vestidos com roupas de cores vivas.

Lizzy levantou o queixo, tentando não sentir-se abatida pelo rechaço. Passou as mãos pela saia, alisando o documento, e tirou o rosário de sua mãe, sem deixar de olhar ao duque em nenhum momento. Como reagiria? Iria ajudá-la ou pegaria o documento e se asseguraria de que não pudesse contar a ninguém? Estava claro que sua vida valia tão pouco em York quanto em Londres.

Ajoelhou-se e seguiu a missa, sem poder tirar da cabeça à única pessoa que lhe havia dito que merecia ser salva. O mesmo homem que, nesse momento, provavelmente a estivesse esperando no labirinto, mas também o mesmo homem que esteve com outra



mulher apenas horas antes. Broc admitiu que tinha interesse político para ir a Middleham, mas que fazia tempo que isso deixou de ser sua prioridade. Entendia que odiasse Gloucester; a guerra criava inimigos. Viver na Torre não era tão diferente; só que o campo de batalha era menor.

Enroscou o rosário na mão.

«Guia-me, mãe. Diga-me o que devo fazer.» Foi deslizando os dedos sobre as contas azuis até que Gloucester recebeu a comunhão. Quando todos levantaram-se para partir, Lizzy procurou misturar-se com eles, mas o guarda a impediu e a fez esperar até que não restasse ninguém na capela. Ajoelhou-se e fez o sinal da cruz com força, zangada.

A caminho do castelo, passaram diante da entrada do labirinto. Com o olhar baixo, foi recitando as instruções de Broc: «Dois, quatro, um, cinco». Esteve tentada a sair correndo e ir ao seu encontro, mas obrigou-se a manter a cabeça fria. Estava em perigo. Se reagisse assim, levaria o guarda direto para o escocês. Além disso, se lorde Hollister estava em Middleham, Gloucester o encontraria, e seus sobrinhos estariam, por fim, a salvo de sua crueldade.

Uma vez no castelo, entraram em uma sala com várias mesas cheias de carnes, queijos, frutas e fogaças de pão. Os guardas agarraram sua ração e ocuparam seus postos ao redor do salão. Lizzy sentou-se no final de uma mesa, onde mordiscou uma pedaço de pão de leite, enquanto aguardava sua vez de falar com o duque.

Quando este finalmente levantou-se, Lizzy retorceu as mangas e tentou respirar fundo, mas o espartilho a impediu. Gloucester despediu-se da duquesa e do resto dos cortesãos e sentou-se em um banco em frente a Lizzy. Iria escutá-la. Finalmente, depois de seis meses de espera, o momento tinha chegado. Sentiu muito medo.

—Vamos ver. O que é isso sobre uma conspiração?

Ela apalpou o pergaminho sob as saias e decidiu mantê-lo escondido um pouco mais.

—O carcereiro chefe da Torre de Londres conspirou com o duque de Buckingham para assassinar o rei. Lorde Hollister, meu tutor, envenenou o monarca. Disseram-me que seu irmão morreu na quarta-feira passada.

O semblante do duque obscureceu-se. Fechou os olhos, franziu o cenho e apertou os lábios. Por sua reação, parecia que não tinha chegado a notícia da morte do rei.

—Sinto ser a portadora de tão tristes notícias, mas me pareceu minha obrigação denunciar os traidores.

Quando Gloucester levantou o olhar, qualquer rastro de compaixão que Lizzy tivesse visto durante a execução de Kandem, tinha desaparecido.

—Alguém mais sabe disto?

—Não —mentiu ela, assustada.



—Prestou um importante serviço a seu país vindo até aqui. Suponho que tenha provas.

Lizzy voltou a passar a mão pela saia, consciente de que se entregasse o documento, sua vida já não teria nenhum valor. De repente, sua convicção de que o duque a protegeria de seus inimigos pareceu-lhe ridícula.

—Sim, tenho um documento escrito. Está em Middleham, mas queria pedir algo em troca.

—E o que seria? —perguntou ele, olhando o guarda de soslaio.

Lizzy sentiu que um calafrio percorria as costas. O instinto dizia que saísse correndo, mas Gloucester estava esperando para ouvir seu pedido. Engoliu em seco.

—O carcereiro chefe tem como prisioneiros meus sobrinhos na Torre. Quero que me concedam sua custódia. Além disso, quero que libertem meu pai de suas responsabilidades.

O duque ficou olhando-a e agarrou um pedaço de queijo da bandeja que tinha diante de si.

—Está me pedindo que renuncie ao verdugo, quando mais vou precisar?

—É um favor pequeno comparado com a importância do documento —respondeu ela, agarrando-se ao banco. Sentia o suor caindo pelas têmporas. Faltava-lhe o ar.

—Suponho que terá pensado em para onde levar seu pai e seus sobrinhos se concordar com os seus termos.

—Pensei em pedir asilo na abadia de Fountains. A alma de meu pai precisa disso.

Gloucester virou-se para trás e cruzou os braços sobre o peito, dando golpes no cotovelo com um dedo. Depois de uns instantes de reflexão, chamou três guardas, armados com espada.

—Veio sem escolta, lady Ives?

—Sim. —Não iria pôr Broc em perigo.

Gloucester inclinou a cabeça de maneira quase imperceptível. O guarda acariciou o punho da espada e a olhou com um sorriso retorcido. Se Lizzy não estivesse tão atenta, não teria percebido a ordem silenciosa do duque. Maxwell estava certo.

Maldição! Não queria pôr nem a ele, nem aos outros em perigo, mas estava ficando sem alternativas. Avaliou rapidamente os três guardas. Só tinham a vista uma arma. E um dos três não era mais alto que ela.

—Onde está a prova? —perguntou Gloucester com brutalidade.

—No labirinto —respondeu, rezando para que Broc fosse carregado com seu arsenal de armas habitual— Mas só o entregarei se aceitar as minhas petições.

O duque inclinou-se para ela com os olhos entreabertos.

—Sua majestade encarregou-me pessoalmente que protegesse seus súditos. Suas petições não me ajudam a cumprir esse encargo. Como súdita da Inglaterra, tem as



mesmas obrigações que eu. Assim, se não me entregar o documento, seus atos serão considerados traição ao rei e a sua pátria. Como filha do verdugo, não me parece necessário informá-la do castigo que recebe esse delito —declarou. Com um movimento dos olhos, chamou os guardas— Acompanhem lady Ives ao labirinto e me tragam esse documento.

Capítulo 13



—Onde demônios se enfiou? —resmungou Broc, percorrendo a grandes passadas o pequeno espaço no interior do labirinto. Tinha perdido mais tempo do que esperava localizando Smitt e tirando todos do castelo, e esperava encontrar Lizzy no labirinto quando chegasse. Tinha ido procurá-la no quarto e aproximou-se da lavanderia, mas sem êxito.

Os raios do sol, já alto, alcançaram-lhe o rosto. Deteve-se, moveu a cabeça de um lado para outro e escutou com mais atenção, se por acaso ouvisse passos aproximando-se, mas só ouviu os relinchos inquietos do cavalo roubado que tinha deixado na saída do labirinto.

«Por todos os demônios!» passou as mãos pelo cabelo e amaldiçoou-se por havê-la deixado sozinha. Hollister a teria prendido, estava cada vez mais seguro. A vontade de apanhar esse maldito bastardo e atravessá-lo com uma faca eram tão intensas que, sem perceber, levou a mão à adaga.

—Já estamos chegando, juro.

«Lizbeth.»

Broc deixou escapar um suspiro de alívio ao reconhecer sua voz, mas em seguida voltou a ficar tenso ao perceber que não estava sozinha. Pelas pegadas, deviam ser vários homens, todos eles pesados. Gente de Hollister, sem dúvida. Tirou uma faca da bota e se preparou. Aguardou, cravando bem os pés no chão, ansioso para ver o sangue manchar seu fio. Assim que a bota de um homem dobrou a esquina, Broc lançou-lhe a faca direto no pescoço. O guarda caiu para frente, afogando-se com seu próprio sangue e empapando com ele o chão do labirinto.

Lizbeth apareceu a seguir, com a face sufocada, os olhos arregalados e vestida como se fosse a rainha em pessoa.

O ruído do aço ressoou atrás dela. Ele desembainhou a espada que levava nas costas e com um certo golpe, trespassou outro dos guardas. Soltando o punho, dirigiu-se para Lizzy. Agarrou-a pelas cintas do sutiã e a lançou sobre o soldado morto a seus pés. Uma vez que a deixou a salvo, voltou-se para o terceiro guarda.

—Alarme! —gritou o soldado, antes de dar a volta e sair correndo.

Ele o seguiu, com o coração disparado e uma adaga na mão. O caminho logo ficou fechado por um muro. O homem, para sorte de Broc, não estava muito familiarizado com o lugar.

—Deve voltar pela esquerda.

O outro voltou-se, espada na mão, tremendo como uma folha. Conseguiu devolver várias estocadas, mas logo deixou de lutar, com o pescoço aberto.

Broc recuperou o fôlego com as mãos sobre os joelhos e logo limpou a lâmina da adaga no colete carmim do guarda. Estava vestido como os outros dois. Eram homens de Gloucester. Desfez seus passos, furioso, ao pensar em Lizbeth, com um vestido quase negro



enfeitado em dourado, um vestido que obviamente não tinha encontrado na lavanderia. No caminho, retirou a espada das vísceras do segundo soldado. O arrepiante ruído do metal roçando ossos precedeu ao grito afogado da jovem do outro lado. Indignado diante de sua falta de confiança, rodeou-a, recolheu e limpou a última arma e finalmente voltou-se para ela.

—Encontrou-se com ele, não é? Encontrou com Gloucester depois que lhe disse que retornaria para procurar seus sobrinhos. Tão pouco significam minhas promessas para você?

—São minha família. Sou eu quem deve sacrificar-se por eles, ninguém mais. Perdoe-me, por favor.

—Não me venha com esta agora —replicou, secando o suor da fronte e partindo, sem comprovar se o seguia ou não. Estava cansado de salvá-la.

Três corredores mais à frente, chegou à saída. Montou e aguardou.

Quando Lizbeth apareceu finalmente, a única coisa viu dela foi o véu branco que lhe cobria a cabeça. Caminhava com passos pequenos, com as mangas retorcidas entre as mãos. Ficou quieta ao lado do cavalo, esperando suas recriminações. Ele desejou esbofeteá-la ou, pelo menos, colocá-la sobre os joelhos e lhe dar umas palmadas. Por que não confiava nele?

—Não têm nada a dizer, lady Ives?

Ela levantou a vista e o olhou. Inesperadamente, seu olhar estava cheio de fúria.

—Quero partir daqui.

Broc revirou os olhos. Pelo menos, já pensava em seus próprios desejos e necessidades. Agarrou-a com força e a subiu no cavalo, a suas costas.

—E onde vamos, milady?

Ela o abraçou e apoiou a face em suas costas.

—A Escócia.

Sair de Middleham custou-lhe dez ducados. Aqueles ingleses eram muito fáceis de subornar. Gloucester acabaria encontrando seus homens mortos no labirinto, mas então eles já estariam longe dali. Sem dúvida, não a deixaria escapar facilmente. Com um pouco de sorte, seus caminhos voltariam a cruzar-se. E então um dos dois mataria o outro.

Broc guiou o cavalo em silêncio pela estrada que levava a Bolton. Estava tão doído pela falta de confiança de Lizbeth que não foi capaz de abrir a boca para perguntar o que havia acontecido. Ao menos no momento estavam a salvo. Deus colocou-se do seu lado esse dia, permitindo se livrarem do inferno e fugir de seus inimigos.

—Pode tirar os outros?

Ele quase não a ouviu, com o ruído dos cascos do cavalo.



—Sim —respondeu—Esperava que nos reuniríamos com eles na hospedaria de Saint Thomas há horas. Mas dei instruções de seguirem o caminho até a fronteira se não tivéssemos chegado ao meio-dia. John protestou, mas Celeste contou de sua gravidez e não houve mais discussão. Suponho que estaremos sozinhos o resto do trajeto.

Ela o abraçou com mais força.

—Foi uma boa decisão. John tem que levá-la a um lugar seguro o quanto antes.

—Sim. —Broc sabia que estava tentando conversar com ele, mas ainda não estava com humor para bate-papo. Segurava-a com uma mão enquanto o cavalo percorria a planície. Pouco mais tarde, notou que a jovem dormiu a suas costas. De vez em quando, quando algum de seus demônios a visitava em sonhos, Lizbeth o apertava com mais força. O que iria fazer com ela? Reuniriam-se com seu família dentro de dois dias. Os outros estariam ali antes, e informariam de sua iminente chegada. As apresentações seriam, quando muito, incômodas. «Papai, mamãe, esta é lady Lizbeth Ives. É inglesa, e a filha do homem que acabou com a vida de Aiden.»

Podia imaginar com toda clareza a dor de sua mãe. Sentia o peso da culpa sobre seus ombros. Seu pai se aproximaria dela e diria o que pensava diante de todo o clã, humilhando-a. O homem era um infeliz com menos educação que uma cabra. Lizbeth não saberia onde esconder-se. Voltaria a encerrar-se em si mesma, e a esconder-se sob um disfarce de submissão, como tinha feito com seu próprio pai. Não veriam a mulher que ele via: a que nunca pensava em si mesma, capaz de cruzar a Inglaterra para salvar seu pai, que se negava a ter um futuro para proteger filhos que não tinham nascido ainda. Vissem Lizbeth como vissem, Broc sabia que era a mulher mais valente que tinha conhecido.

E não iria permitir que lhe fizessem mal. Não merecia seu desprezo.

Talvez devesse conduzi-la diretamente ao irmão Mel. Levou sua mão aos lábios e lhe beijou a cálida palma.

A quem queria enganar? Nunca a levaria ao monastério de Dryburgh.

Enquanto seu pai estivesse vivo, Broc teria que casar-se com lady Juliana, mas embora não soubesse como fazê-lo, não pensava renunciar a Lizbeth.

Os grasnidos do corvo que parecia segui-los recordavam ao sino que soava cada hora no monastério. Cruzaram Penrith e ela não despertou. Embora a brisa do norte lhes refrescasse o rosto, o sol continuava caindo sobre eles como chumbo. Para Broc a roupa grudava no corpo e os pontos picavam. Seu corpo acusava os efeitos da falta de sono, mas queria estar em lugar seguro quando o sol baixasse. Sonhava com uma estalagem com comida, água e uma cama. Podia ser bem estreita, de preferência.

Deteve o cavalo ao chegar a um lugar onde o rio formava vários cursos de água.

—Lizbeth, acorde. O cavalo tem que descansar um pouco. Quer esticar as pernas?



Não obteve resposta. Ao voltar-se, a jovem quase caiu do cavalo. Broc desmontou, segurando-a com uma mão. Estava banhada de suor e não respondia. Sob o véu que usava, o cabelo grudava à cabeça e as bochechas brilhavam. Estava cozinhando literalmente debaixo daquelas roupas.

—Pelos pregos de Cristo, mulher! Por que não me avisou?

Depositou-a com cuidado na margem e deu-lhe água com a mão. Como continuava sem responder, jogou-lhe a água por cima dos lábios ressecados.

—Lizbeth!

—Estou bem —respondeu ela, abrindo os olhos.

—Como está bem? Não poderia se queixar, como uma mulher normal? — censurou-a, dando-lhe mais água. Assim não irá acabar nunca, vou procurar uma taça. —Voltou a deitá-la com delicadeza sobre a margem e rebuscou entre as bolsas. Quando voltou para seu lado, encontrou-a vomitando. Broc afastou o véu do rosto de Lizzy.

—Deveria contratar uma donzela —disse Lizbeth, respirando entrecortadamente.

—Ou poderia deixar que cuidasse de você - replicou ele, colocando uma mecha de cabelo solto por trás da orelha. Encheu a taça de água e a deu.

Assim que a respiração normalizou-se um pouco, ela agarrou a taça com dedos trêmulos e bebeu. Broc voltou a encher a taça, consciente de que a teimosa não iria pedir mais. Quando acabou, voltou a deitá-la. Tirou as botas e a arrastou para que molhasse as pernas no rio.

—Broc!

—Estou aqui, anjo —tranquilizou-a, enquanto retirava as pesadas saias das pernas.

—Afasto-me da água.

—Está cozinhando dentro desta roupa.

—Pois tire minha roupa, mas me afaste da água. —Sem esperar que o fizesse, cravou os pés no chão e tentou empurrar-se. Todo seu corpo tremeu pelo esforço, mas não se moveu.

Broc a levantou nos braços e a deixou sobre a grama. Com seus grandes dedos desabotoou-lhe os botões das falsas mangas antes de desamarrar as cintas do sutiã, que foram atadas à costas. Ao tirar as rígidas roupas, viu que debaixo usava um espartilho que oprimia suas costelas. Conseguiu desatar os cinco nós. O sexto rompeu diretamente e Lizbeth, por fim, ficou livre.

Encheu os pulmões de ar, levantando as costas do chão.

Ao olhar as saias que usava, Broc viu que havia três camadas.

—Três saias? Quem demônios precisa de três saias? Quem as vestiu?

—A donzela da duquesa —respondeu ela, com os olhos fechados.



Gloucester tinha usado a donzela de sua esposa para tentar matá-la. Broc brigou com os fechos das saias como um rapaz inexperiente, até que conseguiu tirar-lhe todas pelas pernas.

—Santo Deus! —debaixo de toda aquela roupa usava uma túnica de lã— Sei que está aí, Lizbeth —brincou, tentando animá-la.

Quando, por fim, ficou vestida só com uma regata clara, Broc ergueu-se, suando pelo esforço. Rodeada de flores brancas, que contrastavam com a cor escura de seu cabelo, era a viva imagem da inocência. Tinha os braços e pernas estendidos sobre a grama, procurando seu frescor. A via tranqüila, confiante. Sua face tinham recuperado a cor habitual. Ela não imaginava quão importante era para Broc vê-la em paz. Tampouco imaginava o muito que a desejava.

Em um instante, ficou em chamas.

Agora era ele o que estava ardendo, e a cada segundo que passava olhando-a ardia ainda mais. A regata que usava era fina e estava úmida, por isso quase não deixava nada para a imaginação. Mostrava suas curvas, esculpia-lhe os seios, revelava o que se escondia entre suas coxas. Tinha que ser dele. Não podia esperar mais.

O estrépito ensurdecedor da água cobriu os sons de seu desejo.

Com um surdo grunhido, livrou-se da roupa e das armas, que caíram no chão. Cravando um joelho entre suas coxas, desatou-lhe as cintas que amarravam a regata no pescoço e deixou seus seios descobertos.

Lizbeth piscou e o deteve com a mão.

—Já é suficiente, milord.

Não. Não era suficiente. Até que não estivesse enterrado em seu interior não iria ser suficiente.

—Já está outra vez me chamando «milord»? Não acha que já superamos essa etapa? —perguntou ele, deslizando a mão no interior da regata e sentindo seus seios pulsando sob seu coração.

Ela apertou os dentes.

—Não, não superamos nenhuma etapa. É milord em seu país, e assim o chamarei.

—Retornou a fria lady Ives? Pois mande-a embora. Quero a outra —respondeu Broc, acariciando-lhe o seio e torturando um mamilo.

Ela afastou-o com um tapa.

—E que mulher quer? Uma das que cobram por fornicar nos labirintos? —Afastou-o com um empurrão e sentou-se.

Ele deitou-se no chão, com um grunhido.

—Do que está falando? Eu não saio fornicando por aí.

—É um maldito mentiroso. Falei com Sybil na lavanderia.



—E quem demônios é Sybil?

—A mulher que levou ontem à noite até o labirinto, quando partiu de meu quarto insatisfeito —acusou-o, com todo o veneno de uma amante despeitada.

Broc, por fim, entendeu. A bailarina cigana.

—Não a toquei. Se essa mulher disse que me deitei com ela, mentiu—negou Broc, passando as mãos pelo cabelo.

Fez-se um silêncio tenso. De repente, sentiu o joelho de Lizbeth contra seu testículo.

—Então, como é que sabia o tamanho de seu membro? —perguntou-lhe, inclinada sobre ele, com uma mão de cada lado de sua cabeça.

Broc a preferia assim, meio louca de ciúmes, a assustada. Cada vez que respirava, alterada, seus mamilos roçavam-lhe o torso, torturando-o docemente. Outra mulher teria se afastado dali zangada, mas não Lizbeth, a Lutadora. Deu-lhe a volta e prendeu suas mãos contra o chão.

—Rechaçou-me. Estava fora de mim e agi mau. Mas me arrependi em seguida e lhe dei mais dinheiro do que me pediu para que partisse. Se o tivesse feito, teria podido dormir, em vez de passar a noite dando voltas por esse maldito labirinto.

Lizbeth estudou seu rosto. Sua respiração acalmou-se e deixou de lutar contra ele. Quando Broc afrouxou a pressão, ela o empurrou contra o chão e subiu nele. Precisava estar em uma postura dominante para recuperar a confiança. Inclinou-se até estarem nariz com nariz.

—Tocou-a?

—Não —respondeu ele, levantando a mão para acariciá-la. Roçou-lhe o cabelo com a ponta dos dedos, sem apressar-se, dando-lhe o tempo que precisava para voltar a confiar nele.

—Beijou-a? —perguntou, baixando o olhar até seus lábios.

—Não.

Lizbeth roçou-lhe o nariz com o seu e apertou as pernas ao redor de sua cintura.

—Jure por sua alma.

—Juro por minha alma. Não desejava essa mulher. Não desejo nenhuma outra mulher. Somente você.

Lizzy também desejava-o. Queria confiar nele. Queria acreditar que estaria segura ao seu lado, que podia confiar-lhe seu coração. Queria a vida que Broc oferecia; seria uma idiota se renunciasse à oportunidade de ter uma vida cheia de amor. Ele era a luz em sua vida escura e já estava cansada de esconder-se; estava farta de viver com medo.

Inclinou um pouco a cabeça e beijou-o apaixonadamente, juntando seus corpos. Sua língua se uniu dele em uma animada dança, ao ritmo de seu coração, que pulsava enlouquecido em seus ouvidos.



A comichão de seu ventre estendeu-se até o peito, e o desejo, crú e intenso, apoderou-se dela. Interrompendo o beijo, tirou a regata por cima da cabeça, ficando nua.

—Sou sua.

Broc levantou os braços e, agarrando-lhe a cabeça entre as mãos, atraiu-a para sua boca. Depois de beijá-la, derrubou-a e deitou-se sobre ela. Prendeu ambas as mãos por cima da cabeça, enquanto beijava-lhe o pescoço, deixando onde passava uma trilha de fogo. A grama fazia cócegas na pele e o frescor do ar contrastava deliciosamente com o calor de seus beijos. Lizbeth sentiu o formigamento da noite anterior, agora já familiar, crescendo em seu ventre.

—Broc —gemeu, tentando libertar-se, mas ele não a soltou. Seguiu torturando os seios, até que deixou os mamilos tão duros que doíam. Incapaz de ficar quieta, deslizou com força os pés sobre as panturrilhas, desesperada para que a tocasse mais intimamente.

—Broc, toque-me!

—Não. Desta vez não, anjo —disse ele, erguendo-se e tirando as calças.

—Virgem Santíssima! —exclamou Lizzy, sem poder conter-se, ao ver sua ereção levantar-se quase até tocar o umbigo. Os olhos abriram-se muito e os dedos dos pés encolheram-se de excitação, mas também com um pouco de medo.

Broc ajoelhou-se, agarrou-lhe as pernas e as separou, levantando-lhe os pés do chão. Logo soltou-lhe uma perna e, com a mão livre, acariciou a entrada de seu sexo, fazendo-a retorcer-se no chão com a intensidade das sensações.

Lizbeth esperou que ele pronunciasse os votos, disposta a repeti-los por sua vez. Broc cravou nela seus olhos azuis, carregados de agonia, de dúvidas. Passou a língua pelos lábios e abriu a boca... mas voltou a fechá-la. Baixou o olhar e se situou em sua entrada, dispondo-se a deslizar em seu interior.

Ao encontrar a barreira de sua virgindade, deteve-se e a olhou.

—Sinto —disse, antes de rompê-la com uma só investida.

Ela gritou, surpresa pela dor que atravessou-lhe as vísceras, e agarrou-se com força em seus ombros.

Broc ficou quieto. Com os olhos fechados, beijava-lhe brandamente os seios enquanto aguardava que a dor passasse.

—Passará, prometo.

Lizzy esperou, confiante, enquanto seu corpo se adaptava para acolhê-lo. Aos poucos, o desejo voltou a ganhar da dor. Moveu-se para animá-lo a fazer algo. Não sabia exatamente o que, mas sabia que tinha que haver algo mais. Todo seu ser exigia uma liberação.

—Não acha que deveria se mover?



Broc levantou a cabeça. Uma mecha de cabelo negro caía sobre uma sobrancelha erguida. Sorriu com malícia, o que fez com que aparecessem covinhas nas bochechas, e retirou-se.

Lizbeth rodeou-lhe o traseiro com os tornozelos para evitar que saísse de todo, mas ele se afastou. «Não!», gritou ela em sua cabeça, decepcionada pela brevidade de sua união.

—Já acabou? —perguntou, franzindo o cenho.

Broc pôs-se a rir.

—Não, mas dentro não durarei muito. Está muito apertada.

Antes que Lizzy conseguisse compreender suas palavras, levantou-lhe as pernas. Seus olhos azuis, entreabertos atrás dos longos e espessos cílios, olhavam-na com uma expressão que a fazia sentir-se como a mulher mais desejada do mundo.

Estendendo a mão, acariciou-o da mandíbula até o peito, e sentiu que o coração lhe pulsava rapidamente. Estaria arrependido?

—Broc?

Ele fechou os olhos e a penetrou uma vez. E outra. E outra gloriosa vez. Ela gemeu e moveu os quadris, imitando seus atos. Logo Broc perdeu o controle. Apoiou-se nela e a penetrou até o fundo. Soltando-lhe uma perna, levou a mão até a pérola de carne que se inchava junto a sua entrada.

—Lizbeth, deixe vir.

E assim o fez. Seu corpo ergueu-se em uma espiral de êxtase até que uma luz branca a envolveu por completo.

Broc rugiu.

Lizzy gritou.

E seus mundos colidiram em seu ventre.



Capítulo 14

Escuridão total. Quando Lizzy abriu os olhos, foi como se estivesse cega. O chão sobre o qual se encontrava era duro como a rocha. A sua direita, gotejava um filete de água e um pouco mais à frente ouviu mover-se um cavalo. Notou que a manta deslizava por seu corpo, deixando sua pele exposta ao ar frio e úmido, mas em seguida, uma respiração cálida esquentou seu pescoço. Broc colocou-se entre seus joelhos e estava traçando uma linha de beijos que estava chegando às suas costelas. Sua sonolência desapareceu por completo. Sentia-se muito consciente de cada centímetro de seu corpo; cheia de força, de vida, como se estivesse dias inteiros dormindo. E talvez estivesse mesmo.

Broc brincou com seus seios. Enquanto beijava um deles, acariciava o outro com a mão. Logo, o sangue começou a circular pelas veias mais depressa, como se fosse a água da correnteza próxima. Um relâmpago iluminou o céu ao mesmo tempo que um calafrio percorria suas costas.

—Não tenha medo. Estou aqui —disse ele, rodeando-a com seus fortes braços. Ao perceber que estava assustada, deixou de lado a sedução para tranquilizá-la.

Mas Lizzy não sentia nenhum medo. Aquela escuridão era diferente. Não continha rostos ameaçadores, nem monstros.

—Não tenho medo —disse, devolvendo-lhe o abraço e beijando seu pescoço, enchendo os sentidos dele. Tinha sabor de especiarias, cheirava a trevo e estar entre seus braços era como estar no paraíso— Deveria ser incapaz de respirar com esta escuridão, mas estou bem.

—Porque confia em mim, e sabe que a protegerei. — Broc reatou seu trabalho, mordiscando-lhe o pescoço e segurando-a pelas nádegas.

—É verdade —admitiu ela, sentindo-se segura e atrevida, grata a ele por vê-la como uma mulher valente. Segurou sua cabeça com ambas as mãos para mantê-lo perto— Onde estamos?

—Em uma cova, ao lado do rio. Despertei em um leito de flores, ao lado de um anjo satisfeito... um anjo satisfeito e nú —corrigiu-se, com voz sedutora — e pensei que o melhor seria protegê-la da tormenta.

—Está certo de que era um anjo satisfeito? —provocou-o Lizbeth, para ver até que ponto chegava sua arrogância.

—OH, sim, muito, muito satisfeito. Tanto que eu diria que dormiu de satisfação.

Lizzy recordou os instantes que seguiram a sua união, mas o certo era que recordava muito pouco. Broc abraçou-a, sentindo-se protegida entre seus braços, dormiu. Talvez, sim,



houvesse desmaiado. E não estranharia se voltasse a fazê-lo, caso seus lábios continuassem descendo por seu ventre.

—Pensou em recolher a roupa do anjo?

—Sim, estamos justamente em cima dela. Três grossas saias de veludo transformaram-se em uma cama estupenda —respondeu ele, afundando a língua em seu umbigo.

Lizzy segurou sua cabeça com mais força e encolheu o estômago, afastando sua língua torturante.

—Estou faminto —disse Broc, mordiscando-lhe o osso do quadril.

—Poderia preparar para você umas tortas de aveia —ofereceu.

Quando ele pôs-se a rir e deu-lhe um beijo rápido sobre seu monte de Vênus, Lizzy percebeu que seu apetite não tinha nada a ver com comida. A idéia de que a beijasse ali fez com que ruborizasse até as orelhas.

Ele ajoelhou-se.

—Não quero tortas. Quero prová-la. Seu aroma está me deixando louco —disse, antes de levantar-lhe uma perna, beijar o pé e colocá-lo no ombro. Inclinou-se para frente e separou-lhe as coxas, acariciando seu interior com sua ereção— Quando estou com você, perco o controle. Não posso pensar em nada mais que ser parte de você.

Suas palavras a pegaram de surpresa, como sua atrevida posição. Um novo relâmpago iluminou a caverna, e através da luz viu a silhueta de Broc entre suas pernas. Iria tomá-la outra vez. E, pelo jeito, seria logo. Uma dor surda em seu interior a avisou de que talvez fosse muito cedo, mas quando ele apoiou-se em uma mão e a tocou com a outra, a dor transformou-se em desejo. Gemeu e entregou-se às sensações, enquanto sua mente continuava esperando suas promessas, seus votos e sua devoção.

O aroma almiscarado de seu sexo, combinado com seus gemidos, fez com que Broc esquecesse de quem era. Retirou os dedos úmidos de dentro dela e os substituiu por seu membro.

—Ah, Lizbeth —sussurrou, afundando-se em seu interior com investidas longas e lentas— Toque-me.

Lizzy o tocou nos ombros e no peito, entretendo-se nos mamilos, e finalmente cravou-lhe as unhas nas costas.

Broc havia descoberto a mulher que escondia e queria reclamá-la para ele. Penetrou-a uma e outra vez, cada vez mais depressa até que seus sentidos estiveram cheios dela e só dela. Embora estivesse com as pálpebras fechadas, podia ver seus olhos dourados. E seu aroma enchia todo seu mundo. Mas nem sequer isso era suficiente.



Lizbeth arqueou as costas e gritou. O som ressoou nas paredes da caverna, enquanto seus músculos internos contraíam-se sobre seu membro, e as unhas cravavam-se com mais força em suas costas.

—Ah —exclamou ele, tentando agüentar um pouco mais. Iria perder o sentido. Deixou cair a cabeça para trás e apoiou-se em sua perna levantada. Depois de várias arremetidas curtas, uma explosão de luz o cegou. Mas dessa vez, não era um relâmpago. Estremeceu violentamente e derramou sua semente no interior de Lizbeth, escolhendo-a, marcando-a, fazendo-a...

«Minha.»

Completamente satisfeito, derrubou-se ao seu lado, tentando recuperar o fôlego. A caverna escura dava voltas ao seu redor. sentia-se tão leve que agarrou-se ao chão com uma mão e entrelaçou os dedos da outra com os dela.

Aquela mulher tinha o poder de derrotar o guerreiro disciplinado que Broc era. Deveria ter sido capaz de resistir ao seu aroma e à suavidade de sua pele. Deveria ter se negado à luxúria que o empurrou a tomá-la uma e outra vez. Arruinou sua inocência ao reclamar algo que não lhe pertencia. E além disso, podia tê-la deixado grávida.

Seu pai tinha amantes. Todos no clã sabiam, também sua mãe. Os filhos nascidos fora do casamento eram membros do clã, alguns deles respeitados guerreiros. Compartilhavam laços de sangue com seu próprio lorde, embora não compartilhassem sobrenome. Todo mundo fazia vista grossa nesse tema, porque Magnus Maxwell era o líder. Dizia que estava formando um exército capaz de proteger a fronteira da Escócia. Aiden esteve disposto a seguir seus passos. E não só nos assuntos de governo. Suas aventuras incomodavam Broc, mas agora ele estava fazendo o mesmo. Seu pai não acharia nada demais que conservasse Lizbeth como amante, sempre e quando respeitasse seu compromisso com laird Scott.

Como explicar a ela?

Como se pudesse ouvir seus pensamentos, Lizbeth voltou-se para ele. Passando uma perna por cima da sua, começou a brincar, traçando uma linha com o dedo do peito até as coxas. Logo segurou seus testículos com a mão e começou a acariciar o membro flácido até que ficou duro novamente.

—Ah, Lizbeth, o que está fazendo comigo?

Notou que ela sorria contra seu pescoço. Soltando seu pênis, dedicou-se a explorar o resto do corpo. Suas pernas e mãos estavam entrelaçadas em uma orgia de carne e carícias. Sua parte de líder responsável gritava a Broc que tinham que partir, mas o homem resistia. Queria ficar um pouco mais, sentir um pouco mais, e que aqueles minutos durassem uma eternidade.



Limitou-se a permanecer deitado desfrutando dos beijos que ela depositava sobre seu peito. Mas logo Lizbeth encorajou-se e suas carícias e tornaram-se mais atrevidas. Imitando-o, colocou a língua no umbigo, e acariciou o membro com os seios.

Broc segurou sua cabeça com as mãos, afundando os dedos em seu cabelo. Deveria detê-la, mas era incapaz. Riu, mas o som pareceu tanto a um gemido, que ela se animou a continuar. Seguiu atormentando-o com suas carícias, até que a primeira claridade da alvorada irrompeu na escuridão da caverna. E com a luz chegou o som de uma chuva suave. O tamborilar das gotas unido ao retumbar dos trovões recordou-lhe uma melodia.

Ergueu-se de repente, e Lizzy ficou montada sobre sua perna.

—O que houve? —perguntou, assustada.

—Está chovendo.

—Obrigada pela informação —replicou ela, desabando ao seu lado.

—Você não gosta da chuva? —perguntou ele, levantando-se e oferecendo a mão para que se levantasse também.

—Eu gosto da chuva, mas não gosto de cavalgar todo o dia ensopada. Sinto não compartilhar seu entusiasmo.

Broc olhou ao seu redor e maravilhou-se das formações rochosas do teto, como pedaços de gelo que se uniam a outras que surgiam do chão. Pegou o braço de Lizbeth, levando-a para a entrada da caverna.

—Aonde está me levando? —perguntou ela, tentando libertar-se e olhando-o como se houvesse ficado louco.

A verdade era que se sentia um pouco louco. Não se reconhecia. Tinha o estranho impulso de dançar, coisa que não tinha feito desde as terceiras bodas de tia Radella.

—Vamos, Lizbeth!

—Mas estou nua!

—Sim, está nua —assentiu ele, sorrindo satisfeito— Assim será mais divertido.

—Broderick Maxwell! O que está tramando?

Ele voltou-se e a agarrou pela cintura quando ela tentou fugir.

—Vamos dançar.

—Como assim, vamos dançar? —chiou Lizzy.

—É o que Edlynn gostaria que fizéssemos.

—Edlynn não está aqui.

—Talvez sim —replicou Broc, sem poder conter a risada— Talvez hoje tenha entrado em minha cabeça. —Agarrou-a pelos braços e a levou até um pequeno prado, rodeado de pinheiros. A chuva caía com mais força e molhou-os em seguida. Uma vez ali, deixou-a no chão e a beijou apaixonadamente, afogando qualquer protesto. Abraçou-a contra seu peito



acariciando seu cabelo. De repente, deu um passo para o lado — Dançou alguma vez sob a chuva, anjo?

—Não, nunca dancei, e muito menos nua sob a chuva —replicou ela, piscando. Mas depois de um instante de vacilação, começou a imitar seus movimentos.

Broc enlaçou seus dedos com os dela e, abrindo-lhe os braços, ensinou-lhe a dança de cortejo que presenciou em tantas bodas. Sentir seus seios tão perto era excitante, mas a liberdade tão grande que sentia naqueles momentos não podia comparar-se com nada que viveu antes.

—Dance comigo, anjo.

—Está louco —disse Lizbeth, sem deixar de dar voltas ao seu redor.

—Estou —admitiu ele, fazendo-a girar, até que ela pôs-se a rir.

Embora fosse uma risada nervosa, para Broc soou como música celestial. Seu anjo quase nunca ria. Mas, por pouco que pudesse, ele iria remediar isso.

A grama alta molhava-lhe as panturrilha. Voltou-se e pressionou as costas contra as dela, com os braços separados do corpo. Deixou cair a cabeça contra a sua, erguendo o rosto para o céu. Sentia as gotas de chuva como pequenas agulhas.

Embora o sol estivesse escondido atrás das nuvens, já era dia, e aquela dança era uma maneira de atrasar o inevitável. Tinham que prosseguir a viagem e enfrentar sua família. Mas não em seguida, não quando havia conseguido tirar Lizbeth de seu esconderijo interior. Ainda não.

Não tinha percebido que, ao empenhar-se em tirar a mulher que ela tinha dentro de si, havia despertado o homem que ele realmente era. Um que guardaria como um tesouro momentos como aquele. Queria compartilhar uma vida cheia desses momentos com ela, mas o que teria que fazer era explicar-lhe por que não era livre para escolhê-la.

—Quando era menino, toda manhã antes da missa, fazia uma corrida do castelo até o lago com meus irmãos. Aiden ganhava sempre, mas num dia de chuva como este, ganhei.

Voltou-se e apoiou seu peito nas costas de Lizbeth, tentando concentrar-se na história e não em sua ereção que encaixava-se entre suas nádegas. Impediu que ela se movesse colocando as mãos em seus quadris e beijou-a num ombro.

—Tinha doze anos e por fim aprendi a controlar meus pés. Ian era mais novo e sempre rendia-se antes de chegar à casa do guarda. Mas, nesse dia, corri o tempo todo ao lado de Aiden e, quase no final, acelerei e ganhei —concluiu, sorrindo ao recordar aquele sentimento de vitória.

—Trouxe-me aqui para contar isso? —perguntou Lizzy, voltando o rosto para ele e deixando descoberta a esbelta coluna de seu pescoço.

Broc beijou seu pescoço.



—Então eu era livre. Aiden era o mais velho, um dia seria o líder, que protegeria a todos. Meu pai o fazia treinar com os guerreiros mais fortes do clã. Eu, em troca, fui a Dryburgh, aprender a controlar meus desejos.

—Que tipo de desejos?

—Queria tudo o que Aiden tinha. Mas agora, que tenho sua vida, já não a quero.

—Como pode dizer isso? —perguntou Lizbeth tentando voltar-se, mas ele o impediu, incapaz de olhar seu rosto— Tem o coração de um líder; nasceu para proteger. Por que não quer um privilégio assim?

—Porque com ele perco o direito de escolher —respondeu, fechando os olhos. Aguardou que ela compreendesse o significado de suas palavras, que entendesse por que não podia ser sua esposa.

—Não escolhemos nossa herança, nem podemos mudar o que somos. Eu não escolhi ser a filha do verdugo. Você é o filho do líder e está plenamente capacitado para proteger seu povo. Seria muito egoísta desejar outra coisa.

—E, entretanto, você o faz. Acaso não desejaria que seu pai fosse qualquer outro homem?

—Desejo todos os dias de minha vida, mas isso é diferente. Meu pai é um assassino —acrescentou, endireitando as costas.

As coisas não estavam saindo como ele tinha previsto. Estavam se afastando do assunto de lady Juliana. E Broc não sabia como conduzir a conversa.

Em uma tentativa de acalmá-la, retirou-lhe o cabelo do pescoço e inclinou-se para beijar-lhe a nuca, mas ela afastou-se. Seguiu-a com o olhar e o que viu em suas costas despertou nele uma fúria tão grande que as mandíbulas doeram por apertá-las. Agarrou-a pelos braços para que não se afastasse mais.

Tinha duas cicatrizes brancas nos ombros, uma reta; a outra, curvada.

—Pelos pregos de Cristo, Lizbeth! —exclamou, com a voz rouca— Recebeu chicotadas? — Notou que sua respiração se acelerava e que o desejo de vingança crescia em seu interior. Percorreu com um dedo as cicatrizes que rompiam a perfeição de sua pele.

Ela se encolheu.

—Quem o fez? —perguntou, embora interiormente já condenasse seu pai.

Lizbeth baixou a cabeça e manteve-se em silêncio. Não permitiria que voltasse a encerrar-se em si mesma, antes de obter uma resposta.

—Responda!

—Lorde Hollister! —gritou, soltando-se e correndo para a caverna.

Broc não a perseguiu. Em vez disso, olhou para as mãos trêmulas, imaginando várias maneiras de matar o lorde com elas. Finalmente entendeu por que ela estava tão



desesperada para fugir da Torre. Talvez quisesse acreditar que o fazia para salvar a alma de seu pai, mas na realidade tentava salvar a sua.

Quando sentiu-se mais calmo para voltar para a caverna, a chuva transformou-se em garoa. Lizbeth havia começado a vestir-se, e prendido o cabelo em uma grossa trança. Enquanto ele colocava as calças, ela batalhava com as cintas de suas meias. Cada vez que Broc a olhava, a necessidade de vingá-la tornava-se mais forte.

—Aconteceu há muito tempo. Depois do incêndio da Torre, lorde Hollister acabou descobrindo que eu estava envolvida de algum modo. Chegou à conclusão de que eu era o anjo de que falava o prisioneiro.

—O anjo de fogo?

Ela secou os olhos com os nós dos dedos e rebuscou entre suas roupas.

—Acreditou que me marcar seria um castigo correto. Como me cortar as asas.

Muito correto, sem dúvida.

—E a cicatriz do rosto?

—Um acidente —respondeu, baixando os olhos, enquanto colocava a túnica—Depois da morte de minha mãe, lorde Hollister decidiu que fosse eu quem passasse a cesta para recolher as esmolas nas execuções. Um dia, os guardas levaram a força uma mulher acusada de adultério. Estava em um avançado estado de gestação e as pessoas encheram a cesta até em cima, para que não a executassem —continuou explicando, enquanto amarrava as botas— Um homem, o marido suponho, tirou-me a cesta das mãos e voltou a atirar as moedas às pessoas. Lorde Hollister decidiu que havia sido minha culpa e me subiu ao cadafalso, colocando-me justamente atrás do látego de meu pai. A mulher estava condenada a receber dez chicotadas. A oitava me pegou no rosto. —Havia acabado de amarrar as botas, mas não ergueu os olhos— Foi a única vez que vi meu pai suar.

—Quando voltar para resgatar seus sobrinhos, matarei lorde Hollister.

Lizbeth levantou os olhos e olhou-o, fixamente.

—Há alguns homens cuja vida vale a pena salvar. Lorde Hollister não é um deles.

Broc alegrou-se que estivessem de acordo nisso.

—Decidido então. Assim que a deixar a salvo na Escócia, começarei os preparativos para a volta.

Ela assentiu e recolheu o espartilho que quase a tinha asfixiado no dia anterior. O colocou contra o peito e deu a volta, para que ele a ajudasse amarrá-lo.

—Está louca se acha que vou ajudá-la a colocar esse instrumento de tortura. Deixe-o aqui. E deixe uma das saias também. Não vou permitir que desmaie antes de chegar à fronteira esta noite.

—Muito bem —aceitou Lizbeth, sem discutir. Jogou o objeto no chão e deu a volta para que ele acabasse de amarrar as cintas do vestido.



—Reconheço que eu gosto mais de despí-la do que vesti-la —brincou ele, mas Lizbeth não levantou os olhos do chão. Na realidade, não havia prometido nada a ela, além de retornar para procurar seus sobrinhos. Talvez estivesse arrependido de ter se deitado com ela. Broc sacudiu uma das saias e recolheu o rosário e o documento que tinham jogado no chão. Ao abrir o documento, viu a assinatura de Buckingham.

—No fim, não o deu a Gloucester?

—Não, não confiei nele, mas disse. É suficiente.

«O documento também será suficiente para o rei Jacobo», pensou Broc.



Capítulo 15

O cavalo diminuiu o ritmo e finalmente parou no alto de uma colina. Broc respirou fundo.

—Por fim. chegamos a Skonóir —anunciou orgulhoso.

Ela ergueu-se um pouco na sela, para ver melhor. O coração encolheu-se. Uma torre imensa erguia-se em uma paisagem de bosques e vales, iluminados pela prateada luz da lua.

Ele desmontou e a ajudou a descer do cavalo.

—Pode andar?

Lizzy sorriu.

—Meu corpo já está acostumado a montar dias inteiros, sem parar. —Também acostumou-se a desfrutar do abraço daquele magnífico guerreiro.

Afastou o olhar, ao mesmo tempo que soltava sua cintura para ajoelhar-se e beijar o chão. Benzeu-se, inclinou a cabeça e rezou em latim durante uns minutos. Lizzy o observou maravilhada, sentindo uma grande paz interior.

Quando acabou, Broc sentou-se, olhou-a com a luz da lua brilhando em seus escuros olhos.

—Tudo ficará bem agora, anjo, vai ver. Está a salvo.

—Obrigada —respondeu ela, sentindo um alívio tão grande que seus olhos fecharam-se. Sentia-se leve um pouco ... livre. Deus havia enviado um protetor para tirá-la da Torre e conduzi-la até a liberdade. Estava muito grata por ter posto Broderick Maxwell em seu caminho, mas egoistamente desejava prolongar seu tempo juntos. Sentiu uma opressão no peito.

—Quase parece que posso tocar as estrelas, estão tão perto... —disse ele.

Lizzy ajoelhou-se ao seu lado e tomou a mão entre as suas.

— A Escócia é tão bonita como a descreveu.

—Pois espere até ver as flores. Passará o dia colhendo-as para preparar suas essências —replicou Broc, acariciando a palma de sua mão com o polegar— Tia Radella e tia Jean não pararão até que conte todos seus segredos.

Lizzy notou que as lágrimas amontoavam-se em seus olhos e lutou para controlá-las. Não queria que ele soubesse o quanto desesperadamente desejava fazer parte de sua vida e de sua família.



—Ainda pensa em me levar a Dryburgh? — Sussurrou

—Não, de maneira nenhuma. Vou deixá-la com minha avó.

Embora não fosse a resposta que desejava ouvir, ela assentiu. A última etapa da viagem foi curta. Tão curta que o cavalo não teve nem a oportunidade de pastar. Ao pé da colina, Broc largou as rédeas e desmontou de novo.

—Por que paramos outra vez?

—Porque já chegamos a casa de minha avó —respondeu, apontando uma clareira rodeada de árvores.

Lizzy entreabriu os olhos para ver melhor o que só poderia descrever como um castelo em miniatura. Um atalho conduzia até uma torre quadrada com três janelas, de uma das quais saía luz. Depois da pequena fortaleza, viu um celeiro desmantelado, um abrigo e outras duas edificações menores.

—Tão longe do castelo? —Pareceu-lhe uma falta de respeito atroz separar uma anciã dessa maneira.

—Já disse a você que é uma extensão do castelo —respondeu ele, ajudando-a a desmontar— Meu pai expulsou-a do castelo quando se casou com minha mãe. Disse que se metia muito em seus assuntos —acrescentou, tirando uma adaga e acompanhando-a até uma entrada lateral.

—Entra armado na casa de sua avó? —perguntou Lizzy, duvidando da sensatez de ficar na casa de uma mulher da qual seu próprio neto acreditava necessário proteger-se.

—Entro armado em todas as partes. Estamos na Escócia.

—Mas me disse que aqui ficaria a salvo —protestou ela. Tropeçou em uma pedra e Broc arrastou-a com mais força.

—A salvo de seus inimigos, não dos meus —replicou ele. Com a força do puxão, Lizzy chocou-se contra seu peito. Broc piscou-lhe o olho, deu-lhe um rápido beijo nos lábios e uma palmada no traseiro. As mudanças de humor do escocês eram um mistério.

As dobradiças da pesada porta de madeira rangeram ao entrar, deixando-a de cabelos em pé. Não queria ficar ali. Uma aranha roçou-lhe a face, ao entrar no escuro saguão. Ficou histérica, deu um salto para trás e começou a dar tapas no rosto.

Broc voltou-se para ela.

—Não me diga que também tem medo de insetos?

—Não me dão medo, mas isso não significa que eu goste deles - replicou, sacudindo as saias.

—Avó! —gritou ele.

Lizzy deu um salto.

—Perdoe-me, anjo, não queria assustá-la —tranqüilizou-a, voltando a guardar a adaga na cintura.



—Broc, eu...

—Quem está aí? —A luz de uma vela apareceu de um canto escuro, e com ela a anciã, que acendeu duas lamparinas de parede com a vela e voltou-se para eles.

Era provavelmente a mulher mais velha que Lizzy tinha visto. Estava cheia de rugas e um halo de cabelos brancos como a neve a fazia parecer ainda mais misteriosa. Usava uma túnica de lã e caminhava com a ajuda do que parecia ser uma bengala. Ao fixar-se mais, Lizzy viu assombrada que tratava-se de uma espada.

—Sou Broderick, avó —respondeu. Estendendo o braço atrás de suas costas, agarrou Lizbeth e a aproximou.

—Antes eu tinha um neto que se chamava assim, mas o canalha deixou de me visitar há muito tempo —acusou a anciã, cutucando-o no peito com um dedo torcido.

—Ai —queixou-se ele, esfregando o peito. Logo inclinou-se e a beijou na bochecha— Perdoe, avó, estive em Londres.

—Sim, parece mesmo que cheira a inglês —replicou, inclinando-se para um lado para ver Lizzy— E quem esconde aí?

Broc respirou fundo e colocou a jovem diante dele.

—Esta é Lizbeth, avó.

Ela inclinou a cabeça e tentou tranquilizar-se.

—Encantada.

A anciã estendeu uma mão enrugada para seu rosto, e Lizzy não pôde evitar piscar com força. Agarrou-lhe uma mecha de cabelo vermelho e o enroscou no dedo.

—É escocesa?

—Não —respondeu Broc.

—Inglesa? —perguntou, com uma careta que acentuou suas rugas.

—Sim, mas já está aprendendo a odiar os ingleses.

A mulher inspecionou seu vestido escuro e Lizbeth sentiu-se como um objeto.

—Está de luto?

—Não —respondeu Lizzy. Não tinha feito uma viagem tão longa para que a tratassem como na Torre. Não precisava que ninguém respondesse em seu lugar, nem que lhe dissessem o que tinha que fazer.

—Vai criar com ela?

—Talvez —respondeu Broc.

«Talvez?» Que tipo de resposta era essa? Iria casar-se com ela ou não? É obvio, não fez a pergunta em voz alta. Em vez disso, apertou-lhe a mão com todas as suas forças.

—Se pensa trazer meninos Maxwell ao mundo, será melhor que coloquemos um pouco de carne nesses ossos —disse a avó, dando uns golpezinhos no braço de Lizbeth — Venha, tenho guisado no fogo.



Esfregando o braço, Lizzy começou a caminhar atrás dela, mas ao notar que Broc a soltava, voltou-se para ele.

—Tenho que ir a Skonóir —disse, dando um passo atrás.

—Vai me deixar aqui?

—Não, moça —respondeu a anciã— esta escondendo-a aqui.

Lizbeth percebeu que a rígida postura da anciã era muito parecida com a sua. Tinha os punhos fechados, apoiados nos quadris e os olhos entreabertos cravados em seu neto.

—O conselho está me esperando. Além disso, tenho que fazer os preparativos para retornar a Londres. Trate-a bem, avó. Assusta-se com facilidade. Voltarei pela manhã. —E com essas palavras, partiu.

Furiosa por sua brusca partida, Lizzy resmungou. Por que não a levava com ele? Acaso se envergonhava dela?

—Vamos, moça —repetiu a avó a suas costas.

Ainda resmungando, Lizbeth a seguiu.

—Têm nome? —perguntou, sem saber como dirigir-se à anciã.

—Avó. Todo mundo me chama assim —respondeu esta, encolhendo os ombros— Ou bruxa —acrescentou, rindo as gargalhadas que ressoaram no estreito corredor— Mas me fale de você —Seu senso de humor recordou- lhe Broc. Provavelmente parecia mais com ela do que outros.

Ao chegar à cozinha iluminada, um aroma salgado assaltou-lhe o nariz. A mulher encheu duas terrinas e levou-as até a mesa. Lizzy não queria que se ofendesse, assim sentou-se em frente dela e começou a comer um pedaço de carne. Estava boa. Salgada, mas melhor que uma torta de aveia.

—Então é inglesa. É camponesa?

—Não.

—Então, tem título? É filha de um conde?

Lizbeth suspirou e teve que controlar o impulso de revirar os olhos. Não tinham demorado nem um minuto para começar a falar de suas origens. Meteu outro pedaço de carne na boca para não ter que responder, mas a avó aguardou, mastigando com os poucos dentes que ainda restavam e sem deixar de olhá-la.

—O guisado está bom. O que tem nele?

—Cordeiro e nabos. Um barão?

—Sabe que se acrescentar pétalas de prímula ao guisado, os nabos não ficam tão amargos?

—De um duque?

Maldição. Era impossível distrair aquela mulher. Era como um cão com um osso.



—Na corte de Londres me consideram uma dama porque sou a filha do verdugo do reino.

—Deus me livre! —exclamou a avó, levantando o que em outro tempo deveriam ser suas sobranceiras— Isso soa interessante. Fale-me de seu pai.

—É o responsável por fazer com que se cumpra a lei da Inglaterra, castigando os criminosos —respondeu, depois de suspirar.

—Como os castiga? —interessou-se a anciã.

A idade a tinha afetado mais do que parecia, se gostava de falar do trabalho de seu pai enquanto jantavam.

—Do modo habitual: com a força, a tortura, decapitando-os...

—Ainda arrastam e esquartejam os condenados, como fizeram a nosso grande Wallace?

—Por sorte, é um castigo que não tive que presenciar. —Ser enforcado e esquartejado era algo que reservava-se para os piores crimes. Talvez se aplicasse a Buckingham. Com lorde Hollister ao seu lado.

—Uma vez vi um homem condenado à roda nas Highlands. Também usam-na em Londres?

—OH, sim —respondeu Lizzy, comendo mais um pedaço— Preferia que me amarrassem a cabeça e as mãos no pilar que me expusessem a isso.

A avó riu alegremente e continuou mastigando o guisado. Era óbvio que o assunto não lhe tirava o apetite, absolutamente.

Quando acabou de comer, a anciã levantou-se. Balançou-se um pouco até recuperar o controle da perna direita e deu um passo para frente.

—O uísque de meu Ogilvy está na despensa —disse, assinalando uma porta com a espada— Beberemos uns goles antes de nos retirar.

Ansiosa para dormir em uma cama, Lizzy não discutiu com ela. Encontrou o pote de cerâmica que continha a bebida e seguiu à avó até a lareira. A luz da lua filtrava-se pelos cristais coloridos de uma vidraça. Lizbeth distinguiu nela o desenho de uma mulher armada com uma espada. As mãos pequenas de crianças agarravam-se em suas saias. As palavras *Neart, Grá agus Onóir* estavam escritas sobre as figuras.

—Força, amor e honra —leu Lizzy, recordando a tatuagem do braço de Broc.

A anciã desabou na única cadeira da sala.

—Meu marido mandou fazer a vidraça há muitos anos. Foi feita na Espanha.

—A mulher é você? —perguntou Lizbeth, intrigada pelos detalhes.

—Sim, e as mãos que tentam me deter são as de meus filhos. Foi a maneira que ocorreu a meu marido me pedir que não fosse mais lutar —explicou ela, com a espada apoiada na perna.



—Foi à guerra?

—Mais de uma vez.

O olhar de Lizzy fixou-se na vidraça. O que parecia lenha empilhada para secar era, na realidade, uma coleção de bonecos feitos com corda e grama seca. Diferenciava-se claramente os meninos das meninas, mas todos estavam vestidos com o tecido xadrez vermelho e verde do clã. Curiosamente, a visão desses bonecos despertou em Lizbeth uma lembrança.

—Meu pai costumava esculpir em madeira. Quase sempre pássaros, mas uma vez me fez uma boneca.

—Estes bonecos representam meus descendentes. Há oitenta e quatro no total. A metade de todos os que vivem dentro das muralhas de Skonóir são meus descendentes.

E apesar disso, o pai de Broc a tinha afastado, como se fosse uma leprosa. Nesse momento, Lizzy decidiu que não gostava do homem, mesmo que fosse seu líder. A avó começou a recitar os nomes de cada um, além da posição que ocupavam no clã, e se estavam vivos ou mortos. Os que continuam vivos, estavam em posição vertical. Os mortos, colocados na horizontal. A metade de seus descendentes era parte desse monte de falecidos.

—Qual é Broc?

—Aiden, Broderick e Ian são esses três daí.

Embora tivesse a ponta do dedo torcida, Lizbeth viu que se referia a três bonecos apoiados contra a parede, cada um deles um pouco menor que o anterior. Agarrou o do meio e soprou a poeira que se acumulou sobre ele.

—Não, Broderick é o maior. O fiz mais forte que Aiden. Eu mesma ensinei-o a lutar com a espada. Como ensinei o pequeno Ian.

Lizzy sorriu para si mesma, ao imaginar um pequeno Broc lutando com uma espada de madeira com aquela mulher. Sentiu uma profunda admiração ao agarrar o boneco que o representava.

—É mais honrado que Aiden, estou enganada? —disse a anciã.

—Não cheguei a conhecê-lo, antes de morrer.

—Morreu?

Lizzy arrependeu-se de suas palavras, mas já não podia voltar atrás.

—Sinto ser eu que trago estas notícias, mas Aiden morreu em Londres, há alguns dias.

A avó levantou-se e aproximou-se da vidraça.

—Malditos ingleses. —Agarrou o boneco de seu neto e o pôs no alto do monte dos descendentes mortos. A morte parecia fazer parte de sua vida cotidiana, e não derramou nenhuma lágrima. Em vez disso, voltou-se, oscilante, e fez um gesto para Lizzy para que a



seguisse— É tarde. Há um quarto de convidados no piso de cima. Será melhor que descansemos um pouco. Aqui nos levantamos antes do cantar do galo.

—Quando morreu? —Com os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça entre as mãos, Broc observava o chão da sala de reuniões.

—Magnus morreu em março, de apoplexia —explicou sua mãe, com a voz tomada pela emoção.

Ele procurou com o olhar os olhos da mulher que havia trazido-o ao mundo, desejando consolá-la, mas ela estava de costas, olhando pela janela. Uma ligeira brisa alvoroçava-lhe o cabelo, cada vez mais cheio de fios prateados. Broc sentiu um calafrio na nuca.

—Devia estar aqui com você, nesse momento.

—Teria avisado se soubesse onde estava. Talvez pudesse trazer Aiden de volta —disse com tom acusador. Culpava-se a si mesma ou culpava a ele?

—Não pode se culpar pela morte de Aiden.

—Então, me diga, a quem culpo? —voltou-se bruscamente e seu manto e saias ondularam ao seu redor, como uma bandeira negra e carmim. Seus olhos pardos, sem rastro de lágrimas, exigiam vingança— Irei buscá-lo e o trarei diante do clã inteiro para que pague. —Apoiou os punhos apertados sobre a mesa do conselho, enquanto esperava uma resposta, mas Broc não tinha as palavras que ela queria ouvir.

O homem que tinha acabado com a vida de Aiden não era necessariamente o responsável por sua morte. Ou talvez fosse o que Broc desejava acreditar, já que esse homem era o pai de Lizbeth. Preparou-se para confrontar a ira de sua mãe.

—Aiden morreu durante o interrogatório. Se quer culpar alguém, vai ter que culpar a Inglaterra.

A tormenta que se formou atrás de seus olhos, dirigiu-se para Broc.

—Que fácil culpar um país inteiro por sua inaptidão. Acompanhou-o com a missão de protegê-lo. E falhou. —inclinou-se sobre a mesa— Como falhou com Lilian e Mattie.

Ele levantou-se e pegou o punho da espada embainhada em seu quadril. Não merecia essas acusações.

—Sou somente um homem.

—Um líder tem que ser mais que um homem. Tem que ter uma força e uma habilidade sobre-humana. Tem que ser o protetor de seu povo. Aiden era tudo isso e mais. Governar era seu destino; proteger seu clã, seu direito de nascimento —disse com orgulho. Cada nova palavra cravava-se no coração de Broc como uma faca.



Cada palavra, cada olhar, faziam-no sentir-se minúsculo. O menino que havia nele procurava a aceitação de sua mãe, mas o adulto percorreu com os olhos os escudos pendurados nas paredes da sala, os escudos que protegiam os membros de seu clã durante a batalha. Estes estavam dispostos a dar a vida por ele e não iria defraudá-los.

—Serei um bom líder para os Maxwell.

—Sim, o clã sai perdendo, mas você sai ganhando. Agora é o líder. É o que sempre desejou, não é? Será capaz de defender as fronteiras, quando não pode me devolver seu irmão?

Broc girou o pescoço até que este rangeu. «Deus, dê-me forças. Três, quatro, cinco...»

—Aiden era meu irmão e gostava dele. Vi como meu pai transformou-o em um guerreiro, mas também era de carne e osso. Ele também tinha desejos. E esses desejos foram o motivo que nos capturassem. Deu-lhe tudo, e ele abandonou suas responsabilidades para fornicar com uma inglesa.

—Não se atreva a sujar seu nome! —gritou sua mãe, fazendo tremer a bebida nas taças.

—Não queria a verdade? Pois a terá.

—Acabamos na Torre porque o conde de Kressdale descobriu sua esposa na cama com seu filho. Suspeito que, na cama, Aiden não se importou com sua posição social e por isso lady Kressdale nos acusou de espiões escoceses, para livrar-se das chicotadas. —Esteve a ponto de arrancar a camisa e mostrar-lhe o que teve que agüentar por culpa de seu filho favorito, mas duvidava que isso fosse servir para alguma coisa— Se Aiden tivesse sido fiel a sua prometida, talvez o conde de Kressdale não teria dado uma surra que quase o matou. E estaria aqui agora para que pudesse beijar-lhe os pés.

Um grunhido selvagem saiu da garganta da mulher. Com os olhos arregalados, agarrou uma taça e a lançou contra Broc.

Ele esquivou-se e a taça chocou-se contra a parede, derramando o vinho como uma mancha de sangue. Sua mãe rodeou a mesa. Por um momento, Broc pensou que iria procurar uma espada. Não seria a primeira vez que uma mulher da família empunhava uma. Secou o suor das mãos nas calças, se por acaso tivesse que defender-se.

Em vez disso, sua mãe jogou os ombros para trás.

—E você se enfureceu porque pensou que Aiden deveria ter sido fiel a sua lady Juliana.

—Não é minha lady Juliana.

A mulher riu sem vontade.

—Broderick Maxwell, desejou à filha de laird Scott desde que começou a ter formas. Já não precisa negar.



—Admito que houve um tempo em que um casamento com lady Juliana me pareceu uma idéia atraente.

—Não importa se pareceu uma idéia atraente ou não. Agora lady Juliana pertence a você, como suas propriedades e seu título.

—Não, já não quero me casar com a filha de laird Scott.

—Precisaremos do apoio de seu clã. É sua obrigação. Pendurará as admoestações na igreja este sábado e dentro de três semanas lady Juliana jurará fidelidade a você e ao clã Maxwell.

Broc desejou que sua mãe tivesse a metade de fé nele que tinha tido em seu irmão.

—Não precisarei me casar com lady Juliana para unir os clãs fronteiriços, se contar com o apoio da França.

—A França? —repetiu a mulher, franzindo o cenho.

Suas tarefas se limitavam ao âmbito doméstico. Não tinha assistido às reuniões do conselho nos últimos meses.

—Há seis meses, o conselho enviou Aiden e a mim a Inglaterra para conseguir informações que convencessem o rei Jacobo de que deveria aliar-se com a França.

—Mas fracassou em sua missão —replicou sua mãe, levantando o queixo com desdém.

—Não —a corrigiu ele rapidamente— Aiden fracassou, mas eu não. O rei Eduardo está morto e tenho provas de que os nobres ingleses vão estar brigando entre eles pela coroa. Pensava enviar o pai a Edimburgo para que entregasse as provas ao rei Jacobo e propor-lhe um pacto com a França. Ian terá que ir em seu lugar, porque eu tenho outros assuntos para atender.

Ela fez uma careta zombadora.

—Ian não pode representar o clã diante do rei da Escócia. Não está à altura. Além disso, não o vi desde que Magnus morreu. - Queixou-se, enquanto percorria a sala várias vezes, golpeando o lábio com um dedo— A Edimburgo deve ir você. E quando retornar, cumprirá a palavra dada ao clã Scott.

—Não, eu não dei a palavra, deu-a meu pai.

—Se negar-se a casar com lady Juliana, insultará laird Scott e originará uma guerra entre clãs.

—Negociarei pessoalmente uma solução com laird Scott quando retornar de Londres —declarou ele. Pensar em Lizbeth dava-lhe um sentimento de paz. Por mais que sua mãe duvidasse de sua capacidade, a jovem confiava nele para que a defendesse. E não iria falhar. Nem a ela, nem ao seu clã.

—Londres? Está louco? —perguntou a mulher levantando os braços— O clã Maxwell está há dois meses sem líder. Envie alguém a Londres em seu lugar.



—Minha volta não tem nada a ver com negociações políticas —replicou Broc, entrelaçando as mãos nas costas— Fiz uma promessa a uma pessoa e penso cumpri-la.

Sua mãe olhou-o de esguelha.

—E essa pessoa não será, por acaso, uma inglesa? John disse que a escoltou até York.

—Sim —respondeu ele com um sorriso.

A mulher apertou os lábios em uma fina linha. Aproximou-se tanto, que Broc quase pôde cheirar o amargo odor de seu ódio.

—Espero que a tenha deixado com Gloucester.

—Não, trouxe-a comigo.

«E esse mau gênio é precisamente a causa que a tenha deixado com a avó.»

—Está disposto a romper relações entre os clãs por ela? —perguntou sua mãe com tanta raiva que a pálpebra começou a tremer— Envergonha ao clã Maxwell trazendo para minhas terras sua puta inglesa.

Se os chifres da cabeça de sua mãe tivessem estado à vista, Broc os teria arrancado com suas próprias mãos.

—Agora são minhas terras. —Tinha acabado sua paciência—Falta-me com respeito como filho e como laird. Insulta-me com suas acusações. A mulher com a qual retornei me salvou da Torre. Merece sua gratidão, não sua língua viperina.

Sua mãe bufou e Broc sentiu a bofetada, antes de perceber que tinha levantado a mão.

Aquela mulher era sua mãe e não queria odiá-la, mas nesse momento não sentia um grande afeto por ela. Voltou-se e se dirigiu à porta.

—Diga-me, Broderick, quem será o novo laird do clã Maxwell se não retornar de Londres?

Ele se deteve, sentindo o peso de seu olhar cravado nas costas.

—Ian? —continuou a mulher— Acaba de fazer vinte anos e só esteve uma vez no campo de batalha. E em vez de treinar com os guerreiros, dedica-se a brincar de correr pela fronteira, com um bando de salteadores. Ele não é um líder.

Broc voltou um pouco a cabeça por cima do ombro, sem chegar a olhá-la.

—Teve doze filhos. Deve ter treinado mais de um para que fosse o líder.

Um roçar de saias indicou-lhe que sua mãe estava aproximando-se.

—Vai vê-la?

Desejava muito. Pensou em seus olhos ambarinos, em seus suaves lábios. Só Lizbeth causava esse pulsar suas entranhas, esse fogo no peito, um desejo tão forte que suspeitava que entregaria sua alma para poder estar com ela. Poderia passar a noite em seus braços, fazendo amor... mas seu corpo encarregou-se de recordar-lhe que estava exausto.



—Estou há quase uma semana cavalgando. Estou cansado e amanhã há muito que fazer.

—Verá que seu quarto não está como o deixou. Quando Magnus morreu, retirei minhas coisas da torre norte para preparar o quarto principal para...

—Para Aiden?

—Para Aiden. Mas agora é seu, filho. Descanse. Enviarei uma donzela para que se ocupe de você.—disse sua mãe com um tom repentinamente suave.

—Não. —Broc não precisava ver-lhe o rosto para saber o que estava tramando— Não preciso de nenhuma donzela, nenhuma amante. Talvez meu pai precisasse delas, mas eu não sou meu pai, nem sou Aiden. Boa noite, mãe.

Respirou melhor assim que cruzou a soleira. Pela primeira vez entendeu por que seu pai mantinha à avó afastada. Sua mãe não iria ficar de braços cruzados. Faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que cumprisse o pacto com o clã Scott. Ainda não sabia quem era o pai de Lizbeth e já a odiava. E onde demônios estava Ian?

Como ia viajar a Edimburgo e retornar a Londres ao mesmo tempo?



Capítulo 16

Maxwell a tinha abandonado nas mãos de uma mulher tão tomada pela loucura que Lizbeth não demorou a imaginá-la dormindo com a espada. Se vê-la dançar ao pé da cama, durante a noite não tivesse bastado para demonstrar que estava senil, ouvi-la falar com a espada teria acabado de convencê-la.

—Dois dias inteiros! —disse em voz alta, enquanto limpava o esterco do estábulo. Broc a tinha abandonado ali. Levou o documento, as sacolas e, o que era pior, o sabão. Estava suja, e não era somente culpa do esterco.

Deixou a pá de lado, secou o suor da fronte e fez recontagem de tudo o que fez nesses dois dias: limpou o estábulo com espaço para seis cavalos, o celeiro e o galinheiro. Como podiam viver aqueles animais com tanto abandono? E ainda entendia menos para o que os necessitava uma mulher sozinha. Tinha duas dúzias de galinhas, quatro cabras e um rebanho de ovelhas que pediam uma boa tosquia. Além disso, era óbvio que ela não ia a nenhum lugar. Então, para que manter dois cavalos, embora fossem dois pangarés?

—Acha que poderá arrumar o telhado?

Lizzy voltou-se. A avó tinha aparecido as suas costas como um fantasma, e estava assinalando os buracos do telhado de palha com sua inseparável espada. Ela bufou, surpresa e exasperada ao mesmo tempo, levantando com seu fôlego uma aranha diante de seu rosto. Limpou as mãos na saia de lã xadrez que a mulher proporcionou-lhe e esforçou-se para tranquilizar-se.

—Não, não posso arrumar o telhado, nem o forno, nem o arado.

—Então ordene as cabras, ou deixarão de dar leite —replicou a anciã, encolhendo os ombros— Eu me ocuparei do uísque e de sacudir a cama. Depressa ou me deitarei sem esperá-la —acrescentou, cambaleando.

Não estranhava que estivesse cansada. Passou os dois últimos dias dando-lhe ordens sem parar.

—Quem ordenha as cabras? —repetiu Lizzy, olhando às pobres criaturas que passavam o dia seguindo-a e mordiscando-lhe a saia.

Uns enormes olhos claros devolveram o olhar, atrás de longos cílios.

—Beeeee!

Lizbeth suspirou e acariciou-lhe as orelhas, longas e peludas.



—Dão razão a ela? Juntaram-se contra mim? —disse ao animal, indo em busca das bacias e de um tamborete. A escuridão começava a cobrir os bosques. As nuvens tapavam a escassa luz do sol que restava. Embora tudo o que a rodeasse fosse idílico, não pensava ficar para contemplar nenhum pôr-do-sol mais.

Assim que sentou-se no tamborete, uma das cabras veio a frente. Ordenhou-a sem fazê-la esperar mais. O leite, amarelado e espesso, ia caindo na bacia. A monotonia da tarefa permitia que sua mente divagasse. A primeira imagem que lhe veio à cabeça foi a de Eli e Martin, prisioneiros em uma minúscula câmara. E ela ali, ao ar livre, ordenhando uma cabra. Deveria ter partido no dia anterior. Seus sobrinhos precisavam dela. Tinha que armar-se de coragem e ir resgatá-los, mesmo que fosse sozinha. Parecia que estavam a meio mundo de distância. Tinha sido muito egoísta indo até ali. Deixou-se tentar pelo seu interior, idiota. Por mais forte que fossem os sentimentos que experimentou durante os dias que ficaram juntos, sabia que Broc não tinha lugar para ela em sua vida, nem em seu coração. Por que senão, a teria deixado escondida com sua avó, levando o documento?

Outra cabra ocupou o lugar da primeira e Lizzy mudou as bacias, distraída. Não tinha nem idéia de como libertar seus sobrinhos. Iria ter que pedir ajuda a seu pai. Talvez se animasse a deixar tudo e escapar com eles. Certamente poderiam refugiar-se em Westminster.

Não, muito perto.

Aonde já não poderia ir era à abadia de Fountains. Muito perto de Gloucester. Talvez Bath, ao sul? O lugar não importava, contanto que estivessem a salvo de lorde Hollister. Quando a última cabra colocou-se diante dela, Lizbeth já tinha enchido três bacias. Esticou-se e tomou a decisão de partir antes que saísse o sol. Compraria um dos cavalos da anciã e talvez a convencesse para que lhe vendesse uma arma ou duas. A mulher tinha mais do que precisava. Embora a verdade era que Lizzy não tinha nem idéia de como se manejava uma espada.

Assustada diante da perspectiva dos dias que se aproximavam, desejou não ter entrado no túnel com um escocês ladrão que roubou-lhe o coração.

—Vejo que a avó a manteve ocupada.

Sobressaltada, Lizzy voltou-se de repente, e um jorro de leite caiu sobre o chão. Seu escocês estava apoiado no marco da porta do estábulo, vestido com o tecido xadrez verde e vermelho, próprios de seu clã. O kilt deixava suas coxas a descoberto, e o tecido restante, preso à cintura por um grosso cinturão, caía por cima do ombro. O resultado era atraente. Muito atraente. Por que tinha que ser tão bonito?

Sentiu um calafrio. «Idiota! Deixou-a aqui, não se esqueça!» Deveria sair dali; separar-se daquele homem, mas não se moveu. O cabelo escuro caía-lhe sobre a fronte e o fazia parecer mais jovem. Notava-se que havia tomado banho. Estava limpo e recém



barbeado e ela, ao contrário, sentia-se como a camponesa mais suja que existiu. Broc sorriu, sem soltar a pedaço de palha que mastigava entre os dentes, e ela reconheceu sua expressão. Arrogância, segurança, superioridade, autoridade. E recordou todas as razões pelas quais tinha que partir, antes de voltar a cair prisioneira de suas carícias.

—Boa noite, milord, espero que estes dois dias tenham sido tranquilos para você — saudou-o, sem poder ocultar seu aborrecimento.

—Foram tudo, menos tranquilos —replicou ele, aproximando-se com um brilho travesso no olhar— Queria vir ontem pela manhã, mas quando me levantei, os anciões já estavam me esperando, como minha mãe, meus primos e... outras pessoas.

—Outras pessoas? —Pelo brilho de seus olhos, certamente se referia a mulheres.

—Outras pessoas —repetiu Broc, ficando de cócoras ao seu lado. Seu olhar foi até a prega de sua saia, que na posição em que se encontrava, deslizou perigosamente para cima. Ele passou a língua pelos lábios e engoliu em seco.

Por que o escocês tinha que cheirar como um campo de trevo? E por que demônios doíam seus seios cada vez que ele estava por perto?

O leite voltou a derramar-se no chão.

Broc percorreu com um dedo as cintas que amarravam sua túnica.

—As cores de meu clã lhe caem bem, mas preferia vê-la sem elas.

Por mais que fosse dono e senhor daquelas terras, não estava disposta a permitir que entrasse ali e fizesse com ela o que quisesse, nem que a olhasse daquele modo. Retorceu o úbere da cabra e dirigiu um jorro de leite direto num olho de Broc.

—Ah! —exclamou ele, tentando defender-se com as mãos.

Mas para Lizzy não tinha sido suficiente. Inclinando-se para o lado para apontar melhor, seguiu acertando-o até que o leite gotejou pelo pescoço e manchou sua imaculada camisa branca. Sentindo-se muito melhor, pôs-se a rir.

—É uma descarada! —exclamou ele, com leite gotejando das pálpebras e caindo pelas bochechas até os lábios— Deveria colocá-la sobre meus joelhos e dar uns bons açoites.

—Talvez —admitiu ela, reconhecendo que portou-se como uma menina e pensando que suas palavras não soavam ameaçadoras, absolutamente.

Broc dirigiu o olhar para a bacia que tinha ao lado.

Deu tempo de levantar-se do tamborete, mas não pôde escapar do dilúvio de leite que caiu-lhe pela cabeça. Apertou os olhos, enquanto a substância quente ensopava seu cabelo e continuava caindo túnica abaixo.

—Besta com chifres!

—Beeeeh! —A cabra mostrou sua concordância.

Sem pensar Lizbeth agarrou a segunda bacia e a lançou no peito.



—Pelos pregos de Cristo, mulher!

Trocaram um olhar e lançaram-se, ao mesmo tempo, para a terceira bacia.

—Ai! —queixou-se Lizzy, quando suas cabeças chocaram-se.

—Já basta. —Broc deu um pontapé na bacia e parou na frente.

—A avó não ficará muito contente —disse ela, cambaleando e vendo luzinhas diante dos olhos— Estamos desperdiçando o leite.

—Seria uma vergonha desperdiçá-lo totalmente —replicou ele, atraindo-a por um braço e inclinando-se para lambe o líquido branco que deslizava por seu pescoço. Quando sua língua aproximou-se da parte superior de seus seios, Lizzy sentiu uma agulhada de prazer no mais profundo de seu ser.

—Pare! —ordenou, dando um empurrão e esforçando-se para recuperar o aborrecimento que havia sentido há um momento— Não sou uma donzela que tem escondida no bosque para satisfazer suas necessidades quando quiser.

Broc inclinou-se para ela.

—Se quisesse apenas satisfazer minhas necessidades, o teria feito com as duas que enviou-me minha mãe esta manhã.

Essas não eram as palavras que Lizzy esperava ouvir. Que tipo de mãe enviava mulheres à cama de seu filho? Não gostava da imagem que estava formando dessa mulher. Sacudiu o leite das mãos e dirigiu-se à porta.

—Irei embora.

—E para onde, posso saber? —perguntou Broc, com um sorrisinho que acabou de enfurecê-la.

—Não tem poder sobre mim. Não penso ficar aqui enquanto meus sobrinhos adoecem em Londres. Volto para a Torre.

—Não! —gritou a suas costas. Levantou-a agarrando-a pelo vestido e a apertou contra seu corpo— Não permitirei.

Ela se esticou ao escutar o tom violento em suas palavras. Até então, nunca deu motivos para temê-lo. Mostrou-se sempre amável, controlado, preocupado com suas necessidades.

Até esse momento.

Broc segurava-a com tanta força que o tecido da túnica apertou-se na cintura dela. Apertou os punhos e a respiração acelerou-se.

«Um, e dois, três... Ele não, por favor.»

Broc a soltou e deu um passo atrás, olhando-a com as mãos trêmulas.

—Perdoe-me, perdi a cabeça.



Depois de um momento, estendeu a mão para ela. Seus movimentos eram pausados, cautelosos, como se Lizzy fosse um animalzinho assustado, escondido da maldade, que era exatamente como se sentia.

—Por favor, Lizbeth —suplicou. Sua mão permanecia estendida entre os dois, à espera de sua resposta— Nunca farei mal a você.

Ela penteou o cabelo sujo com os dedos, cobrindo a bochecha, e manteve o olhar cravado no chão. Os abusos não eram novidade para ela. Seu pai nunca levantou-lhe a mão, mas lorde Hollister a golpeou mais de uma vez. «Ele não é lorde Hollister. Não se acovarde.» Tinha que ser forte.

—Não volte a gritar comigo.

—Não o farei. Juro por minha alma.

Lizzy levantou o olhar timidamente.

Broc seguia aguardando.

«Confie nele.» Sem voltar-se totalmente, estendeu o braço e pôs a mão na sua. Ele a agarrou e deu um passo para ela. Por que doía tanto tocá-lo?

—Temos que falar —disse Broc, com calma. Guiou-a para fora, onde uma lua enorme iluminava seus passos.

Além de deixar os dedos pegajosos, o leite estava secando nos cabelos e na roupa, provocando-lhe uma sensação muito incômoda.

—Tenho que me lavar —disse Lizbeth.

—Não acredito que possa convencê-la para que se banhe no lago, não?

—Não. —Acreditava que nunca atreveria-se a isso.

—Posso esquentar água no forno e levar uma banheira até lá.

Sua oferta soava deliciosa, mas recordou o que aconteceu em York. Não podia voltar a deitar-se com ele. Não podia permitir-se ser essa pessoa. Por sorte, tinha uma desculpa.

—O forno tem um tijolo quebrado. Não esquentará.

—Arrumei.

—Quando? —perguntou Lizzy, desconfiando de seu sorriso ardiloso. O que estava tramando?

—Antes de entrar no estábulo.

—Deixou-me sozinha durante dois dias e quando volta, em vez de vir me ver, vai arrumar o forno? —Soltou-lhe a mão—. Me viro com o poço.

—Tinha que fazer. Há meses que a avó pediu que alguém o arrumasse —explicou ele alegremente.

Não achava graça naquilo.

Broc a seguiu até o poço, e inclinando-se sobre o muro de pedra, tirou uma bacia de água fria.



—Trarei algo para que possa lavar-se —disse.

Não ia encontrar nada. Lizzy estava limpando-a no dia anterior, e se tivesse havido sabão, o teria encontrado e usado. Ficou olhando a porta, mas Broc não voltou a sair. Estava tramando algo. Agia como alguém que esconde um segredo.

Lavou o rosto com a água da bacia. Quando acabou, Broc estava ao seu lado com uma toalha. Lizbeth deu um salto, surpresa pelo silêncio com que retornou. Dirigiu o olhar para a porta e de novo para ele. Trazia uma pastilha de sabão e um pente sobre o que parecia ser uma bata de seda branca e uma manta de lã.

Deixou tudo sobre o muro do poço.

—Eu vou lavar-me lá dentro e assegurarei-me de que a avó esteja bem acompanhada pelo uísque de tio Ogilvy. Encontre-se comigo quando estiver preparada. Temos que deixar claros uns assuntos antes que amanheça. —Suspendeu-lhe o queixo com a mão e acariciou sua bochecha com o polegar— Logo vou fazer amor com você. —Voltando-se, afastou-se, deixando Lizzy a sós com suas últimas palavras.

Palavras que deveriam colocá-la em guarda e animá-la a sair correndo para a fronteira para pôr a salvo seu coração, mas por outro lado, palavras que não podia negar que desejava ouvir.

Tremendo como se acabassem de resgatá-la de um lago gelado, Lizzy cobriu-se com a manta e abriu a porta de uma das casas. Antes de entrar, assaltou-a uma agradável sensação de calor, unida a um aroma de narcisos. As mesas que se alinhavam contra as paredes estavam cobertas com toalhas brancas e sobre elas estavam esparsas pétalas amarelas. As velas banhavam o cômodo com uma luz suave e a porta do forno aceso estava aberta, aquecendo o ambiente e projetando sombras douradas sobre o rosto de Broc. Este não sorria, mas tampouco estava sério. Ocultava seu estado de ânimo atrás de uma máscara de autocontrole que outra pessoa poderia ter confundido com indiferença, mas os suas intenções apregoavam-se aos quatro ventos.

Uma das mesas onde a avó estava acostumada a trabalhar estava no centro da sala, coberta por um tecido xadrez vermelho e verde, onde tampouco faltavam as pétalas amarelas, que rodeavam uma coroa de flores da mesma cor. Broc a aguardava em frente à porta, vestido com um batín escarlata. Uma cruz dourada estava pendurada em seu pescoço. Parecia um deus aguardando sua oferenda atrás do altar. Seu cabelo, negro como o azeviche, brilhava recém lavado. Não usava nenhuma espada, nem na cintura nem nas costas. Seu aspecto não era ameaçador, mas ela sentia-se tão vulnerável que dava medo fechar a porta.

—Venha, Lizzy, se aproxime.

Como se ele controlasse seus pés, fez o que ordenava. Seu olhar fazia pulsar o coração de maneira acelerada. Respirar transformou-se em uma agonia. Afastou o olhar



para que Broc não notasse o quanto a alterava, mas era inútil. Conhecía-a muito bem. Conhecía seus desejos, suas necessidades. Podia brincar com suas emoções e depois esmagá-las, se quisesse.

—Matei homens no campo de batalha com as mãos, mas nunca levantei uma contra uma mulher. O irmão Mel me ensinou a respeitar a vida, a abraçá-la e a defendê-la. Sobretudo, treinou-me para controlar minhas emoções e ser responsável por meus atos. Só peço que me olhe e que escute o que tenho a dizer, sem medo.

Lizzy levantou os olhos. Seus olhares uniram-se com uma força que deu-lhe coragem.

—Estou escutando.

—Meu pai morreu enquanto eu estava em Londres.

Ela franziu o cenho.

—Sinto muito —disse, sem muita convicção.

Broc levantou a mão para impedir que seguisse com as condolências.

—Magnus Maxwell teve uma vida longa e plena. Morreu em paz e será recordado como um bravo guerreiro e um homem de honra.

Lizzy assentiu, aceitando a maneira como Broc assumia a morte de seu pai.

—Como seu filho mais velho, tenho o privilégio de aceitar seu título e sua fortuna. Agora sou o laird de meu clã, além do guardião da região de West Parta. Minha missão é proteger a fronteira oeste e manter a paz com os clãs vizinhos —concluiu, fechando os olhos.

—Será um bom líder. Seu clã ficará orgulhoso de você.

—Minha mãe não concorda com isso. Tanto ela quanto os anciões querem que cumpra o pacto que meu pai assinou com laird Scott, o líder de nosso clã vizinho, mas não tenho intenção de fazê-lo.

Broc era um homem honrado e entregue ao seu clã. Lizzy sabia melhor que ninguém.

—As alianças são básicas em tempos de guerra. Isso até eu sei. Por que não quer manter o pacto?

Ele respirou fundo duas vezes antes de cravar o olhar nela e responder:

—Por você.

—Não entendo.

—Aiden estava há dois anos comprometido com a filha de laird Scott quando fomos a Londres. Sentia-se preso pelo acordo que tinha assinado meu pai e decidiu aproveitar seus dias de solteiro, deitando-se com todas as mulheres que apareciam em seu caminho.

Seria somente uma mulher que tinha aparecido no caminho de Broc? Ou estava tentando dizer outra coisa?

—E junto com o título de seu pai, herdará tudo o que pertencia a Aiden? —perguntou, brincando com uma pétala.



—Sim, incluindo o compromisso com lady Juliana Geddis Scott.

«Juliana Scott.» Suas palavras trouxeram lembranças de quando o conheceu.

—É coincidência que o nome que escolheu para usar na Inglaterra, sir Julian Ascott, pareça-se tanto ao dela?

—Não, não é coincidência. Em outros tempos, desejei essa mulher e todas as suas posses.

Lizzy empalideceu e cambaleou. Suas palavras eram um castigo. Diminuíam-na. Ela não tinha nenhuma posse. Fechou os lados da bata com força sob a manta.

—Por que está me contando essas coisas? Por que me trouxe aqui e se incomodou com isso? —perguntou, assinalando a mesa— Não penso ser sua amante.

—Não quero uma amante. Quero uma esposa. E quero que essa esposa seja você.

Lizbeth soltou o ar pela boca com tanta força que o cabelo de Broc moveu-se. Levou uma mão ao peito. Uma vez havia pedido que se casasse com ele, mas estava cego pela luxúria. Agora não. Nem sequer estavam tocando-se. Era plenamente consciente do que dizia e queria que fosse sua esposa. Notou que as lágrimas rolavam pelas bochechas. De felicidade? Ou pelo peso das complicações que deveriam enfrentar?

—Eu não possuo terras, riquezas, nem alianças para oferecer.

—Mas oferece sua fé em mim. Faz com que me sinta orgulhoso. Consegue que me sinta capaz de proteger a Escócia inteira. Preciso de uma mulher ao meu lado que acredite em mim, que confie em mim.

Fazia com que parecesse tão simples.

—E isso bastará para seu povo?

—Não. Mas tem algo que fará com que ganhe seu respeito —respondeu, tirando o documento das dobras do batín e estendendo-o sobre a mesa— Eu gostaria de levá-lo ao meu rei.

Lizzy sentiu o coração apertar.

—Quer se casar comigo para conseguir o documento?

Broc negou com a cabeça e revirou os olhos.

—Não tenho que me casar com você para conseguir o documento. Já o tenho. Se só me interessasse por isto, teria matado-a há dias e o problema estaria resolvido. Não está me escutando. Estou dando-lhe a oportunidade de ganhar o respeito de meu povo se me aceitar como marido.

—Mas é a única coisa que tenho. Se entregar-lhe isso, meus sobrinhos morrerão. Não pode me pedir que escolha entre eles e você.

—Não estou pedindo isso. Estou pedindo que confie em mim. Disse que voltaria por eles, e até agora cumpri todas as promessas que fiz. Se case comigo e voltarei para buscá-los.



Lizzy não podia pensar com clareza. Estava pressionando-a. Envolheu-se na manta com mais força.

—E se não aceitar?

Broc franziu o cenho.

—Sou um homem de palavra. Iria buscá-los de qualquer forma —Desviou os olhos para a coroa de flores amarelas— Mas não poderiam ficar aqui. Seus sobrinhos e você teriam que viver em Dryburgh.

—Não poderíamos viver entre seu povo?

—Não. Preciso de uma esposa que me dê filhos. Se não me aceitar, casarei com lady Juliana, e serei fiel. Mas admito que não seria bastante forte para honrar meus votos matrimoniais se você estivesse entre os muros do castelo.

Sua honestidade era sem igual, mas suas palavras cravaram-se no coração como uma faca. Estava sendo egoísta, sabia, mas queria aquele homem só para ela.

—E se me casar com você, o que acontecerá a Eli e Martin?

—Muito simples. Vou criá-los como se fossem meus filhos. Treiná-los para que sejam guerreiros, líderes.

Broc estava propondo um modo de ganhar o respeito de seu clã e, além disso, oferecia-se para criar os filhos de Kandem como se fossem dele. Era um sonho. Muito bonito para ser verdade.

—Lorde Hollister não vai esperar tanto. Vai matá-los.

—Manteve-os com vida durante seis meses. Se matá-los, o que tem a negociar com você?

—Não confio nele.

—Confia em mim, Lizbeth?

—Sim.

Broc agarrou o documento e o rompeu pela metade.

Ela afogou um grito.

—Está louco! —exclamou cobrindo a boca com as duas mãos.

—Vou levar a metade que contém a assinatura de Buckingham ao meu rei. A outra metade Smitt levará a York. Se Hollister já retornou a Londres, Smitt o seguirá até lá. Vai informá-lo da morte de meu pai e dirá que preciso de doze dias para o enterro e o luto. Passado esse tempo, retornarei à Torre e entregarei a outra metade do documento em troca de seus sobrinhos. Estou reunindo tropas para que nos acompanhem, a mim até Edimburgo e Smitt até Londres. Partimos amanhã.

Lizzy procurou pontos débeis em seu plano, mas notava que tinha pensado bem. Só havia uma falha.

—Lorde Hollister vai me querer também.



—Mas não a terá. Eu tenho você. —Deixou o documento na mesa e tirou dois anéis do batín. Benzeu-os e inclinou-se para beijar o tecido com o xadrez de seu clã.

Depois de uma breve prece, ergueu os olhos e seu olhar a encheu de paz. O escocês era tudo o que Lizbeth tinha pedido em sua infância. Era mais que um protetor. Era o guardião de sua alma e o queria em sua vida. A opressão que sentia no peito era dolorosa, mas bela ao mesmo tempo, e soube que era amor.

—Venha, Lizbeth.

Ela rodeou a mesa para que nada se interpusesse entre os dois. Broc retirou a manta dos ombros e beijou-a na fronte. Tinha uma expressão tão solene que Lizzy tremeu os joelhos. Embora parecesse mentira, sentia falta de sua conversa.

—Estava preparado. Suponho que estava muito seguro de que aceitaria me casar com você.

—Que mulher em seu juízo perfeito não me aceitaria? —perguntou ele, com um sussurro rouco.

—Se esquece de que eu não estou em meu juízo perfeito. Disse isso um montão de vezes.

—É certo. Está louca. Louca por mim. Por isso me dirá que sim. Por isso e porque a faço arder por dentro. —Deixou de sussurrar-lhe no ouvido e deu um suave beijo em sua orelha— Faço você rir. — Mordiscou-lhe brandamente o lóbulo, antes de endireitar-se diante dela e paralisá-la com um olhar da cor do céu— Sou a luz em sua escuridão.

«Como podia saber disso?», pensou Lizzy, sem poder fazer nada mais que devolver o olhar, cravada ao chão.

—Então, está preparada? —perguntou, segurando-lhe o queixo entre o polegar e o indicador.

—Sim.

Broc voltou-se para a mesa.

—Tia Radella me ajudou com as flores. Diz que as amarelas simbolizam a esperança e a felicidade. E atribui a capacidade de insuflar coragem quando dadas como presente — explicou, colocando a coroa de flores amarelas em sua cabeça.

Como se precisasse de coragem para aceitá-lo como marido!

Broc depositou o maior dos dois anéis na mão de Lizzy e ficou com o outro.

—Com Deus como testemunha, ofereço-lhe meus votos, Lizbeth Ives. Juro protegê-la, honrá-la e ser um marido fiel. —Beijou o anel e o colocou. Depois, estendeu a mão, ligeiramente trêmula para ela e baixou a cabeça.

Ao que parecia, ao seu grande e feroz guerreiro não seria mal um pouco de coragem nesse dia. O fato que estivesse nervoso, fez com que sentisse um agradável calor nas entranhas.



—Ofereço-lhe meus votos, Broderick Maxwell —disse, segurando-lhe a mão entre as suas— Juro apoiá-lo e honrá-lo como esposa fiel. —Beijou o anel e o colocou no dedo.

Broc atraiu-a para ele com uma mão enquanto erguia seu queixo com a outra. Fechou os olhos e a beijou, selando assim sua união. Foi um beijo ardente e apaixonado, suave mas decidido. Um beijo que ela devolveu com a mesma emoção.

Lizzy notou como o membro de Broc crescia.

—Está feito —sussurrou ele contra sua boca.

—Está feito? —repetiu ela, brincalhona, acariciando uma dobra do batín— Devo partir?

—Não. Temos que consumir o matrimônio. Tem que me entregar também seu corpo —replicou Broc, enquanto acariciava-lhe os quadris.

—Mas isso já fiz o outro dia —provocou Lizzy, apoiando-se nele.

—Pois vamos fazê-lo outra vez —sussurrou-lhe no ouvido, enquanto desamarrava a bata. Rodeou-lhe a cintura com as mãos e a sentou sobre a mesa— Não se mova.

Mesmo que quisesse, não poderia fazê-lo. Sentia-se presa no lugar. Parecia que ele recuperava o controle de suas emoções, enquanto que as dela se transformaram em um nó e se concentraram em seu ventre. Essa faceta dominante que mostrava tão poucas vezes a tinha excitado muitíssimo. Ainda não a havia tocado e já estava se umedecendo. Tentou manter os joelhos apertados e a bata fechada.

Broc foi procurar duas terrinas de madeira, um pano e um pequeno frasco de vidro de uma mesinha próxima ao forno. Deixou as terrinas na mesa, ao lado de Lizzy. Em uma verteu água, e na outra um pouco de azeite dourado do frasquinho. Umedeceu o pano na água e lavou-lhe os pés. Logo os beijou e foi subindo pelo tornozelo até chegar à panturrilha.

Com um suave puxão, aproximou-a mais da beirada da mesa. Olhando-a através de seus longos cílios, separou-lhe os joelhos. O contato com o ar a refrescou um pouco, mas não conseguiu apagar o fogo que ardia em suas vísceras. Lizzy segurou-se com força na mesa quando beijou-lhe as coxas.

Sentiu-se estremecer e, mordendo o lábio inferior, retorceu-se entre suas fortes mãos, cada vez mais excitada. Seu ritual a fazia sentir-se como uma rainha, mas também estava fazendo-a perder a paciência. Queria agarrá-lo pelos cabelos e fazer amor.

Broc ergueu-se e retirou a delicada bata dos ombros, deixando-a completamente exposta.

—Agora é minha —disse, molhando dois dedos no azeite e desenhando uma linha, da mandíbula até a clavícula.

Ela encolheu-se, pois não tinha esperado que o azeite estivesse quente.

—O que está fazendo?



Broc sorriu levemente enquanto se inclinava para beijar o lugar onde o pulso de Lizzy batia descontrolado.

—Sua carne é minha. Estou marcando os lugares que pretendo reclamar. Os antigos guerreiros realizavam este mesmo ritual com sangue.

Ela fez uma careta, desejando não ter perguntado.

Broc agarrou-lhe o braço e espalhou azeite sobre as veias azuis de seus braços, beijando-a a seguir.

—Seu pulso simboliza a vida. Enquanto viver, pertence-me.

Lizzy franziu o cenho. Não precisava que nenhum outro homem se considerasse dono dela. Lorde Hollister esteve obcecado controlando-a, dominando-a, torturando-a. Queria ser a companheira de Broc, não sua propriedade. Estendendo dois dedos, molhou-os deste modo no azeite e os deslizou pelo pescoço dele.

—E enquanto você viver, pertence-me.

Tinha alterado o ritual procurando o equilíbrio. A expressão do escocês lhe disse que não tinha esperado esse gesto tão atrevido. Sem intimidar-se, desamarrou-lhe o batín e o deixou cair no chão em um atoleiro escarlate. Seu corpo era belo como uma estátua de bronze, e era dela. Voltando a inundar os dedos no azeite, marcou-lhe o peito. Queria algo mais que sua carne. Queria amor, respeito, devoção. Deslizou seus lábios sobre o azeite e logo, colocou a mão sobre o coração e disse:

—Isso é o que eu quero.

Os olhos de Broc obscureceram-se, enquanto seu peito subia e descia diante de seu toque possessivo. Agarrou-lhe o rosto com ambas as mãos e a beijou. Foi um beijo duro e exigente que a deixou sem fôlego.

Fechou os olhos quando ele deitou-a sobre a mesa e levantou seus joelhos, apoiando seus pés na beirada. Com o azeite, traçou a seguir uma linha que rodeou seus seios, descendendo até o umbigo. Lizzy apertou os joelhos contra seus flancos quando ele inclinou-se para seguir com a língua o rastro oleoso, despertando em seu ventre uma dor surda, poderosa como as marés. Broc ergueu-se para umedecer os dedos em azeite uma vez mais e seguiu então a parte interna de suas coxas com os dedos, deixando-a louca. Os olhos moviam-se atrás das pálpebras fechadas, enquanto ele brincava com sua pele, aproximando-se centímetro a centímetro do centro de seu desejo.

Lizzy gemeu e agarrou-se a única coisa que encontrou, as pontas da manta, desesperada para pôr fim à tensão que se acumulava em seu interior. Estremeceu violentamente quando finalmente roçou-lhe o púbis. Arqueou as costas, gemendo de frustração.

—Broc, por favor, está me matando.



Ele umedeceu uma vez mais os dedos no azeite e finalmente os introduziu dentro dela, separando suas dobras.

—Minha —sussurrou, um segundo antes de enterrar a língua em seu interior.

—Santa Mãe de Deus! —exclamou Lizzy, surpresa e desorientada, mas em seguida um grande prazer substituiu seus receios. A necessidade de que continuasse com o que estava fazendo deu-lhe coragem para apertar as pernas ao seu redor.

Estava devorando-a. Broc levantou as mãos até seus seios e apertou os mamilos entre o indicador e o polegar. Contra toda lógica, em vez de sentir dor, esse gesto a excitou ainda mais. Agarrou-o pelos cabelos quando a tensão ficou insuportável, e gritou enquanto os músculos de seu interior se contraíam. Quando Broc mordiscou a parte mais sensível de seu corpo, Lizzy sentiu como se sua alma explodisse na boca dele. Estavam unidos. Eram um só ser.

Broc saboreou seu clímax. Seu sabor exótico era embriagador. Percorreu-lhe a pele com a ponta da língua uma vez mais, lambendo seu doce elixir. Tinha reclamado Lizzy com a boca e sentia-se poderoso. Nunca antes o tinha feito, pois nunca havia gostado, mas o aroma de Lizbeth o atraía com uma intensidade que não podia explicar.

Fazer amor com ela era como se tudo começasse de novo para ele. Cada vez que respirava, o ar falava de sua fragrância; cada vez que mordida algo, queria que tivesse seu sabor. Seu membro estava a ponto de explodir. Tinha medo de que a besta que trazia dentro dele tomasse o controle.

Situou-se na beirada da mesa, com sua ereção apontando para sua entrada, brilhante de fluidos. Uma gota de sêmen não pôde esperar mais e saiu pela ponta de seu membro. Não havia nada que gostasse mais que plantar sua semente no interior de sua esposa, que continuava extasiada em seu próprio mundo de prazer. Achava que Lizbeth Ives —aquela jovem a quem os homens tinham submetido toda sua vida— continuava escondida em algum lugar de seu interior, mas a mulher que tinha frente a seus olhos era a sua Lizbeth, que se manteve firme enquanto ele tentava dominá-la como um idiota. Sentiu-se muito orgulhoso de si mesmo por tê-la ajudado a descobrir quem era. Só esperava não ter ido muito longe.

Agarrou-a pelas mãos e a ajudou a erguer-se. A manta abriu-se totalmente quando a segurou pelos quadris e voltou a aproximá-la da beirada da mesa. Ela apoiou uma mão na madeira e passou a língua pelos lábios, enquanto fechava as pálpebras com força.

—Lizbeth, abra os olhos. Quero que veja como nos fundimos um no outro.

Ela assim o fez. Baixou o olhar e viu como seu membro desaparecia em seu interior. Cabia perfeitamente, como se ambos fossem feitos para unirem-se. Rodeou-lhe a cintura com as pernas e cruzou os tornozelos em suas costas. Gritou quando ele começou a entrar



e sair de seu canal de seda. Broc desejou poder passar horas assim, mas era impossível. Tudo era muito intenso, ela estava tão quente, tão apertada...

—Oh, Broc! —gritou Lizbeth quando um novo orgasmo a sacudiu, pressionando o membro masculino com suas contrações de prazer.

Ele investiu uma e outra vez, até que achou que as pernas não fossem sustentá-lo. Embora as pálpebras pesassem, obrigou-se a manter os olhos abertos, e voltou a arremeter.

E um prazer imenso saiu disparado de sua ereção. Em vez de abandonar-se a ele, quis compartilhá-lo com Lizbeth. Beliscou-lhe o inchado botão de sua entrada e viu como ela jogava a cabeça para trás, e gritava uma e outra vez, enquanto uma onda de calor líquido derramava-se sobre Broc. Lizzy levantou a cabeça e olhou-o. Tinha o lábio superior suado e os olhos da cor de ouro fundido. Abraçou-o com dedos rígidos, mantendo-o em seu interior enquanto ele a enchia de vida. Abriu os lábios e, entre ôfegos, disse:

—Meu.



Capítulo 17

—Broderick Maxwell!

Instintivamente, Broc cobriu seu irmão mais novo com o braço. Abriu os olhos, mas uma luz segadora o obrigou a fechá-los.

Tranqüilizou-se ao perceber que não tinha doze anos, mas vinte e nove, e que não era lan quem dormia ao seu lado, mas sua doce esposa.

Tinha sido um sonho. Voltou a acomodar-se no suave colchão de plumas que havia levado quando Lizzy e ele acabaram de fazer amor. Respirou fundo, retirando uma mecha de cabelo vermelho do rosto de sua esposa. Era pequena mas o tinha deixado esgotado. Separando-lhe as pernas com o joelho, aproximou-a de seu corpo, colocando sua mão no traseiro, enquanto enchia a outra com um de seus seios. Sentiu como seu membro crescia rapidamente. Se pudesse despertar assim a cada manhã, morreria feliz.

Fora ouviu-se um berro. Era um som estranho, uma mistura de grito e grunhido. Não saberia dizer a que tipo de animal pertencia.

—Broderick Maxwell, sei que está aí. Saia agora mesmo!

—Pelos pregos de Cristo! —Broc levantou-se com um salto, lançando Lizbeth no outro lado do colchão com o impulso.

Ela despertou, sonolenta, e procurou as mantas para voltar a tapar-se.

—Quem é?

Ele esmagou as bochechas com as palmas das mãos, revirou os olhos e desejou que chegasse um dia em que o som da voz que tinha ouvido não o fizesse sentir-se culpado.

—Minha mãe.

—Parece zangada —disse Lizbeth com os olhos muito abertos, enquanto se tapava com as mantas até o queixo.

Broc vestia a túnica por cima da cabeça.

—As mulheres Maxwell não se zangam, lutam —explicou, batalhando com as dobras do tecido xadrez— Vista-se, anjo. —Assinalou um montão de roupa que tinha pegado da casa de sua avó na tarde anterior— E não esqueça de amarrar bem os cordões das botas.

Ela fez o que dizia sem titubear. Vestiu um vestido de lã xadrez em cima da túnica e colocou um xale junto ao pescoço com um broche. Depois, passou os dedos pelo cabelo, tentando ocultar a cicatriz de seu rosto.



Maldição! Seu olhar angustiado o fez sentir-se mau. Não deveria ter se casado com Lizbeth em segredo. Deveria ter feito públicas as admoestações, ter passado três semanas discutindo com sua mãe, com os anciões, com seus parentes... e finalmente casar com ela.

Colocou a espada na cintura, deu-lhe um beijo rápido no nariz e foi até a janela, onde abriu a pele curtida de animal que a cobria.

Vestida de veludo verde escuro e bordados dourados, sua mãe era o vivo retrato de uma dama elegante. Entretanto, sua atitude não tinha nada de educada. Com uma mão apoiada no quadril e uma espada na outra, os olhos meio fechados e um olhar furioso era uma mulher fora de si.

—Maldição, parece um pouco aborrecida.

Smitt estava apoiado no tronco de uma árvore próxima, com os braços e as pernas cruzadas, preparado para desfrutar do espetáculo. Broc tinha ordenado que se reunisse com ele ali ao amanhecer. Não só chegava tarde, mas também havia trazido consigo os demônios do inferno. Moveu o pescoço de um lado para outro.

—É pior que sua avó? —perguntou Lizbeth, deslizando diante dele e ficando nas pontas dos pés para dar uma olhada pela janela.

—Oh, sim. Não demonstre que tem medo diante dela ou a comerá viva.

—Aquilo que carrega é uma espada? —Os ombros de Lizzy afundaram-se um pouco.

—Sim. Já sei que você não gosta de armas, mas terá que aprender a utilizá-las, mesmo que seja só uma adaga, se for viver na fronteira. Vamos —animou-a, rodeando-lhe a cintura com o braço e puxando-a— Não pode continuar se escondendo pra sempre.

—Não penso em sair —protestou Lizbeth, voltando-se em seus braços— É sua mãe. Está gritando seu nome. Vá você.

—Mas quer ver você. Não podemos ficar aqui eternamente, anjo. Smitt veio procurar o documento e eu tenho que reunir-me com meus homens e partir para Edimburgo.

—E onde supõe que eu vá?

—Ao castelo de Skonóir. É seu lar agora.

—Com ela? —Lizbeth negou com a cabeça e moveu as mãos, mas Broc conseguiu imobilizá-la contra a porta— Nem pensar. Eu fico aqui com sua avó.

—Agora é minha mulher e deve permanecer dentro da fortaleza —insistiu ele, passando um braço por trás, empurrando-a para a porta, e aproveitando para estreitá-la contra seu corpo ao mesmo tempo. Deu-lhe um beijo apaixonado, tragando seu rechaço e tentando infundir-lhe coragem, ao mesmo tempo. A princípio, ela resistiu e grunhiu contra sua boca, mas logo se acalmou e rodeou-lhe o pescoço com os braços. Incapaz de retirar a língua, Broc ficou ali mais tempo do que tinha previsto.

—Se quer continuar com vida, melhor que saia armado —ameaçou sua mãe, do lado de fora.



Lizbeth apoiou ambas as mãos em seu peito e o empurrou com força.

—Eu não gosto muito destes momentos —disse, secando a boca com a manga, tentando apagar a evidência de seu beijo.

—Nunca imaginaria —replicou ele, piscando os olhos — Levante esse queixo, lady Maxwell. Tudo ficará bem, juro. Recorde que sua posição no clã é mais elevada que a dela.

Abriu a porta de repente, agarrou-a pelos ombros e deu-lhe a volta, colocando-a adiante como um escudo. Com um empurrãozinho, fez com que saísse para o radiante sol da manhã, que se obscureceu diante do brilho de ódio no olhar da mãe de Broc.

Lizbeth deu dois passos à frente com o queixo erguido e ele sentiu-se orgulhoso.

Sem soltar o punho da espada, colocou-se ao seu lado, agarrou-lhe a mão e a levantou para que sua mãe visse o anel.

—Mãe, quero que conheça minha esposa, Lizbeth.

—Acha que por colocar esse anel já é sua esposa?

—Ontem à noite pronunciamos os votos — defendeu-se ele.

—Não haviam testemunhas —zombou a mulher entre dentes e cortou o ar com a espada.

Através da mão com que a segurava pela cintura, Broc notou como Lizbeth encolhia-se.

—Deus foi minha testemunha. Não preciso de nenhuma outra.

—Se quiser que o casamento seja válido, sim.

A avó apareceu mancando atrás de Smitt, que não fazia o menor esforço para esconder o quanto estava se divertindo com a situação.

—Ogilvy, dê um passo à frente —ordenou Broc.

—Ogilvy? —repetiu Lizbeth.

Ele sabia que não era o melhor momento para explicações, mas mesmo assim respondeu:

—Sim, Ogilvy é seu nome de batismo, como seu pai. Embora ele prefira Smitt, porque acredita que as mulheres gostam mais desse nome.

O jovem se aproximou, embora seu sorriso já não fosse tão radiante.

Broc agarrou Lizbeth pelos ombros e deu-lhe a volta.

—Eu, Broderick Maxwell, juro protegê-la, honrá-la e ser um marido fiel.

Quando acabou, assentiu para que ela fizesse o mesmo. Lizzy começou a gaguejar, mas se deteve e dirigiu o olhar para a careta ameaçadora da mãe de Broc.

Este a segurou pelo queixo, obrigando-a a olhar diretamente em seus olhos.

—Fale as palavras, anjo.

—Eu, Lizbeth Ives, prometo apoiá-lo, honrá-lo e ser sua esposa fiel.



—Muito bem, está feito; com testemunhas — disse Broc a sua mãe, erguendo uma sobancelha— Basta, mãe, ou quer que voltemos a consumir o matrimônio diante de seus olhos?

A mulher deixou escapar um grito gutural que ressoou por todo o bosque.

Em menos de um segundo, Smitt tinha dado um passo atrás, a mãe de Broc tinha levantado a espada por cima de sua cabeça e ele empurrou Lizbeth para o lado. Com os pés bem abertos, desembainhou a espada a tempo de deter o golpe. Ouviu-se o som de metal contra metal, antes que sua mãe girasse, voltasse a tomar impulso e atacasse do outro lado.

Broc voltou a desviar o golpe com facilidade. Era muito mais fácil resistir a sua fúria com a espada que com as palavras.

—Basta, basta! —gritou Lizbeth.

A mãe de Broc recuperou o equilíbrio e jogou o cotovelo para trás para dar um golpe direto no coração.

—Não! —gritou Lizzy, interpondo-se entre ele e a espada e cobrindo a cabeça com os braços.

Broc sentiu o coração se apertar.

A ponta da espada de sua mãe se deteve a menos de um centímetro de distância das costas de Lizbeth.

Broc rodeou-a com um braço e voltou a colocá-la ao seu lado.

—Já basta! —gritou à mulher— Baixe a arma.

Ela o fez, olhando a sua nora com os olhos arregalados.

—Está louca? —perguntou.

—Talvez, mas não mais que você —replicou ele.

Lizbeth soltou-se do abraço de Broc e ficou parada. Seus olhos dourados brilhavam como chamas à luz do sol.

—Que tipo de mulher levanta uma espada contra seu próprio filho?

—Como pode pensar que iria matá-lo? É meu filho.

—E meu marido —replicou ela, dando dois passos em direção a sua sogra. Broc rezou para que não a provocasse muito— E embora não esteja familiarizada com sua maneira de solucionar diferenças, de onde eu venho, quando se ergue uma arma, alguém morre. — Segurando as saias com as mãos, foi correndo até a avó, que a esperava com os braços abertos.

—Venha —disse a anciã, dando-lhe tapinhas nas costas— vamos pra dentro. Abrirei uma garrafa de uísque.

—Melhor duas —sugeriu Smitt, seguindo-as— Papai fabricará mais.



Broc embainhou a espada e desejou não sentir-se tão frio cada vez que estava perto de sua mãe; sempre tinha tido esse efeito sobre ele. A princípio, Broc tinha tentado ganhar seu carinho. Sempre teve a esperança de que algum dia a mulher percebesse que transformou-se em um poderoso guerreiro, e mudasse sua atitude com ele. Mas não era assim. Como conseguir que aquela mulher fria e distante aceitasse sua esposa, se nem sequer era capaz de aceitá-lo?

Sua mãe apertou os lábios, e a ponta da espada desenhou um caminho torcido sobre a poeira do chão.

—Acha que queria matá-lo?

—Não, mas ela acreditou.

—E entretanto o protegeu —constatou, sem emoção.

Broc não viu desse modo. Sentiu um regozijo no peito. Orgulho? Amor?

—Assim parece. A moça deve ter carinho por mim.

—Carinho? —repetiu sua mãe, com o tom acusador tão familiar nela— Nenhum guerreiro, homem ou mulher, fica diante de uma espada por carinho. Se a luta tivesse sido autêntica, teria dado sua vida por você.

—Assim é—admitiu Broc,sem poder evitar de sorrir. Sua diminuta esposa protegendo-o.

Sua mãe negou com a cabeça.

—Acha que lady Juliana ficaria entre a espada e você?

O sorriso apagou-se do rosto dele.

—O que faz ou deixa de fazer lady Juliana já não é de minha incumbência. Encontrarei laird Scott e outros guardiães da região quando retornar de Edimburgo. —Broc tinha pensado em explicar algo mais sobre seus planos de atacar a fronteira, mas ela não o estava escutando.

—É verdade —disse a mulher, com o olhar perdido em algum ponto do caminho que levava ao castelo— Não sei se eu teria feito o mesmo pelo meu Magnus. —benzeu-se por respeito a seu falecido marido— Amava seu pai. Deu-me uma dúzia de filhos, mas...

—Ganhou seu respeito então? —perguntou ele, ao ver que deixava a frase no ar. Teria sido um golpe de sorte.

—Reconheço que a moça tem o que deve ter —admitiu sua mãe, retirando o cabelo castanho com fios prateados do rosto.

—Oh, sim. —Broc sabia bem.

—E para uma inglesa, até que não é feia. Ter o cabelo vermelho ajudará —prosseguiu a mulher, dando golpezinhos no lábio inferior— Não terá problemas com suas tias, nem com suas irmãs. Os anciões já são outro assunto. Contribui com algo para o casamento? Algum título, propriedades?



Broc sabia onde iria parar essa conversa. Em algum momento, pensou que seria melhor esconder a verdade de sua mãe, mas ia ser impossível. Melhor que soubesse por sua boca o quanto antes.

—Não contribui com nenhum dote. É lady Ives porque seu pai é um importante cortesão a serviço do rei da Inglaterra.

—É a filha de um conde? Um marquês talvez? —perguntou com muito entusiasmo.

Broc deu um passo atrás e desembainhou a espada, preparando-se para sua reação.

—É a filha do verdugo do reino.

—Deus do céu —sussurrou a mulher, e ficou olhando com uma estranha fascinação no olhar— Tem experiência com armas, então?

Broc baixou a cabeça para que não o visse sorrir. Lizbeth era muito mais que a filha do verdugo.

—É uma curandeira, como a avó, embora saiba melhor o que se faz. É muito protetora e suspeito que será uma grande mãe, mas não suporta as armas. É mais aficcionada às flores e criar essências.

Ao explicar suas qualidades, Broc percebeu a sorte que teve ao conhecê-la.

—Não se pode proteger a Escócia com flores. Terá que aprender a usar uma arma.

—Vai muito depressa, mãe —riu ele— Acaba de conhecê-la e já quer que empunhe uma espada. O que lhe parece se começar por algo menos agressivo, como delegar suas funções? —propôs, oferecendo-lhe o braço e respirando aliviado, quando ela o tomou.

—Posso confiar que estará a salvo no castelo enquanto estou fora? —acrescentou.

—Estará a salvo —afirmou a mulher, olhando sua espada.

—Assim espero, mãe, ou se encontrará vivendo com a avó e ordenhando suas cabras.

—Chis...

Ouviram-se umas risadas.

«Que cheiro é esse?», pensou Lizzy. Seu olfato despertou antes do resto de seu corpo. Gemeu e abraçou o travesseiro da cama de Broc, sua cama; uma cama muito grande e muito vazia. Esticou as pernas e esfregou os pés contra os suaves lençóis. Oh, as coisas que pensava fazer com seu marido naquele leito. Só de pensar nisso sentiu um formigamento em partes de seu corpo que ainda estavam sensíveis de seu último encontro. Ele havia dito a última palavra no dia anterior, antes de partir para Edimburgo, mas teria sua revanche. Logo.

Foi percorrendo com a mente todos os lugares de suas acomodações onde pensava assaltá-lo. Esperaria nua no banco de veludo sob as janelas, para que a luz do entardecer refletisse sua pele. Fariam amor sobre o tapete verde escuro e escarlate, em frente a



lareira. E Broc nem fazia idéia de seus planos. Não iria ser sempre ele quem teria o controle da situação.

Revolveu-se e seus seios nus roçaram os lençóis. Bocejou e voltou a farejar. «Cheira a terra. E a algo mais.» Cheirava a geléia de pêssego sobre uma torrada de pão muito queimado.

Voltou a ouvir as risadas.

—Chis...

Abriu os olhos sobressaltada e, agarrando a pesada colcha, subiu-a até o queixo. Crianças. Cheirava a crianças. Um montão de crianças se apinhavam aos pés de sua cama, rindo e dando-se cotoveladas. Dois, quatro, seis, oito... Contou-os aos pares.

Santa Mãe de Deus, haviam dezoito! Com os olhos azuis, verdes, outros de um castanho tão intenso que parecia negro. Meninos sujos com espadas de madeira e meninas com flores no cabelo. Lizzy ficou olhando. Que outra coisa podia fazer? Estava nua. Broc havia pedido que dormisse sem roupa e pensasse nele freqüentemente enquanto estivesse ausente. Por que o ouviu?

Podia gritar, mas não queria assustá-los.

—Bom dia, milady —saudou-a uma menina com o cabelo cor de cenoura fazendo uma reverência— Nos escapamos de nossas obrigações matinais para conhecê-la.

O resto dos meninos assentiram.

—Sou Lucy, a filha de Radella —continuou a mesma menina.

—A tia de Broc? —perguntou ela distraída, ainda preocupada com sua nudez.

Os meninos negaram com a cabeça e franziram o cenho.

—Não, da irmã de milord Broc. A tia Radella de milord é a irmã de minha avó, mas não da velha avó, que vive no castelinho fora das muralhas.

Ao ouvi-lo nomear à avó, outros meninos abriram muito os olhos e negaram com a cabeça com mais energia. Um pirralho menor, moreno e com enormes olhos negros e o rosto sujo estendeu uma mão e beliscou-lhe os dedos de um pé.

Lizzy retirou o pé. Além de Eli e Martin, não tinha nenhuma experiência com crianças. E dois eram muito menos que dezoito. E certamente havia muitos mais brincando de correr por aí. Como ia encarregar-se de uma família tão grande? O pequeno voltou a estender a mão e beliscou de novo o pé, enquanto cobria a boca com a outra mão para esconder uma risada travessa.

—Broderick gosta de você —repreendeu-o Radella.

«Broderick?»

—É o sobrinho de milord Broc? —perguntou Lizzy, afeiçoando-se imediatamente com o pestinha.



Ele assentiu, inchando o peito, e voltou a beliscar-lhe o pé. Era teimoso, arrogante e quando fosse mais velho seria tão bonito como seu tio.

— Levante-se — ordenou o pirralho, que cada vez mais recordava Broc.

Lizzy ruborizou-se enquanto todos as crianças esperavam que saísse da cama. Iriam ter que continuar esperando.

— Podem me dar um pouco de privacidade?

Todos assentiram, mas nenhum se moveu. As meninas torciam as saias. Os meninos simplesmente observavam. Talvez não a entenderam. Ali as pessoas falavam de outra maneira?

— Tenho que me lavar. Preciso que me deixem sozinha.

Todos assentiram uma vez mais, mas nenhum se moveu do lugar. Estava presa. Quando o pequeno Broderick pôs um joelho na cama, Lizzy arregalou os olhos.

— Crianças, colocaram-se em uma confusão. Em uma confusão muito grande — ameaçou uma mulher alta que acabava de entrar, e que erguia-se sobre eles com as mãos nos quadris e os olhos entreabertos.

Todos voltaram-se e ficaram de costas para Lizzy, em formação, com as mãos unidas atrás das costas.

— Irão acabar limpando as escadas. Crianças, deixem as espadas aos meus pés. Hoje não haverá brincadeiras. Venham, todos correndo aos estábulos para terminarem suas tarefas. Meninas, vão à cozinha ajudarem com a comida. Depois vão à horta e ajudem à tia Jean a arrancar as más ervas.

Os pirralhos empurraram-se uns aos outros para serem os primeiros a chegar à porta. As espadas de madeira ressonaram aos pés da mulher, enquanto o montão de brinquedos ia crescendo.

— Você também, pequeno Broderick.

— Seja boazinha — replicou o menino, movendo o dedo para cima e para baixo. Logo voltou-se para Lizzy, fechou os dois olhos com força, no que certamente pretendia ser uma piscada, e saiu disparado.

Lizbeth esteve a ponto de rir, mas não conhecia a mulher e decidiu ser prudente. Pelo menos, não carregava uma espada. Parecia-se muito com Broc: cabelo negro ondulado, olhos azuis, lábios carnudos. Supôs que fosse uma de suas muitas irmãs e rezou para que não se parecesse com sua mãe. Só de pensar nos olhares de soslaio que deu-lhe sua flamejante sogra durante o trajeto até o castelo de Skonóir, sentia calafrios.

A mulher recolheu as espadas com o cenho franzido.

— Perdoe sua curiosidade, milady, mas asseguro que serão severamente castigados.

— Não, por favor — suplicou Lizzy, e os olhos encheram-se de lágrimas. Era insuportável pensar no que para ela seria um severo castigo para aquelas crianças— Só



queriam me conhecer. É minha culpa. Ultimamente dormi muito pouco, e ontem me retirei antes conhecer as pessoas. —O certo era que, depois da partida de Broc, não tinha coragem para sair do quarto— Por favor.

A mulher dedicou-lhe um amplo sorriso, o que fez com que se formassem umas covinhas nas bochechas iguais as de Broc.

—Quatro deles são meus e de meu marido Gregor, incluindo o pequeno Broderick. Farei-os saber que os livrou de limpar a cisterna. Sou Deirdre, a irmã de Broderick.

—Por favor, desculpe-me por não levantar —respondeu Lizzy, sentindo-se ridícula, escondida atrás das mantas.

—A esposa de John está no corredor. Faça-a entrar para que a ajude ou prefere uma donzela?

—Não preciso de uma donzela, mas faça entrar Celeste, por favor.

—Sim, milady —respondeu Deirdre, com uma reverência.

Lizzy ergueu o pescoço enquanto sua cunhada se retirava.

—Prazer em conhecê-la. Meu nome é Lizzy.

—Sei. Minha mãe esteve falando de você toda a tarde. Todas estamos igualmente ansiosas para conhecê-la, como as crianças, mas temos um pouquinho mais de disciplina. Bem-vinda a Skonóir, espero que desfrute de sua estadia entre nós. —Voltou a fazer uma reverência com os braços carregados de espadas e desapareceu.

Lizzy ia desfrutar de sua estadia na Escócia, não tinha nenhuma dúvida, como seus sobrinhos. Já estava imaginando Martin brincando com os guerreiros, com os sobrinhos de Broc. De repente, pareceu-lhe egoísta sentir-se tão feliz. Desde que soube que os meninos estavam vivos, quase não tinha pensado em seu pai. Embora encontrasse coragem de pedir a Broc que o ajudasse, duvidava muito que Osborn Ives aceitasse ir para a Escócia, e muito menos jurar lealdade a um laird escocês. O mais provável era que vivesse e morresse na Torre, a serviço do próximo rei da Inglaterra, e que depois disso passasse a eternidade no inferno, pagando por seus pecados. Lizzy teria que conformar-se, continuar rezando por sua alma e esperar que Deus se mostrasse misericordioso.

—Lizzyyyy! —gritou Celeste entrando no quarto, fechando a porta atrás de si e lançando-se sobre a cama.

O colchão de plumas afundou e ricocheteou várias vezes sob seu peso.

—Alegro-me tanto de vê-la sã e salva, amiga minha —respondeu ela.

Celeste ficou de lado e apoiou-se em um cotovelo.

—Tinha razão, Lizzy, a Escócia é magnífica. John tem uma casinha junto às muralhas. Não é muito grande, mas tem tudo o que preciso para trazer nosso filho ao mundo.

—Por favor, perdoe-me por contar seu segredo a lorde Maxwell. Estava preocupada com você.



—São águas passadas. John está encantado, e sua família também —tranqüilizou-a Celeste, deitando-se e olhando o dossel da cama— Tenho tantas coisas para contar. Beatrice adaptou-se perfeitamente à vida no pátio com as demais galinhas e mantém o galo em seu lugar. É uma criatura arrogante que lembra alguns escoceses que conheci por aqui.

—Muito obrigado por cuidar dela. Fez uma longa viagem e deve estar encantada de hospedar-se, por fim, em algum lugar. —Por outro lado, Lizzy se alegrava de ter algo perto que recordasse Edlynn.

—Você também será feliz aqui —acrescentou Celeste, voltando a ficar de lado. É como uma festa contínua. Os membros do clã se reúnem a cada noite no grande salão. Comem e bebem, cantam e dançam e se comportam como loucos. Vai ver quando conhecer Radella e Jean. Doerá o estômago de tanto rir.

—As tias de Broc? —perguntou Lizzy, esperando aprender logo todos os nomes.

—Sim, tem muita vontade de conhecê-la. Por que não se levanta? Está doente?

—Estou nua.

Sua amiga pôs-se a rir as gargalhadas e saltou da cama em busca de algo que pudesse usar. Enquanto a ajudava a vestir-se com um traje de veludo escarlate e um manto com o xadrez do clã, continuou falando de todas as pessoas que conheceu desde sua chegada. Penteou-lhe o cabelo em uma coroa de tranças ao redor da cabeça, presas com forquilhas adornadas com pedras preciosas.

—Parece uma rainha —disse ao acabar, dando um passo atrás para poder admirá-la— Certamente, não parece a filha de um verdugo.

Imediatamente, Lizzy agarrou as mangas com as mãos e começou a retorcê-las.

—Celeste, diga-me por favor que guardou o segredo —pediu, preocupada. Teve tão poucas pessoas em sua vida e tinha tanta vontade de ser aceita.

A expressão da mulher apagou-se.

—Confesso que disse a John, mas somente a ele. Não fui eu quem disse ao clã inteiro. Foi lady Maxwell.

—Todo mundo sabe? —perguntou ela, com os olhos cravados nos lençóis de seda. Encontrou o rosário de sua mãe no bolso do vestido. Não merecia usar aqueles objetos, nem estar naquele quarto. No princípio teriam medo dela, até que descobrissem que era uma covarde. E não poderia suportar que alguém tratasse mal Eli ou Martin por culpa de suas origens.

—Preocupa-se sem razão. Lady Maxwell já disse a todo mundo que não carrega uma espada na mão — tentou tranqüilizá-la Celeste, com uma risadinha. Levantou-a puxando-a pelas mãos e a arrastou até a porta.

A mãe de Broc não tornaria as coisas fáceis, estava claro. Não sabia se teria forças para enfrentá-la.



—Que mais disse lady Maxwell?

—Ouvi-a dizer a Radella e a Jean que iria treiná-la.

—Treinar-me? E o que quer dizer?

Celeste encolheu os ombros, sorriu e empurrou-a para o corredor.



Capítulo 18

Cinco dias nas mãos de Muira Maxwell pareciam eternos.

Lizzy ajustou o pesado capacete e revirou os olhos ao cravar o olhar em sua sogra lado e lado do protetor metálico que cobria seu nariz. Queria derrotá-la, mesmo que fosse somente uma vez. Talvez assim pudesse ter uns instantes de paz.

Os parentes de Broc alinhavam-se ao redor do campo de treinamento, gritando palavras de incentivo. Homens, mulheres e crianças, vestidos com tecidos xadrez multicoloridos. Celeste estava ao lado de John, observando a cena através das mãos abertas com as quais não conseguia cobrir os olhos, e parecia a única que se preocupava com a integridade física de Lizzy.

—Vamos, Lizbeth. Recupere a posição —disse Muira, segurando a espada em um ângulo ameaçador que a obrigou a adotar uma posição defensiva.

Depois de lutar com aquela mulher dia a dia, até o anoitecer, Lizzy já não estremecia cada vez que sua mão tocava o punho. De fato, se não estivesse tão carregada com os armamentos, acreditava que não seria mal.

Muira rodeou-a e lançou uma nova estocada.

Ela a bloqueou. O som do metal contra metal a fez pensar em unhas arranhando-lhe o crânio por dentro. O calor fazia com que custasse mais mover-se e o peso do capacete estava provocando-lhe uma contração na nuca. Coberta com uma cota de malha e vestida com calças de homem, não era fácil mover as pernas devido as proteções metálicas que usava nas coxas.

—Sua atuação de hoje é lamentável —provocou Muira, puxando a espada de lado com um amplo movimento que a deixou desprotegida. Ao ver que Lizbeth não reagia, levantou a outra mão, exasperada— Deixou passar outra oportunidade de me atacar. Pensa ganhar de seu oponente somente defendendo-se?

Embora o sangue fervesse, Lizzy mordeu a língua; o que realmente gostaria era de morder aquela víbora. Se não estivesse tão abarrotada de comida, talvez o tivesse feito. Mas ainda tinha o estômago cheio de pão, hidromel e um pescado muito gostoso.

—Talvez a moça precise de um pouco mais de energia —sugeriu tia Radella, aproximando um pão-doce do qual gotejava molho de framboesas.

As tias queriam engordá-la para quando ficasse grávida. Mas como se atreviam-se a aproximar-se com outro bolo de cordeiro, outra torta ou outro arenque, iria atirar-lhes pela



cabeça. Por mais que desejasse ganhar o respeito da família de Broc, não podia permitir que seu corpo pagasse as conseqüências.

—Coma você, Raspa —disse Muira, erguendo a espada para o céu— A moça já está bastante branda sem seus pães-doces.

Clang!

Lizzy bloqueou outro golpe que lhe fez tremer o braço até o ombro. Com o estômago revoltado, os músculos esgotados e a cabeça transbordante de informação sobre a rotina diária do castelo, duvidava que fosse capaz de sobreviver entre aquela gente. Apesar das luvas protetoras, já tinham saído marcas em suas mãos, que estavam transformando-se em calos. Vestida com roupas de homem e cheirando a couro e suor, já não se sentia a mulher com quem Broc se casou.

—Crave a espada para frente, milady! —sugeriu, a gritos, Gregor, o marido de Deirdre, enquanto o pequeno Broderick imitava os movimentos de Muira com sua espada de madeira.

—Agarre o punho com as duas mãos —apontou Reynold, o marido de Beth.

Lizbeth levantou o braço para bloquear outra estocada com o protetor metálico.

—Milady, por favor, basta por hoje.

—Mas se ainda não é nem meio-dia —rechaçou Muira, detendo-se só o tempo de subir as mangas antes de voltar a atacar.

Lizzy ergueu a lâmina de sua espada rapidamente, colocando-a na horizontal sobre sua cabeça para repelir o golpe. Quando os metais chocaram-se, sentiu o impacto por toda a coluna vertebral. Que o diabo a levasse! Talvez no inferno conseguisse fazer suar Muira. Jogou a espada no chão, tirou as luvas e começou a tirar a armadura.

—Por acaso vai abandonar a luta? Não quer que seu marido esteja orgulhoso de você, quando voltar de Edimburgo?

Broc era a única razão pela qual Lizzy passava os dias combatendo com aquela harpia. Queria ser forte para que ele sentisse orgulho, mas já estava cansada de seguir as instruções de todo mundo, como se fosse uma marionete. Com as mãos nuas, agarrou a espada com facilidade. Sentia-se muito ágil sem todo aquele ferro prendendo-a.

—Se ganhar, deixará-me em paz o resto do dia.

Muira franziu o cenho.

—No caso improvável de que ganhe, somente conseguiria passar o dia preocupando-se por seus sobrinhos. Seu carcereiro aceitou os termos de Broderick; viu na carta que enviou.

Era certo, tinha visto e quase teve um ataque de apoplexia ao ver o pajem de lorde Hollister chegar com a carta, três dias atrás. Além do documento, o bastardo exigia que



Lizbeth voltasse a ficar sob a tutela de seu pai. Se não cumprisse suas instruções, deixaria de alimentar os meninos.

—Não confio nesse homem.

—Não vai matar seus sobrinhos. Só tem a eles para negociar. E o melhor que pode fazer você enquanto espera seu marido é treinar e manter a mente ocupada.

À medida que transcorriam os dias, Lizzy aguardava a volta de Broc com mais impaciência. Não por ela, mas sim por Eli e Martin. E enquanto esperava, lutava.

—Talvez hoje possa dedicar-me a me preocupar com meu marido, para variar. Ou com Smitt e os cinco guerreiros que o acompanharam em sua missão.

—São homens feitos. Smitt está acostumado a desaparecer às vezes durante meses. Provavelmente está percorrendo a fronteira de cama em cama. Arrume uma desculpa melhor, ou terá que continuar lutando —concluiu Muira, inclinando a cabeça.

Embora ela quisesse ir à Torre, Broc tinha proibido que a deixassem sair de Skonóir. Não a tinham deixado atravessar os muros desde sua chegada e começava a sentir-se prisioneira. Se Muira estava disposta a negociar, negociariam.

—Se ganhar, quero me banhar... sozinha. E quero colher flores... sozinha. E quero um dia inteiro livre para trabalhar nas ervas.

Sua sogra revirou os olhos, um gesto que recordou-lhe Broc.

—De acordo.

Agora Lizzy tinha uma nova motivação. Conseguir um pouco de paz e de intimidade. Separou as pernas e, cravando os cotovelos lado a lado do corpo, tal como tinham ensinado, bloqueou todos os golpes de Muira.

—Milady, milady! —animava a multidão. Lizzy não sabia se estavam animando a ela ou à mulher, mas tampouco se importava. A única coisa que importava era um bom banho com óleos aromáticos e com o sabão especial de tia Radella. E uma noite a sós no quarto do laird, por mais que tivesse saudades de Broc. Não deixava de ser curioso que sentisse falta do que a tinha aborrecido toda a sua vida: a solidão.

—Se pretende ganhar, vai ter que atacar, mesmo que seja só uma vez.

Não havia nada a fazer. Mesmo que conseguisse enviar sua sogra ao inferno, devolveriam-na à Terra como arrogante. Lizzy levantou a espada e atacou com todas suas forças.

Falhou e perdeu o equilíbrio.

Muira começou a rir.

—Chama isso de atacar? Parece que estava dançando. Mova a arma e crave, moça, crave! Imagine que tem o seu pior inimigo diante de você.



O rosto de lorde Hollister apareceu em sua mente, enchendo-a de um aborrecimento tão intenso que quase a cegou. Atacou, uma vez, duas, em cada ocasião com mais força. Foi contando as estocadas.

Muira bloqueou uma vez. E outra. Lizzy não ganharia nunca. Nunca teria paz. Amaldiçoou Broc por havê-la deixado nas mãos daquele bando de selvagens. Apertou os dentes e com um grunhido ergueu a espada por cima da cabeça.

E golpeou.

—Maldição!

Tinha alcançado Muira na parte externa da coxa. Viu, horrorizada, que o sangue estava ensopando as calças.

—Minha mãe! Sinto muito, milady.

Sem fôlego, sua sogra secou a fronte com a manga e chamou um escudeiro para que recolhesse a espada.

—Um guerreiro nunca pede desculpas depois da batalha. Acertou-me. Estou sangrando. Você ganhou —admitiu, baixando a cabeça, o que provocou um grande aplauso dos que as rodeavam— Está preparada.

—Preparada para que? —perguntou ela, ofegando.

—Para se defender se alguém atacá-la.

Um agradável sentimento de vitória percorreu-lhe as veias. Sentia-se capaz de retornar à Torre; subir a escada, espada na mão, e matar Hollister. Segurou o punho com mais força enquanto desfrutava dessa sensação de triunfo tão pouco familiar.

—Vamos. Diremos às donzelas que subam água ao seu quarto —disse Muira, dando um passo para a fortaleza.

—Vou recolher as primeiras flores —replicou Lizzy, com a espada apoiada no ombro.

—Aonde vai? —perguntou sua sogra, ao ver que se dirigia à guarita do guarda.

—A menos que haja outra maneira de cruzar o fosso, vou para lá —respondeu, assinalando a ponte levadiça.

John e Reynold interpuseram-se em seu caminho. Lizbeth não teve que voltar-se para saber que Muira havia ordenado que o fizessem, provavelmente estalando os dedos.

—Não pode sair para fora dos muros. Seu marido proibiu. É perigoso.

—A fronteira fica longe. E a avó vive fora dos muros. Estive ali dois dias quando cheguei.

—Então ainda não estava casada. A ninguém interessa a avó, mas como esposa do laird está exposta a ameaças constantes. Nosso dever é protegê-la.

Já não estavam discutindo sobre flores. Era seu status que estava em jogo. Lizzy ocupava uma posição superior a de Muira no clã e devia deixar isso claro a todos.



—Milady, passei toda minha vida encerrada entre muros e não penso ser prisioneira em minha própria casa. Ganhei e vou ao prado. Como esposa de seu líder, ordeno que não se coloque em meu caminho.

Estava desesperada para perder de vista sua sogra, e não se importava ter que levar a metade dos guardas com ela para consegui-lo. Voltou-se para John e Reynold.

—Cavalheiros, importam-se de serem minha escolta esta tarde?

Os homens olharam para Muira por cima do ombro de Lizzy. A mulher deve ter lhes dado permissão, porque aceitaram encantados e afastaram-se do caminho para deixá-la passar. Assim que começou a caminhada, ouviu que mais passos a seguiam. Ao voltar-se, viu que vinha atrás dela um pequeno exército de seis guerreiros.

Com um grunhido, recomeçou a marcha rapidamente. Quando Broc retornasse, iria estrangulá-lo com suas próprias mãos.

O rosto de Lizzy brilhava pela umidade do ar, que ameaçava tormenta. Depositou um exemplar de heliotrópio de flores lilases nos braços estendidos de John. Sua fragrância a tranqüilizou. Quando começaram a cair gotas em seu rosto, lembrou-se de Broc. A combinação da lembrança e o aroma a fizeram sorrir.

Inclinando-se sobre um abedul prateado, cortou um ramo e o deixou sobre as demais. Ao erguer os olhos para o rosto de John, viu que o escocês também sorria.

—Celeste estava preocupada com você, milady. Alegro-me de poder dizer que é feliz.

—Nos tornamos amigas quando estivemos sozinhas, John. E o que o faz pensar que sou feliz? —perguntou ela, cortando um molho de ervas com a espada.

—Seu sorriso. É contagioso —respondeu o homem, assinalando a outros guerreiros com um movimento de cabeça— Não sabia que Duffy tivesse dentes.

Lizzy conhecia John e conhecia Reynold, o marido de Beth, mas não sabia qual dos outros quatro era Duffy. Olhou-os com mais atenção e os guerreiros esboçaram um tímido sorriso. Eram grandes e fortes como as velhas árvores que os rodeavam. Todos eles pareciam deslocados, com os quadris e as costas carregadas de armas, mas os braços ocupados por montes de flores de diferentes cores.

Lizbeth devolveu-lhes o sorriso, pensando que estavam tão deslocados no prado como ela dentro dos muros, tentando ser a senhora do castelo. Nunca iria estar à altura de lady Muira. A mulher estava há trinta anos ocupando esse posto. Tinha o porte de uma rainha entre as mulheres e os homens. Havia ido à batalha para defender seu clã. Lizzy era justamente o contrário: amável, tímida, inglesa.

Negando-se a permitir que sua sogra estragasse sua felicidade no momento, secou as mãos nas calças e voltou-se para John.

—As flores me fazem feliz e a chuva recorda-me um baile.

—Um baile com Broc? —perguntou ele, piscando um olho.



—Contou-lhe isso? —Lizzy sentiu que começava a ruborizar-se.

—Não, imaginei isso. —John entreabriu os olhos e examinou o bosque que os rodeava— Deveríamos voltar.

O homem estava tentado convence-la de que retornassem desde o mesmo momento em que saíram das muralhas.

—Temo não me dar bem aqui.

John soltou um grunhido de frustração.

—Estou de acordo. Este não é seu lugar. O lugar da esposa do laird é aquele —replicou, assinalando a fortaleza.

—Não, refiro-me a Escócia. Muira não gosta de mim.

—Há anos não treinava ninguém. Deixou-a ganhar, moça. Acredite, ganhou o seu respeito.

Ela acariciou o punho da espada.

—Não me deixou ganhar. Venci-a por meus próprios méritos.

—Tia Muira baixou a guarda, mas asseguro que não a teria deixado ganhar se tivesse imaginado que fosse sair do castelo.

—Estamos em território Maxwell —replicou Lizzy, franzindo o cenho— A entrada de Skonóir está atrás dessa colina. Tão mal protegida está a fronteira que sente que estamos em perigo?

—Não estamos em perigo. Você está. É muito valiosa para o clã. Desde o momento em que Broc casou-se com você, transformou-se num prêmio para os salteadores. Percorrem a fronteira roubando ganho e algo que possam pedir um resgate. Lorde Maxwell pagaria o que pedissem para recuperá-la.

—Por que Muira não me disse isto?

—Não quer que se preocupe.

—Não quer que me preocupe? Mas acho que quer me humilhar —disse ela, iniciando o caminho de volta— Não estou acostumada a apostar, mas se o fizesse, apostaria que me deixou sair com a esperança de que não voltasse. Alguém deveria ter me falado dos salteadores. Não quero que meus caprichos custem dinheiro ao clã. Nem homens. Peço desculpas por minha falta de consideração ao título que ostento. Não estou acostumada a ser alguém de valor.

John acelerou o passo até ficar ao seu lado. Outros os seguiram.

—Mas como filha do verdugo deve ter sofrido ameaças contra sua pessoa.

—A maioria das pessoas foge de mim como se tivesse uma enfermidade contagiosa —reconheceu Lizzy, afastando o cabelo do rosto para ver a expressão de John— Realmente, pareço capaz de cortar a cabeça de alguém enquanto compro uma meia de seda na rua Watling?



—Não —respondeu ele, rindo, o que demonstrou-lhe uma vez mais que os escoceses não tinham tantos prejuízos como os ingleses.

O som de alguém que se afogava fez com que se voltassem.

Um dos homens estava de joelhos entre as flores que esteve segurando fazia um segundo. Tinha o olhar perdido e um rastro de sangue caía de sua boca.

Lizzy conteve o fôlego enquanto todos outros soltavam sua carga de cores para empunhar as armas.

O bosque ganhou vida. Detrás dos troncos começaram a aparecer braços e pernas. Outros homens se levantaram do chão, onde estavam escondidos sob um manto de folhas, deixando a descoberto seus uniformes de cor escarlata e dourada.

—Leve-a a Skonóir —ordenou Reynold a John.

—Maldito seja! —O escocês agarrou-a pelo braço e puxou, mas os pés de Lizzy pareciam cravados no chão.

—São salteadores? —perguntou, querendo saber a quem enfrentava.

—Não, usam as cores de York.

—São homens de Gloucester? —perguntou ela com o coração acelerado. Um olhar para trás indicou que para cada escocês havia três soldados uniformizados. Tropeçou, mas John a segurou com força e continuaram correndo. O instinto de sobrevivência deu-lhe forças para subir a colina. Quando a ponte levadiça apareceu diante deles, a garganta ardia. Não estava longe, mas os cascos dos cavalos que os perseguiram estavam mais perto.

John retorceu-se e caiu no chão com uma adaga cravada no ombro até o punho.

—Corra! —ordenou-lhe.

Lizzy empunhou sua espada enquanto os homens de Gloucester a rodeavam em um torvelinho de cores. Um deles jogou-se em cima dela, cravou-lhe o joelho no peito e a desarmou com tanta facilidade como se fosse uma criança. Embora quase não pudesse respirar, retorceu-se e lutou, empurrando-o pelos ombros e tentando cravar as unhas no rosto. Mas o inglês segurou-a pelos pulsos com uma só mão e a levou de rastro colina abaixo.

Olhando para o lado, viu John, de barriga para baixo, imóvel.

—Não! —gritou, esperneando desesperadamente— Solte-me! —Tinha que ajudar o homem.

Logo o aroma das flores misturou-se com o aroma do sangue. Levantou a cabeça e viu os cinco guerreiros Maxwell deitados entre pétalas ensangüentadas. Era uma imagem que não iria nunca tirar da cabeça.

Sentiu a bÍlis na garganta. Todos eles eram pais, ou filhos ou maridos de alguma das mulheres do clã. Pensou em Celeste e em seu filho que ainda não tinha nascido e quis voltar a chorar, mas nesse momento os homens de Gloucester a imobilizaram no chão, dois



em cada perna e um em cada braço. Seus olhos cravaram-se em um raio de luz que tentava abrir passagem entre as nuvens, mas uma sombra se interpôs em seu caminho e o pior demônio de seu passado apareceu diante de seus olhos: lorde Hollister.

Seu cabelo negro e ondulado emoldurava o rosto envelhecido, mas foi o olhar de ódio que dirigiu a ela que fez com que um calafrio percorresse suas costas. Começou a tremer como uma folha. Voltou o rosto para não ver como erguia o queixo e sorria com arrogância. Todas as tentativas de Broc para transformá-la em uma mulher valente tinham fracassado: estava petrificada pelo medo.

Lorde Hollister levou, com a ponta de sua espada, o queixo de Lizbeth até seu peito, passando pelo pescoço. Ao chegar às costelas, deteve-se e cravou com mais força, atravessando a túnica.

—Sempre gostou de contar, Lizzy. Quantos homens acha que tive que matar para encontrá-la? —provocou-a, tirando a metade do pergaminho do casaco e jogando-lhe no rosto— Quero a outra metade.

—Acha que sou tão idiota para levá-lo comigo? Lorde Maxwell prometeu que o entregaria em troca de meus sobrinhos.

—Não confio na palavra de um escocês, nem da sua puta.

—Não sou sua puta, sou sua esposa, e está nas terras de meu marido sem autorização —replicou, apertando os dentes.

—Atreve-se a me ameaçar? —Lorde Hollister deixou-se cair de joelhos, cravando um deles entre suas coxas—.Seus guardas estão mortos e seu marido não está aqui para protegê-la. Você deveria saber melhor do que ninguém que a morte é uma bênção comparada com as coisas que posso fazer contra você Diga-me, Lizbeth, seu marido ainda vai querer você depois que passar pelas mãos de trinta ingleses?

Percorreu-lhe a cicatriz no rosto com um dedo. O contato físico daquele homem era insuportável. Como resposta a sua ameaça, cuspiu-lhe no rosto:

—Meu marido o matará.

Dedicou-lhe um sorriso.

—Teria que levantar a Escócia inteira para me vencer — criticou, secando a saliva da barba— O exército de Gloucester está do meu lado. E outro com trezentos soldados vem a caminho para escoltar o novo rei.

Como era possível?

—Mas estavam conspirando contra o rei que Gloucester jurou proteger...

—O que a faz pensar que não agi seguindo ordens do próprio Gloucester? Quem acha que vai herdar a coroa do rei Eduardo?

—O príncipe Eduardo —respondeu ela, sem hesitar.



—Não se Gloucester o declarar bastardo. Nesse caso, o herdeiro seria o próprio Gloucester.

—Não, está mentindo. Se estiver conspirando com ele, não teria me levado até York. Denunciei-o como o que é, um traidor.

Lorde Hollister fez uma careta.

—Mas não lhe deu o documento. E sem provas, não me custou nada convencê-lo de que os traidores não foram nem Buckingham, nem eu, mas você, que tinha ajudado um espião escocês a fugir da Torre. O duque odeia os escoceses e acha que está conspirando com eles.

—Pois então é um idiota que não reconhece um inimigo nem tendo-o diante do nariz.

—Melhor para mim.

—E se já convenceu Gloucester de sua inocência, o que faz aqui?

—Buckingham enviou-me para recuperar a outra metade do documento. Além disso, penso desfrutar do castigo que darei a você por tê-lo roubado.

Lizzy não tinha nenhuma dúvida. As macabras imagens de todas as execuções que havia presenciado vieram a sua mente e sentiu-se desfalecer. Kandem morreu com um golpe rápido. Ela não ia ser tão afortunada.

—Por que me odeia tanto? —perguntou, sem poder evitar.

—Porque compartilha o sangue do bastardo que roubou minha mulher e meus filhos.

—Nunca foram seus. —antes que acabasse a frase, ele levantou a mão e a esbofeteou. A dor cresceu no mesmo ritmo que os batimentos do seu coração.

—Amarrem-na em um cavalo.



Capítulo 19

—Vá ao grande salão e anuncie minha chegada — ordenou Broc — Desejo falar um minuto a sós com minha esposa, antes de me apresentar diante deles.

—Muito bem, milord. —O homem desmontou, soltou as rédeas de sua montaria e as entregou ao escudeiro que saiu ao seu encontro.

Broc subiu correndo as escadas da fortaleza, ansioso para ver Lizbeth. Com um pouco de sorte, os homens estariam ainda no salão e as mulheres muito ocupadas deitando as crianças, para vê-lo escapulir. O corredor estava estranhamente tranqüilo.

Cada vez mais convencido de que conseguiria seu objetivo, subiu a escada de caracol que levava ao segundo andar de dois em dois degraus. A viagem a Edimburgo tinha sido proveitosa. Lizzy gostaria de saber que o rei Jacobo já havia enviado embaixadores a França e estava inclusive pensando na possibilidade de assinar a paz com a Inglaterra. O tempo que tinha passado fora confirmou que o que sentia não era algo passageiro. Lizbeth era uma parte dele. Não podia governar o clã Maxwell sem ela ao seu lado. Sua esposa lhe dava forças, o fazia invencível. E pensava dizer isso a ela. Mas depois de fazer amor. Duas vezes. Ou talvez três, antes de partir para Londres. Só de pensar nela e em seu sabor único sentia água na boca.

Ao abrir a porta de seu quarto, encontrou-o vazio e frio. Maldição! Bom, sua ausência só podia significar que enquanto ele não estava, integrou-se no clã. Estaria no grande salão, falando com as demais mulheres.

Desceu rapidamente até lá, mas ao chegar só encontrou sua mãe acompanhada de várias donzelas.

Algo não estava bem.

—Onde está Lizbeth?

Muir voltou-se. Tinha o rosto muito pálido e olheiras debaixo dos olhos vermelhos e inchados.

—Não está.

—Como assim, não está? —perguntou Broc, aproximando-se dela.

—Ontem a tarde, sua esposa saiu para colher flores e não retornou —respondeu, dirigindo o olhar para a lareira apagada, sem dúvida para ocultar sua culpa.

Ele sentiu que perdia o controle, a respiração acelerou. Sua mão aproximou-se do punho da espada.



—Dei ordens expressas de que não saísse da fortaleza. Quem as desobedeceu?
Sua mãe fechou os olhos.

—Eu dei a permissão para que saísse.

—O que? —gritou Broc. As donzelas saltaram e saíram correndo como galinhas assustadas. Não queria pensar mal de sua mãe, mas não lhe deu motivos para que pensasse de outra maneira— Ergueu a ponte levadiça depois que ela saiu?

—Não, não é o que está pensando — defendeu-se a mulher, dando um passo para ele. Seus olhos cinzentos estavam apagados, tristes, suplicantes.

Broc afastou-se, mantendo a distância. Tinha medo de perder o controle. Apertou os punhos com força. Embora fosse sua mãe, todos seus instintos pediam que brigasse. Por que ela não carregava, nesse dia, a espada?

—Não preciso que disfarce. Sei que você não gosta dela. Culpa-a pela morte de Aiden.

—Por que teria que culpá-la?

Não tinha paciência para seus jogos.

—Não se faça de tola, mãe, quem acha que nos interrogou na Torre?

A mulher entreabriu os olhos e inclinou a cabeça.

—Disse-me que um marido ciumento deu uma surra em Aiden.

—E assim foi, mas chegou à Torre com vida. O pai de Lizbeth terminou o que tinha começado o conde de Kressdale. Mas suspeito que já sabia. Por isso, enviou-a para fora. Para castigá-la pela morte de Aiden. —Sabia que isso aconteceria. Por que acreditou em sua mãe?

Ela pressionou o peito com as mãos e respirou fundo várias vezes.

—Aiden já não está entre nós. Não culpava sua esposa antes e não o faço agora. Acusa-me de algo que não mereço. Não saiu da fortaleza desprotegida. Seis guerreiros a acompanharam. Ao ver que não retornavam, enviei tio Ogilvy para buscá-los.

—E? —perguntou Broc, sentindo um calafrio gelado subir pelas costas.

—Tinham-nos atacado. Gil, Lucas e Fim estavam mortos quando Ogilvy os encontrou. Reynold tinha uma ferida aberta no peito, mas Deirdre costurou-o. Duffy perdeu o braço de lutar e em John cravaram uma adaga no ombro. Agora estão na torre norte. mandei procurar pai Salomon. A febre de John não cede, temo que não passe desta noite. — Respirou entrecortadamente— O explorador que perseguiu os atacantes, com um exército de vinte homens e cães, seguiu o rastro até o lago. Ali encontraram Smitt e os outros, amarrados a estacas e meio mortos, por causa de uma surra.

—Pelos pregos de Cristo! —A fúria de Broc alcançou níveis que não havia conhecido até esse momento. Deveria estar ali para protegê-la, para proteger a todos— Quem a levou?



—Smitt disse que foi Hollister, escoltado pelos homens de Gloucester. Estavam há vários dias esperando perto da fortaleza.

—Não! —uivou ele, agarrando o primeiro objeto que encontrou, um tamborete, e jogando-o com força no outro extremo do grande salão. A madeira se fez em pedacinhos com um grande estrondo. Queria arrancar os membros do corpo de Hollister, um a um. E, quando acabasse, começaria com Gloucester. Apertou os punhos, preparando-se para quando chegasse o momento, enquanto uma onda de calor subia-lhe pelo corpo.

A imagem de suas irmãs apareceu diante dos olhos. Viu os vestidos rasgados, a carne queimada, a destruição que Gloucester causou em Dumfriesshire. Engoliu em seco, com dificuldade e apertou os olhos com as mãos. Ainda sentia na língua o sabor das cinzas, que caíam a seu redor como flocos de neve.

—Juro Por Deus que Gloucester não vai afastar ninguém mais de mim.

—Seu senescal tem os guerreiros reunidos no campo de treinamento —disse sua mãe, com lágrimas nos olhos— Estão esperando que dê a ordem para partir.

Broc voltou-se, incapaz de consolá-la ou perdoá-la.

—Chora por Lizbeth ou pelas filhas que Gloucester arrebatou-lhe?

—Por todas elas. Apesar de suas acusações e de seus sentimentos por mim, estou orgulhosa de chamar de filha a sua esposa —respondeu a mulher, com a voz rouca.

—Poderá dizer-lhe pessoalmente quando a trazer de volta para casa —replicou Broc, dirigindo-se para a porta, com o coração esmigalhado.

Esses insensatos iriam arrebentar os cavalos.

Uma vez que cruzaram a fronteira, lorde Hollister tinha seguido, sem parar, até sair da região das West Parta inglesas. Tinham cavalgado toda a noite, guiados pela lua, e todo o dia seguinte. Cada vale que cruzavam; cada colina que atravessavam, afastavam-na mais e mais de seu protetor. Tinha os tornozelos amarrados sob o ventre da exausta égua e, embora tentasse mover os dedos das mãos regularmente para não perder a sensibilidade deles, as amarras dos pulsos não tornavam isso uma tarefa fácil. Tentando ver o lado bom da situação, pensou que, ao menos, Eli e Martin estavam a salvo da crueldade de Hollister.

Ele esteve esperando-a às portas de Skonóir como uma sombra sinistra espreitando a sua presa. Graças a Deus, não tinha sido Broc o primeiro a cruzar o vale. Nesse caso, não só o documento estaria em poder de Hollister, mas também este não hesitaria em acabar com a vida de seu marido. Já havia morrido muita gente por culpa dela e desse documento. Sabia que ia pagar um preço muito alto por tê-lo roubado. E aceitaria o castigo, sempre e quando ninguém mais tivesse que sofrer.



A imagem de John veio à sua mente. O filho de Celeste chegaria a este mundo sem pai. E tampouco tinha esperanças de que os guerreiros que os acompanhavam continuassem com vida. Todos estavam mortos por sua culpa. Não contribuiu em nada com o clã, exceto com a morte.

Ao passar junto às grandes rochas da montanha, que estavam de pé desde tempos imemoriais, perguntou-se se seria vítima de alguma maldição. Parecia que todas as pessoas às quais amava tinham que ter um final trágico, como se seu amor fosse uma sentença de morte. Broc estaria muito mais seguro se deixasse de amá-lo.

Cravou o olhar nas costas de lorde Hollister, que fazia o papel de executor de sua maldição, como antes tinha sido o verdugo do amor de Kandem e Emma. Estes tiveram que pagar um preço muito alto por seus sentimentos.

O desespero era uma pesada carga. Lizzy acariciou a crina da égua de cor castanha e desejou levar consigo o rosário. Em vez do objeto sagrado, recorreu à lembrança de sua mãe para consolar-se, enquanto via como o sol voltava a esconder-se atrás do bosque. Ao pé do vale encontraram um grupo de barracas armadas ao lado do rio. Lizzy contou vinte e duas. A fumaça das fogueiras erguiam-se para o céu. Ao ouvi-los aproximar-se, o acampamento encheu-se de vida. Lorde Hollister deteve finalmente seu garanhão. Com um movimento da mão, ordenou que o batalhão continuasse até as barracas, exceto o homem cujo cavalo ia amarrada Lizzy.

Até nesse momento, seu inimigo a tinha ignorado, mas parecia que sua sorte estava a ponto de mudar.

—Deça a moça —ordenou, desmontando e aproximando-se do rio para aliviar sua bexiga.

O medo fez com que Lizzy estremecesse. O soldado desmontou e ela viu um rastro de compaixão em seus olhos. Durante as muitas horas que estavam cavalgando juntos, não tinha lhe dirigido a palavra nenhuma só vez, nem sequer nas três ocasiões em que a acompanhou a um rio para que se ocupasse de suas necessidades. Tirou uma adaga da cintura e cortou a corda que amarrava seus tornozelos. Quando ergueu os braços para ajudá-la a desmontar, Lizbeth negou com a cabeça, suplicando com o olhar que não seguisse as ordens de Hollister. Mas o covarde desviou o olhar, ignorando suas súplicas. Embora Lizzy tentasse agarrar-se à crina da égua, o soldado puxou-a e a fez descer.

—Por favor, não me deixe a sós com ele —sussurrou junto ao seu ombro, mas o soldado cravou o queixo no peito e afastou-se dela.

Lorde Hollister voltou e aproximou-se do homem, acabando de fechar as calças.

—Leve os cavalos ao acampamento e informe a Buckingham de minha chegada —disse.



—Não preferia informá-lo pessoalmente? —sugeriu Lizzy, enquanto o soldado se afastava.

Lorde Hollister estalou a língua, um som ao qual ela já estava acostumada.

—Eu gostava mais da Lizbeth que sabia morder a língua. Esse escocês arruinou-a, e não só fisicamente.

Sua cercania fez com que acelerasse sua respiração. Cheirava a sangue, a luxúria, a sujeira, a ódio. Prendeu o cabelo negro gorduroso em um rabo, enquanto se assegurava de que o soldado afastava-se o suficiente.

—Vamos, Lizbeth, acho que está suja —disse, agarrando-a pelas mãos ainda amarradas e levando-a aos tropeções até o rio.

—Não, por favor! —gritou ela uma e outra vez, tentando cravar os pés no barro.

O medo deu-lhe uma força que não sabia que possuía e conseguiu escapar de suas mãos, mas ele voltou a pegá-la, desta vez pelos cabelos. Lizzy atirou-se no chão e retorceu-se, tentando escapar de novo, mas Hollister continuou arrastando-a até empurrá-la no rio até os joelhos.

—Sabe o que fiz a minha esposa quando a encontrei na cama com seu irmão?

O coração pulsava com tanta força que podia ouvi-lo. A água gelada começou a ensopar a roupa ao mesmo tempo que a bília abria caminho por sua garganta. Não respondeu.

—Ordenei um banho quente —continuou, erguendo uma sobrancelha e inundando Lizzy até a cintura.

A corrente era forte e ela firmou as mãos em Hollister, para não perder o equilíbrio.

—Por favor, não sei...

—Inclusive a lavei com minhas próprias mãos, quando a água esteve finalmente a uma temperatura que pude suportar —interrompeu-a. Com uma garra que recordou-lhe a de um velho feiticeiro, agarrou-a pelo pescoço e a afundou sob a água.

Um doloroso silêncio encheu-lhe os ouvidos. A escuridão a envolveu. A água entrou em sua boca.

Lorde Hollister puxou-a.

Ar. Doce e fresco. Lizzy respirou a grandes baforadas.

—Eu salvei Emma. Estava condenada a morrer junto com outras três mulheres por comportamento luxurioso e pensamentos lascivos. Estava condenada a três dias na armadilha e depois a ser açoitada com o látigo. Devia deixar que cumprisse sua condenação. Talvez então teria aprendido a quem pertencia —disse, apertando a mandíbula com raiva— E como me agradeceu isso? Abrindo as pernas para seu irmão.



As últimas palavras ouviu só pela metade, porque havia voltado a afundá-la na correnteza. Caiu de joelhos sobre o leito do rio, golpeando contra as pedras do fundo. Sacudiu-se violentamente, atirando até as calças sob a água. Gritando.

Voltou a sair. Sentiu ânsias e cuspiu água enquanto tentando respirar.

—Por favor, já basta! —suplicou, com a voz rouca.

—Kandem era como um filho para mim. Cuidei dele desde que era um menino. Enquanto seu pai ensinava-lhe a manejar a espada, eu ensinei-o a lutar. E como me pagou? Roubando a minha esposa. — Hollister virou sua cabeça para que o olhasse, mas Lizzy não viu mais que sombras recortadas contra uma luz leitosa.

Sacudiu-a pelos ombros.

—Não imagina, Lizbeth, o que foi descobrir que os filhos aos quais estava criando e alimentando não eram meus filhos. E eles sabiam. Aqueles pequenos bastardos estiveram mentindo quase até... —deteve-se em seco e afundou-a uma vez mais.

Ela deixou de lutar. Não restavam forças.

A imagem de Broc apareceu diante de seus olhos. Em sua mente, gritou-lhe. Um grito mudo que encheu seus pulmões de água.

Hollister voltou a tirá-la do rio, mas tinha os pulmões tão cheios de água que não pôde respirar.

—Que demônios está fazendo?

Lizzy não soube a quem pertencia aquela voz que parecia vir de muito longe.

—Tire-a daí agora mesmo.

Lorde Hollister arrastou-a para fora do rio e a deixou cair na margem. Lizzy sentiu novas ânsias e vomitou grande quantidade de água.

Por fim pôde respirar a grandes baforadas. Quando os olhos deixaram de chorar, a visão clareou o suficiente para ver um homem bonito no lombo de uma égua branca.

Buckingham.

Tinha visto aquele homem pelas ruas de Londres. Seu porte delatava sua origem nobre. Não sabia se sentia-se furiosa ou aliviada. Naquele momento, estava muito fraca para decidir.

O homem desceu de seu cavalo e sacudiu pó das mangas de veludo negro com bordados em prata de sua túnica.

—Acaso acha que seu marido entregará o documento em troca de seu cadáver? — perguntou a lorde Hollister, que estava a seus pés, muito quieto, olhando para o chão. O arrogante carcereiro parecia, naquele momento, um cão molhado e espancado.

—Não —admitiu, cravando nela um olhar cheio de ódio e desprezo.



—Pois controle seus instintos assassinos e vá descansar. Partimos para Northampton ao amanhecer — ordenou Buckingham, antes de inclinar-se e afastar o cabelo do rosto de Lizzy.

Ela retrocedeu de repente, surpresa pela amabilidade de seu gesto, mas depois deixou que a ajudasse a montar em sua égua. Buckingham subiu na frente dela e puseram-se. Lizzy, débil e trêmula, não pôde evitar de apoiar-se em sua cálida e seca capa de veludo negro, desejando que fosse de Broc, e não do homem que suspeitava que tinha envenenado o rei.

—Obrigada — disse.

—Não sou seu amigo, nem seu salvador, lady Ives. Vá preparando sua alma, porque penso devolvê-la a Hollister assim que tiver recuperado o documento.



Capítulo 20

Escondido em uma garganta na região de East Midlands, Broc aguardava notícias dos espiões que tinha enviado a Stony Stratford. Smitt também devia reunir-se ali com eles, depois de sua visita a Northampton. Depois de várias noites de perseguição a Gloucester por meia Inglaterra, o protetor do reino finalmente tinha levado o jovem soberano à residência da rainha.

A luz das fogueiras de Northampton refletiam-se no rio Nenê. A lua iluminava o acampamento situado a margem do rio. Os homens de Gloucester tinham montado e desmontado tantos acampamentos que Broc perdeu a conta. Se não viajassem com tantos luxos, teriam chegado a Londres há dias.

Lutou uma vez mais contra o instinto de rasgar o tecido de todas as barracas até encontrar Lizzy. Sabia que estava ali. Seu coração dizia. Sentia-se tão unido a ela, que juraria que sentia quando chorava. Sentia seu medo. Levou uma mão ao peito. Cada dia que tinham ficado separados, a dor que sentia aumentava.

—Juro por Deus que não falharei, Lizzy —sussurrou, beijando o crucifixo de ouro que tinha pendurado ao pescoço.

—Encontrei-a —disse Smitt, aparecendo atrás dele vestido com o uniforme dos homens de Gloucester— Está na quarta barraca passando a ponte.

—Quantos guardas?

—Dois. Os que vigiam a entrada. Quer que os mate? —perguntou Smitt, cujo rosto recuperou-se quase por completo da surra e voltava a estar tão bonito como sempre.

—Talvez. —Broc ocultou seis armas em diferentes partes do corpo. Tirou a túnica escarlate e só usava uma camisa negra sobre calças e botas da mesma cor. Seria uma sombra na noite— Vou aproximar-me pelo rio. Se não voltar, mate-os, resgate Lizbeth e retorne para casa.

Despediu-se do jovem com uma inclinação de cabeça, agradecido de contar com sua ajuda. O batalhão de cem homens do clã Maxwell não podia fazer frente aos trezentos yorkistas que faziam parte do exército de Gloucester. Por mais que desejasse atacar e levar Lizzy pela força, não podia retornar para casa com mais mortes sobre sua consciência. Não podia obrigar seus homens a enfrentarem um combate tão desigual.



Deslizou entre as árvores, silenciosamente, até que não restou lugar para ocultar-se, e então continuou até o rio, arrastando-se entre a grama alta. Afundou na água geada sem fazer ruído e a cruzou, guiando-se pelo reflexo dourado das fogueiras, que lhe recordavam os olhos de Lizbeth. Ao chegar à ponte, começou a contar as barracas: uma, duas, três, quatro. Saiu à superfície e respirou, tentando fazê-lo em silêncio. Uma olhada aos seus arredores confirmou que não havia ninguém na parte de trás do acampamento. A melodia de um histrião cantando uma balada em honra ao rei falecido cobriu o ruído que fez ao sair do rio. Com a roupa pesada pela água, arrastou-se pelo barro até chegar à parte de trás da barraca.

Do outro lado da mesma, um homem ria, um som que recordava uma galinha.

—Tratei-a bem, disso não resta dúvida. Tinha os seios tão inchados que me enchiam a mão!

— Seguramente que era virgem.

—Oh, sim, por aquele buraco tão apertado não tinha passado ninguém.

Broc golpeou a cabeça com uma mão para tirar a água das orelhas. Se ouviu corretamente, Lizbeth estava a salvo, ao menos das atenções de um dos guardas. Ignorando-os, aproximou-se ainda mais e escutou. Embora tudo estivesse virtualmente em silêncio, ouviu que alguém respirava lá dentro. Era a respiração de seu anjo; não parecia que houvesse ninguém mais dormindo ao seu lado.

Queixou-se em sonhos e Broc desejou abraçá-la e mantê-la a salvo de seus pesadelos. Mas controlou-se e se concentrou na missão que tinha diante de si. Rezou para que não resistisse a entrar na água. Não havia outro modo de levá-la até a segurança da outra margem; até a segurança de seus braços, de onde nunca deveria ter saído.

Tirou uma faca da bota e rasgou a lona. O aroma de Lizbeth o golpeou como uma onda de prazer: doce, embriagador, dele, provocando-lhe uma ereção quase que instantânea. Revirou os olhos. Não era momento para ereções. Mas não podia controlar-se.

Retirou o tecido devagar e esperou que seus olhos se adaptassem à escuridão. Um candil proporcionava a única luz. Lizzy estava deitada de costas, diante dele. Se estendesse o braço, poderia tocar-lhe o cabelo. Aos seus pés, perto da entrada, havia uma bandeja de comida.

Broc aproximou-se e cobriu-lhe a boca com uma mão.

Ela resistiu e o candil caiu no chão, deixando-os em uma escuridão absoluta.

—Chis, sou eu, anjo. Tudo vai ficar bem —sussurrou, beijando-lhe a cabeça e gotejando água.

Lizbeth rodeou-o com os braços e o estreitou com força. Broc sentiu que voltava para a vida. Mas então ela começou a tremer e pôs-se a chorar em silêncio. Beijou-lhe o rosto



banhado em lágrimas. Nunca havia se sentido tão cheio de amor. Aquela mulher era sua companheira diante de Deus, e faria tudo para protegê-la.

Incapaz de negar-se esse pequeno prazer, beijou-lhe sob a orelha, enquanto com a outra mão tocava-a.

Deteve-se ao ouvir um som metálico que recordou-lhe ao das correntes de uma ponte levadiça ao erguer-se.

Voltou a tocá-la, mas não se moveu.

Os guardas se calaram fora da barraca, mas não entraram.

Pelos pregos de Cristo! Estava acorrentada! Tinha Lizzy tão perto que até os ossos doíam pela necessidade de libertá-la. Acariciou-lhe o queixo e os lábios com o polegar enquanto esperava que os soldados retomassem sua conversa. Apoiando sua face na suave bochecha de Lizbeth, falou-lhe no ouvido:

—Diga que tem uma chave.

Ela negou com a cabeça.

—Tem que partir em seguida ou o matarão. Já morreram muitas pessoas por minha culpa. Não deixarei que matem você também.

Broc imaginou o calvário que devia ter sofrido, preocupada com todo mundo exceto consigo mesma.

—John sobreviveu ao ataque, como Duffy e Reynold. Acompanham-me trinta guerreiros, Smitt entre eles. Estamos aqui para levá-la pra casa.

Lizbeth respirou aliviada e deu graças a Deus.

—Tem que ir à Torre.

—Não penso deixá-la aqui, moça.

Ela o abraçou com força, contradizendo com seus atos suas valentes, suas palavras.

—Eu não posso ajudar meus sobrinhos, mas você sim. Trouxe o documento?

—Sim.

—Lorde Hollister planeja matar Martin e Eli em sua volta. Despreza-os e já pode prescindir deles agora que tem a mim. Enquanto o documento estiver em seu poder, manterá-me com vida.

—Não, virá comigo agora mesmo. Iremos juntos à Torre e ao diabo com o documento. —Tinha que tirá-la dali mas agora, além disso, estava preocupado pelos meninos. Nada impediria que Hollister os matasse assim que chegasse a Londres.

Quando o histrião acabou a canção, ficaram quietos e imóveis. Um dos guardas de Lizbeth pediu uma canção mais alegre e o cantor não se fez de rogado.

—Não deixe que lorde Hollister saia bem dessa. Deve ser castigado.

—Matarei-o com minhas próprias mãos —disse Broc. Pensava fazê-lo embora ela não o tivesse pedido.



—Mas então Buckingham ganhará. —Lizbeth passou os dedos pelo cabelo úmido, aliviando a tensão que ele sentia na nuca—Vá à Torre. Procure os meninos e tire-os dali. Lorde Hollister encerrou-me uma vez no hall de uma das celas da Torre que serve de guarda-roupa. Talvez tenha feito o mesmo com eles. Gloucester planeja chegar a Londres no domingo. Leve o documento. Tem a oportunidade de conseguir a paz para Escócia. Vale a pena tentar.

—Não! —protestou ele, esquecendo-se de sussurrar. Maldita mulher, como conhecia suas debilidades.

Os soldados ficaram em silêncio e Broc conteve a respiração. A princípio, somente ouvia era o batimento do seu coração, mas em seguida aproximaram-se e a lona da entrada da barraca deixou passar uma fresta de luz.

—Precisa de algo, lady Ives? —perguntou uma voz anasalada.

—Obrigada, Manfred. Logo vou precisar que esvazie o urinol. As ameixas...

—Bem, milady, avise quando tiver terminado. —Momentos depois, os homens continuaram com seu bate-papo.

—Estou a salvo. Lorde Hollister passa todo o tempo tentando ganhar o favor de Buckingham, e este faz o mesmo com Gloucester.

—Então, por que está acorrentada?

—Escapei de lorde Hollister várias vezes no passado e isso, como carcereiro, mortifica-o. Gosta de impor sua autoridade, mas o que de verdade gosta é degradar às pessoas. Sou imune a suas ameaças. Não me fará nada até que cheguemos a Londres.

Broc levantou-lhe a mão e beijou a palma. Seria consciente do inferno que tinha passado pensando nela, durante aqueles últimos dias?

—Então, não têm feito mal a você?

Sua pausa o fez suspeitar do pior.

—Não —negou Lizbeth, finalmente— Deixaram-se aos cuidados de Manfred, e asseguro que não sou o seu tipo.

Broc apoiou a fronte contra a dela, agradecendo por não ter sido violada, embora não se tranquilizando totalmente.

—Como pode me pedir que a deixe aqui?

—Por favor, vá. Vá resgatar os meninos. Encontraremos-nos na bifurcação do túnel dentro de dois dias. A meia-noite. Lembra-se dos passos?

—Lembro. — Devia estar mais louco do que acreditava para estar sequer considerando o plano.

—Por favor —repetiu Lizzy, segurando-lhe o rosto com as mãos e aproximando-se mais dele.



Broc beijou-a e não pôde resistir ao impulso de sugar o lábio inferior. Queria dizer tantas coisas, mas não havia tempo.

—Colocarei homens na Torre. Estarão vestidos como soldados yorkistas e usarão uma corda entre os cadarços das botas. Vá com eles. Vão trazê-la de volta para mim —disse, antes de despedir-se beijando-lhe as pálpebras— Não falharei.

—Sei. Salve Eli e Martin e venha me buscar.

Broc não soltou sua mão até que não restou mais alternativa, já do outro lado da lona. Se acontecesse alguma coisa com ela, não iria poder perdoar-se nunca. A culpa que carregava por ter falhado com sua família deixou uma profunda cicatriz em sua consciência, mas se falhasse com Lizbeth, iria ter que aprender a viver com uma ferida aberta na alma.

«Boa viagem, meu amor», despediu-se Lizzy em silêncio, com os olhos cheios de lágrimas. Estava aterrorizada, mas se mostrasse debilidade diante de Broc, este teria se negado a abandoná-la.

Se os tivessem descoberto juntos, não restaria ninguém capaz de ajudar seus sobrinhos. Sentou-se na rede, abraçou os joelhos e ficou olhando a escuridão. Lorde Hollister havia voltado a torturá-la mentalmente. Tinha jurado acabar com a vida de seus sobrinhos de um modo limpo e rápido. A outra alternativa era a tortura.

Ela, por sua vez, não teria sua misericórdia.

O homem se mostrou exultante ao informá-la essa manhã de qual tinha sido sua condenação: *penteie forte et dure*: ser esmagada até morrer. Sem dúvida, a sentença não seria executada até que Broc chegasse com o documento. Nesse momento, lorde Hollister ordenaria que carregassem os pesos de ferro sobre seu peito. Não sabia como iria enfrentar isso, mas pelo menos teria um pouco de tempo para suplicar a seu pai que a libertasse. Se conseguisse salvar os meninos, tudo teria valido a pena. Gloucester por sua vez se encarregaria de acabar com a vida de Hollister e de Buckingham. «Tudo ficará bem.»

Mecanicamente, sua mão foi em busca do rosário de sua mãe sob a saia de lã que uma donzela de Buckingham tinha lhe proporcionado, mas claro, não o encontrou. «Proteja meu marido», pediu a Deus. Broc demonstrou que era um homem forte e com capacidade de resistência; tinha ensinado o que era sentir-se amada, e sobretudo, dava-lhe valor.

Em sua mente viu a imagem de um campo cheio de flores, onde Eli e Martin corriam com os filhos e filhas de Lizzy. Seu pai, por fim em paz com sua consciência, olhava-os de longe. Broc, a suas costas, abraçava-a e beijava-lhe o cabelo, enquanto murmurava suaves palavras no ouvido. Palavras que só escutava em seus sonhos, palavras de amor.

Escondido entre as sombras do penhasco, Broc escolheu dez homens para que o acompanhassem a Londres. Os vinte restantes seguiriam Lizbeth.



Com Smitt ao seu lado, cavalgou à luz da lua até chegar a Stony Stratford, onde uma fileira de guardas de Gloucester guardava a estrada. Vestidos como soldados de York, não tinham motivo para esconder-se.

Disseram que eram um pelotão de reconhecimento que chegava adiantado do duque e seguiram adiante até o amanhecer. Enquanto a Inglaterra dormia, Broc e seus homens faziam tremer o chão com os cascos de seus cavalos a galope. Povos, botequins e bosques passavam a toda velocidade diante de seus olhos.

Com a alvorada, viram aparecer a ponte de Londres. Broc golpeou os flancos do cavalo com os joelhos e seguiu galopando como um demente, açoitado por sua própria alma delirante.

Smitt adiantou-se e fez dar a volta no cavalo, obrigando Broc a deter-se. O cavalo deste protestou, relinchando e levantando-se sobre as patas traseiras.

—Para já! —gritou o jovem.

—Pelos pregos de Cristo! O que está fazendo? —Quando o garanhão finalmente ficou quieto, Broc percebeu que tremiam todos os músculos de seu corpo. Sentia-se possuído por uma estranha febre. Tinha a pele suada, a respiração ofegante e não pensava com clareza.

—Pensa cruzar as portas de Londres voando? —perguntou Smitt franzindo o cenho, e secando o suor com o dorso da mão, quase sem fôlego.

Seu primo nunca franzia o cenho e nunca ficava sem fôlego. Broc voltou-se para olhar o resto de seus homens e viu que se achavam em um estado semelhante. Nunca tinha duvidado de que o seguiriam até o inferno, se um dia precisasse. E esse dia tinha chegado.

—Tenho que urinar —disse Smitt, dirigindo-se ao rio com passos decididos — Acha que teremos tempo?

—Sim —respondeu Broc, inclinando a cabeça em direção aos seus homens, para que desmontassem também. Ao fazê-lo, Broc quase caiu no chão. Precisava descansar tanto quanto os outros. Nesse estado não conseguiriam ajudar os sobrinhos de Lizbeth.

Levou seu cavalo até a água e aproximou-se de Smitt.

—Talvez pudessemos descansar um pouquinho, não?

—Talvez —admitiu o jovem, sem traços de aborrecimento na voz— Desculpe minhas palavras, milord.

Broc custou para manter-se sério. Era a primeira vez que Smitt o chamava por seu novo título.

—Não se preocupe, primo. Alguém tinha que me deter. Fechamos os olhos umas horas e pensamos o que fazemos a seguir, de acordo? Alguma ideia para entrar na Torre?

—OH, sim —respondeu Smitt, com um sorriso travesso—Vamos ter que derramar rios de sangue



Broc puxou as rédeas de seu cavalo para seguir pela rua Watling e, levantando uma mão, indicou a seus homens que fizessem o mesmo. A cidade estava abarrotada de gente que aguardava a chegada do jovem soberano acompanhado de seu tio. Os vendedores ambulantes preparavam seus postos de venda, cera de abelha ou cordas enquanto o conselho municipal enviava pergaminhos a todos os lugares da cidade para anunciar a iminente chegada do novo rei.

Os guerreiros Maxwell, com suas túnicas escarlate e seus cavalos enfeitados, passavam despercebidos naquele torvelinho de cores. Ao cruzar com dois soldados yorkistas que carregavam bandeiras com o escudo de Gloucester, saudaram-se e seguiram seu caminho.

Broc guiou Smitt e outro de seus primos até a entrada do túnel coberto de trepadeiras. Gregor amarrou os cavalos na entrada de uma casa, perto de onde Lizbeth e Broc tinham roubado o cavalo da guarda real, semanas antes.

Uma vez que ambos os homens entraram dentro do túnel, Broc guiou o resto de sua pequena tropa até a entrada da Torre. Ao ouvir o som de seus cascos atrás, sentiu-se culpado mas orgulhoso ao mesmo tempo. Tinham cavalgado sem descanso e sem queixar-se durante toda a noite. Tinham-no obedecido em tudo e ele devia-lhes a vida por sua lealdade.

O grasnido de um corvo recebeu-os em sua chegada na Torre. Com as asas estendidas, voava em círculos sobre eles, como se os estivesse avisando de algo. Um calafrio percorreu-lhe as costas. Teria pensado em todos os detalhes? A princípio planejou fazer todos os homens entrarem pelo túnel, mas precisavam de liberdade de movimentos para procurar Eli e Martin, sem ter que esconder-se pelos cantos. Uma vez livres, levariam-nos a Escócia, onde conheceriam, por fim, o que era o amor de uma família, embora não fosse a sua própria.

—Alto! Quem são e o que querem? —gritou o guarda atrás da grade de ferro.

Broc voltou a colocar-se em seu personagem.

—Sou sir Julian Ascott. Devo comprovar as medidas de segurança para a chegada do duque de Gloucester.

Um dos guardas aproximou-se, vestido com um colete cor de cobre, calças marrons, sapatos em ponta e um chapéu negro.

—Onde estão suas ordens?

—Minhas ordens foram verbais —respondeu ele, olhando-o com toda a nobre arrogância de que foi capaz— Seu carcereiro real me envia para comprovar que tudo esteja seguro para a chegada do jovem soberano e seu tio.



O homem franziu as sobrancelhas com um gesto de preocupação. Colocou-se de lado para examinar os soldados que acompanhavam Broc e disse:

—Não posso deixar passarem, a menos que tenham ordens por escrito.

—E o que o faz pensar que eu entraria, por vontade própria, neste horrível lugar se não tivessem me ordenado? Levante a grade e nos deixe passar ou terá que se ver com lorde Hollister e seu mau gênio — ameaçou ele, esperando que o carcereiro tivesse mais inimigos que amigos na Torre.

O guarda agarrou a lança que carregava com tanta força que os nódulos ficaram brancos.

—Embora não possa dizer que goste de enfrentar o mau gênio de milord, tenho ordens estritas.

—Muito bem. Nesse caso, reúna você a todos e assegure a Torre. Transporte os prisioneiros para algum lugar do pátio interno e coloque-os nas masmorras. Avise às lavadeiras e faxineiras de que nessa mesma noite vão chegar muitos convidados. Nós esperamos aqui —concluiu ele, cruzando os braços sobre o peito.

—Esta noite?

—Esta noite. —Broc levantou um dedo—.E uma coisa mais: que preparem os aposentos de lady Ives. Informe ao verdugo que resgataram sua filha das garras desse sujo escocês e que está a caminho.

—É verdade? —Os olhos do homem iluminaram-se—.Lizzy volta para casa?

Ao que parecia, nem todos odiavam a filha do verdugo. Só os que não a conheciam.

—Sim. Falei com ela ontem a tarde em Northampton. Um de meus homens embebedou-se e lady Ives ofereceu-lhe uma mistura de ervas para a dor de cabeça. É uma moça muito amável, com os olhos de uma cor muito estranha.

—Ouro, seus olhos são da cor do ouro —disse o soldado, dando a ordem com a mão de que levantassem o restelo da ponte levadiça— Lady Ives salvou meu pé. Bom, quase todo. Perdi o mindinho, mas tinham que ver como estava antes que ela me curasse. A carne estava caindo aos pedaços.

Deveria ter mencionado o nome de Lizbeth antes. Broc e seus homens desmontaram e cederam as rédeas ao rapaz dos estábulos, que tinha saído ao seu encontro. Broc caminhou ao lado do guardião, fingindo estar muito interessado em sua conversa. À entrada da torre Branca, voltou-se para ele.

—Obrigado por nos acompanhar, senhor. Posso pedir que se ocupe pessoalmente dos aposentos de lady Ives?

—É obvio. E se precisarem de qualquer outra coisa, envie um de seus homens para me buscar. Meu nome é Godfrey, acredito que não havia dito. —despediu-se com um sorriso que fez com que se formassem rugas nas bochechas.



—Obrigado, Godfrey. Foi de grande ajuda. —Broc assegurou de que se afastasse o suficiente antes de voltar-se para seus homens— Cada um procure em uma das torres. Procure por todos os lugares. Quando encontrarem os meninos, levem ao túnel e entreguem a Smitt. Não podemos falhar.

Eles concordaram com a cabeça antes de sair para a torre atribuída.

Broc guiou-se pelo seu olfato até a base da torre onde eram guardadas as vestimentas e armaduras. Era fácil entender por que não havia ninguém perto. Todo o lugar cheirava a latrina. Precisamente por isso guardavam ali os objetos mais luxuosos. Acreditava-se que o aroma manteria afastadas às traças. Acendeu uma tocha, tentando lutar contra o forte fedor que já começava a irritar sua garganta. Não queria pensar em Eli e Martin vivendo nessas condições.

A escada de caracol dividia-se e havia diferentes locais para guardar munições, ricas vestimentas e jóias. Durante horas esteve revistando os halls de cada um dos aposentos, mas não encontrou rastro de que ninguém estivesse vivendo ali. No terceiro andar havia um quarto cheio de cofres. O sol da tarde, que entrava pela janela, iluminou dois pássaros esculpidos em madeira. Onde tinha visto pássaros como aqueles antes?

Levantou um e depois o outro para examiná-los, perguntando-se se teria sido em algum mercado. Então lembrou-se. O suporte da lareira de Edlynn estava cheio de pássaros desses, grandes e arredondados. E Lizbeth também os tinha mencionado. Inspeccionou o lugar com mais atenção.

Em um canto havia um tamborete, ao pé do qual amontoavam-se restos de madeira esculpida, e quase escondida. Atrás de três cofres viu um arco que levava até uma porta. Arrepiou-lhe os cabelos da nuca, enquanto retirava a barra de ferro da porta e a abria.

O penetrante aroma da morte quase o fez vomitar.

Entrou com a espada a frente. Dois corpos pequenos, meio decompostos, vestidos com roupas claras, jaziam abraçados sobre um colchão de palha. Cobriu a boca com o antebraço e tentou não olhá-los. Como ia dizer a Lizbeth que Hollister havia mentido? Estava utilizando o amor que sentia por seus sobrinhos para conseguir sua submissão.

Ajoelhando-se junto aos corpos dos meninos que teria criado como se fossem dele, fez o sinal da cruz sobre suas cabeças e rezou uma oração pela salvação de suas almas.

À luz da tocha, viu que na parede tinham escritos três nomes: Eli, Martin e Lizzy. Pequenas linhas brancas rodeavam os nomes formando um círculo. Ao aproximar-se mais, viu que marcas cobriam as quatro paredes: eram números, os números de Lizbeth.

O bastardo a tinha encerrado ali. Completamente às escuras.

—Maldito seja! —amaldiçoou Broc em voz alta, desejando ter o bastardo diante de si, para arrancar-lhe os olhos e deixá-lo cego. Ele havia mentido a Lizbeth.

—Quem está aí?



Surpreso pela voz, Broc desembainhou a espada e voltou-se.

—Sou sir Julian Ascott e vim preparar a Torre, seguindo instruções de lorde Hollister —disse, antes de perceber que estava diante do pai de Lizzy.

O grande lorde e verdugo do reino tinha um aspecto muito diferente do que ele recordava no calabouço. O homem que tinha diante de si era um ancião de têmporas prateadas e rosto enrugado. Em vez da capa, luvas e látego negros usava calças marrons, uma túnica clara e tinha uma garrafa de licor na mão.

—Conheço você—replicou o ancião, inclinando a cabeça— Não é nenhum inglês. É o escocês que levou minha filha.

—Eu não a levei. Ela me resgatou da Torre.

—E, entretanto, voltou. Para que?

—Para salvar seus sobrinhos.

Lorde Ives baixou o olhar até o colchão onde seus netos dormiam seu último sonho.

—Chegou tarde. Meses tarde, de fato. —deixou-se cair no tamborete e olhou o céu esbranquiçado que se via pela janela— Nem sequer soube que eram meus netos, até que meu filho voltou da guerra.

—Matou Eli e Martin para salvá-los de sua maldição? —perguntou Broc com tom acusador, embora uma parte dele queria conhecer melhor aquele homem ao qual Lizbeth acreditava que valia a pena salvar.

Os olhos do verdugo encheram-se de lágrimas, enquanto perdia-se em seus pensamentos. Suspeitou que o velho devia passar muitas horas naquele tamborete.

—Não fui capaz de protegê-los.

Essa não era a resposta que queria ouvir. Lilian e Mattie tinham morrido porque ele não foi capaz de protegê-las. Como Aiden. Mas isso não significava que fosse ele que tinha empunhado a arma que pôs fim a suas vidas.

—Baixe essa espada e conte-me como vão as coisas com a minha Lizzy —disse o ancião, depois de dar um longo gole do líquido da garrafa.

A conduta do verdugo era tão estranha que Broc supôs que sua mente já não funcionava como devia. Surpreso, saiu do hall fechando a porta atrás de si, embainhou a espada e deixou a tocha no suporte da parede. O homem não representava nenhum perigo. Se necessário, poderia matá-lo com suas próprias mãos.

—Conseguiu chegar a um lugar seguro? —insistiu, ao ver que não respondia.

—Pode-se dizer que sim.

Lorde Ives ergueu o olhar e inclinou a cabeça.

—O que disse? Fale mais alto.

—Disse que pode-se dizer que sim —repetiu Broc. Lizbeth não havia dito que seu pai fosse meio surdo.



—Então, está bem? —insistiu o ancião, fechando os olhos.

—Chora enquanto dorme, conta na escuridão e reza por sua família. É a pessoa mais generosa que conheci e custa-me entender que alguém como você tenha tido uma filha como ela.

O verdugo deu outro gole e secou a boca com a manga.

—Esteve na guerra? Matou algum homem com essa espada?

—Matei no campo de batalha, nunca a traição —respondeu ele em voz alta, para que o ouvisse bem.

—Então não somos tão diferentes. Ambos somos assassinos. Você mata para proteger seu país. Eu mato para castigar os que cometem crimes contra o meu.

Broc zombou da comparação.

—Ah, sim? Que delito cometeu seu filho contra seu país?

Lorde Ives fechou os olhos, sem dúvida mortificado por seus pecados.

—Kandem não cometeu nenhum crime.

—E entretanto, empunhava a espada que o matou.

O homem apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos.

—Não, não o fiz.

—Então, foi Hollister? —Era possível, levando-se em conta o ódio que este sentia pelo irmão de Lizbeth.

—Não. Hollister ordenou a um dos guardas que o fizesse, enquanto eu estava acorrentado na masmorra. Ele o teria feito encantado, mas não tem estômago para execuções. É pelo sangue. Vi-o vomitar na câmara de tortura por uma simples amputação. Mas não se engane, adora seu cargo e o poder que este outorga. Desfruta ordenando execuções. Sobretudo, adora ler a sentença.

«Por todos os demônios!» Broc não queria sentir pena do pai de Lizbeth. Queria odiá-lo. Queria esconder esse segredo dela para que também pudesse odiá-lo, mas sabia que seu senso de honra o impediria.

—Por que deixou que sua filha acreditasse que matou Kandem?

—Prefiro que me odeie. Parece-se muito com sua mãe. É uma idealista. Sempre está sonhando com coisas que não pode ter.

—Como um marido e uma família?

—Lizzy não pode casar-se —respondeu o homem, franzindo o cenho e olhando-o como se estivesse louco, o que não deixava de ser irônico.

—Muito tarde, lorde Ives. Já me casei com ela.

—Não! —O ancião levantou-se e começou a repuxar o rosto. As pálpebras moviam-se de maneira descontrolada, como a mandíbula— Não pode ter filhos! Carregarão a maldição!



Broc estava ficando nervoso só de vê-lo. Não estranhava que Lizbeth tivesse os nervos destroçados.

—Sua profissão não é uma maldição, mas não passará a seus netos.

Lorde Ives não pareceu ouvi-lo. Jogou a garrafa no chão e levou a mão ao quadril. As veias do pescoço tinham inchado de um modo nada normal. Fez menção de fechar a mão ao redor de uma arma e preparou-se para lutar, entreabrindo muito os olhos. Realmente pensava que estava empunhando uma arma?

Desconcertado, Broc desembainhou sua espada.

Um sino começou a soar e ouviram-se passos que subiam pela escada. Antes que o ancião pudesse atacar com sua espada imaginária, uma dúzia de homens armados apareceram na porta.

Godfrey, que vinha na frente, apontou para Broc com sua lança.

—É um impostor —disse ao verdugo, dirigindo a ele um olhar de decepção.

Só tinha trocado algumas palavras com ele e já sentia-se culpado por haver mentido?

—O que o faz duvidar do que disse?

—Disse que devia assegurar a Torre em nome do carcereiro chefe, mas lorde Hollister acaba de chegar para ocupar-se pessoalmente.



Capítulo 21

—Este é o último dos que acompanhavam o escocês, milord —disse o guarda empurrando Gregor, que caiu de joelhos na grama.

Lizzy mordeu o lábio inferior, impotente. Tinha as mãos amarradas às costas e dois guardas a dominavam pelos braços, assim não pôde fazer nada mais que olhar como os soldados carregavam os homens Maxwell pelas correntes e os colocavam em fila, sob a sombra ameaçadora das árvores. Gregor ocupou seu lugar, ao lado de um dos filhos de tia Jean e de três dos filhos de tia Radella. Os três seguintes eram também primos de Broc. Recordava os conselhos que tinham ensinado no campo de treinamento. Através das lágrimas que alagavam seus olhos, viu que todos usavam uma corda nas botas. Sua desesperada tentativa de libertar seus sobrinhos iria custar suas vida.

—Tirem os uniformes e os preparem para a execução —ordenou lorde Hollister.

—Não, por favor. Já tem a mim . Por que eles também? —rogou Lizbeth, com um fio de voz.

As portas da torre Branca abriram-se, de repente.

Lizzy ergueu a cabeça.

Godfrey guiava um grupo de homens. Broc destacava-se entre eles, como um gigante entre simples mortais.

O seu coração acelerou. A cada passo que dava, os olhos dele obscureciam-se com uma fúria ameaçadora. Era seu marido, seu campeão, seu tudo, e estava prisioneiro entre os muros de seu adversário mais odiado.

Com o canto do olho, pôde ver a expressão satisfeita de lorde Hollister: um meio sorriso, as sobrancelhas arqueadas, os braços cruzados sobre muitas mangas de veludo escuro. Já estava saboreando a vitória. Iria ganhar. Sempre ganhava. Lizzy sentiu-se fraquejar. A mulher valente que habitava no mais profundo de seu ser escondeu-se atrás de um véu de medo.

—Deixem-no partir. Eu suplico. Não tem piedade?

—Quando dei motivos para acreditar que a tenha? —replicou Hollister, esbofeteando-a com o dorso da mão, o que a fez perder o equilíbrio.

A dor percorreu-lhe a bochecha até a base do crânio.

Um grito fez tremer o chão. Broc havia libertado-se dos guardas que o seguravam e avançava para eles rapidamente. Um bando de corvos assustou-se e lançou vôo entre



grasnidos. Como tinha as mãos amarradas às costas, inclinou-se para frente e golpeou com um ombro no peito de Hollister. Ambos caíram no chão. Broc colocou-se em cima dele e o golpeou com o rosto.

Lizzy tentou libertar-se, mas os soldados a ergueram do chão.

—Segurem-no! —gritou uma voz familiar.

Lizbeth voltou-se.

—E soltem-na! —ordenou seu pai aos guardas que a seguravam.

Quatro guardas que conhecia desde menina correram para Broc. Dois o agarraram pelos braços, enquanto outro lhe dava murros no ventre. O escocês não podia fazer muito além de agüentar.

—Parem! Detenha-os! —gritou ela, sem saber o que mais fazer. Seu pai apareceu a seu lado e cortou-lhe as cordas das mãos.

—Ajude-o, é meu marido.

—É uma moça muito imprudente —a recriminou o homem, afastando-a da luta e deixando-a aos cuidados de seu ajudante, Madoc— E ele não é melhor que você, ou não a teria deixado voltar aqui.

Lorde Hollister já se levantava e desfrutava do espetáculo. Nesse momento, Lizzy o odiava mais do que nunca. Odiava-o mais que ao diabo.

Broc tinha conseguido libertar-se uma vez mais, mas outro guarda adiantou-se e o golpeou nas costas com o punho da espada, fazendo-o cair de joelhos.

Ela não podia suportar vê-lo sofrer. Sentia sua dor como se fosse a própria. As lágrimas rolavam sem parar pelas bochechas e perdiam-se no chão.

—Pai, por favor. Amo-o tanto —soluçou.

—Silêncio — interrompeu-a lorde Ives.

Fez-se o silêncio absoluto, só interrompido por uma respiração agitada.

A sua própria? A dos guardas?

Não, a de Broc.

Lizzy baixou o olhar para ele. Tinha o cabelo negro colado à fronte pelo suor, mas a fúria o havia abandonado. Seus olhos azuis a olharam com tanto amor que chegou-lhe ao coração e sentiu um estremecimento. Não precisava estar ao seu lado para sentir suas carícias. Vivia dentro dela.

—Lizbeth —sussurrou.

—Leve-os às masmorras —disse seu pai a Madoc— até que sejam transferidos a Newgate, à espera do julgamento.

—Julgamento? —interrompeu lorde Hollister, que sangrava pelo nariz— Não haverá nenhum julgamento. Eu sou o carcereiro aqui, não você, sou o que dá as ordens. Sua filha roubou-me um documento importante e o entregou a seu marido. Preciso dele, e você vai



recuperá-lo por mim. O guarda da entrada tocará o sino a cada quarto de hora. Cada vez que ouvi-lo, execute dois homens até que o documento esteja em minhas mãos.

—Não! —gritou Lizzy, rezando para despertar daquele pesadelo. Cravou o olhar em Broc, procurando forças. Respirou fundo e, livrando-se das mãos que a seguravam, deixou-se cair de joelhos no chão, ao seu lado e o abraçou. Durante um momento a assaltou a idéia de que se não o soltasse, conseguiria salvá-lo.

—Dê-lhe o documento.

—Vai nos matar, de qualquer forma. Não deixe que se apodere de sua mente, anjo — disse ele, apoiando a bochecha em sua cabeça e beijando-a— Hollister já não pode tirar de você ninguém mais. Eli e Martin estão mortos. Mentiu.

Suas palavras fizeram com que custasse respirar. Sentiu como se o diabo estivesse pisoteando o seu coração com seus pés. O sofrimento que tinha conhecido meses atrás retornou em ondas. Manchas negras obscureceram sua visão. Notou o familiar sabor da bÍlis na garganta, e então, uma mão de ferro agarrou-a pelos cabelos e a levantou do chão. Lizzy voltou-se a tempo de vomitar em cima da elegante túnica de lorde Hollister.

Duas espadas impediram que Broc se levantasse.

—Putá suja! —gritou Hollister, segurando-a a distância— Leve-a a prensa e os pesos à torre Beauchamp —ordenou a Madoc, e olhou para Broc depreciativamente— Cada vez que ouvir o sino, colocarei dois pesos sobre seu peito. Será melhor que entregue o documento em seguida, se não quiser que sofra muito. Quando o tiver em meu poder, garanto-lhe uma execução rápida.

—Espero que Satanás devore sua alma —respondeu ele, e lhe cuspiu nos sapatos.

—Amarren-no ao poste de tortura e o estirem!

O verdugo assentiu.

—Está sangrando, milord.

Lorde Hollister secou o nariz com a mão e ficou olhando o sangue como se fosse veneno. Empalideceu tanto que a barba, de repente, pareceu mais negra. Agarrando Lizzy pelas mãos, a levou de rastro.

—Será viúva antes que o sol se ponha.

—Lizbeth! —ouviu o grito de Broc enquanto se afastavam.

O medo de não voltar a vê-lo chegou até os ossos, impedindo-a de respirar.

A luz rosada do entardecer penetrava na câmara através de uma janela gradeada. Em sua mente, Lizzy via o rosto de Broc. Negava-se a imaginá-lo sendo estirado no poste. Em vez disso, imaginou-o caminhando ao seu lado, em um vale cheio de lírios que agora sabia que só podia ser o céu.

Entre lágrimas, desejou que a morte viesse logo para ela. Só então se libertaria da Inglaterra e daquele monstro que a estava torturando sobre o chão úmido da torre



Beauchamp. Tinham-lhe tirado toda a roupa, exceto a túnica e amarrado-a pelas mãos e os tornozelos a quatro estacas. Lizzy preparou sua alma. O duro chão de pedra não a incomodava. O que realmente incomodava era a pedra que lorde Hollister colocou sob suas costas. Respirava de maneira superficial. O peso não deixava fazê-lo de outra maneira. Já tinha quatro pesos de ferro sobre o peito e notava como as costelas cravavam-se em seus pulmões. Sabia que não agüentaria quatro pesos mais.

Lorde Hollister estava sentado comodamente em uma cadeira com respaldo, balançando uma perna. Bebeu um gole de vinho tinto, enquanto com a outra mão segurava um peso de ferro como se não pesasse nada.

O soar do sino ressoou em seus ouvidos.

«Por favor. Mais não», suplicou ao seu criador, para que não levasse a vida de mais membros do clã. Rezou por suas almas, pedindo a Deus que os guiasse em sua última viagem.

—Quantos agora, Lizzy? —perguntou lorde Hollister, levantando-se da cadeira e ficando de cócoras ao seu lado. Seu sujo cabelo negro caía em ondas oleosas sobre as bochechas enquanto inclinava-se sobre ela e colocava um quinto peso de ferro entre os outros. Recolheu o sexto do chão e o acrescentou aos outros.

«Oh, Senhor, me salve», rezou Lizbeth ao sentir que o esterno quase se unia à coluna vertebral. Umedeceu os lábios. Queria cuspir-lhe na cara, mas não restavam forças nem saliva. A pedra debaixo das costas cravou-se mais profundamente na carne. Como podia sobreviver aquela tortura?

—O sino marcou o sexto escocês morto. Ao que parece, a seu marido preocupa tão pouco as vidas de seus homens quanto o seu sofrimento —disse Hollister, passando as unhas pelo seu pescoço. — É evidente que não compartilha seu afeto, e não o culpo. Embora os cortesãos a chamem «milady», não é nada além da filha de um açougueiro.

«Não deixe que se apodere de sua mente, anjo.»

As lágrimas correram por suas têmporas e acumularam-se no interior das orelhas. Cada instante durava uma eternidade e cada nova humilhação fazia com que fosse mais difícil prestar atenção nas últimas palavras de seu marido.

—Está pensando nele agora mesmo, não é ? Está pensando em como o porco grunhe cada vez que fornicam —provocou-a, acariciando-lhe a coxa por baixo da túnica até que a prensa impediu-o que continuasse subindo— Se a semente do escocês der fruto, talvez adote seu filho. Poderia ensiná-lo a manejar a espada de seu pai.

—Nunca —murmurou ela, apertando os punhos e desejando arrancar sua língua de serpente. Se algum dia recuperasse a liberdade, mataria-o e depois iria feliz para o cadafalso.



—Acabei com a vida de um rei. O que a faz pensar que você poderá me vencer? — perguntou ele, rindo como um chacal— Deveria ouvido seu pai e ter protegido sua virgindade —acrescentou, voltando para a cadeira e servindo-se de mais vinho— Que lástima que lorde Ives esteja tão velho. Não encontrarei outro verdugo tão leal. Uma vez pensei que Kandem ia ser fiel ao seu rei e a sua pátria, mas ambos sabemos como acabou a história. Eli e Martin foram uma decepção também. Martin tinha a língua afiada de seu irmão e Eli era um bebê chorão, como você. Pretendia deixá-los viver para que mantivessem a maldição de sua família, mas no final não pude suportar sua presença e os envenenei.

«Maldito seja mil vezes!» Já não acreditava que estivesse louco. Seu pai estava louco, mas lorde Hollister era o próprio mal, feito homem.

—Nenhum deles tinha o potencial de seu pai. Osborn Ives serviu-me bem ao longo destes anos todos e estou certo de que servirá ao novo rei com a mesma lealdade. Como eu. A recompensa que receberemos será generosa. Buckingham já me prometeu uma de suas propriedades em Gales. Talvez, se aprender a controlar a língua, deixe que me sirva lá —acrescentou, erguendo a taça em direção a Lizzy.

Nunca voltaria a servir aquele monstro. Fechou os olhos e ouviu-o sorver o vinho. Era um glutton, corrompido pelo poder e a avareza. Sua ânsia de ter mais do que correspondia por direito de nascimento não somente haviam tirado a vida ao rei; iria custar a vida dela mesma.

Lorde Hollister continuou atormentando-a mentalmente, palavra a palavra, frase a frase, até que o sino soou pela quarta vez. Os rostos dos homens do clã Maxwell apareceram diante de seus olhos, como se tivessem vindo despedir-se, antes de continuar sua viagem eterna. Lizzy piscou e entrou em um estado de letargia.

O homem levantou-se da cadeira e recolheu o sétimo e o oitavo pesos do chão.

—Temo que terei que torturá-la diante de seu marido, se quiser que fale. O que acha? Umas chicotadas? Prefere que marque a fogo? Ou que a afunde no rio, como a minha Emma? —finalizou, colocando os dois últimos pesos sobre o peito, sem soltá-los.

Ela tentou puxar todo o ar que pôde.

Lorde Hollister soltou os dois pesos de uma vez. Quando tentou voltar a inspirar, dos lábios de Lizbeth saiu uma espécie de assobio.

Uma luz branca a cegou, enquanto um som como o bater de asas ressoava em seus ouvidos. Em sua mente, viu um anjo com asas brancas, pele dourada e sorriso sereno. Viu-se a si mesma junto a esse ser luminoso. Logo voaria ao seu lado. Logo.

—Consegui! —A voz de barítono de seu pai a trouxe de volta a este mundo.

Lizzy abriu um pouco as pálpebras. Na mão enluvada, segurava a metade do pergaminho enrolado. Madoc olhava-os da entrada, suado.



Hollister passou por cima dela e arrebatou o documento de lorde Ives. Feliz como um menino, o carcereiro ergueu o documento sobre a chama de uma tocha e o viu arder. A cera do selo carmim derreteu-se e gotejou pelo lado da tocha.

Hollister tinha ganhado.

As últimas energias de Lizbeth fundiram-se como a cera. As cinzas do documento se elevaram pelo ar e espalharam-se pelo chão da câmara.

Seu pai ajoelhou-se ao seu lado e retirou dois dos pesos antes que ela percebesse sequer que estava ali. À medida que ia retirando os pesos do peito, pôde puxar o ar com maior facilidade, mas a opressão de seu coração não se aliviou.

Uma gota de suor rolou da têmpora prateada de seu pai e foi parar na bochecha de Lizzy, enquanto tirava os grilhões de suas mãos e dos tornozelos. Levantou-a do chão como se fosse uma menina pequena e dirigiu-se com ela nos braços para a saída. Lizzy notou que ele a estava olhando, mas não foi capaz de devolver o olhar. Não era o homem que um dia pensou que fosse. Não era mais que o escravo de lorde Hollister, e continuaria sendo até o fim de seus dias.

—Os sinos chamaram à população para que se reúna na colina da Torre — disse seu pai a lorde Hollister— Já aguardam a execução do escocês ao pé do cadafalso. Assim que deixar minha filha em seus aposentos, levarei o prisioneiro até lá.

Lentamente, lorde Hollister afastou os olhos do atoleiro de cera carmim que se formou no chão e voltou-se para eles.

—Solte-a, vai presenciar a execução. Madoc, dê-me sua capa. Lizzy será hoje a ajudante de seu pai.

Se fosse necessário se submeteria a mais esta tortura, mas de maneira nenhuma tomaria parte na execução de seu marido.

—Não o farei.

—Lizbeth, dobre a língua —repreendeu-a seu pai, como leal servo que tinha sido toda a vida, enquanto a deixava no chão.

Lorde Hollister pôs-se a rir.

—Desobedeça e farei com que arranquem os membros de seu marido um a um, até não restar uma gota de sangue em seu corpo.

Embora os olhos ardessem, ela se negou a derramar uma lágrima em sua presença.

—Vai me conceder alguns segundos para falar com ele, antes da execução? —Não era um pedido fora do comum. Entretanto, para que fosse concedido, costumava ser acompanhado de dinheiro, assim não teve ilusões.

—Depois que tenha entregue a tocha a seu pai, disporá do tempo que demorarem para amarrá-lo, para falar com ele. Mas logo, terá que montar o cavalo que arrastará seu



corpo decapitado pelas ruas da cidade. Quero que a cabeça do escocês dê as boas-vindas a Gloucester cravada na lança da ponte de Londres.

Os números não vinham em sua ajuda. Uma parte dela procurava refugiar-se na segurança das cifras, mas a parte que Broc tinha trazido a luz rebelava-se e queria aniquilar qualquer um que se atrevesse a arrebatá-la seu marido. Ambas as mulheres continuavam batalhando em seu interior enquanto seus pés seguiam Madoc a caminho do patíbulo. A capa era tão grande que arrastava pelo chão. Os botões prateados fechavam-se sobre a única roupa que usava por baixo: a fina túnica. E embora a capa fosse pesada, o que fazia com que custasse tanto a avançar sobre a grama úmida, era a espada que levava nas mãos.

Sua mãe tinha carregado a espada de seu pai durante boa parte de sua vida. Como tinha conseguido manter-se boa e carinhosa? Lizzy sentia-se uma pecadora só por tocá-la.

Quando chegaram junto à plataforma, foi incapaz de subir os degraus. Não podia respirar.

Um dos cinco guardas que a acompanhavam tentou animá-la.

—Logo terá acabado tudo, milady.

Ela negou com a cabeça e deixou cair a espada sobre o primeiro degrau.

—Não posso.

—Têm que fazê-lo. O verdugo a aguarda —insistiu o homem, empurrando-a para cima.

Sentia-se como uma atriz a ponto de entrar em cena. Uma execução tinha muito em comum com uma atuação. Todos os cidadãos de Londres que não tinham nada melhor para fazer iam em massa presenciar o diabólico espetáculo, sedentos de sangue. Os degraus de madeira curvaram-se enquanto ela os subia, pesadamente. Embora o capuz da capa que usava fosse de tecido grosso, não a impedia de ouvir os gritos da multidão. Olhou um momento para o lado e viu uma menina de não mais de três anos sentada nos ombros do que devia ser seu pai. Seus cachos dourados balançavam, enquanto aplaudia como se estivesse em uma festa e apontava os cavalos que formavam duas filas perpendiculares ao patíbulo.

Ocultos atrás dos capuzes negros, os cavaleiros de Hollister emanavam uma inegável autoridade. Seus impressionantes cavalos davam coices, sem sair do lugar, forçando à multidão a dividir-se em duas partes.

A névoa do entardecer formava uma nuvem sobre os assistentes. Dois dos leais ajudantes do verdugo flanqueavam lorde Hollister, que estava em uma plataforma mais alta, da qual podia alcançar, com facilidade, um cavalo negro. O animal que o carcereiro pretendia que ela guiasse pelas ruas. O homem aplaudiu sua chegada, erguendo uma sobrancelha, como uma brincadeira. Ao vê-la desse modo, levantou o queixo satisfeito. Nada o agradava mais que humilhar os outros.



Embora por dentro estivesse tremendo como uma folha, Lizzy não ia permitir que Hollister fosse testemunha disso. Seguiu, com o olhar, as cordas que saiam da sela do cavalo até os tornozelos de Broc, de pé frente ao cadafalso. Um capuz cobria-lhe o rosto. Tinha a túnica negra colada ao peito pelo suor e as mãos amarradas às costas. Uma cesta estava colocada diante dele, para recolher sua cabeça assim que seu pai a separasse do corpo.

O coração de Lizzy pulsava tão acelerado que achou que iria sair do peito. Queria acreditar que ainda havia alguma maneira de deter aquilo. Se jogasse a espada longe, conseguiria salvá-lo ou só conseguiria que o desmembrassem?

Madoc colocou-se à direita de Broc e lorde Ives à esquerda. Durante uns segundos, a expressão de seu pai mudou, suavizando-lhe os traços. Era a expressão que estava acostumado a ter quando olhava para sua mãe. De repente piscou, como despertando de uma letargia, e dirigiu o olhar para lorde Hollister. Depois do que para Lizbeth pareceu uma eternidade, seu pai indicou a ela que se aproximasse.

Acariciou-lhe a bochecha com a mão enluvada e a beijou na fronte.

—Estou muito orgulhoso de você, Lizzy. Vejo em você o melhor de sua mãe. Não quero que volte a ter medo. Durante gerações, os homens da família Ives empunharam a espada. Eu sou o último. Reze por mim, minha filha. Não chegarei ao céu sem suas orações —pediu, enquanto abria seus dedos e arrebatava-lhe a arma—Vá falar com seu marido.

Lizbeth não queria que seu pai se sentisse orgulhoso dela e estava cansada de rezar por ele. O mundo tinha perdido o brilho. Começou a contar o número de guardas que enchiam a pequena plataforma. «Oito, dez, doze...» Poderia empurrar todos eles? Poderia salvar seu marido?

Colocou-se entre Broc e o cadafalso e tirou-lhe o capuz. Colocou uma mão em sua nuca quando ele ergueu os olhos do chão.

Os olhos azuis do escocês encheram-se de alívio.

—Está bem?

—Não, tenho medo.

O idiota sorriu.

—Não tenha medo, Lizzy. Muito em breve estaremos juntos.

A corrente de ouro onde estava pendurado o crucifixo aparecia sob a túnica. Tinha fé. Havia aceitado a morte e estava em paz com seu criador. Ela abriu a boca. Queria que suas últimas palavras fossem especiais, mas tremia-lhe o queixo. Queria dizer que o amaria eternamente e que ele dissesse o mesmo. Queria rezar com ele, mas só lhe saiu um soluço.

—O que posso fazer?

—Beije-me, Lizbeth — pediu Broc.



Fechou os olhos e apertou os lábios contra os de seu marido, desejando poder deter o tempo. Lágrimas salgadas penetraram entre seus lábios.

—Espere por mim —murmurou ele em sua boca— Suba no cavalo —ordenou a seguir, dando uma olhada à multidão.

Madoc levou-a até o extremo da plataforma, segurando-a quando falharam as pernas. Montou-a no garanhão com a ajuda de dois guardas que flanqueavam lorde Hollister. Sentiu convulsões no ventre e agarrou-se à crina do animal tão forte quanto pôde. Nunca havia experimentando um sofrimento tão intenso.

Entre a multidão se fez o silêncio, só interrompido pelo pranto de um menino.

—Não vai olhar? —A voz de lorde Hollister provocou-lhe ânsias— Já tem o queixo na marca.

Lizzy olhou-o com desprezo.

—O tempo que passamos neste mundo é somente uma preparação para a vida eterna. Logo estarei com meu marido no paraíso. Em troca, você arderá no inferno por toda a eternidade.

Lorde Hollister franziu o cenho, mas não afastou o olhar dela.

—Que Deus proteja a este homem em sua viagem! —gritou seu pai atrás dela.

Zas.



Capítulo 22

Lizzy estremeceu.

Da multidão ergueram-se expressões de surpresa.

Uma palmada na garupa do garanhão o fez colocar-se em movimento junto aos outros cavalos.

—Vamos, Lizbeth, cavalgue!

Ao voltar a cabeça bruscamente para o som daquela voz tão familiar, caiu-lhe o capuz. Broc estava montado ao seu lado, com um enorme sorriso no rosto.

—Agarrem-no! —bramou lorde Hollister a suas costas.

Confusa, Lizzy olhou para trás. Madoc e os dois guardas seguravam o carcereiro pelos braços. Nenhum dos guardas tentava persegui-los. Seu pai, plantado no meio do cadafalso com um sorriso travesso no rosto, saudou-a com a mão.

—Olhe para frente —gritou Broc sobre o estrondo dos cascos.

Ela inclinou-se sobre o cavalo, agarrou as rédeas com força e pressionou os flancos do animal com os joelhos. Era livre! E Broc também! Um dos guardas que a precedia voltou-se para ela, retirando capuz do rosto.

Smitt piscou-lhe um olho.

Logo Gregor fez o mesmo.

E outro. E outro. Estavam todos vivos! Os guerreiros Maxwell estavam vivos e os estavam guiando no entardecer, deixando atrás deles pastos e casas de tetos inclinados. Não sabia o que havia acontecido, mas nesse momento tampouco se importava. Só queria deixar Londres pra trás para não voltar nunca mais.

Ao aproximar-se das portas da cidade, Broc levantou o braço e gritou:

—Adeus, Godfrey!

—Boa viagem! —foi a resposta do guarda, que deixou cair o restelo assim que eles passaram.

Lizzy olhou para trás para assegurar-se de que tinha visto bem. O que estava fazendo Godfrey na entrada da cidade, se ele sempre tinha trabalhado na Torre? Um mistério a mais que resolveria mais adiante.

A luz do crepúsculo se infiltrava entre as nuvens enquanto se afastavam de Londres a galope. Uma lua de prata elevou-se no horizonte e as estrelas brilhavam como pó mágico sobre suas cabeças. Ao chegar ao alto de uma colina, detiveram-se para escutar. Embora olhasse por cima do ombro umas cem vezes, Lizbeth não pôde evitar de voltar a olhar.



As suaves colinas que tinham deixado para trás estavam tranquilas. Como era possível que não os perseguisse nem um só guarda?

Smitt ocupou o posto de Broc à frente da comitiva para que este pudesse cavalgar junto a ela. Movia-se com tanta graça em cima do cavalo, que ambos pareciam um só ser. Não somente era um homem inteligente, mas também, vestido com aquelas calças negras que se ajustavam a seus poderosos músculos, era a viva imagem de um guerreiro lendário. Seu guerreiro. Queria estender a mão e tocá-lo para assegurar-se de que era real.

Estava olhando para ela com expressão solene. De repente, piscou e sorriu.

—Estou sonhando? —perguntou Lizzy.

—Talvez —respondeu ele— mas nesse caso não pare até chegarmos a Escócia. — aproximou-se o máximo que pôde, agarrou-a pela capa e a atraiu para si, levantando-a do cavalo. Em vez de sentá-la diante dele, desta vez a pôs de pé sobre o largo lombo do garanhão e segurou-a com força pelas pantorrilhas— É livre, anjo. Estenda as asas e voe.

Lizzy procurou o equilíbrio enquanto os guerreiros Maxwell diminuiam o passo e colocavam-se atrás deles, cinco de cada lado, como se fossem uma formação de gansos em vôo. Sem medo, abriu os braços e sentiu-se voar. O vento soprava seus cabelo do rosto e empurrava as lágrimas de emoção para as têmporas, enquanto a capa formava um fluxo negro ao seu redor. Fechou os olhos e aspirou o aroma da névoa, da grama, dos cavalos... da liberdade.

Erguendo o rosto para o céu, despediu-se de seus seres queridos. Imaginou que sua mãe lhe dava um beijo na bochecha; Kandem e seus filhos a rodeavam com seus braços estreitando-a e Edlynn acariciava seu cabelo com seus dedos torcidos. Lizzy os levaria sempre no coração, e suas vozes a fariam forte.

—Obrigada —sussurrou, para que só eles pudessem ouvi-la.

Abriu os olhos a tempo de ver a cauda de uma estrela fugaz. Broc beijou-lhe. As emoções sufocaram-se em seu peito: alívio, alegria, desejo... mas nenhuma delas tão forte como o amor.

Enquanto ele diminuía o ritmo do cavalo, outros guerreiros seguiram adiante, levando com eles o cavalo de Lizzy. Broc segurou-a pelos quadris, girou-a e a sentou, fazendo com que deslizasse por seu peito. Ela enroscou as pernas ao redor de sua cintura ao mesmo tempo que rodeava-lhe o pescoço com os braços. Queria absorver sua força, ser parte dele. Estava muito grata de que ele tivesse entrado em sua vida. «Não vou soltar você nunca.»

Esfregou o nariz contra sua orelha, inalando seu aroma almiscarado. Esperava que a qualquer momento, Broc rompesse o silêncio com sua conversa, mas não disse nada. Limitava-se a guiar o cavalo com suas coxas de aço, seguindo seus homens. Sem romper o



abraço, seus corações pulsavam em uníssono. Finalmente, Lizzy notou que estava tremendo.

—Tudo ficará bem —assegurou ela, usando as palavras que ele disse tantas vezes, enquanto acariciava seus cachos da nuca.

—Tinha tanto medo de falhar com você —confessou Broc com voz trêmula. Protegendo-a dentro de seus braços, estreitou-a com mais força.

As costelas ainda doíam pela tortura e não pôde reprimir um gemido.

Ele a soltou imediatamente.

—Não passará um dia em que não me culpe por ter deixado-a sós com esse monstro. Poderá me perdoar?

—Já passou —respondeu Lizzy, acariciando-lhe a face. Consolar aquele forte e poderoso guerreiro despertou nela uma nova corrente de emoções.

—Nem imagina o que sofri enquanto estava nas mãos desse bastardo —prosseguiu ele, beijando as marcas azuladas que rodeavam seus pulsos como se fossem braceletes de safiras.

—Conte. O que passou?

Broc pôs o cavalo a um trote suave, para poder falar com mais facilidade.

—Assim que Hollister desapareceu com você, expliquei a seu pai a relação que o lorde tem com Buckingham e negocie com ele. Disse-lhe que entregaria o documento em troca de que meus homens tivessem um julgamento justo e de que a levasse a um lugar seguro.

—E você? Não negociou por sua vida?

—Não —respondeu, acariciando-lhe os antebraços— Seu pai me perguntou o mesmos enquanto os guardas nos escoltavam pelo túnel onde Smitt estava escondido com o documento. —Voltou a beijar-lhe o pulso — Admito que queria odiá-lo por sua profissão. Culpava-o de todos os seus medos e não entendia seu interesse por salvar um homem cuja...

—Cuja lealdade a um monstro era superior ao amor por seu próprio filho. —Ela acabou a frase em seu lugar.

—Mas não foi assim, Lizbeth —replicou ele, colocando uma mecha de seu cabelo rebelde atrás da orelha— Ele não matou Kandem. Hollister acorrentou seu pai durante a execução.

Lizzy baixou o olhar e viu a grama sob o ventre do garanhão. Nesse dia amaldiçoou seu pai. Tinha desejado que acabasse no inferno e, apesar de tudo, nunca havia dito a verdade. Tinha aceitado sua ira e seu ódio e se manteve a distância, deixando-a sozinha.

Broc segurou seu queixo e ergueu seu rosto.

—A mente de seu pai está presa aos erros passados.



—Mas por que me deixou acreditar que havia matado Kandem?

—Suspeito que sentia-se igualmente culpado e era mais fácil aceitar seu ódio que sua compaixão. Mas isso não significa que não a amasse.

«Amor.» Repetiu a palavra em sua mente. Estendeu os dedos sobre os dele, tentando cobrir suas mãos e sentiu uma onda de calor que se estendia por seus braços. Sabia que era amor. Se seu pai a tinha amado, nunca havia dito. A última vez que ouviu alguém falar de amor tinha sido no dia em que sua mãe lhe pôs o rosário nas mãos. O dia em que morreu.

—Não sei se meu pai amou alguém em sua vida. Nunca disse em voz alta. Nem sequer a minha mãe.

—Talvez sentisse que seu amor era uma maldição para seus seres queridos. Falhou com Kandem, falhou com você e seus sobrinhos. Sei o que se sente quando não se pode ajudar alguém. Faz com que odeie a si mesmo. Seria capaz de tudo para libertar-se da culpa.

—Não se compare com ele. Não têm nada em comum.

—Lizbeth, o homem tornou-se louco porque não podia agüentar a culpa —insistiu Broc, entrelaçando seus dedos.

—Pare de defendê-lo. É um covarde.

—Talvez. Mas um covarde que quer ajudá-la para que consiga seus objetivos. E que está disposto a mudar e a vingar seus herdeiros.

—Meus objetivos fracassaram. Sem o documento, não há nada que ligue Hollister a Buckingham.

—Mulher de pouca fé —replicou ele, beijando o cenho franzido.

—Que fé posso ter? O documento foi destruído. Lorde Hollister ganhou. Realmente, tenho que repetir o que aconteceu? Entregou o documento ao meu pai. Ele o deu a lorde Hollister. E este o queimou —enumerou Lizzy, assinalando cada ação com um dedo— O que não entendo é por que demônios demoraram tanto. Meus seios provavelmente não voltarão a ser os mesmos.

Broc desabotoou vários dos botões prateados até que a capa ficou penduranda nos ombros. Com uma mão segurando suas costas, inclinou-se e beijou a parte superior dos seios por cima da fina túnica.

—Sinto muito que tenha sofrido tanto.

O frio ar da noite e a ternura de sua voz provocaram-lhe um calafrio.

—Por que demoraram uma hora para chegar do túnel até a torre Beauchamp?

Broc voltou a apoiar uma mão no seio e piscou, teatralmente.

—Trabalhamos tão depressa quanto pudemos para falsificar o documento.

—Falsificar o documento?



—Seu pai foi correndo até a torre de Condestable procurar pergaminho e tinta enquanto Madoc ia aos jardins procurar bagos. Se Hollister se incomodasse de examinar o texto, teria visto que a assinatura de Buckingham era uma péssima imitação. E que o selo era uma mistura de sebo e suco de bagos, estampado com um ducado. Demorou uma eternidade para endurecer.

Deveria ter adivinhado algo quando seu pai chegou suando. Ele nunca suava. Não custava muito cortar a cabeça de um homem, se a lâmina estivesse bem afiada.

—De verdade?

—De verdade. Juro por minha alma — assegurou Broc, beijando seu pescoço e entretendo-se nos vales de seus seios.

Lizzy estremeceu e acariciou-lhe o pescoço, chegando até sua orelha. Tentou voltar a concentrar-se no assunto e não deixar-se distrair pelas sensações.

—E onde está o autêntico?

—Com seu pai. Suspeito que torturará o bastardo do Hollister um pouco antes de entregá-lo a Gloucester.

—Merece qualquer castigo que lhe imponha. — Lizbeth estava impressionada pelo plano que Broc e seu pai tinham idealizado e levado a cabo em tão pouco tempo. Entretanto, havia algo que ainda não entendia— Mas por que essa encenação da execução?

—Isso não tínhamos planejado. Lorde Ives pensou que Hollister a deixaria ir assim que entregasse o documento. A idéia era que a levasse até mim e logo fugiríamos juntos pelo túnel, mas a obsessão de Hollister por atormentá-la complicou os planos. Enquanto este e Madoc escoltavam você até o cadafalso, nós estivemos movendo guardas de lugar. Por isso Godfrey estava nas portas da cidade.

O certo era que seu pai era um homem poderoso. A maioria das pessoas tinham medo dele, e não havia duvidas que os soldados o obedeceriam. O que não entendia era por que tinha deixado Broc escapar.

—Por que o deixou partir? Seria tão fácil acabar com sua vida...

Ele levantou a cabeça. Sua expressão era solene à luz da lua.

—Quando estávamos no túnel, disse a ele que iria com gosto ao patíbulo para protegê-la.

—Pela promessa que me fez? —perguntou ela, esperando que essa não fosse a causa. Retirou a mão com que tinha estado acariciando seu pescoço e escondeu-a dentro das mangas, retorcendo o tecido, enquanto esperava que falasse de seus sentimentos.

—É minha esposa. Não suportaria falhar com você.

Como falhou com Lilian e Mattie. Suspeitava que estava destinada a encher o buraco que tinham deixado suas irmãs em seu coração. Broc estava disposto a dar sua vida por ela.



Se seus atos eram motivados pela honra e não pelo amor, aceitaria da mesma forma. Talvez algum dia ele a amasse, embora somente a metade do que ela o amava.

—Sabe o que me dava mais medo? —perguntou Broc, apoiando uma mão em seu rosto.

Ela negou com a cabeça e apoiou-se em sua mão.

—Tinha medo de ficar só com sua lembrança. Horrorizava-me pensar em não voltar a sentir o calor de seu corpo ou não voltar a beijá-la. Não vê-la com nosso filho nos braços, nem poder voltar a dançar sob a chuva.

Um espasmo sacudiu o ventre de Lizzy. Sentia a dor de seu marido como se fosse a dela. Queria chorar por ele e consolá-lo ao mesmo tempo.

—Construiremos muitas lembranças juntos —conseguiu dizer.

Broc beijou-lhe brandamente o nariz, o queixo, e depois procurou a mão que ela tinha escondido e a colocou sobre o peito.

—Toque-me, Lizbeth, por favor.

Lizzy deixou que suas mãos percorressem seu largo peito a seu prazer. Inalou seu aroma um instante antes que ele a beijasse. Uma tormenta sacudiu suas entranhas, quando a língua do escocês deslizou em seu interior para reclamar a dela. Suas línguas se uniram e giraram uma e outra vez até que finalmente ele acabou dando-lhe um beijo suave nos lábios.

—Quero construir uma lembrança agora mesmo —disse, tirando a camisa por cima da cabeça e amarrando-a a sela. Depois retirou a capa dos ombros e a deixou sobre a crina do cavalo.

Lizbeth viu que olhava um momento por cima de seu ombro e voltou a cabeça para ver o que via. Recortados contra a luz da lua, os dez guerreiros Maxwell acabavam de passar por uma colina. O mundo estava a seus pés. Parecia que o prado tinha sido criado só para eles, perfumado com o doce aroma das flores que brilhavam à luz das estrelas.

Broc afrouxou as cintas da túnica e baixou-a até a cintura. Finalmente estavam pele contra pele. Abraçou-a com força e beijou seu cabelo. Lizbeth precisava desesperadamente que se fundissem em um só ser. Encheu-lhe a mandíbula de beijos suaves enquanto rezava para que encontrassem logo uma estalagem.

Ele gemeu, passou a língua por seus lábios e subiu sua túnica até deixar as coxas a descoberto. Lizbeth sentiu seu membro que crescia e palpitava debaixo dela e o abraçou com mais força com os joelhos. Rodeou-lhe o pescoço com as mãos e inclinou-se um pouco para trás, para dar mais fácil acesso ao seu corpo.

—Toque-me.

Seus seios deixaram de saltar ao ritmo do galope do cavalo, quando Broc segurou cada um, em cada mão e acariciou os mamilos. Logo os umedeceu com a língua, sem



pressa. Ela, cada vez mais excitada, não podia ficar quieta, e seus movimentos o excitavam mais. A tensão dos músculos de seu interior tornou-se insuportável. Com um grito afogado, enlaçou com força os tornozelos em suas costas, enquanto uma primeira onda de fogo a percorria de cima abaixo.

—Diga que pararemos logo.

—Não, com Smitt no comando, o mais provável é que não paremos até chegar a Escócia —respondeu Broc, enquanto a segurava pelas mãos e a reclinava sobre a crina do animal— Relaxe. Quero contemplá-la. Não a deixarei cair.

Os seios de Lizbeth brilhavam à luz da lua e o vento deslizava sobre eles como uma delicada carícia. Percorreu-lhe todas as curvas.

—Sabe que a tinha imaginado assim?

Lizzy reconheceu a fome em seu olhar e não pôde resistir a provocá-lo um pouco mais.

—Imaginou-me nua em cima de um cavalo?

—Sim —respondeu Broc, acariciando seu pequeno ninho de cachos entre as pernas e sentindo seu calor— Imaginei-a nua enquanto fugíamos pelo túnel, a primeira vez que cheirei seu aroma —admitiu— e imaginei-a nua sobre o cavalo na manhã seguinte, quando partimos da estalagem. É mais bela do que imaginava.

Suas palavras fizeram com que se ruborizasse de cima abaixo. Quando estava a ponto de suplicar que a tocasse, ele introduziu dois dedos em seu interior enquanto acariciava o botão de carne de sua entrada com o polegar. Ela ergueu os quadris enquanto lutava para libertar as mãos de seu punho de ferro.

—Oh, Broc —gemeu— por favor, pare o cavalo.

—Não —disse ele, e em vez de afrouxar o galope, instigou-o sobre o prado sem deixar de acariciá-la, aproximando-a mais e mais do êxtase.

Sentindo que não iria poder resistir muito mais, Lizbeth segurou com força sua mão e gritou o nome de seu marido uma e outra vez.

Justamente nesse momento, soltou-lhe as mãos e retirou os dedos de seu interior.

«Não!» Seu ventre palpitava descontroladamente.

Broc ergueu-se nos estribos e desabotoou as calças até que sua ereção saltou, livre.

—Preciso de você —disse.

—Quer fazer amor em um cavalo a galope? —perguntou ela, lutando para manter o equilíbrio sem a ajuda de sua mão.

—Oh, sim! —exclamou ele, rodeando-lhe as nádegas com as mãos, levantando-a e mordendo sua orelha—Abrace-me.

Lizbeth fez o que dizia e escondeu o rosto em seu pescoço, enquanto ele a abria, preparando-a para sua entrada.



—Faça amor comigo, Lizbeth. —Broc deslizou-se em seu úmido canal e começou a mover-se, seguindo o ritmo do cavalo.

Ela agarrou seus ombros, cravando as unhas em sua carne, enquanto a cada galope do garanhão a enchia mais e mais. Era o animal que controlava o ritmo de sua união, em um frenesi que ameaçava deixá-la sem respiração. O som da carne úmida chocando-se contra carne úmida a excitava ainda mais.

Broc separou os dedos que a seguravam pelas nádegas, brincando com sua entrada de trás, até que um dedo entrou e começou a imitar o vaivém de seu membro em sua outra abertura.

Lizbeth gritou e contraiu os músculos. Queria que parasse. Queria que não se detivesse nunca...

—É minha —disse ele, com uma voz que recordava o grunhido selvagem de um animal— Ninguém voltará a me separar de você. Minha — repetia a cada investida. — Minha.

—Minha! —bramou, cravando-se em sua pélvis. Ao penetrá-la daquela maneira tão brutal, estava dominando-a. Ela queria mostrar-lhe que podia ser tão agressiva como ele.

Era seu companheiro, seu marido, seu amante. Encorajada por sua paixão, beliscou-lhe os mamilos enquanto mordida seu ombro com força. Ondas de prazer se apoderaram de seu corpo.

Como se os gritos de sua esposa tivessem libertado uma fera enjaulada, Broc uivou e grunhiu, e seus gritos ressoaram no interior de Lizzy. E, de repente, entrou em erupção, alagando-a com ondas e mais ondas de vida.

Seus corações seguiram pulsando em uníssono, uma vez que acabaram. Ele pressionou os flancos do cavalo com as coxas até que este parou.

—OH, Lizbeth —suspirou, com a cabeça apoiada em seu ombro.

Ela aguardou com impaciência que recuperasse o fôlego para que dissesse as palavras que desejava ouvir. Estava certa de que a amava. Suas mãos diziam. Estava disposto a morrer por ela. Acariciou-lhe o pescoço com o nariz, desejando desesperadamente ouvi-lo declarar seu amor.

«Diga «

Sentiu que estavam formando-se lágrimas em seus olhos. Broc beijou-lhe a orelha, mas não disse nada.

«Diga que me ama», suplicou, em silêncio. Mas seu pedido ficou sem resposta.



Capítulo 23

—É realmente necessário que entre na casa da avó com uma adaga? —perguntou Lizzy franzindo o cenho, uma expressão que começava a tornar-se familiar nela.

Broc suspeitava que estava esgotada. Durante uma semana tinham cavalgado quase sem parar, e mal haviam dormido, porque faziam amor sempre que podiam escapar dos outros. Antes do amanhecer, pois era a hora favorita de Lizbeth para seus jogos amorosos. Broc havia despertado duas manhãs encontrado-a em cima dele, de forma vitoriosa. Nas duas vezes, ele havia colocado Lizzy debaixo de si. Mas cada dia que passava, ela se mostrava mais forte, mais atrevida e desinibida. Broc não via o momento de chegar ao castelo de Skonóir, mas sua esposa tinha insistido em visitar a avó.

De pé na entrada, com os braços cruzados debaixo do peito, Lizbeth mostrava seu desacordo, mas o efeito se perdia por culpa do atrevido decote do vestido de cor púrpura que ele havia comprado no mercado de Leicester. Broc não podia concentrar-se em seu estado de ânimo porque os olhos seguiam para os brancos seios que apareciam pelo cós dourado que enfeitava a parte da frente, do pescoço até o pé. Um pé que, por certo, estava tamborilando sobre o chão. Impaciente.

—Não me apresse —disse ele, o que só fez com que ela o olhasse ainda mais zangada e tamborilasse com o pé mais depressa.

—Pois guarde a arma.

—Certamente a avó não me cravará seu dedo bicudo, se entrar armado.

—Escocês idiota. Saia da frente —ordenou ela, deixando um doce aroma em sua passagem, que lhe recordou o prado de flores vermelhas e brancas onde tinham feito amor antes que amanhecesse. Lirios, para ser mais exato. Não entendia por que sua esposa insistia em ensinar-lhe o nome de cada espécie floral da Inglaterra, mas se isso a fazia feliz, para ele estava bem.

—Vai entrar? —perguntou Lizbeth, oferecendo a mão da soleira.

—Sim. —Broc embainhou a adaga, agarrou-lhe a mão e passou a frente dela. A ponta de uma espada cravou-se sob seu pescoço assim que entraram no salão.

—Já era hora que voltasse.

Durante um momento, Broc pensou que estava vendo seu próprio reflexo, mas o homem que tinha diante dele era mais jovem, e estava vestido com o tecido xadrez do clã.



Foi difícil reconhecer Ian à luz dos cristais pintados da avó. O certo era que tinha passado quase um ano desde a última vez que viu seu irmão.

—Cresceu muito.

—Sim. —Ian embainhou a espada e deu a mão a Broc, enquanto golpeava-lhe as costas com a outra. Com força— Estive defendendo as fronteiras, enquanto você se dedicava a brincar de correr pela Inglaterra. Esta é sua mulher?

—Sim, esta é Lizbeth.

—Sou sua esposa, não sua mulher.

—É o mesmo —disse Ian, com tanta despreocupação que Broc quis sair correndo da casa. O juvenzinho ainda tinha muitas coisas que aprender.

—Desculpe, mas não estou de acordo. Supõe-se que uma esposa deve ser fiel ao seu marido. Deve ser obediente e ajudá-lo a todo o momento. Uma mulher é alguém com quem o homem fornicava até que encontra uma esposa que o guie.

Ele sentiu-se tentado a aplaudí-la por ter enfrentado Ian. Sem dúvida estava preocupada com sua posição no clã. Talvez tivesse medo de não estar à altura de suas obrigações. Broc estava há vários dias procurando explicações que justificassem seu mau humor.

Ian abriu a boca, mas voltou a fechá-la, sem dizer nada. Ficou olhando Lizbeth uns instantes antes de voltar-se para seu irmão.

—Já estive em Skonóir?

Lizbeth resmungou e dirigiu-se a beirada da janela, onde a anciã guardava seus bonecos.

—Não —respondeu Broc, preocupado por sua esposa—Por que não está lá?

—Está se escondendo —respondeu a avó, entrando na sala. Por sorte, tinha as mãos ocupadas com uma garrafa de uísque, quatro taças e sua espada.

—Não estou me escondendo. Um homem não pode visitar sua avó sem que o acusem de algo? —protestou Ian. Estava claro que alguma coisa não ia bem. Ninguém visitava a anciã, a não ser que doesse algo ou procurasse refúgio.

—Ah, sim? Está aqui há uma semana e o telhado do estábulo continua sem arrumar, como as cercas —prosseguiu a mulher, deixando o uísque e as taças sobre a mesa e coxeando até Lizbeth, que estava absorta contemplando os bonecos.

Broc estremeceu.

—Está bem, moça? Não tem bom aspecto —perguntou a avó, retirando-lhe o cabelo do rosto com cuidado.

Ela não respondeu e continuou ordenando os bonecos, com o cenho franzido.

—Sim, está bem —respondeu ele em seu lugar. Quando Lizbeth voltou-se e começou a bater com o pé de novo, percebeu que tinha cometido um engano.



—Então, está procriando com ela? —perguntou a anciã, erguendo as sobrancelhas.

—Oh, sim —admitiu ele, com orgulho, quando Lizbeth ruborizou-se por completo. Logo depois, o rubor abriu caminho a um tom mais vermelho.

—Então, foi isso que esteve fazendo, lorde Maxwell? Procriando com sua mulher — exclamou, bufando furiosa. Um instante mais tarde, o queixo começou a tremer e seus olhos encheram-se de lágrimas.

—Lizbeth, eu...

—Vou ao estábulo.

—Já que vai, as cabras agradeceriam se as ordenhasse —disse a avó.

Lizzy desapareceu em um redemoinho de veludo púrpura.

Assim que ela saiu da casa, Ian começou a rir.

—Que caráter tem sua mulherzinha, irmão.

—Sim. —Broc assumia sua responsabilidade. Ele a tinha encorajado a não ter medo de dizer o que pensava. Gostava mais assim. Já não era a moça assustada que retorcia as mangas e cravava o queixo no peito. Mas algo não estava bem. Talvez a resposta fosse um bebê. Só de imaginá-la arredondada com seu filho fez com que se excitasse.

—Lady Juliana nunca se zangaria dessa maneira —assinalou Ian, tirando-o de sua meditação.

—Lady Juliana já não é minha incumbência —respondeu ele, na defensiva.

A avó começou a rir, o que deixou a vista seus quatro dentes.

—Pois talvez deveria ser.

—O que quer dizer? —Broc aguardou que a mulher acabasse de encher as taças com uísque, enquanto Ian observava com grande atenção a ponta de sua adaga.

—Entendi que laird Scott está há uma semana esperando-o. Ele, sua filha e uma dúzia de guerreiros se instalaram em Skonóir e exigem um casamento. Afirma que lady Juliana foi desonrada por um membro do clã Maxwell.

Broc sentiu-se acusado injustamente por suas palavras.

—Não pus um dedo em cima dessa mulher. Não a vi durante três anos. Se laird Scott me acusar de roubar a virtude de sua filha, vamos ter uma guerra.

A avó deu um gole e sorriu.

—Não, não é você quem acusa.

—Smitt? —perguntou Broc. Mas só tinha ficado três dias em casa, antes que voltasse a enviá-lo a Inglaterra. Maldição! Nem com uma parelha de cavalos conseguiria arrastá-lo até o altar.

—Não —respondeu Ian, bebendo o uísque de um gole— Fui eu.

—Está brincando —replicou Broc, sentando-se no banco e bebendo seu uísque. O licor queimou sua garganta. Ian não ergueu os olhos. Tinha a cabeça curvada como quando



era menino e roubava a espada de Aiden. Mas já não era nenhum menino—. Ela é muito mais velha que você.

—Só um ano, irmão. Lady Juliana tinha dezoito quando foi prometida a Aiden.

Broc tentou recordá-la, mas seu rosto não lhe vinha à mente. Parecia que só tinha espaço para Lizbeth. A avó encheu as taças. Depois de uns instantes em que os três beberam em silêncio, voltou a enchê-las.

—Quais são suas intenções? —perguntou Broc, quando esvaziaram a terceira taça.

—Desejo me casar com ela.

—Então por que se esconde na casa da avó?

—Lady Juliana estava prometida a Aiden. Além disso, embora ele não estivesse apaixonado por ela, você sim estava.

—E quando soube que me casei, saiu correndo a desvirginá-la?

—Não. —Seu irmão ficou de pé e plantou as mãos sobre a mesa— Estive encontrando-a em segredo onde nossas terras se unem às do clã Scott durante quase um ano. Quando ouvi que havia se casado, decidi que era momento de tornar isso público.

Broc esperou ver se sentia inveja ou ciúmes, mas não. O certo era que lady Juliana nunca foi para ele. Lizbeth sempre tinha estado ali, esperando que a resgatasse.

—Deve se casar com ela antes, Ian.

—Queria sua aprovação.

Ele sentiu uma grande emoção no peito. Ou isso, ou tinha bebido muito. Ganhou o respeito de seu irmão, o que queria dizer que não custaria ganhar o do resto do clã. Era uma sensação agradável. Serviu-se outra rodada de uísque e estudou à mulher que mostrava a vidraça. Leu as palavras escritas sobre sua cabeça: *Neart, Grá agus Onóir*.

—Força, amor e honra, irmão. Que obtenha a felicidade e a força através do amor e da honra, como eu tenho feito —respondeu, elevando seu taça.

—Então, tenho sua permissão? —Ian ergueu a taça ao mesmo tempo que as sobrancelhas.

—Penduraremos as admoestações amanhã mesmo. Casará com lady Juliana dentro de três semanas.

Ao entrar no estábulo, Broc tomou a precaução de manter distância ao ver que Lizbeth tinha um úbere de cabra na mão. Não gostaria que o banhasse em leite antes da reunião que o aguardava no castelo. Por sua postura, viu que continuava zangada. Embora cada vez chorasse menos em sonhos, era evidente que algo a preocupava, mas ele não sabia como ajudá-la.

Apoiou-se no marco da porta, sentindo os efeitos do uísque de tio Ogilvy. Quanto mais a olhava, mais amplo era o sorriso em seu rosto. Sua esposa estava fazendo um discurso para a cabra. Não ouvia o que dizia, mas seus gestos eram de indignação. Deus,



amava aquela mulher! Não sabia em que momento percebeu, mas cada dia que passava seu amor por ela se fazia mais e mais forte. E quanto mais forte era esse sentimento, mais forte se sentia. Estava transformando-se no líder poderoso e dominante que o clã precisava. E tudo graças a Lizzy.

Viu-a se levantar depois de ter ordenhado à quarta cabra e secar as mãos no caro vestido de veludo.

—Ordenhar cabras não é tarefa adequada para uma dama.

Ela agarrou uma bacia de leite em cada mão e saiu do estábulo, passando ao seu lado sem se importar com sua pesença.

«Pelos pregos de Cristo.» Que demônios estava acontecendo?

—Quer fazer o favor de deixar as bacias?

Lizbeth parou, derramando um pouco de leite amarelado. Broc tentou ler sua expressão, mas uma máscara de indiferença cobria seus traços. Quanto mais se prolongava seu silêncio, mais frustrado se sentia.

—Faça o favor de me dizer o que a preocupa.

Lizzy voltou-se para ele com os olhos transformados em dois sóis furiosos.

—Porque você me ordena? Porque é o líder do clã e devo obediência? Passei a vida atrás de homens poderosos, mas tenho uma mente própria. Sei qual erva alivia o mal-estar de estômago e qual afastam os insetos. Aliviei as dores de parto de suas esposas enquanto traziam para o mundo seus herdeiros. Embora não saiba manejar a espada como as mulheres de seu clã, posso melhorar a vida de todos eles. Mas não posso fazê-lo escondida atrás de você.

—Não está atrás de mim —replicou Broc, olhando por cima do ombro para enfatizar suas palavras.

—Estou a seus olhos. Não viu os bonecos?

—Os bonecos? —repetiu ele, perplexo.

—A avó me fez um boneco e o pôs atrás do seu.

Broc ficou olhando, desejando que não fosse tão complicada.

—Está segura de que está assim por culpa dos bonecos?

—É o líder do clã e como sua esposa devo estar ao seu lado, não atrás.

—Está ao meu lado.

—Não, não estou. Se eu der um passo para frente, você dá dois —replicou ela, deixando as bacias no chão do estábulo e dirigindo-se à saída.

Broc barrou-lhe o caminho.

—Vê? Sempre tem que me olhar de cima e me intimidar com sua força e sua potência.



—Sou mais alto que você —defendeu-se ele, levantando os braços. Cada vez entendia menos o que estava acontecendo. Devia ter bebido mais do que pensava - Diga o que quer claramente e eu darei. Não posso ler a sua mente.

—Não é tão fácil —replicou Lizbeth. O lábio inferior começou a tremer, mas em seguida o mordeu. Baixou a cabeça para esconder suas emoções, mas não antes que Broc visse que tinha feito mal a ela.

Qual podia ser o problema? Ele a protegeu, casou-se com ela, ensinou-a a enfrentar seus medos... Até o momento, sempre tinham sido sinceros um com o outro. Sentia falta de seus sorrisos e que pudessem discutir sem perder o bom humor. Agachou-se e recolheu duas flores de um arbusto. Era um trevo vermelho.

—Se separar as pétalas, verá que escondem um leite doce em seu interior.

Em vez de sorrir, como ele tinha esperado, Lizbeth franziu o cenho.

—Isso eu lhe ensinei.

—Sim. Tentava fazê-la sorrir. Quero que seja feliz. Se você quer ir na minha frente, seguirei-a.

Ela assentiu, secou os olhos e aceitou as flores, embora não fossem essas as palavras que desejava ouvir. Quando estivessem mais tranquilos, continuaria tentando.

—Vamos, Lizbeth. Temos que preparar um casamento. Minhas tias deverão preparar flores secas durante as próximas três semanas.

—Quem se casa? —perguntou, levantando por fim o olhar. Tinha os olhos brilhantes pelas lágrimas que tentava ocultar. Broc sentiu uma pontada de dor.

—Ian e lady Juliana.

—Sua lady Juliana?

—Não é minha lady Juliana —respondeu ele, revirando os olhos.

—Mas em outro tempo a desejou, não é?

—Talvez, mas suspeito que queria tudo o que a acompanhava. Não a ela como mulher. Isso descobri quando a conheci —admitiu, beijando-lhe o sorriso triste. Esperou que ela desse o primeiro passo. Se queria ir a frente, permitiria. Queria que voltasse a sorrir— Atrás de você, milady —acrescentou. Levou uma mão à cintura e assinalando os degraus de sua avó com um braço, inclinou-se profundamente, tentando conseguir uma reação: uma risadinha, que fosse.

Mas nem sequer um suspiro de exasperação saiu dos lábios de Lizzy.

—Obrigado, milord —limitou-se a dizer ela.

Broc agarrou as bacias de leite e a observou subir os degraus, com a saia bem presa nos punhos apertados.

—Posso organizar um exército para atacar meus inimigos, mas sou incapaz de averiguar o que acontece na mente de minha esposa —resmungou.



Capítulo 24

—Amo esta mulher!

Um rugido de aprovação ergueu-se sobre o som dos violinos e dos tambores enquanto a alegre multidão formava um círculo para o baile que vinha a seguir.

Lizzy estava sentada —só— à mesa principal do grande salão. Meteu na boca o terceiro pastel banhado em molho, enquanto contemplava a cena. As têmporas doíam de ciúmes. Ou isso, ou tinham esticado muito suas tranças que formavam uma coroa sobre a cabeça. Procurou com o olhar seu marido para ver se ouviu seu irmão mais novo professar publicamente seu amor por lady Juliana, mas Broc estava ocupado com outras coisas.

Laird Scott, que parecia estar encantado, monopolizava sua atenção. Riam como se tivessem caído em um barril de vinho, e os homens de ambos os clãs riam com eles. Broc era a viva imagem de um laird escocês, com seu tecido xadrez bem preso à cintura e pendurando no ombro. A camisa branca contrastava com sua pele escura, e a enorme espada que levava no quadril indicava sua posição no clã. Deu uma palmada em laird Scott nas costas enquanto inclinava-se para dizer algo que provocou uma nova explosão de risadas entre os guerreiros.

Lizzy resmungou. Se ele se empenhava em ignorá-la, ela se dedicaria a fazer feliz à tia Radella comendo até arrebentar.

Brincou com o pingente que Broc lhe deu dias atrás: asas de ouro com incrustações de âmbar. Sentia-se culpado por estar tão zangada. Sabia que ele a amava. Era seu marido. preocupava-se com sua segurança. Levava-lhe flores a cada dia e trabalhava junto com seus homens para construir uma sala de banhos onde ensinaria Lizzy a nadar. Cada noite a abraçava e nunca dormia antes dela. Em sua mesinha nunca faltava uma vela acesa. Dançavam em seu quarto; faziam amor a cada manhã e cada noite, e às vezes escapava dos treinamentos para um encontro rápido no meio do dia. Tudo o que fazia falava de seu amor.

Então, por que o grande idiota nunca dizia as palavras? Tinha «amor» escrito no braço. A única coisa que devia fazer era baixar os olhos e ler.

Lucy aproximou-se levando uma terrina com flores lilases e amarelas banhadas em mel.

—A avó Raspa diz que deveria provar isto.

—Pois vamos lá. —Lizzy agarrou um ramo e o levou a boca, manchando de mel o sutiã do vestido vermelho e dourado. A flor explodiu em sua língua com uma mescla de sabores ácidos e doces que a fez salivar. Não tinha provado nada igual em sua vida.



—Diga a sua avó que é delicioso.

—Quer outra terrina? —perguntou Lucy, enquanto Lizzy levava outra flor à boca e tentava averiguar que ingrediente secreto continha.

—Oh, sim, por favor. —Se seu marido não deixasse de celebrar com seu corpo, procuraria alternativas. Três flores mais derreteram em sua boca. Sentia-se como uma gulosa, mas a verdade era que não se via capaz de controlar a vontade de comer doces — Ou melhor, traga duas.

—Sim, milady.

Lucy afastou-se, mas seu posto foi ocupado em seguida por Celeste.

—Por que não está dançando com seu marido? —perguntou, olhando com desejo a comida de sua amiga.

—Está ocupado em ser líder —respondeu Lizbeth, chupando o mel que gotejava do dedo. Ao levantar o olhar, viu que Broc a estava observando. Os pêlos dos braços arrepiaram-se imediatamente e esperou que os mamilos endurecessem, como acontecia sempre que ele a olhava dessa maneira. Efetivamente, os seios incharam e os mamilos transformaram-se em pedras. Mas quando piscou-lhe um olho, ela afastou o olhar. Por que não tinha o mesmo poder sobre ele?

—Pois me parece que está pensando em comê-la inteira —disse Celeste, e começou a rir com tanta vontade que a risada logo se transformou em soluços.

—É possível. Algumas espécies de animais o fazem, depois de copular.

—Pois talvez você devesse comê-lo antes —sugeriu sua amiga com um brilho travesso no olhar, apoderando-se da bandeja de pastéizinhos.

—Talvez. —Lizzy tinha tentado tomar o controle na cama algumas vezes, mas Broc não ficava confortável adotando um papel submisso. Dirigiu-lhe um olhar de lado e viu que estava de cócoras diante de Lucy. A menina entregou-lhe uma terrina cheia do que pareciam nozes. Ele colocou uma na boca, passou a língua pelos lábios e fez uma careta.

—Caramba! Que bons estão estes bolos —disse Celeste, chupando os dedos— John deveria prová-los.

—Como está seu marido? —interessou-se Lizzy.

—É um escocês saudável e forte que está aproveitando-se da ferida para que eu o perdoe. Não se preocupe mais com ele. Está adulando-o com suas visitas diárias e seus remédios.

—Pois continuarei adulando-o —replicou ela, colocando outro doce banhado em mel sobre a língua e apoiando a cabeça na mão.

—O que houve, Lizzy? Se preocupa com o que acontece na Inglaterra?



—Um pouco. —Era verdade que não sabia o que tinha acontecido com lorde Hollister nem com Buckingham, sem falar dos príncipes, que agora viviam na Torre. Tinha esperado que seu pai enviasse uma carta dizendo, pelo menos, que estava bem.

—O clã inteiro está preocupado com você.

—Não é nada.

—Algo acontece quando você está aqui e seu marido está ali.

Lizzy desejou poder compartilhar suas preocupações com alguém. Celeste tinha demonstrado ser uma boa amiga, mas temia sua incapacidade de guardar segredos.

—Algumas mulheres dizem que talvez tenham problemas na cama.

—Não! Não é isso, absolutamente —Apressou-se a negar. Broc subiria pelas paredes se soubesse que estavam pondo em dúvida sua virilidade.

—Então, o que é?

A verdade era que não seria ruim ter alguém com quem conversar sobre o assunto.

—Quando soube que John estava apaixonado por você?

Celeste pensou um pouco, olhando o teto.

—Suponho que quando me disse —respondeu, franzindo o cenho— Suspeita que seu marido não a ama?

—É obvio que me ama — defendeu Lizzy, olhando por cima do ombro para assegurar-se de que ninguém estava escutando.

Celeste ficou na espera.

—Não será que esse escocês cabeçudo ainda não disse isso?

Ela negou com a cabeça e levou a boca um doce atrás do outro, para não ter que falar. Sua protetora amiga dirigiu um olhar assassino ao laird, como se acabasse de decidir que não iria descansar até que não visse o assunto resolvido.

Maldição! Por que contou a ela? Tomou um gole de vinho agüado para ajudar a tragar os doces e voltou-se para a outra mulher.

—Celeste, por favor, não diga nada. É um assunto pessoal. Não pode humilhá-lo diante de seus homens. Sei que me ama. Não tem por que dizê-lo.

Sua amiga a tranquilizou, assentindo com a cabeça, mas Lizzy sabia que não deixaria passar o assunto com tanta facilidade.

—Quero ser útil. Espere aqui. Vou em casa um momento e já volto.

Antes que ela pudesse responder, Celeste já estava correndo com a saia recolhida. Embora não pudesse evitar de sentir curiosidade, em seguida perdeu qualquer esperança. O que poderia fazer para que Broc a amasse?

Quando estava a ponto de acabar a primeira terrina de doces, apareceu Lucy com duas terrinas mais. Obrigou-se a sorrir para a menina e a mandíbula doeu pelo esforço.

—Diga a sua avó que tem que me dar a receita.



—Sim, milady. Direi amanhã. Já foi dormir —respondeu a menina antes de unir-se ao círculo que estava girando ao redor de lady Juliana.

A mulher pela qual, em outros tempos, Broc havia se sentido atraído era indubitavelmente bela, mas Lizzy percebeu que também era tímida. Segurava a saia cor de rosa com força e escondia os olhos atrás de seus cachos dourados. Muira comeria-a no café da manhã se a moça não a enfrenta-se logo.

O olhar de lady Juliana, que observava tudo com prudência, encontrou-se com o de Lizzy. Embora as tivessem apresentado, foi Ian quem falou por ela todo o momento. Agora que pensava nisso, a jovem não havia aberto a boca, exceto para pronunciar os votos. Lizbeth sorriu e lady Juliana ergueu o queixo.

—Venha dançar com sua nova irmã, lady Maxwell — disse Muira, fazendo-lhe um gesto com a mão.

«Irmã.»

—Irmã —repetiu Lizzy, querendo ouvi-lo em voz alta. Uma cálida sensação encheu seu peito. Parecia ter as emoções a flor de pele. Decidiu pôr lady Juliana sob seu amparo até que a jovem aprendesse a defender-se das mulheres do clã.

Procurando uma desculpa para esperar Celeste, meteu mais dois doces na boca e assinalou as terrinas que estavam na sua frente.

—Comi quase tudo —disse.

—Tranquila, coma tudo o que quiser —respondeu sua sogra, com um tom melancólico que recordou ao da avó, ou ao de Broc, em certas ocasiões. Provavelmente fosse um efeito do uísque, ao qual tão aficionados eram.

Ian rompeu o círculo de bailarinos, abraçou a sua nova esposa e a fez girar no ar. Com isso todos os olhares se concentraram em lady Juliana e afastaram-se de Lizbeth.

Esta enxaguou a boca com o vinho antes de tomá-lo. Um intenso calor estendeu-se não só por suas bochechas, mas também por seu interior. Não precisava erguer os olhos para saber que seu marido estava olhando para ela. Laird Scott continuava falando, mas Broc já não prestava atenção. Tinha o olhar cravado nela e estudava cada um de seus gestos como o macho dominante que era.

Mas Lizzy já não era nenhuma fêmea tímida. Por uma vez, gostaria que seu marido perdesse o controle. Talvez então as palavras escapassem de seus lábios. «Embora, talvez a razão pela qual não havia se declarado fosse porque não a quer», disse uma voz em seu interior, que ela sabia que pertencia à medrosa lady Ives.

—Aqui está. Era de minha mãe. —Celeste apareceu ao seu lado, ofegando, com um pacote com uma cinta vermelha— Ponha isso e o terá a seus pés. Já veremos se diz ou não diz as palavras.

—O que devo colocar? Este objeto é uma roupa?



Seu amiga limitou-se a sorrir e encolher os ombros.

—Posso levar uma terrina de doces para John? Está me esperando —perguntou, com fingida inocência.

—Sim, mas tome cuidado, ainda não está recuperado totalmente. Amanhã irei fazer-lhe uma visita. —Seu tom foi aumentando de intensidade à medida que Celeste se afastava depressa. Esta a saudou de longe e saiu da fortaleza, feliz como uma noiva em sua noite de bodas.

Lizzy passou um dedo pela cinta que amarrava o pacote. «Ponha e o terá a seus pés.» Atreveria-se a seduzir seu marido? Deixaria-se ser seduzido? Não era a idéia que passou-lhe pela cabeça anteriormente. Havia pensado em máscaras e plumas. Os dedos dos pés encolheram-se somente de pensar nisso e uma gota de suor escorregou entre seus seios ao sentir as primeiras contrações de desejo no ventre.

«Santa Mãe de Deus!» Com o pacote de Celeste em uma mão e a terceira terrina de doces na outra, foi deslizando pelo banco até o canto da mesa e, quando viu que Broc estava olhando para outro lado, saiu correndo para a torre norte.

Chegou ao quarto quase sem fôlego e, assim que fechou a porta atrás de si, pôs-se a rir as gargalhadas. Sentia-se estranha, um pouco trêmula e tão excitada que se surpreendeu esfregando as coxas. Estava ficando louca de desejo. Desfez o nó para ver o que havia dentro do pacote.

Ao vê-lo, levou uma mão ao peito e sentiu um formigamento entre as pernas.

—Ah, laird Broderick Maxwell. Não sabe o que o espera.

—Os yorkistas o consideram um homem justo e capaz. Talvez o novo rei da Inglaterra consiga a paz. Você, o que acha? —perguntou laird Scott antes de tomar outro gole de uísque.

—Gloucester acaba de anunciar sua intenção de reclamar o trono —respondeu Broc, que não via o momento de livrar-se do homem.

— Sim, anunciou que seus sobrinhos, os príncipes, são bastardos. Dizem que os encerrou na Torre.

—Sim, ouvi sobre isso. —Broc teve que fazer um esforço para não revirar os olhos diante da ingenuidade de seu novo parente— Mas eu acredito que estão na Torre por questões de segurança, não como prisioneiros. Enfim, Gloucester é seu protetor. —meteu outro pinhão na boca. Por que estava defendendo seu inimigo?

Provavelmente porque Lizbeth continuava fazendo-o. Embora o certo fosse que ultimamente tinha o humor mais volúvel que o vento em uma tormenta. Depois de comer o



último pinhão, dirigiu um olhar à mesa principal e a encontrou vazia. Esquecendo de laird Scott, percorreu a sala com os olhos.

—Se me desculpar, tenho que ir procurar minha esposa —disse ao seu convidado, deixando a terrina de pinhões vazia na mesa antes de partir.

Sua mãe colocou-se em seu caminho e ofereceu outra terrina de pinhões banhados em xarope.

—Provou a nova receita de tia Radella?

«Ach!» Broc moveu o pescoço de um lado para outro lado e segurou as mãos com força.

—Sim, mãe, já tomei duas terrinas. —Sabia que a mulher não queria falar de frutos secos. O que não entendia era por que estava tão suave ultimamente— O laird Scott e eu concordamos em celebrar um conselho dos dois clãs para discutir...

—Estou certa de que o que acertaram será o melhor para os interesses de todos — interrompeu ela, colocando-lhe um pinhão na boca— Mas agora deveria dançar com sua esposa.

Broc engoliu em seco e olhou para sua mãe com desconfiança.

—Parece que minha esposa retirou-se cedo.

—OH! —exclamou a mulher, a viva imagem da inocência, dirigindo os olhos para a mesa onde Lizbeth tinha estado até um momento.

—Mãe, o que está tramando?

Ela abriu muito os olhos e levou uma mão ao peito. Agia de um modo tão exagerado que Broc começou a rir. As mulheres de seu clã estavam todas loucas, incluindo sua esposa. Se fossem capazes de dizer as coisas claramente, a vida seria muito mais simples.

Sua mãe ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo na bochecha.

—Pode ser que esteja tramando algo, filho, mas nunca esqueça que quero o melhor para você —disse, com uma ternura nada habitual nela. Colocando-lhe a terrina de pinhões na mão, foi dançar com as demais mulheres.

Sua mãe e suas tias tinham acolhido Lizbeth com muito carinho. Estava rodeada de gente que a queria. Talvez sentisse falta de sua família. Broc esperava ser capaz, algum dia de preencher o vazio que o passado deixou em seu coração. Até o momento havia fracassado, mas alguma dia conseguiria.

Decidido a averiguar por que estava de mau humor, deixou a terrina em uma mesa e saiu apressado do salão. Era um líder, um grande guerreiro. Negava-se a passar um só dia mais caminhando atrás dela. Se não dissesse o que estava acontecendo, voluntariamente, ia ter que convencê-la.

Enquanto subia os degraus, começou a sentir uma comichão na pele que recordou-lhe o dia em que conheceu Lizbeth. Ao cheirar seu exótico perfume no corredor, lembrou-



se de seu primeiro encontro no túnel. As lembranças avivaram seus sentidos. Sentiu um calafrio na nuca. Suas têmporas começaram a pulsar com força e seu sangue amontoou-se no membro. Engoliu em seco. Deteve-se diante da porta de seu quarto e apoiou a fronte na fria madeira.

«Pelos pregos de Cristo!» Não tinha cabeça para falar. Fechou os olhos e tentou usar a técnica do irmão Mel para acalmar-se, mas não podia tirar a imagem dos olhos de Lizbeth da mente. «Fale. Diga o que sente.»

Broc abriu a porta... e gemeu. Qualquer idéia que tivesse em mente, desapareceu.

Lizzy estava de pé sob a luz da lua com o que só podia descrever como uma bata feita com cintas douradas. Desfez as tranças e o cabelo caía em ondas de cor vermelho escuro sobre as costas quase até seu sedutor traseiro, coberto apenas pelo fino objeto.

Voltou-se para ele.

Broc retrocedeu instintivamente. Deteve-se sob o marco da porta e se benzeu.

«OH, Deus», repetiu em sua mente uma e outra vez, até que foi capaz de voltar a articular palavras.

—De onde tirou isso?

—De uma amiga —respondeu ela, deslizando uma unha pela curva de um de seus seios. Os mamilos escureciam a seda da curta camisola dourada que usava. A seda sussurrou quando deu um passo para ele.

Broc engoliu em seco duas vezes e levou a mão a virilha. «Demônios! É um laird. É um guerreiro. É um escocês saudável e forte. Aja como tal!», repreendeu-se mentalmente, mas seu corpo deu outro passo atrás.

—Entre, marido, e feche a porta.

Sua mulher estava sendo atrevida, mas o tremor de seu queixo a delatava. Broc respirou fundo e entrou.

Lizbeth deu a volta ao seu redor, passando-lhe dois dedos pelo peito, os ombros e as costas até completar o círculo. A seda movia-se como uma nuvem dourada conforme caminhava, fazendo-a parecer um anjo, uma rainha... uma deusa.

—Dispa-se — ordenou ela.

Ele piscou e só então percebeu que levava uma adaga na mão. Queria obedecê-la, mas o corpo não respondia. Nem sequer era capaz de respirar.

Lizzy o ameaçou com a ponta da adaga no pescoço.

—Obedeça. —Embora a mão tremesse, o tom de sua voz era firme.

Broc não a reconhecia.

—Entrou Edlynn em sua cabeça?

—Não, estou em pleno uso de minhas faculdades mentais.



Ele, entretanto, não podia dizer o mesmo. Deixou a espada e a adaga na mesa. Depois, desabotoou o cinturão de couro e o broche que segurava o tecido à camisa. Por último, tirou a roupa, sem afastar os olhos dela.

Lizbeth o percorreu com o olhar, de cima abaixo, acariciando-o.

—Tire as botas e ajoelhe-se diante de mim.

Broc não sabia quem era aquela mulher, mas sabia que tinha perdido o juízo. Inclinou a cabeça.

—Eu só me ajoelho diante de Deus e diante do meu rei.

—E diante da sua esposa —replicou Lizzy, com os olhos brilhantes. Certamente, qualquer sinal de ansiedade havia desaparecido.

—Quais são suas intenções, esposa?

—Tenho a intenção de ensiná-lo como me fazer feliz.

Isso lhe interessava. Humilharia-se diante dela se fosse necessário para descobrir esse segredo. Ajoelhou-se sobre um tapete aos pés da cama. Seu membro dolorido deu um salto quando Lizbeth passou por cima de suas pernas. E quando roçou a parte posterior de suas coxas com a seda, revirou os olhos. Sentiu a pressão de seus seios contra as costas ao inclinar-se sobre ele. O pingente que lhe havia dado parecia gelo ao contato com sua pele ardente.

Por trás, agarrou-lhe o queixo e voltou seu rosto.

—Há seis lugares onde uma mulher gosta que a toquem.

—Acho que já toquei em todos —brincou ele, mas Lizbeth não estava com humor para brincadeiras.

—Todos menos um —sussurrou, mordendo-o na orelha e esticando-lhe o lóbulo antes de soltar seu queixo.

—Diga-me onde está esse misterioso lugar e tocarei encantado —replicou Broc com suavidade.

Lizzy deslizou sobre suas costas até rodeá-lo.

—Não posso dizer. Tem que descobrir por si mesmo —disse, enquanto traçava uma linha com a ponta da adaga da mandíbula de Broc até o umbigo.

Ele engoliu em seco. Não confiava em sua habilidade com as armas. Incapaz de conter-se, protegeu seu membro com ambas as mãos.

—Não seria mais simples se me dissesse isso diretamente?

—Certamente, mas não vou dizer —replicou ela, lançando a adaga sobre a cama. Melhor, embora Broc preferisse que a lançasse ainda mais longe.

Lizbeth colocou uma terrina de doces banhadas no mel sobre um tamborete próximo. Pegou um, passando sobre as veias de seus pulsos, e o aproximou da boca de seu marido.



—Gostamos que nos toquem em todos os lugares onde há pulsar.

Ele a estudou com atenção, para ver se estava brincando, mas viu que aquilo era importante para ela. Ao lamber o doce do pulso, reconheceu o mesmo sabor ácido do xarope que banhava os pinhões.

Lizbeth levantou uma das mãos com as quais se protegia, passou o doce pelo seu pulso e o lambeu.

—Entreguei minha vida e confio que sempre me protegerá de corpo e alma. —Abriu-lhe o punho apertado para beijar-lhe a palma.

Broc suspeitava que estava tentando dizer algo, assim concentrou-se, disposto a ganhar a batalha do desejo que nublava sua mente.

—Quando me olha, meu coração pulsa no pescoço e até o ouço dentro de minha cabeça —continuou, prendendo o cabelo. Agarrou outro doce e o colocou no pescoço.

Broc ergueu os braços, entrelaçou os dedos em seu cabelo e aproximou-a dele. Fechou os olhos tentando controlar-se, enquanto lambia o doce de sua pele de veludo. Quando o nariz roçou-lhe o pescoço, inalou seu aroma com força. Esperava que ele tomasse a iniciativa?

Lizbeth colocou um doce sob o lóbulo de Broc, atraiu-o pela nuca e retirou-o com beijos. Continuou dando-lhe beijos na mandíbula, até chegar à orelha e soprou-lhe no ouvido.

—É meu campeão, meu rei dos reis, meu salvador, meu marido.

Por que não ocorreu a ele algo assim? Algo profundo, criativo. Antes que pensasse, Lizbeth colocou outro doce nos lábios.

—É obvio que toda mulher gosta que a beijem nos lábios. Umas vezes, com suavidade. Outras, apaixonadamente. —Inclinou a cabeça e o beijou com uma paixão que chegou até o mais profundo do seu ser. Sabia que não voltaria a sentir algo igual com nenhuma outra mulher.

Lizzy afastou-se um pouco, ficou com um doce nos lábios e aguardou.

Broc a beijou e seu sabor o embriagou ainda mais. O toque da seda sob suas mãos avivou o fogo que o estava consumindo. As pantorrilhas endureceram, e não eram a única parte de seu corpo que estava como uma pedra.

—Não posso suportar mais.

—Pois tem que agüentar —ordenou, implacável, deixando escorregar a bata sobre seus ombros até que foi parar no chão. Com lentidão, baixou os laços da curta camisola, primeiro um e depois o outro, até que os seios ficaram a descoberto. Depois de passar um doce em cada mamilo, segurou a cabeça dele e o obrigou a olhá-la.

—Quando estou com você, me sinto desejável. Nem sequer tem que me tocar. Só olhando para mim, doem meus seios.



Broc sentiu que uma parte de sua semente derramava-se sem poder evitar. Lizbeth guiou sua cabeça de volta para um de seus seios. Como pensar naquelas condições? Deslizou as mãos sob a seda da camisola e segurou-a pela parte de trás das coxas enquanto a devorava. Ela gritou de prazer, mas em seguida recuperou o controle e o guiou para o outro seio. Com um grunhido de frustração, afastou-o antes que Broc tivesse desejado.

Ao mover-se, este percebeu o aroma de seu sexo. Sua esposa estava tão excitada quanto ele. Lizbeth estava torturando aos dois.

—Preciso de você.

—Ainda não... - disse ela com a voz rouca. Limpou a garganta, voltou a subir as fitas e ajoelhou-se. Colocou-lhe um doce sobre cada mamilo e retirou-os com a língua. Broc sentiu uma onda de calor que chegou embaixo do umbigo.

Iria derramar-se a qualquer momento. Não iria agüentar.

—Pelo amor de Deus, Lizbeth, em que número estamos?

—No quatro —gemeu ela, erguendo-se— Estamos acabando. Juro. Mas o número cinco não vai ser fácil. Pense em tosquiar ovelhas ou em algo igualmente aborrecido — sugeriu, secando o suor da fronte. Mordendo o lábio inferior, agarrou outro doce da terrina.

Broc queria começar a rir e dizer que estava louca, mas não queria insultá-la. Estava certo que deveria estar aprendendo algo, mas sua esposa lhe tinha roubado a capacidade de raciocinar. Moveu a cabeça de um lado para outro várias vezes, mas não se livrou da tensão.

Lizbeth separou um pouco as pernas. Sua mão desapareceu um instante debaixo da camisola, antes de voltar a aparecer para levantar o tecido e deixar a descoberto seus cachos úmidos.

—Toda mulher quer que a provem...

Sem deixar que acabasse a frase, ele segurou-a pelos quadris e separou os lábios com os polegares. Inclinando-se para frente, acariciou-a brandamente com a língua, encontrando a flor ao mesmo tempo que encontrava o pequeno botão que sempre a fazia gritar.

Lizzy estremeceu, provocando uma tormenta na seda da camisola.

—OH, Broc —gemeu. Falharam-lhe os joelhos, mas assim que recuperou o controle, puxou-lhe o cabelo e o afastou.

Voltou a ajoelhar-se diante dele. Tinha as pupilas tão dilatadas que seus olhos recordavam dois anéis de ouro.

—Mas as mulheres também querem saborear —acabou de dizer, colocando um doce na ponta do membro dele e contemplando sua obra. Broc conteve o fôlego. Quando ela o segurou pelas pernas, pensou que explodiria ou que perderia os sentidos. Agarrou-a pelo



cabelo e negou com a cabeça. Nenhuma mulher tinha lhe dado prazer com a boca até esse momento.

—Não. Não poderia me conter.

Lizbeth resistiu, e lutando contra seu braço de aço, conseguiu voltar a cabeça para ele.

—Acreditarei quando ver, marido. Ainda não o vi perder o controle nenhuma só vez. É um autêntico guerreiro. O melhor do clã. —Arrastando a mão que a segurava com a sua, lambeu a flor da ponta. Depois colocou a língua em seu diminuto buraco, atormentando-o, e acabou rodeando-o com seus lábios e sugando com vontade.

—Ach! —gritou Broc. Respirou fundo e tentou distanciar-se. Pensou no irmão Mel, nas batalhas em que esteve, qualquer coisa para evitar derramar sua semente na boca de sua esposa. Seus seios subiram e desceram, e o movimento fazia com que a seda se erguesse nas costas, deixando seu glorioso traseiro a descoberto. Que demônios queria que aprendesse com tudo aquilo?

Doíam-lhe os braços de tanto reprimir a vontade que tinha de arrancá-la de seu corpo. Estava torturando-o com as carícias de sua língua, com o roçar de seus dentes... Quando tocou a garganta, soltou um grunhido e a afastou com brutalidade, incapaz de lutar contra o fogo que estava percorrendo sua ereção.

—Diga-me onde quer que a toque.

Lizbeth ergueu-se, rodeou-lhe a cintura com as pernas e colocou as mãos trêmulas sobre os ombros. Ele segurou-a pela cintura enquanto ela deslizava lentamente por seu corpo até que seus olhos estiveram na mesma altura. Só então percebeu que seu olhar continuava cheio de dor, de desejo.

—Não é um lugar que possa tocar com as mãos —disse finalmente, rodeando-lhe o pescoço com os braços.

—Não entendo.

—Quero que toque meu coração —sussurrou contra sua face, cravando-se em seu membro. Moveu-se uma vez para cima e para baixo e soltou um grito.

Broc não podia resistir mais. O suor jorrava pelas têmporas. Os músculos das pernas repuxavam.

—Pelos pregos de Cristo! —bramou. Caiu para trás e a abraçou com força, bloqueando seus movimentos. Mas o êxtase tomou conta de seu corpo e, sem poder detê-lo, deixou que o percorresse uma e outra vez.

Ela gritou e deixou-se arrastar por seu próprio clímax.

Passou um bom tempo antes que a intensidade de seu prazer diminuísse. Era uma sensação maravilhosa fundirem-se em um único ser. Mas embora a tivesse satisfeito fisicamente, sabia que não tinha superado a prova. Beijou-lhe o cabelo e abraçou seu corpo



trêmulo. Morreria por aquela mulher, mas não sabia o que podia dizer para devolver-lhe o sorriso.

—Lizzy, anjo, amo você, mas não tenho nem idéia de como tocar seu coração.

Quando os tremores dela aumentaram, ele percebeu que estava chorando.

—Acaba de fazê-lo. — disse, abraçando-o com força.

Com o olhar perdido, Broc repassou as últimas palavras que havia dito. Tinha duvidado de seu amor por ela? Ergueu-lhe o rosto escondido em seu ombro e segurou-lhe o queixo. Seus olhos dourados brilhavam de felicidade. Acariciou uma das asas do pingente que tinha dado a ela.

—É meu anjo. O anjo guardião de meu coração. Sabe que a quero.

—Sim, mas precisava ouvi-lo dizer isso.

Ele soltou um intenso suspiro de alívio.

—Então direi isso a cada dia. —Poderia passar cem vidas beijando aquele sorriso. Beijou-lhe a bochecha, o nariz, os cílios úmidos— Amo você, lady Lizbeth Maxwell, e a amarei sempre.

Entrelaçou os dedos atrás da nuca.

—Eu também te quero. —Atraiu-o para ela e o beijou brandamente, unindo suas almas para toda a eternidade. O sal de suas lágrimas misturou-se em sua boca com a doçura do xarope, criando um sabor tão único quanto seu aroma. Mesmo que morresse no dia seguinte, Broc nunca voltaria a estar tão perto do céu. Em seus braços, sentiu-se transportado a um mundo construído só para eles, um presente do céu, um jardim do Éden. Afastou-se para olhá-la.

—O paraíso... —disseram ao mesmo tempo.

A expressão de Lizbeth mudou de repente, quando outro calafrio voltou a percorrer-lhe as costas. Moveu os quadris, apertando-se contra ele. Fechou os olhos e ruborizou.

—Sei que aconteceu há pouco tempo, mas acho que preciso de você outra vez — admitiu, mordendo o lábio inferior.

—Ach, é insaciável —brincou ele, cravando os dedos em suas nádegas. Não estava muito seguro de poder responder ao seu pedido, mas nesse momento sentiu que voltava a crescer em seu interior.

—Já pode novamente? —perguntou Lizbeth com os olhos arregalados.

Nunca tinha acontecido, mas isso não era de estranhar. Tinha uma sensibilidade estranha na pele, que tinha sentido antes de entrar no quarto. De fato, recordava o que tinha sentido no túnel, enquanto fugiam. Olhou com desconfiança a terrina de doces que tinha ao lado.

—De onde os tirou?



—São uma receita de tia Radella. Por que? —perguntou ela, sem deixar de mover os quadris.

—Acredito que é possível que nos tenham envenenado.

Lizbeth inundou um dedo no xarope e o meteu na boca. Enquanto estudava os sabores, olhou para o teto.

—Açafrão. Radella acrescentou açafrão ao mel. É uma planta afrodisíaca, que se usa para estimular os sentidos.

—Afortunadas intrumetidas! Isto não ficará assim. Mandarei que as pendurem pelos polegares. A todas! Como se precisasse de mais venenos!

Lizbeth começou a rir, mas logo sua risada transformou-se em gemidos, enquanto voltava a subir e descer sobre sua ereção.

—Não é veneno. É um remédio. Por compaixão.

Broc sentiu que acendia seu desejo ao recordar seus primeiros dias juntos, mas desta vez não se deixaria arrastar pela urgência. Iria desfrutar de cada segundo.

—Não penso em mostrar nenhuma compaixão, milady.

—Eu tampouco, lorde Maxwell, eu tampouco —replicou ela, com um movimento circular de quadris que acrescentou seu toque de criatividade aquela dança tão antiga como a humanidade.

Levantou-lhe os braços por cima da cabeça e contemplou-a. Agora que sabia qual era o segredo de seu sorriso, conseguiria que passasse os dias sorrindo.

—Não resta dúvida de que é uma criatura celestial —disse, percorrendo a curva de um dos seios com o dedo— Deveria estar vestida com os tecidos mais ricos e enfeitados com pedras preciosas. Talvez encarregue a um artista italiano que capture sua beleza. Penso mimá-la e dar tudo o que seu coração desejar.

Lizbeth olhou-o, com os olhos brilhantes.

—Você é meu único desejo.



Epílogo

Castelo do Skonóir, outono de 1483

Sem atrever-se a dar um passo a mais, Lizzy plantou-se firmemente no terceiro degrau e olhou para seu marido com o cenho franzido.

—Neste momento, eu não gosto de nada.

—Vamos, anjo. Está há quinze dias praticando com água até a cintura. Já é hora de que dê o último passo —Broc, do outro extremo da sala de banhos, tentou convencê-la. Seu melhor argumento era que estava nú. Sua pele brilhava de suor pelo fogo dos três fornos que estavam acesos. Era uma visão mais apetitosa que um pedaço de bolo de amoras.

Ao pensar em bolos, o estômago de Lizzy começou a queixar-se, já que tinha perdido a refeição do meio-dia. Cruzou os braços.

—Não entendo para que construiu estes banhos.

—Os homens pensaram que suas mulheres desfrutariam banhando-se.

—Então, deixe que desfrutem. É egoísta de nossa parte estar aqui sozinhos.

—Até que entre na água, não iremos.

Lizzy resmungou. Seu marido era teimoso como uma mula. Agarrou um pouco de água com as mãos e a jogou por cima do peito. Naquele lugar fazia mais calor que no inferno. Através das diminutas janelas da parte superior da sala penetrava alguns flocos de neve, mas se derretiam muito antes de tocar o chão.

Broc tinha proposto que Lizzy perdesse o medo da água, mas para ela era uma autêntica prova de amor. Queria ser valente e afundar-se para que ele se sentisse orgulhoso, mas no último momento, sua mente dava para trás. Se soubesse o que lhe custava, não pediria.

—Se fizer isso, com o que vai me recompensar hoje?

Broc considerou a resposta, enquanto com as mãos movia a água ao redor de sua cintura.

—Direi à tia Radella que prepare um pão de passas e sirva acompanhado de framboesas e nata.

Tentador. Lizzy estava sonhando com esse prato desde o sábado anterior.

—Tem algo mais a me oferecer, escocês?

Broc abriu os braços e sorriu com descaramento.

—Deixarei que se aproveite de mim.



Tentador, sem dúvida. Lizbeth começou a rir. Ultimamente parecia que não fazia outra coisa. Seu marido a fazia sorrir com suas brincadeiras e seus sorrisos travessos.

—Mas já me aproveitei de você esta manhã.

Ele colocou os braços atrás do pescoço e flexionou os bíceps e os peitorais, pavoneando-se.

—E que mulher não quereria desfrutar disto duas vezes em um dia? —perguntou, olhando-a de lado para comprovar o efeito de suas palavras— Deixarei você usar a pluma.

Ela negou com a cabeça, sem deixar de rir e o salpicou.

—Não pode usar a pluma para negociar. É meu brinquedo e o usarei sempre que eu quiser.

—Ach! Então, o que quer?

—Deixará-me ir visitar a avó?

—Não —respondeu ele, deixando cair os braços sobre a água— Sabe que não posso permitir que saia da fortaleza. E menos ainda agora, que carrega meu filho.

—Ou a sua filha —replicou ela, dando golpezinhos com o pé debaixo da água.

—Ainda não é seguro. Faz apenas alguns meses que o rei Jacobo enviou a seu Gloucester a proposta de paz.

—Não é meu Gloucester. É o novo rei da Inglaterra e estou segura de que entenderá que o tratado de paz é bom para todos.

—E assim que o fizer, eu a levarei para ver a avó.

Os dois tinham tentado convencer à anciã para que voltasse a instalar-se na fortaleza, mas era uma mulher muito teimosa, acostumada a sua independência.

Broc inundou-se sob a água e saiu à superfície diante dela.

—Só um passo, Lizzy. Confie em mim. Eu a protegerei —disse, estendendo a mão.

Ela respirou fundo, grunhiu e se concentrou.

«Um passo. Só um passo. Faça.»

«Maldito seja!» O estômago encolheu-se de medo. Aceitou a mão que oferecia Broc, sabendo que não iria soltá-la. Baixou os olhos e ficou quieta, olhando os pés. «Dê o passo. Agora.»

A pedra escorregou sob seus pés e os joelhos dobraram-se.

Tinha dado o passo. Tinha os pés bem apoiados no fundo e a água chegava até o peito. Respirou fundo por precaução, mas não precisava. Tudo estava bem. Tinha a mente clara. Viu que Broc a olhava com preocupação.

—Está respirando? —perguntou Lizzy, preocupada com o tom avermelhado que estava adquirindo sua pele bronzeada.

Ele negou com a cabeça.

—Pois faça e segure-me.



Sem hesitar, Broc a rodeou com seus braços enquanto enchia os pulmões de ar.

—Estou orgulhoso de você, Lizzy.

Ela também sentia-se orgulhosa de si mesma, mas não pensava afundar nesse dia. Isso teria que esperar.

—Não me solte.

—Nunca —respondeu, beijando-lhe o cabelo e colocando uma mão protetora sobre o ventre— Talvez algum dia possa banhar-se no lago com nossos filhos.

—Talvez —desejou ela, rodeando-o com os braços e as pernas e beijando-o nos lábios. Agora, nada parecia impossível. Enquanto estivesse com aquele homem em seus braços, recebendo a força de seu amor, o mundo era dela.

Alguém bateu na porta.

—Milord, posso entrar?

—Não! —exclamou Lizzy, abraçando-se com mais força à cintura de Broc. Estava virtualmente nua. Quase todos no clã respeitavam sua intimidade, mas Smitt nunca desperdiçava a oportunidade de dar uma olhada.

—É importante —insistiu o jovem, abrindo um pouco a porta.

Broc voltou-se de costas para a porta para ocultar Lizbeth do olhar indiscreto de seu primo e perguntou, por cima do ombro:

—O que houve?

—Ian e John encontraram um inglês em nossas terras —respondeu Smitt, a cabeça surgindo no vão.

—É um mensageiro?

—Não sei ao certo. Afirmo que foi convidado e pede para entrar na fortaleza. Está esperando.

—Nos dê um momento —disse Broc, e esperou para ouvir a porta fechar-se.

Lizzy agarrou-se com força ao seu marido enquanto este os tirava da água com o cenho franzido e os lábios apertados. As responsabilidades de seu posto no clã eram uma pesada carga.

—Não se preocupe. É somente um homem.

Ele assentiu e ajudou-a a se vestir antes de fazê-lo. Amarrou as botas e finalmente pendurou a espada à altura do quadril.

Quando terminaram de vestirem-se, Smitt voltou a aparecer na porta.

—O que? Por fim mergulhou? Podemos usar os banhos agora?

Lizzy dirigiu-lhe um olhar de advertência.

—Nem ocorra se aproximar da água até que não reste nem um inseto em seu ‘bosque’. Está usando o remédio que dei?



—Sim, milady —respondeu, como um menino que acabavam de pegar em uma traquinagem— Mato o inglês, milord?

—Não, eu cuidarei dele. Vá à cozinha e peça à tia Radella que prepare uma comida quente para o convidado. Ah, e traga uma garrafa do uísque de seu pai.

O jovem inclinou a cabeça e partiu.

Broc levou a mão de Lizbeth aos lábios e beijou-lhe a palma.

—Coloque-se um pouco mais elegante e se reúna conosco no grande salão.

—Por que? —perguntou ela, começando a preocupar-se.

—Só há um inglês que eu tenha convidado a estas terras. E, na verdade, nunca acreditei que fosse vir.

—Quem?

—Seu pai.

«Quatro, e cinco, seis. Pare. Já não é aquela pessoa», repreendeu-se Lizzy.

Soltou as mangas e alisou o vestido. Não iria ficar nervosa. Passeou de um lado para outro do grande salão. Ao passar em frente à enorme lareira, o fogo fez brilhar as pedras preciosas do pingente que usava no pescoço. Era a esposa do líder e carregava em seu ventre o herdeiro do clã Maxwell. Lady Ives já não existia. Então, por que estava contando?

Seu pai era a única família que restava no mundo. Não sabia se o que lhe dava medo era ele, sua maldição, ou as notícias que podia trazer da Torre. Que Lizzy soubesse, o homem nunca tinha saído da fortaleza. Duvidava que tivesse ido ali só para fazer uma visita.

Absorta em seus pensamentos, não percebeu que não estava sozinha.

—Lizzy.

O coração saltou em seu peito. Voltou-se rapidamente e viu seu pai. Usava uma pesada pele sobre os ombros que o fazia parecer maior do que recordava. Tinha os punhos apertados em ambos os lados do corpo, o nariz vermelho pelo frio, e uma barba escura sobre a qual ainda não acabava de derreter a neve.

«Nunca o tinha visto com barba», pensou Lizzy, inclinando a cabeça. Embora se notasse que passava frio, seu olhar era cálido. Tinha os olhos, cor de âmbar, úmidos pela emoção, mas não havia neles traço de loucura. Parecia estar esperando que sua filha lhe desse as boas-vindas.

Broc aproximou-se de seu lado e disse no ouvido:

—Quer algo.

—Tem frio?



—Sim, faz frio na Escócia —respondeu Osborn e parecia que sorria atrás da barba— Você parece estar muito bem, Lizzy.

—Estamos muito bem, os dois —replicou ela, cobrindo o ventre com as mãos. Logo ergueu o queixo e colocou o cabelo por trás da orelha— A tia de lorde Maxwell sempre está fazendo comida. Ah, e esquentou um pouco de cordeiro cozido em vinho para você. — Ofereceu, apontando a mesa onde uma bandeja cheia de carne os aguardava, ao lado de uma jarra de vinho e outra de uísque— Tem amêndoas. Você gosta das amêndoas, não é?

—Sim, eu gosto das amêndoas —respondeu seu pai, mas não se moveu— Seu marido foi muito amável ao me convidar, mas não ficarei, se isso a fizer sentir-se mal. Só queria trazer notícias.

—Podia ter escrito uma carta —replicou Lizbeth sem pensar.

Tinha diante de si o mesmo pai de sua infância, que esculpia brinquedos e segurou a mão de sua mãe quando estava morrendo. Não era o verdugo. Era só um homem e parecia tão assustado quanto ela. Lizzy sentiu que se formava um nó na garganta.

—Queria vê-la —disse ele, apertando a mão sobre o que guardava.

Lizbeth engoliu em seco, para aliviar a dor que crescia em seu peito e piscou.

—Por favor, aproxime-se do fogo e coma algo —disse finalmente, em voz baixa mas não assustada.

Seu pai ergueu as sobrancelhas e inclinou um pouco a cabeça para ouvi-la melhor.

Broc ficou diante dele.

—Disse para que se aproxime do fogo. E coma algo —repetiu em voz alta, assinalando a mesa com a mão.

Ele assentiu, tirou a pele e aproximou-se da lareira, arrastando os pés. Estendeu as mãos para o fogo, com uma delas ainda fechada, o que despertou a curiosidade de Lizzy. Seu pai sempre tinha sido um homem calado, como ela. Embora houvesse mil coisas que quisesse perguntar, as palavras não saiam de sua garganta. E assim permaneceram, em silêncio.

A neve já tinha derretido na barba do pai de Lizzy, quando Broc aproximou-se por trás e rodeou a cintura dela com um braço. Ela deixou escapar o ar que estava segurando, com tanta força que as chamas moveram-se. Seu marido a salvaria daquele incômodo silêncio com sua conversa.

—Enquanto minha esposa procura as palavras, talvez poderia nos contar como vão as coisas com Gloucester.

—O rei Ricardo está causando comoção. Finalmente mandou executar Buckingham em Wiltshire há quinze dias.

—Está brincando? —perguntou Lizzy, com os olhos muito abertos.

—Não brinco, filha.



Broc beijou-lhe a cabeça e a abraçou com mais força, para animá-la a perguntar o que queria saber.

—E lorde Hollister?

—Fiz com que o transportassem à prisão de Newgate enquanto esperava julgamento. Reconheço que guardei o documento mais tempo do que devia, mas queria que sofresse um pouco. Dava-lhe tempo para que refletisse sobre todas as pessoas às quais tinha condenado sem um julgamento justo e depois disse que não teria nenhuma compaixão com ele —explicou, deixando cair os braços e dando uma olhada para a grande espada pendurada sobre a lareira— Quando finalmente entreguei o documento ao rei Ricardo, Hollister quis confessar.

Fez uma pausa tão longa que Lizzy perdeu a paciência.

—Lorde Hollister confessou ter matado o rei Eduardo?

—Não, mas admitiu estar envolvido em uma conspiração para declarar bastardos aos príncipes. É obvio, disse que Buckingham era o cabeça da mesma —respondeu voltando-se para ela— O rei Ricardo o sentenciou a uma execução particular. Neste momento deve estar no inferno, com a cabeça sob o braço.

Lizzy soltou um pouco o braço de Broc e ficou olhando a marca que lhe tinha deixado ao cravar as unhas sem perceber. Inspirou com força e, ao soltar o ar, com ele escapou o último rastro de medo que lorde Hollister inspirou.

—Então, acabou?

—Acabou-se —confirmou seu pai, erguendo uma mão para secar uma lágrima que caía por sua face.

Lizbeth queria que ele ficasse com ela em Skonóir, desfrutando por fim de paz, mas não acreditava que Muira pudesse suportá-lo. Por mais que o irmão de Broc tivesse chegado ferido gravemente à Torre, tinha sido seu pai quem acabou com sua vida.

—Se não tem mais assuntos urgentes para atender, lorde Ives, poderiam ficar e passar o Natal conosco —sugeriu Broc, e se inclinou para sua esposa— É seu pai e tem direito a vê-lo. Eu me encarregarei de convencer minha mãe —sussurrou no ouvido, como se tivesse lido seus pensamentos— Tudo ficará bem, anjo.

Sim, tudo ia ficar bem. Pela primeira vez, não precisava se esforçar para acreditar nisso. Esteve tentada a voltar-se em seus braços e abraçá-lo, mas se limitou a voltar o rosto e sussurrar-lhe um obrigado.

—Suponho que poderia postergar a viagem a Lincolnshire até depois das festas —respondeu lorde Ives.

—Lincolnshire? —perguntou Lizzy.



—Sim, minha lealdade foi recompensada. O oficial de Lincolnshire me ofereceu um posto de guardião —respondeu ele com uma expressão que sua filha não tinha visto em seu rosto: orgulho.

—Não vai ter que retornar à Torre?

—O rei Ricardo precisará de um verdugo, disso não resta dúvidas, mas não serei eu. Acaba de começar o que suspeito que será uma longa e sangrenta batalha para defender seu direito ao trono. Já existem nobres à espera de julgamento na Torre.

—Incluindo os príncipes —disse Broc— Talvez pudesse resolver uma disputa entre minha esposa e eu. Comenta-se que o novo rei assassinou a seus sobrinhos na Torre.

—São rumores, e sabe —replicou ela, franzindo o cenho— Gloucester prometeu protegê-los.

—Pois tem um modo muito curioso de demonstrá-lo, declarando-os bastardos diante do Parlamento e reclamando o trono —opinou seu marido.

—As coisas não são sempre o que parecem —disse lorde Ives, erguendo uma sobrancelha e acariciando a barba— Um rumor pode ter uma explicação muito mais simples do que a gente acha.

—O que quer dizer? —perguntou Lizzy.

—Como vassalo do rei Ricardo, não posso divulgar o que ocorre na Torre. O que posso é contar que uma donzela nos viu, Madoc e a mim, enquanto estávamos preparando os corpos de Martin e de Eli para enterrá-los. E que, pouco depois, os histriões começaram a cantar canções sobre o triste destino dos príncipes pelas ruas de Londres.

Satisfeita por ter vencido a disputa com seu marido, Lizzy voltou-se para ele.

—Está vendo? São falatórios. Produto da imaginação de uma donzela.

—Então, viram os príncipes com vida? —insistiu Broc, sem dar-se por vencido.

—Os últimos dois meninos que vi na Torre eram fantasmas. Não posso dizer nada mais.

—Fantasmas? —repetiu Broc.

Lizzy preparou-se para pisar em seu pé se zombasse de seu pai.

—Sim —admitiu lorde Ives com um suspiro, olhando os punhos— Sou um homem perturbado, atormentado pelas almas de muitos mortos.

«Como era de se esperar», pensou Lizbeth, mas guardou o comentário.

—Sabe por que esculpo pássaros?

Achou graça da pergunta, mas tentou responder com seriedade.

—Para se tranquilizar?

—Em parte, sim, mas também é minha maneira de libertar as almas dos executados. Seu avô plantava uma árvore depois de cada execução, como símbolo da nova vida depois da morte. Eu esculpi dois pássaros para Eli e Martin, para que os guiassem em sua última



viagem, mas acho que não partiram ainda. Vi-os brincando nos jardins antes de partir para Lincolnshire —explicou, com o olhar perdido.

—Está louco —sussurrou Broc na orelha de sua esposa.

Ela o golpeou com o cotovelo nas costelas. Seu pai, por sorte, não o ouviu. Talvez não estivesse plenamente consciente, mas Lizzy não recordava tê-lo visto nunca tão em paz consigo mesmo. Nunca ouviu falar com tanta liberdade de seus netos, nem de seu ofício.

—Sei que não mereço seu amor, nem suas orações —continuou dizendo o homem— mas quero que saiba que a de lorde Hollister foi a última vida que tirei. —Ao abrir o punho, Lizzy viu que tinha nele um pássaro esculpido.

Tentou dar um passo atrás, mas chocou-se contra seu marido.

—Se for a alma de lorde Hollister, não a quero.

—Não Lizzy, é a minha. Quero que a tenha, porque você me libertou.

A emoção voltou a apoderar-se dela. Seu pai estava lutando contra seus demônios, tentando romper a maldição. Não sabia se suas preces salvariam sua alma, mas sempre reservaria algumas contas de seu rosário. Tomando o pássaro na mão, o levou ao peito e o abraçou com força.

—Protegerei sua alma nesta vida e na seguinte —disse. Quando voltou o rosto para olhar para seu marido, viu que este estava sorrindo. Por que tinham que aparecer aquelas covinhas tão tentadoras quando o fazia?

Seu pai respirou aliviado e não disse nada mais.

—Por favor, lorde Ives, coma algo —insistiu Broc, apontando para a mesa.

O homem sentou-se pesadamente e bebeu a jarra de vinho com um gole. Logo serviu-se de um copo de uísque.

Seu marido a fez voltar-se em seus braços e a beijou na fronte.

—Aceitou uma responsabilidade muito grande: proteger a alma de seu pai. Espero que isso não faça com que se descuide da tarefa que eu encomendei.

Sabia que estava brincando com ela, mas seguiu seu jogo.

—E de que tarefa estamos falando?

—De guardar o coração de seu marido.

Lizzy apoiou a palma da mão sobre seu peito.

—Guardarei o que é meu com a força de mil guerreiros.

—Jure —disse ele, beijando-a nos lábios.

—Juro por minha alma.

Fim



GRH

Grupo de Romances Históricos

*Para entrar neste grupo, enviar e-mail para
moderacaogrh@yahoo.com.br*

